

*"Leitores encantados por vidas passadas e almas gêmeas vão devorar este romance intenso, com seu ritmo de acelerar o coração." - Booklist*

ANN BRASHARES

Meu nome é  
**memória**



SUMA  
de letras

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



ANN BRASHARES

# MEU NOME É MEMÓRIA

*Tradução*  
Livia de Almeida



Copyright © 2010 by Ann Brashares.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)

Título original  
*My Name Is Memory*

Capa  
Marcela Perroni

Imagem de capa  
Getty Images

Revisão  
Eduardo Rosal  
Raquel Correa  
Clarisse Cintra

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Freitas Bastos



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B828m

Brashares, Ann

Meu nome é memória [recurso eletrônico] / Ann Brashares ; tradução  
Lívia de Almeida. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.  
recurso digital

Tradução de: *My name is memory*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

283p. ISBN 978-85-8105-211-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Lívia de. II.  
Título.

14-08332 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

Capa  
Folha de Rosto  
Créditos  
Dedicatória  
Epígrafe  
Vivi mais de mil anos  
Hopewood, Virgínia, 2004  
Norte da África, 541  
Charlottesville, Virgínia, 2006  
Niceia, Ásia Menor, 552  
Charlottesville, Virgínia, 2006  
Constantinopla, 584  
Hopewood, Virgínia, 2006  
Pérgamo, Ásia Menor, 773  
Hopewood, Virgínia, 2006  
A caminho da Capadócia, 776  
Arlington, Virgínia, 2006  
Na costa de Creta, 899  
Charlottesville, Virgínia, 2006  
Charlottesville, Virgínia, 2006  
Hastonbury Hall, Inglaterra, 1918  
Charlottesville, Virgínia, 2007  
Hastonbury Hall, Inglaterra, 1918  
Washington, D.C., 2007  
Hastonbury Hall, Inglaterra, 1918  
Hopewood, Virgínia, 2007  
Hastonbury Hall, Inglaterra, 1918  
Hopewood, Virgínia, 2007  
Hastonbury Hall, Inglaterra, 1919

Hy the, Inglaterra, 2007  
Congo Belga, 1922  
Hopewood, Virginia, 2007  
Saint Louis, Missouri, 1932  
Hinesville, Geórgia, 1968  
Charlottesville, Virginia, 2008  
Fairfax, Virgínia, 1972  
Shopping de Tysons Corner, Virgínia, 2001  
Hopewood, Virginia, 2008  
Charlottesville, Virginia, 2009  
Calcutá, Índia, 2009  
Charlottesville, Virginia, 2009  
Arlington, Virginia, 2009  
Charlottesville, Virginia, 2009  
Ixtapa, México, 2009  
Joluta, México, 2009  
Joluta, México, 2009  
Petacalco, México, 2009  
Aeroporto Internacional John F. Kennedy, Nova York, 2009  
Paro, Butão, 2009  
Nova Orleans, Louisiana, 2009  
Agradecimentos

*Para o querido Nate, que tem o dom da lembrança*



Sem pedir ao céu que baixe à minha boa vontade,  
Espalhando-a livremente para sempre.

WALT WHITMAN, "*Canção de Mim Mesmo*"

*VIVI MAIS DE mil anos. Morri incontáveis vezes. Esqueço o número exato. Minha memória é uma coisa extraordinária, mas não é perfeita. Sou humano.*

*As primeiras vidas são um tanto indistintas. O arco da alma segue o desenho de cada uma das vidas. É macrocômico. Houve minha infância. Houve muitas infâncias. E mesmo na mais antiga parte da minha alma, cheguei à maturidade muitas vezes. Hoje em dia, a cada infância que vivo, a lembrança vem mais depressa. Nos movimentamos. Olhamos com espanto o mundo à nossa volta. Lembramos.*

*Digo “nós” e me refiro a mim, à minha alma, minhas personalidades, minhas muitas vidas. Digo “nós” e também me refiro a outros que, como eu, têm a memória, o registro consciente da experiência sobre esta terra que sobrevive a cada morte. Não há tantos, eu sei. Talvez um em cada século, um nascido entre milhões. É raro que nos encontremos, mas acredite, há outros. Pelo menos um deles tem uma memória bem mais extraordinária do que a minha.*

*Nasci e morri muitas vezes, em muitos lugares. O espaço entre eles é o mesmo. Não estive em Belém para ver o nascimento de Cristo. Nunca vi o apogeu de Roma. Muito menos me curvei diante de Carlos Magno. Naquela época, eu dava duro como agricultor na Anatólia e falava um dialeto incompreensível para quem morava nas aldeias ao norte e ao sul. Só Deus e o diabo podem responder por todas as partes emocionantes. Os grandes momentos históricos passam despercebidos pela maioria. Leio sobre eles nos livros, como todo mundo.*

*Às vezes, me acho mais parecido com as casas e as árvores do que com outros seres humanos. Fico olhando levas de pessoas irem e virem. Suas vidas são curtas, mas a minha é longa. Às vezes me vejo como um poste cravado à beira do oceano.*

*Nunca tive filhos, nunca envelheci. Não sei a razão. Vi beleza em coisas incontáveis. Eu me apaixonei e ela é quem resiste. Eu a matei uma vez, morri por ela muitas vezes e ainda não tenho nada para exibir. Sempre a procuro. Sempre me lembro dela. Carrego a esperança de que, um dia, ela venha a se lembrar de mim.*



## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2004

NÃO FAZIA MUITO tempo que ela o conhecia. Ele havia aparecido por lá no início do penúltimo ano do ensino médio. Era uma cidade pequena e um bairro pequeno. Viam-se os mesmos garotos, ano após ano. Estavam na mesma série, mas ele parecia mais velho por algum motivo.

Já tinha ouvido muita coisa sobre onde e como ele havia passado os dezessete anos anteriores de sua vida, mas duvidava que qualquer uma fosse verdade. Ele esteve num hospital para doentes mentais antes de vir para Hopewood, diziam as pessoas. O pai estava na cadeia e ele morava sozinho. A mãe foi assassinada, provavelmente pelo pai, também diziam. Estava sempre de mangas compridas porque tinha queimaduras nos braços, alguém mencionou. Ele nunca desmentiu essas histórias, pelo que ela sabia, e nunca apresentou versões alternativas.

E apesar de Lucy não acreditar nos boatos, ela entendia de onde surgiam. Daniel era diferente, mesmo quando não tentava ser. Seu rosto era orgulhoso, mas havia um quê de trágico a seu respeito. Parecia que nunca ninguém tomara conta dele e ele nem sequer tinha percebido. Uma vez ela o vira parado perto da janela do refeitório, enquanto todo mundo passava aos empurrões, segurando bandejas, fazendo barulho, falando pelos cotovelos. Parecia completamente perdido. Naquele momento, algo em seu comportamento fez Lucy pensar que ele era a pessoa mais solitária do mundo.

Quando chegou à escola, ele causou muito burburinho, pois era extremamente bonito. Era alto e forte, autoconfiante e com roupas um pouco melhores do que a dos

outros meninos. A princípio, foi assediado pelos técnicos que queriam que jogasse futebol por causa de seu tamanho, mas ele não quis saber. Como era uma cidade pequena, uma cidade entediada, uma cidade esperançosa, todo mundo focava e os boatos começaram. Eram dignos, de início, mas aí ele cometeu alguns erros. Não compareceu à festa de Halloween de Melody Sanderson, apesar de ter sido convidado pessoalmente pela anfitriã no corredor, aos olhos de toda a escola. No piquenique anual dos formandos e dos alunos do penúltimo ano, ficou de papo o tempo todo com Sonia Frye, que não passava de uma esquisitona maluca, para gente como Melody. Era um delicado ecossistema social aquele em que viviam, e por volta do primeiro inverno, ele já havia afugentado a maioria das pessoas.

Exceto Lucy. Ela mesma não sabia a razão. Ela não respeitava Melody nem suas seguidoras, mas tomava cuidado. Havia pontos contra ela, para começar, e não queria virar uma excluída. Não podia fazer isso com a mãe, não depois de tudo o que ela havia passado com sua irmã. E Lucy nem era do tipo que gostava de garotos complicados. Não gostava.

Ela tinha a ideia esquisita — uma espécie de fantasia, na verdade — de que poderia ajudá-lo. Sabia como era pertencer e deixar de pertencer aos círculos daquela escola e o custo de estar dentro ou fora. Tinha a sensação de que ele suportava um peso maior do que a maioria das pessoas, o que lhe fazia sentir uma estranha e dolorosa empatia. Orgulhava-se em pensar que talvez ele precisasse dela, que talvez fosse a única que pudesse compreendê-lo.

Daniel não demonstrou nenhum sinal de compartilhar dessa perspectiva. Em quase dois anos, nunca havia falado com ela. Bem, certa vez ela pisou no cadarço do seu sapato e pediu desculpas. Ele a fitou e resmungou alguma coisa. Lucy ficou irritada e agitada depois, e sua mente não parava de voltar ao episódio, tentando compreender o que ele havia dito e o que queria dizer, mas finalmente ela resolveu que não havia feito nada de errado e que era problema dele sair por aí de sapato desamarrado, em pleno corredor dos veteranos, às três da tarde.

— Você acha que eu estou ligando demais pra isso? — perguntara a Marnie.

Marnie a olhou como se estivesse se segurando para não agarrá-la pelo cabelo.

— Acho, sim. Acho que você está ligando demais pra isso. Se fizessem um filme sobre você ele se chamaria *Estou ligando demais pra isso*.

Lucy riu na hora e se preocupou depois. Marnie não estava tentando ser má. A amiga a amava com sinceridade, mais do que qualquer outra pessoa no mundo, com a possível exceção da mãe, que a amava intensa, embora não tão sinceramente. Marnie detestava vê-la perdendo tanto tempo com alguém que não ligava a mínima para ela.

Lucy suspeitava que Daniel fosse meio gênio. Não que ele fizesse ou dissesse nada que desse tal ideia. Mas uma vez ela havia sentado ao lado dele na aula de inglês, disfarçando olhares enquanto a turma discutia Shakespeare. Ela o viu, os ombros largos curvados sobre o caderno, escrevendo sonetos de memória, um após o outro, numa letra linda e enviesada que a ela lembrou Thomas Jefferson fazendo o esboço da Declaração de

Independência. Tinha uma expressão que a fez acreditar que ele se encontrava o mais longe possível daquela pequena e enclausurada sala de aula com a luz trêmula e fluorescente, chão de linóleo cinzento e uma única janela minúscula. *Eu me pergunto onde você vem*, pensou ela. *Eu me pergunto como veio parar aqui*.

Uma vez, num acesso de ousadia, ela lhe perguntou qual era o dever de casa de inglês. Daniel só apontou para o quadro, onde estava escrito que deveriam se preparar para escrever um ensaio sobre *A tempestade* em sala de aula, mas pareceu que ele queria dizer outra coisa. Lucy sabia que ele falava. Já o ouvira conversando com outras pessoas. Preparou-se para lançar um olhar encorajador, mas quando encontrou seus olhos, que tinham a cor de ervilha enlatada, foi subitamente tomada por uma falta de jeito tão desconcertante que ela fitou o chão e não voltou a levantar os olhos até o final da aula. Normalmente ela não era assim. Era uma pessoa razoavelmente segura de si. Sabia quem era e onde se encaixava. Tinha sido criada principalmente no meio de meninas, mas entre o grêmio estudantil, o ateliê de cerâmica e os dois irmãos de Marnie, ela tinha muitos amigos meninos. Nenhum deles tinha o mesmo efeito sobre ela que Daniel.

E houve aquela ocasião no fim do ano letivo, quando ela estava esvaziando o armário da escola. Lucy sofria só de pensar que não o veria por todo o verão. Havia estacionado mal a Blazer branca e enferrujada do pai, com duas rodas sobre o meio-fio, a alguns quarteirões da escola. Havia deixado pilhas de trabalhos escolares e livros tirados do armário e uma caixa de papelão com as cerâmicas que fizera na calçada, enquanto tentava abrir a porta.

A princípio, Lucy o viu pelo canto do olho. Não estava andando para lugar nenhum, nem carregando nada. Estava só parado com os braços pendurados nas laterais do corpo, contemplando-a com aquele ar perdido no rosto. A expressão era triste, um tanto distante, como se estivesse olhando tanto para dentro de si quanto para ela. Lucy se virou e encontrou seu olhar e, dessa vez, nenhum dos dois se virou de sopetão. Ele ficou ali, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

O lado mais banal dela queria acenar ou fazer um comentário que parecesse esperto ou memorável, mas o outro lado só prendia a respiração. Parecia que eles realmente se conheciam, em vez de ela só ter pensado nele de forma obsessiva por um ano. Parecia que ele confiava que Lucy fosse só ficar ali por um momento, como se houvesse tanta coisa importante que pudessem dizer um para o outro que não havia necessidade de dizer nada. Daniel pareceu inseguro e se afastou, e ela se perguntou o que aquilo queria dizer. Mais tarde, ela tentou explicar aquilo para Marnie como prova de uma conexão verdadeira, mas a garota encarou o episódio como mais um “não acontecimento”.

Marnie se sentia responsável por controlar as expectativas de Lucy e chegou a adotar um mantra especial com este objetivo: “Se ele gostasse de você, você saberia”, repetia constantemente. Lucy suspeitava que ela havia lido aquilo em algum livro.

Não era que Lucy só quisesse ajudá-lo. Ela não era assim tão altruísta. Sentia uma atração louca por ele. Sentia atração por todas as coisas normais e também pelas

esquisitas, como a parte de trás do pescoço dele, seus polegares na beirada da escrivanhinha e a forma com que o cabelo se arripiava de um lado da cabeça, como se fosse uma asinha sobre a orelha. Sentiu seu cheiro uma vez e ficou tonta. Não conseguiu dormir naquela noite.

E a verdade era que ele lhe oferecia algo que nenhum outro garoto da escola podia oferecer: ele não havia conhecido Dana. Dana sempre foi uma “dor de cabeça”, como a mãe delas dizia educadamente, mas, quando eram pequenas, tinha sido a heroína de Lucy. Era a pessoa mais esperta e de fala mais rápida que Lucy conhecera, e sempre corajosa. Corajosa e também imprudente. Quando Lucy se metia em alguma encrenca, até uma coisa boba, como entrar em casa com os pés sujos de lama ou derramar ketchup no chão, Dana assumia a culpa. Fazia isso mesmo quando Lucy implorava para que não o fizesse, porque dizia que ela não se importava com a culpa, mas Lucy, sim.

Dana ficou famosa quando Lucy estava no quinto ano e ela, no nono. Lucy, de início, não entendeu o que queriam dizer aqueles cochichos entre os alunos mais velhos e os adultos, mas sabia que havia algo de que se envergonhar. “Sua irmã foi minha aluna”, dizia um ou outro professor, de forma significativa. Certos colegas não iam mais à casa dela, nem a convidavam mais para visitá-los e ela compreendeu que sua família havia feito algo de errado, mesmo sem saber o que era. Só Marnie continuou sua amiga incondicional.

No sétimo ano, Dana era a garota-problema da escola, o exemplo a se evitar, e seus pais passaram a ser objeto de especulações infundáveis. Bebiam? Havia drogas na casa? A mãe tinha trabalhado fora quando as meninas eram pequenas? As especulações geralmente terminavam com alguém dizendo: “Eles *parecem* boa gente.”

Os pais abaixaram tanto a cabeça que praticamente convidavam a mais comentários. A vergonha que sentiam era ilimitada e era mais fácil assumir a culpa que não fazer nada. Dana mantinha a cabeça erguida, mas o resto da família desfilava como se pedisse desculpas por estar de olho roxo.

Às vezes, Lucy tentava ser leal e, em outros momentos, desejava que o seu sobrenome fosse Johnson, igual a outros 14 alunos da escola. Ela tentava conversar com Dana e, quando não adiantava, se convencia de que não se importava. Quantas vezes era possível desistir de alguém a quem se ama? “Lucy é um tipo diferente de Broward”, ela ouviu o professor de matemática dizer para o orientador pedagógico quando ela passou para o ensino médio, e se sentiu terrível por ter se agarrado ferozmente a essa ideia. Pensou que, se se esforçasse o suficiente, poderia redimir a família.

Dana repetiu de ano algumas vezes por falta de comparecimento às aulas e por quase todo tipo de crime que não fosse acadêmico: drogas, violência, fazer boquetes no banheiro dos meninos. Certa vez, Lucy viu, na mesa do pai, um envelope que declarava que Dana era finalista para uma Bolsa Nacional de Mérito, por suas boas notas no SAT. Era estranho o tipo de coisa que ela escolhia fazer.

Dana abandonou a escola definitivamente no penúltimo dia de aula, uma semana antes da formatura. Reapareceu no dia da festa e, ao som de *Pompa e Circunstância*, fez

uma saída dramática. Daniel era provavelmente o único garoto que Lucy conhecia que não havia visto a irmã dela rasgando as roupas no gramado em frente à escola, cercada de médicos tentando evitar que seus olhos fossem arranhados, enquanto a arrastavam para o hospital pela última vez.

Dana teve uma overdose no Dia de Ação de Graças daquele ano e entrou em coma. Morreu discretamente no Natal. Foi enterrada na véspera do ano-novo em uma cerimônia à qual compareceram a família, Marnie, os dois avós que ainda estavam vivos e a tia maluça de Duluth. O único representante da escola foi o senhor Margum, professor de física e mais jovem integrante do corpo docente. Lucy não tinha certeza se ele havia aparecido, porque Dana tirara nota máxima na sua matéria ou talvez porque ela lhe pagara um boquete, ou as duas coisas.

Em meio ao complicado legado de Dana, o que ela deixou de mais concreto foi uma cobra-do-milho de mais de um metro de comprimento, chamada Sawmill, que acabou ficando com Lucy. O que ela podia fazer? A mãe não cuidaria dela. Semana após semana, ela derretia camundongos congelados e a alimentava com permanente desconforto. Esforçada, trocava a lâmpada que a aquecia. Achou que Sawmill talvez morresse sem o espírito estimulante de Dana na sua vida e, uma vez, encontrou uma versão inerte e ressecada da cobra no interior da gaiola de vidro e por um momento acreditou — com uma mistura de horror e alívio — que isso tinha acontecido. Mas era só uma troca de pele. Estava descansando no tronco vazio, parecendo mais vigorosa do que nunca. Lucy lembrou-se, subitamente, das peles secas e cinzentas que Dana havia cravado na parede, na sua única tentativa de fazer decoração de interiores.

O penúltimo ano do ensino médio foi a primeira ocasião em que Lucy se permitiu ser mais do que a irmã de Dana. Por ser bonita, os garotos esqueceram mais depressa do que as meninas, mas por fim todos acabaram se reaproximando.

Lucy foi eleita representante da turma no final do outono. Duas de suas obras em cerâmica, um vaso e uma tigela, foram escolhidas para fazer parte de uma exposição estadual. Todos os momentos de liberdade e sucesso eram superados por momentos de culpa e tristeza. Ela odiava o fato de querer alguma coisa daquela gente, mas queria.

— Sabe, Lu, não tenho nenhum amigo naquela escola — lembrava-se de ter ouvido Dana dizer, certa vez, como se fosse uma grande surpresa.

— ELE NÃO DEVE nem aparecer — disse Marnie ao telefone, enquanto elas se aprontavam para o baile de formatura, último evento do ensino médio.

— Vai sim, se quiser pegar o diploma — apontou Lucy, antes de desligar o telefone e voltar para o armário.

Marnie ligou de novo.

— Mesmo se aparecer, não quer dizer que ele vá falar com você.

— Talvez eu vá falar com ele.



Lucy pegou no armário com cuidado o delicado vestido de seda lilás e o retirou do plástico. Esticou-o sobre a cama enquanto trocava o sutiã comum por outro de renda cor de creme. Pintou as unhas do pé com esmalte rosa-claro e passou 15 minutos na pia, tentando tirar o barro e a terra das unhas. Usou um ferro para definir os cachos, sabendo que eles desapareceriam de seu cabelo liso e escorregadio em menos de uma hora. Enquanto passava o lápis de olho sobre a beirada da pálpebra, ela imaginou que Daniel a observava e se perguntava por que ela cutucava os olhos com um lápis.

Ela pensava naquilo frequentemente. Numa frequência embaraçosa. Não importava o que fizesse, imaginava Daniel ali, com seus pensamentos e opiniões. E apesar de nunca terem realmente conversado, ela tinha sempre uma ideia nítida do que ele iria pensar. Não ia gostar de muita maquiagem, por exemplo. O secador de cabelos pareceria barulhento e inútil; o curvex, um instrumento de tortura. Gostaria das sementes de girassol dela, mas não da Diet Pepsi que ela tomava. Enquanto passeava pelas suas músicas no iPod, ela sabia quais eram aquelas de que ele gostaria e as que acharia bobas.

Daniel gostaria do vestido, decidiu, enquanto o colocava cuidadosamente sobre a cabeça, deixando que o tecido delicado se acomodasse sobre seu corpo. Foi por isso que o escolhera.

Marnie ligou de novo.

— Você devia ter ido com o Stephen. Ele te convidou com a maior educação.

— Eu não queria ir com o Stephen — disse ela.

— Bom, o Stephen ia te dar flores. Ia ficar bem nas fotos.

— Eu não gosto dele. E pra que eu ia querer essas fotos? — Não mencionou o principal problema de Stephen, que era o fato de Marnie obviamente admirá-lo.

— E ele iria dançar com você. O Stephen dança bem. O Daniel não vai dançar com você. Nem vai notar se você veio ou não.

— Talvez ele note. Você não sabe disso.

— Não vai. Já teve várias oportunidades de fazer isso e não mostrou.

Depois que Lucy desligou o telefone pela última vez, ela foi para a frente do espelho. Lamentou um pouquinho a falta de flores. Cortou três violetinhas dos vasos na beirada da janela, duas roxas e uma cor-de-rosa. Prendeu-as a uma fivela de cabelo e colocou-as a uns dois centímetros da orelha. Ficou melhor.

Marnie chegou à porta da frente às 19h45. Ao descer a escada, Lucy percebeu a expressão no rosto da sua mãe. Ela sonhava em segredo com alguma versão de Stephen, um cara bonito de smoking e colete, e não só a Marnie de novo com fios corridos na meia-calça preta. Tivera duas filhas adoráveis de cabelos claros e nem um mísero rapaz ansioso de smoking havia aparecido. Na época dela, se parecer com Lucy teria bastado.

Lucy sentiu a velha pontada. Agora ela sabia para que iria querer aquelas fotos. A mãe poderia aproveitá-las para se lembrar de um final melhor do que o que ela própria tivera. Lucy consolou-se com sua ladainha habitual de redutores de culpa: não usava drogas, não ia fazer piercing na língua nem uma tatuagem de aranha no pescoço. Estava

usando vestido lilás, esmalte rosa nos dedos dos pés e violetas no cabelo. Não dava para ela fazer tudo certo.

— Ai, meu Deus — disse Marnie, ao examinar Lucy. — Você precisava fazer tudo isso?

— Tudo o quê?

— Deixa pra lá.

— Tudo o quê?

— Nada.

Lucy havia exagerado. Era isso. Olhou para o vestido e os sapatos dourados.

— Essa pode ser a última vez que eu vá ver ele — disse. — Não sei o que vai acontecer depois. Preciso que ele se lembre de mim.

— ODEIO ESSA MÚSICA. Vamos lá pra fora.

Lucy saiu do auditório da escola atrás de Marnie. Marnie odiava todas as músicas e os sapatos dourados de Lucy rangiam enquanto caminhava de um lado para outro, vendo o círculo de batom vermelho escuro no filtro do cigarro de Marnie. A menina baixou a cabeça para acender mais um e Lucy viu as raízes louras aparecerem em meio ao cabelo tingido em tons escuros.

— Não estou vendo o Daniel — disse Marnie, mais rabugenta que triunfante.

— O Stephen veio com quem? — perguntou Lucy, mais maldosa do que devia.

— Cala a boca — disse Marnie, pois também tinha sofrido suas decepções.

Lucy calou a boca por um tempo, vendo a fumaça subir e se dissipar. Pensou no diploma de Daniel, largado na mesa junto da parede do ginásio e teve uma forte sensação de autocensura. Ele realmente não viria. Não ligava mesmo para ela. Lucy se sentiu como se a maquiagem estivesse endurecendo no rosto. Queria lavá-lo. Olhou para o vestido que tinha lhe custado um semestre inteiro de sábados trabalhando na loja de *bagels*. E se ela nunca mais voltasse a vê-lo? O pensamento deu uma sensação quase de pânico. A coisa não podia ficar só nisso.

— O que foi aquilo? — Marnie virou a cabeça abruptamente.

Lucy também ouviu. Havia gritaria dentro da escola e, então, um berro. Sempre se ouve gritos nas proximidades de uma festa de colégio, mas aquele era o tipo que fazia você parar.

Marnie estava com uma expressão de surpresa que Lucy raramente via no rosto dela. As pessoas se amontoavam nas portas principais e era possível ouvir a gritaria. Lucy se assustou com o som de vidro que se quebrava. Alguma coisa estava muito errada.

Em quem você pensa quando há vidro quebrando e gente berrando de verdade? Isso quer dizer muita coisa. Marnie estava bem ali e a mãe dela, em casa, por isso Lucy pensou em Daniel. E se ele estivesse lá dentro, em algum lugar? Cada vez mais gente se acotovelava nos portões principais e ela precisava saber o que estava acontecendo.

Ela entrou por uma das portas laterais. O corredor estava escuro, e assim correu na direção da gritaria. Ela parou quando cruzou com o corredor dos formandos. Ouvia mais vidro quebrando a distância. Viu linhas escuras no chão e, instintivamente, soube o que era. Mais sangue se empoçava e escorria pelo corredor dos formandos, cujo piso ela podia jurar que era plano, como observou, anestesiada. Deu alguns passos e ficou paralisada. Alguém, um garoto, estava caído ali quase na escuridão total, enquanto o resto das pessoas fugia. Era o sangue dele que escorria pelo corredor. *O que está acontecendo?*, berrou ela, indo atrás das pessoas.

Com as mãos trêmulas, procurou o celular na bolsa. Quando conseguiu abri-lo, ouviu as sirenes, muitas ao mesmo tempo. Alguém agarrou seu braço e a puxou, mas ela conseguiu se soltar. O sangue escorreu até a ponta de seu sapato dourado. Alguém pisou nele e fugiu, deixando marcas de sapato no piso, o que lhe pareceu muito errado.

Ela se aproximou do corpo no chão, tentando não pisar no sangue. Abaixou-se para ver o rosto. Era um garoto do penúltimo ano, um rosto que ela reconhecia, mas não sabia dizer quem era. Agachou-se ao lado dele e tocou no seu braço. Ele gemia sempre que respirava. Pelo menos estava vivo.

— Você tá bem? — Parecia óbvio que não estava. — O socorro tá vindo — ela garantiu, debilmente.

Subitamente, ela ouviu uma explosão de gritos e passos vindos na sua direção, com a chegada dos policiais. Eles berravam com todo mundo. Bloquearam as portas e mandaram que todos se acalmassem, embora também não estivessem calmos.

— Tem uma ambulância? — disse ela. Não falou suficientemente alto, por isso repetiu. Não tinha percebido que estava chorando.

Dois policiais correram para o garoto e ela se afastou. Houve nova onda de gritaria nos rádios da polícia. Eles abriram caminho para que os caras da emergência pudessem passar.

— Ele tá bem? — perguntou ela, baixinho demais para ser notada. Recuou. Não podia mais ver aquilo.

Naquele momento, uma policial segurou-a com firmeza.

— Você não vai a lugar nenhum — ordenou, muito embora Lucy não estivesse indo a lugar algum. Ela a conduziu pela ala de ciências e apontou para uma porta à direita. — Entra ali e espera até a gente arranjar um detetive para falar com você. Não sai daí, entendeu?

Ela abriu a porta do laboratório de química onde havia feito experiências com bicos de Bunsen, dois anos antes.

Pelas janelas, viu primeiro as luzes vermelhas dos carros da polícia. Abriu caminho no escuro, por entre cadeiras e mesas, para enxergar o lado de fora. Havia provavelmente dez viaturas paradas em ângulos esquisitos no gramado nos fundos da escola, onde todos passavam os períodos livres em dias de tempo bom. Quando as luzes piscaram, ela notou as marcas deixadas pelos pneus na grama e aquilo pareceu uma coisa terrível a mais.

Ela achou a pia da sala de aula mais com a memória do que com a visão. Podia ter procurado um interruptor, mas não tinha vontade de se expor para toda aquela gente agitada do lado de fora. Abriu a torneira e se curvou para a frente, lavando a maquiagem e as lágrimas. Achou que a sala estava vazia até que se virou e viu uma silhueta sentada numa carteira, num dos cantos, e aquilo a assustou. Ela se aproximou, tentando adaptar seus olhos à escuridão.

— Quem é? — perguntou com uma voz que era pouco mais que um sussurro.

— Daniel.

Ela parou. O fulgor avermelhado preencheu parte do rosto dele.

— Sophia — disse ele.

Ela se aproximou para que ele visse quem ela era.

— Não, é a Lucy. — A voz tremeu um pouquinho. Havia um garoto sangrando no corredor e ela sentia a decepção aumentar por ele ainda não saber quem ela era.

— Senta aqui. — Ele tinha uma expressão indiferente, um ar de resignação, como se preferisse que ela fosse a Sophia.

Ela contornou as paredes da sala, levantando cadeiras, casacos e bolsas que os garotos haviam deixado por ali. O vestido pareceu irrelevante para aquele tipo de noite. Daniel estava sentado em uma carteira, de costas para a parede, com os pés cruzados, como se esperasse alguma coisa.

Ela não sabia quão próxima deveria se sentar, mas ele puxou um assento para perto dele de forma que as duas carteiras se encaravam de frente como um yin-yang. Lucy tremeu ao se aproximar. Sentiu os braços se arripiarem. Sem jeito, ela tirou as violetas do cabelo.

— Você tá com frio — disse ele. Olhou para as florezinhas sobre a carteira.

— Tá tudo bem — respondeu. A maior parte dos arrepios era culpa dele.

Ele olhou em volta para as pilhas sobre as banquetas, as cadeiras e as escrivaninhas. Pegou um suéter branco com um falcão e ofereceu a ela, que jogou o agasalho sobre os ombros, mas não vestiu as mangas nem fechou o zíper.

— Você sabe o que aconteceu? — perguntou ela, inclinando-se para a frente, o cabelo caindo sobre seus ombros, quase tocando as mãos dele.

Daniel abriu bem as mãos sobre a escrivaninha, de um jeito que ela já havia visto muitas vezes nas aulas de inglês. Eram mãos de homem, não de menino. Parecia estar fortalecendo-as com algum objetivo.

— Uns garotos do penúltimo ano invadiram a festa e detonaram a sala e o corredor dos veteranos. Alguns deles estavam com facas e rolou uma briga. Acho que dois deles se cortaram e um menino foi apunhalado.

— Eu vi. Ele tava caído no chão.

Ele concordou.

— Ele vai ficar bem. É a perna. Vai sangrar, mas ele vai ficar bem.

— Mesmo? — Ela se perguntou como Daniel sabia disso.

— A emergência já chegou?

Lucy fez que sim.

— Então, sim. Vai ficar bem. — Ele parecia estar pensando em outra coisa.

— Que bom. — Devesse ou não, ela acreditou nele, e isso a fez se sentir melhor. Seus dentes estavam batendo e ela fechou a boca para parar.

Ele se abaixou e tirou alguma coisa que estava dentro de uma sacola, no chão. Era uma garrafa de bourbon, pela metade.

— Alguém deixou o estoque aí. — Ele foi até a pia e pegou um copo plástico. — Aqui.

Ele começou a servir antes que Lucy pudesse dizer sim ou não. Colocou o copo na carteira, bem na frente dela, aproximando-se tanto que a garota podia sentir seu calor. Sentia-se sem fôlego, tonta. Pôs a mão na sua garganta morna, sabendo que estava ficando vermelha, como acontecia em momentos de grande agitação.

— Não tinha percebido que você tava aqui — falou, se esquecendo do quanto estava revelando de si ao dizer aquilo.

— Eu cheguei tarde. Escutei os gritos lá do estacionamento. Eu queria ver o que tava acontecendo.

Lucy teria tomado um gole da bebida, mas suas mãos tremiam e não queria deixar que ele visse. Talvez Daniel tivesse entendido, porque se afastou dela e se voltou para o balcão, onde ligou um fogareiro. Ela viu os pontinhos de fogo reluzindo na beirada antes de a chama se instalar. Refletiu-se na porta de vidro e jogou uma luz esmaecida e trêmula pela sala. Ela deu um gole rápido e sentiu arder e queimar na sua boca fria. Tentou não fazer cara feia. Não era exatamente acostumada a beber uísque.

— Você quer um pouco? — perguntou, quando ele voltou a se acomodar na carteira. Os joelhos dos dois se esbarraram. Não lhe parecia que Daniel pretendesse beber. Mas ele olhou para ela e para o copo. Estendeu a mão e, com espanto, ela observou quando ele pôs os lábios exatamente onde os dela haviam estado e deu um longo gole. Imaginara que ele talvez se servisse de algum bourbon, mas nunca que beberia do mesmo copo que ela. O que Marnie diria disso? Era uma intimidade na qual não era lá muito fácil de acreditar. Ela estava sentada com ele, conversando com ele, bebendo com ele. Estava acontecendo tão depressa que ela não sabia muito bem o que concluir.

Lucy deu outro gole, imprudentemente. Se ele a visse tremer, ela não iria se importar. A mão dela estava onde a dele esteve e seus lábios, sobre os dele.

*Você tem alguma ideia do quanto eu te amo?*

Ele voltou a se recostar. Inclinou a cabeça para o lado e começou a examinar o rosto dela. Os joelhos se tocaram. Ela esperou que ele dissesse alguma coisa, mas ele estava em silêncio.

Lucy apertou o copo plástico com a mão, nervosamente, comprimindo o círculo até uma forma oval e soltando.

— Achei que o ano ia terminar e que cada um ia seguir o seu caminho sem que a gente tivesse uma chance de conversar — disse ela, cheia de coragem. Sentia as palavras

ecoando no silêncio e odiou ter que ouvi-las por tanto tempo. Queria que ele dissesse alguma coisa para escondê-las.

Daniel sorriu. Ela pensou que nunca o tinha visto sorrir. Ele era lindo.

— Eu não teria deixado isso acontecer — disse.

— Não? — Ela estava tão genuinamente surpresa que não conseguiu evitar a pergunta. — Por que não?

O rapaz continuou a examiná-la, como se tivesse muitas coisas a dizer e nenhuma certeza de estar pronto para dizê-las.

— Eu queria falar com você — disse lentamente. — Não sabia bem... quando seria a hora certa.

De uma forma totalmente infantil e impetuosa, ela quis que Marnie tivesse ouvido ele dizer aquilo.

— Mas essa noite está estranha — prosseguiu ele. — Talvez não seja a melhor hora. Hoje eu só queria ter certeza de que você está bem.

— Queria? — Ela temia que a ansiedade no seu rosto estivesse de dar pena.

Ele sorriu de novo daquele jeito.

— Claro.

Lucy deu mais um gole no bourbon e, irrefletidamente, passou o copo para ele como se fossem velhos amigos. Ele não teria mesmo ideia do tempo que ela havia passado pensando nele, fantasiando, analisando todos os seus gestos e olhares?

— O que você queria me dizer?

— Pois é. — Ele tentava avaliar alguma coisa nela que ela não sabia o que era. Daniel deu mais um longo gole. — Eu provavelmente não devia fazer isso. Não sei. — Sacudiu a cabeça, o rosto sério. Ela não sabia ao certo se ele estava se referindo ao fato de beber uísque ou de falar com ela.

— Não devia fazer o quê?

Daniel a olhou com tanta intensidade que quase a amedrontou. Não havia nada no mundo que ela quisesse mais do que vê-lo encarando seus olhos, mas aquilo era demais. Era como baldes de água que se derramavam em terreno ressequido.

— Pensei muito sobre isso. Tem tanta coisa que eu queria te dizer. Eu não quero — fez uma pausa para escolher as palavras — te assustar.

Nunca um garoto havia conversado com ela daquele jeito. Não havia papo furado, paquera nem charminho, mas o olhar era causticante. Ele era diferente de todo mundo que ela conhecia.

A menina engoliu em seco para se acalmar. Sentia que, se não se controlasse, viraria do avesso e mostraria a ele seus rins. Ela iria se controlar, mas não iria deixá-lo sozinho.

— Você sabe há quanto tempo eu penso em você?

Estavam sentados com os joelhos dele encostados nos dela, fazendo pressão, de forma que, no que ele abriu as pernas, as dela deslizaram direto até que estivessem praticamente unidos. O joelho dela estava quase na virilha dele, e o dele na dela. O joelho

dela estava à vista, o dele, bem debaixo do vestido dela, roçando contra sua roupa de baixo e Lucy vibrava de nervosismo. Não acreditava naquilo. Suspeitava que a sua imaginação estivesse coreografando aquilo a partir de puro desejo e que nada estivesse acontecendo de verdade.

— Sabe? — perguntou Daniel. Ela percebeu de repente, simplesmente percebeu, que ele a estava absorvendo, que estava tão sedento quanto ela.

Daniel estendeu o braço e pôs a mão na parte detrás do pescoço dela, puxando-a para a frente. Lucy prendeu a respiração, atônita diante do fato de ele estar colocando sua boca na dela. Ele a beijou. Ela se perdeu em seu hálito, em seu calor, em seu cheiro. Ela se jogou tão para a frente que podia sentir a beirada da carteira entrando em suas costelas, sob seus seios, e o coração martelando lá dentro.

O braço dele esbarrou no copo de bourbon, que caiu no chão. Ela teve a vaga sensação do líquido se derramando e escorrendo para baixo de seu pé, mas não se importou. Queria continuar naquele beijo até morrer, se necessário, mas sentiu algo incomum, uma sensação estranha que tomava conta dela, um carregado presságio. Conseguiu ignorá-lo por algum tempo, até desabar sobre ela de forma repentina.

Era a impressão de sentir e de se lembrar ao mesmo tempo, duas explosões colidindo e se expandindo. Era como um *déjà-vu*, mas bem mais intenso. Ficou tonta e subitamente assustada. Abriu os olhos e afastou-se dele. Olhou-o nos olhos. Sentiu lágrimas no rosto, completamente diferentes das lágrimas anteriores.

— Quem é você? — sussurrou.

Os olhos dele pareceram se dilatar e recuperar o foco.

— Você lembra?

Lucy não conseguia ver o que estava diante de si. A sala girava com tanta rapidez que ela fechou os olhos e ele continuava ali, em seus olhos fechados, como se fosse uma lembrança. Estava deitado sobre uma cama e ela o via ali embaixo, e tinha uma sensação de desespero que não conseguia compreender.

Percebeu que ele a segurava com as duas mãos, com força. Quando abriu os olhos, sua expressão era tão intensa que ela quis desviar o olhar.

— Você lembra? — Parecia que a vida dele dependia da resposta dela.

Ficou assustada. Viu outra cena invadir sua mente, algo que ela não conseguia localizar. Era ele, mas em um cenário estranho, nenhum lugar que ela conhecesse. Era como se estivesse completamente desperta e sonhando ao mesmo tempo.

— Eu já te conhecia antes? — Ela sentiu que era verdade e também que não podia ser. Sentia o terror de não saber bem onde estava.

— Conhecia. — Ela viu que havia lágrimas nos olhos dele.

Ele a puxou da cadeira e a segurou de pé, de forma que seu corpo inteiro ficou agarrado ao dele. Sentiu uma vibração no peito e não sabia dizer se era o seu coração ou o dele.

— Você é Sophia. Você sabe disso? — A cabeça de Lucy fazia pressão contra o pescoço dele e ela sentiu umidade no alto da cabeça.

Se ele não a estivesse segurando, ela acharia que não ia conseguir se manter de pé. Parecia a ponto de escorregar. Não sabia onde estava ou quem era e não sabia do que lembrava. Perguntou a si mesma se a bebida estava fazendo efeito como uma espécie de alucinógeno, ou se simplesmente estava enlouquecendo.

Era essa a sensação? Dana adorava perder o controle, mas Lucy odiava. Imaginou uma ambulância chegando para pegá-la. Pensou na mãe.

Afastou-se dele bruscamente.

— Tem alguma coisa de errado comigo — disse, chorosa.

Ela não queria soltá-la, mas viu a palidez em seu rosto e o medo.

— O que você quer dizer?

— Eu preciso ir.

— Sophia. — Ela percebeu que ele lhe segurava o vestido com as duas mãos e que não ia soltar.

— Não, é Lucy — disse ela. Ele era maluco? Era. Estava confuso e pensava que Lucy era outra pessoa. Estava tendo alguma espécie de delírio. Era tão maluco que a fazia se sentir maluca também.

Ela sentiu subitamente uma sensação devastadora de perigo. Ela se importava demais com ele, e ele era uma pessoa perigosa de se amar. Não a amaria de volta. Jogaria-a num estado de pura confusão no qual ele achava que ela era outra pessoa. E Lucy queria tanto acreditar nele que não saberia mais quem era.

— Por favor, me solta.

— Mas. Espera. *Sophia*. Você lembra.

— Não. Não lembro. Você tá me assustando. Não sei. Não sei do que você tá falando. — Ela soluçava entre as palavras.

Sentiu as mãos dele tremendo. Não conseguia encarar o desespero no seu rosto.

— Eu queria poder te contar tudo. Queria que você soubesse. Por favor, deixa eu tentar explicar.

Lucy se afastou com tanta força que a frente do vestido se rasgou. Olhou para baixo e depois para ele, que parecia surpreso e horrorizado por ainda estar segurando o tecido nas mãos.

— Ai, meu Deus. Eu sinto muito.

Tentou colocar o suéter em volta dela, para cobri-la. — Eu sinto tanto — disse ele. Não tirava os braços dela. Não a soltava. — Eu sinto muito. Eu te amo. Você sabe disso? — Ele a abraçava, pressionando o rosto desesperadamente contra o cabelo dela. — Sempre te amei.

Ela se desvencilhou do rapaz. Empurrou a carteira com a perna e a jogou para trás, pulou por cima de cadeiras e bolsas para chegar até a porta. Não podia ser amada daquele jeito. Nem mesmo ela. Nem mesmo por ele.

— Não — disse, sem se virar. — Você nem sabe quem eu sou.

A garota não lembrava como havia chegado até os portões principais da escola, mas um policial a encontrou ali. Estava chorando e não conseguia sair porque todas as



portas estavam trancadas. Foi o que o policial contou para a mãe, quando ela veio buscá-la, mas Lucy honestamente não se lembrava de nada.

DANIEL FICOU AGACHADO na sala, sozinho, por muito tempo depois que ela saiu. Ainda sentia o gosto de Lucy nos lábios e o calor do corpo dela contra o dele, mas agora era como se fosse uma espécie de censura. Ficou olhando para as três flores murchas sobre a carteira onde ela havia se sentado. Ainda tinha um pedaço do vestido dela na mão.

Só lhe restara o arrependimento. E o desgosto consigo mesmo. Nem queria se mexer, com medo de abrir mais feridas e ser invadido por tudo isso e mais um pouco. Desejava poder se banhar no toque e no cheiro dela no lugar do fracasso, mas era o fracasso que tomava conta dele. Havia destruído todas as esperanças de chegar a Lucy. Ele a ferira e a assustara. Como pudera fazer aquilo?

*Ela se lembrou de mim.*

Essa era a sua pior fraqueza, a sua droga mais intoxicante. Estava tão ansioso para que ela lembrasse que se convenceria de qualquer coisa. Faria qualquer coisa, acreditaria em qualquer coisa, imaginaria qualquer coisa.

*Ela lembrou. Ela sabia.*

Atordoadado, saiu da escola muito depois de todos terem ido embora. Ainda havia alguns seguranças por lá, arrumando a bagunça. Ninguém deu bola para ele. Seus fracassos eram íntimos e invisíveis.

*Mas não para ela.*

Ele a empurrara. Ele a assustara. Ele a assediara. Ele jurara que não iria fazer nada disso, mas fez. Ele mantivera o controle com tanto rigor, por tanto tempo, mas quando desmoronou, o fez com a força dos séculos. Odiou a si mesmo e a cada intenção e desejo que já acalentara. Odiou tudo que já planejava ou quisera.

*Eu a amo. Preciso dela. Desisti de tudo que eu tinha por ela. Só queria que ela soubesse quem eu sou.*

Caminhou até estar distante de luzes e sons. Encontrou uma clareira depois do campo de futebol e se deitou sobre a grama úmida. Não conseguia ir adiante. Não havia para onde ir, ninguém para ver, nada a desejar ou esperar. Havia construído sua visão com tanta paciência, por tantos anos, e a arruinara em questão de momentos.

*Ela é o meu bem e o meu mal.*

Ela sempre fora. E que preço ela também pagara por isso.

Ele não podia continuar ali. Ainda via o brilho vermelho das luzes da polícia reluzindo contra o pesado céu de junho. Levantou-se, com as costas úmidas pelo contato com o chão. Desceu a colina, afastando-se da escola. Não queria mais saber de lá, nunca mais voltaria, nem a deixaria naquele estado de ruína em que sempre parecia abandonar tudo o que tocava. Devia ter deixado o mundo em paz.

Percebeu que tinha se esquecido de pegar o diploma. Imaginou-o solitário sobre a mesa comprida no ginásio, sozinho entre fitas-crepe e balões murchos. Diploma era para quem se importava, quem o valorizava como o primeiro e o último de sua vida. Ele sabia das coisas. Por que daria importância a mais um diploma? Ficaria ali, com seu nome escrito em cuidadosa caligrafia.

Por que ele seguia em frente quando todo mundo recomeçava do zero? Por que ainda estava ali e ela sempre ia embora? Às vezes, parecia que era o único sob a face da terra. Era diferente. Sempre foi. Suas tentativas de viver no mundo normal pareciam estúpidas e falsas.

*Eu a perdi de novo.*

Aparentemente, alguém que andava pelo mundo por tanto tempo e havia visto tantas coisas deveria ter uma visão mais ampla e alguma dose de paciência. Mas ele tinha se reprimido demais, estava carente demais. Ela estava bem ali e ele não soube se controlar. Havia se enganado achando que ela olharia nos seus olhos e se lembraria, que o amor tudo superaria. O bourbon também era traiçoeiro.

*Só eu me lembro, mais ninguém.* Mantinha aquele pensamento trancado no seu devido lugar, mas naquela noite ele o libertou. A solidão que o acompanhava às vezes era insuportável.

ATRAVESSOU CAMPOS E andou à beira de uma estrada de mão dupla. Caminhou à margem do rio e foi boa a sensação de estar próximo de algo mais antigo do que ele. Aquele rio tinha uma longa memória, mas, ao contrário dele, sabiamente guardava-a para si. Pensou na campanha de Appomattox, na Batalha de High Bridge. Quanto sangue este rio havia embebido? Mas continuava a fluir. As águas se purificavam e se esqueciam. Como era possível se purificar quando não se podia esquecer?

*Eu não quero desejar isto de novo. Eu não quero voltar a fazer isto com ela. Quero acabar.*

Não tinha ninguém que o prendesse ali. Não tinha uma família de verdade. Na vida anterior tivera a sorte de pertencer a uma família maravilhosa e, imprudentemente, a havia abandonado para seguir Sophia. Não era de se espantar que tivesse recebido o que recebera desta vida — uma mãe viciada que o abandonou antes dos 3 anos de idade e uma família adotiva tão ruim quanto ele merecia. Nos últimos dois anos, estivera sozinho, vivendo precariamente de esperança. Tinha desistido de bênçãos que não merecia pela chance de estar com ela. E agora, parecia que também havia perdido essa chance.

Como seria não voltar? Era um dos poucos aspectos da experiência que ele não havia examinado. Seria diferente a morte? A pessoa encontrava Deus, finalmente?

Sentou-se na beira do rio, sentindo as águas frias e enlameadas e pensando por que não era possível se libertar dessas pequenas inclinações. Por mais que se vivesse.

Como o condenado à morte que olha o relógio. Ninguém conseguia encaixar as pequenas rotações nas grandes, não era?

Arrancou pedrinhas cobertas de barro da beira do rio, pequenas o bastante para caberem em seus bolsos. As maiores ele jogou às cegas no leito do rio, ouvindo o som oco da batida de pedra contra pedra ou o piedoso rumor suave da água. Enfiou pedras e lama nos bolsos da sua melhor calça, apenas desafiando seu cérebro tolo e independente a resistir. Meteu algumas rochas pontudas no bolso da camisa, um pouco desconcertado com sua dramaticidade em um momento daqueles. Não havia momento que fosse tão único a ponto de estrangular todos os pequenos pensamentos.

*A não ser quando você a beijou.*

Decisões como essa tinham mais dignidade no futuro ou no passado, ou quando ocorriam nas vidas dos outros. O funcionamento mesquinho da sua mente de passarinho trazia a ruína. Esquecer era a única salvação. Sua maldição era lembrar-se de vidas inteiras, de momentos como aquele.

Devidamente carregado, ele se dirigiu com dificuldade para a estrada e a seguiu até a ponte. O ar escuro movia-se mais fresco e mais rápido sobre a água. Os faróis de um carro apareceram e aumentaram do outro lado do rio, mas se afastaram sem cruzá-lo. Ele se dirigiu ao ponto mais alto, subiu no parapeito e sentou-se, encarando o rio, balançando as pernas sobre a água, sentindo-se estranhamente jovem. Observou as pedras que cortavam sua pele como se estivessem ferindo outra pessoa.

Levantou-se e ficou de pé, equilibrando-se sobre o parapeito com seus sapatos de sola dura. Sacudiu os braços para não escorregar. Por que parecia importante pular e não cair, se o resultado seria o mesmo? A umidade densa do ar fez seu rosto parecer molhado. Mais um carro passou.

Entre o milhão de coisas que poderia levar consigo, ele tinha um pedaço do vestido lilás de Lucy na mão e o gosto azedo do bourbon no fundo da garganta. Em sua cabeça, guardava o olhar de medo no rosto dela, quando tentara escapar dele e ele não a deixara, arruinando séculos de esperança tão acalentada, sabendo que estava acabando com tudo, e ainda assim sendo incapaz de impedir que o fizesse.

Aquilo foi o suficiente para que ele se equilibrasse e deops pulasse.

Eu já fui uma pessoa absolutamente normal, mas isso não durou muito. Foi na minha primeira vida. O mundo era novo para mim na época, e eu era novo para mim mesmo. Tudo começou mais ou menos no ano de 520 d.C., mas não tenho certeza do exato momento no tempo. Eu não registrava as coisas da mesma forma na época. Foi há muito tempo e eu não sabia que me lembraria delas.

Chamo aquela de minha primeira vida, pois não me lembro de nada anterior. Acho possível que eu tenha vivido vidas antes daquela. Sabe-se lá, talvez eu esteja por aí desde antes do tempo de Cristo, mas algo me aconteceu nesta vida em particular que levou à formação da minha estranha memória. Duvido, mas é possível, creio eu.

E a verdade é que algumas das primeiras vidas são bem nebulosas. Houve uma ou duas em que eu acho que devo ter morrido cedo, de doenças comuns da infância, e não sei bem como elas se encaixam no panorama maior dos acontecimentos. Guardo pedacinhos delas aqui e ali, o calor da febre crescente, uma mão ou voz familiar, mas minha alma mal havia se situado antes que eu tivesse que seguir em frente.

É doloroso para mim pensar naquela primeira vida e tentar recontá-la. Teria sido melhor se eu tivesse morrido cedo de sarampo ou varíola.

Desde que comeci a compreender a minha memória, penso nos meus atos de uma forma diferente. Sei que o sofrimento não se encerra com a morte. Isso vale para todos nós, quer nos lembremos disso ou não. Na época, eu não sabia disso. Talvez ajude a explicar porque fiz o que fiz, mas não atenua.

NASCI PELA PRIMEIRA vez ao norte da cidade que se chamava Antioquia. A primeira marca indelével nas minhas longas memórias foi o terremoto de 526. Não tinha perspectiva disso na época, mas nos anos que se passaram de lá para cá, li todos os relatos que pude encontrar para compará-los com a minha versão. Minha família sobreviveu, mas milhares de pessoas morreram. Nossos pais tinham ido ao mercado naquele dia e eu fiquei sozinho com meu irmão mais velho, pescando no Orontes, quando aconteceu. Eu me lembro de cair de joelhos enquanto a terra se agitava em ondas sob nossos pés. Por razões que não consigo explicar, me levantei de novo e cambaleei até o rio. Ainda me lembro de estar com água até o pescoço, sentindo o movimento sincronizado de uma superfície sob a outra e, de repente, mergulhar, com olhos arregalados e braços abertos para garantir o equilíbrio. Tirei os pés do chão e me estiquei até ficar paralelo ao rio. Me virei de barriga para cima e vi o céu através da água. Vi a forma como a luz perdeu sua certeza ali embaixo e senti que entendia alguma coisa. Conheci verdadeiros místicos o suficiente para saber que não sou um deles, mas por um momento o passar do tempo foi silenciado e, através do tecido deste mundo, enxerguei a eternidade. Não compreendi bem naquela ocasião, mas desde então tive o mesmo sonho milhares de vezes.

Meu irmão ficou me xingando, me mandando voltar, e foi atrás de mim quando não fiz isso. Acho que ele planejava me bater e me arrastar de volta para a margem, mas as sensações eram tão peculiares que ele ficou a alguns metros de mim, o rosto suspenso sobre o rio com um ar de abstração. Eu voltei para a superfície e esperamos que as margens retornassem ao normal. E até quando isso aconteceu, me lembro de caminhar para casa olhando pensativo para o chão que passava sob meus pés.

ÉRAMOS ORGULHOSOS SÚDITOS de Bizâncio na época. Pertencer a um grande império fazia pouca diferença na nossa vidinha doméstica, mas a ideia nos transformou. Fez nossas colinas um pouco mais grandiosas, nossa comida mais saborosa e nossas crianças mais bonitas, porque lutávamos por elas. Os homens em boas condições físicas da minha família lutaram sob o comando — distante, é verdade — do famoso general Belisário. Ele, mais do que qualquer um, deu glória e forma a nossas vidas, que de outro jeito não seriam gloriosas. Meu tio, a quem venerávamos, foi morto na campanha para conter um levante berbere no norte da África. As poucas informações que tínhamos sobre sua morte bastavam para que demonizássemos o norte da África e todas as almas que ali habitavam. Depois vim a saber que, provavelmente, meu tio foi esfaqueado até a morte por um companheiro por roubar a galinha dele, mas, como falei, isso foi depois.

Naveguei com meu irmão e cem outros soldados do império através do mar Mediterrâneo até o norte da África. A vingança nos inflamava. Como muitas almas novas, nunca estive tão preparado para ser um soldado quanto naquela vida. Obedecia a ordens

totalmente ao pé da letra. Não questionava meus superiores, nem mentalmente. Era totalmente comprometido, pronto para matar, pronto para morrer pela minha causa.

Se me perguntassem por que esta ou aquela tribo berbere, cuja cultura, religião ou linguagem eram diferentes da nossa, precisava morrer ou continuar a ser parte de Bizâncio por mais alguns anos, eu não saberia responder. Não fomos os primeiros a conquistá-los nem seríamos os últimos, mas eu era um rapaz cheio de fé. Não precisava saber exatamente a causa do meu fervor. O fervor em si era a causa. E com a mesma cegueira com que acreditava que o meu lado era o certo, eu acreditava na crueldade do inimigo. Isso é característico de uma alma muito jovem e um indício, embora não uma prova, de que era mesmo minha primeira vida. Assim espero. Seria pavoroso ter continuado a ser tão estúpido.

Em cada vida depois daquela, eu soube desde cedo que era diferente. Soube que minha vida anterior era algo a se esconder. Sempre me guardei, sempre compartilhei pouco de mim, a não ser em raríssimos casos. Mas eu não era assim quando comecei.

Estava cheio de ansiedade pela minha primeira missão como soldado, mas nós passamos semanas, pelo que pareceu, tentando erguer um acampamento civilizado o bastante para nosso comandante. Nos desdobramos ao máximo para fazer de um deserto africano um local tão confortável para ele quanto sua casa nas colinas da Trácia. Esse tipo de reflexão eu não fazia na época. Não sei se refletia sobre o que quer que fosse. Mal sabia então por quanto tempo ainda teria de refletir, e por quanto tempo ficaria atrelado aos meus arrependimentos.

Até os lugares mais agitados são tediosos na maior parte do tempo. Guerras. Filmagens de cinema. Emergências hospitalares. Aquela foi mais uma guerra em que o que nós mais fizemos foi jogar, contar vantagens, encher a cara e observar os piores bêbados arranjam brigas — geralmente o meu irmão, nesse caso. Foi quase idêntica a praticamente todas as que lutei até a Primeira Guerra Mundial, essa incluída. As partes memoráveis, quando se mata ou se é morto, levam muito pouco tempo.

Finalmente chegou a hora da nossa missão. Atacáramos um acampamento que ficava a um dia de marcha a oeste de Léptis Magna. Quando a missão se aproximou, ficou claro que não era exatamente um acampamento militar, mas sim um vilarejo. Um vilarejo, segundo nos disseram, onde o exército estava hospedado.

— É uma aldeia de tuaregues? — perguntei, com uma sede de sangue voraz. Era a tribo que eu considerava responsável pela morte do meu tio.

Meu superior direto sabia motivar. Sabia a resposta que eu queria ouvir.

— É claro.

Embarquei para o ataque com uma faca e uma tocha apagada. Me lembro de levar a faca entre os dentes, mas é uma lembrança emocional e não real. Tento peneirá-las da melhor forma possível, mas há exceções, algumas mais agradáveis do que outras.

Quando me vejo naquela vida, geralmente é como se fosse alguém observando de fora. Me parece que, sem ter a consciência da minha memória, eu ainda não era eu. Aquela era uma pessoa comum que viria a se tornar eu, e vejo-a com distanciamento.

Talvez seja o que eu faço para suportar a lembrança. Contrasto a fachada desgredada, cheia de espinhas e incompetente daquele jovem à tempestade de ferocidade e presunção que acontecia no interior da cabeça dele.

Meus companheiros eram como eu, os mais jovens, os mais humildes, os mais descartáveis. Podiam contar conosco para ver tudo em preto e branco e voltar inteiros, ou não voltar. Levantamos poeira ao atravessar o vale, prontos para guerrear.

Em alguma hora sem luar daquela noite, mais ou menos um quarto da tropa desviou-se para buscar água. Meu irmão ficou encarregado desse grupo, e fui com ele. Encontramos água, mas depois não conseguimos encontrar o resto da tropa. Havia uns vinte de nós vagando em meio à vegetação ressequida. Percebi que meu irmão estava desorientado, mas não queria demonstrar. Era tão suscetível ao poder que foi corrompido por ele instantaneamente.

Juntou o grupo.

— Vamos marchar direto para a aldeia. Eu sei para onde ir.

Ele de fato parecia saber para onde ir. O amanhecer mal se insinuava quando vimos a aldeia no horizonte pela primeira vez.

— Chegamos primeiro — festejou meu irmão. Nos juntamos por um momento para acender nossas tochas numa chama comunitária. Me lembro dos olhos gananciosos sob a luz do fogo. Queríamos todos a nossa fatia de vida.

A aldeia não era mais do que um sombrio amontoado de estruturas simples e telhados de palha. Eu conseguia visualizar os soldados inimigos agachados lá dentro, sinistros. Pus minha tocha no telhado seco da primeira casa que encontrei. A palha começou a queimar. Sentí uma onda de satisfação ao ver o fogo se espalhar. Aprontei a faca para enfrentar qualquer homem que saísse e viesse me confrontar. Fui para a cabana seguinte e a incendeiei com minha tocha. Ouvi gritos em algum lugar atrás de mim, mas meus ouvidos estavam abafados por meus próprios rugidos e pela empolgação.

Ali pela terceira casa, certos cheiros no meu nariz e sons nos meus ouvidos começaram a penetrar meu pensamento, escavando feito minhocas. O fogo tinha criado um alvorecer falso, ensandecido, mas agora o sol nos presenteava com um de verdade. Olhei a casa que estava bem na minha frente. Automaticamente, avancei com a tocha e pus fogo num pedaço do telhado, mas ele não ardeu imediatamente, como havia acontecido nas outras casas. Fui por trás para procurar outro lugar para queimar e tropecei numa corda esticada. Tive visões de armadilhas dos inimigos, mas, quando recuei, vi que havia roupas penduradas nela e em outra linha acima dela. O vento soprou e afastou a fumaça por um momento, e vi que era uma horta cortada por varais e pequenas roupas que secavam no ar cinzento.

Voltei para a frente da casa, confuso e zangado por causa das roupinhas penduradas e do telhado que não queria queimar. A tocha que parecia tão brilhante no escuro ficou fraca e falsa quando o sol começou a brilhar com mais força. O vento afastou a fumaça e vi que muitas hortas tinham varais. Não estavam escondendo soldados,

estavam cultivando abóbora, melão e secando roupas. Algumas hortas já estavam pegando fogo.

Eu não sabia o que fazer além de botar fogo na casa. Não conseguia ter outras ideias. Enfrentei a confusão com ação. Pus fogo na casa pela parte de baixo, uma estrutura de madeira bem construída. Desavisado, pensei na estrutura de madeira que tínhamos construído para nossa casa. Corri para o outro lado e achei um punhado desgrenhado de telhado para acender. O fogo afinal aceitou o que eu lhe entreguei e as chamas lambeiram e pipocaram. Pensei ter ouvido o som do choro de um bebê lá dentro.

O fogo pegou de verdade. Eu não sabia dizer se a emoção que me enchia era terror ou orgulho. Mal conseguia me mexer. Sequer era capaz de me afastar daquele borrão de calor.

Eu via a casa como uma cabeça com cabelos desgrenhados, em chamas. As janelas eram dois olhos e a porta, a boca. Para minha surpresa, a porta se abriu e lá estava uma pessoa. Era uma jovem, uma garota, vestida com uma camisola.

Quando penso nisso, tento vê-la com distanciamento, como a desconhecida que ela era, naquele momento, e não como a que eu amo. Eu a transformo um pouco na minha memória. Eu sei que faço isso.

O cabelo era longo e solto, e o rosto se voltou para o meu com a mais estranha das expressões. Devia saber o que eu tinha feito. Eu estava diante da casa incendiada com uma tocha na mão. A tocha havia se apagado. Aquilo foi o suficiente para destruir a casa deles e levar suas vidas, embora agora já não fosse mais nada. Eu ouvia o choro do bebê atrás dela.

Eu queria tirar aquela garota dali. Queria que ela corresse. Era linda como um cervo. Os olhos eram grandes e verdes, com as chamas cor de laranja refletidas neles. Senti pânico. Quem iria ajudá-la?

Eu tinha mudado de lado. Estava horrorizado. Queria apagar o fogo. Havia um bebê que ia morrer. Talvez a irmã ou irmão dela. A mãe estava em casa? *Você tem que acordar ela*, quis gritar. *Eu te ajudo*.

Eu não parecia mais saber quem tinha feito aquela coisa terrível, mas ela sabia. As chamas rugiam. O vento as açoitava e espalhava. Elas dançavam em volta dela.

— Você precisa correr! — berrei.

Seus olhos ficaram confusos e tristonhos, mas não estavam temerosos, agitados, enlouquecidos como os meus. O rosto dela estava tão calmo quanto o meu estava deformado. Dei um passo na direção dela, mas o calor era uma barreira insuperável. As chamas se retorciam e cuspiam entre nós.

Ela olhou para as casas e as hortas dos vizinhos em chamas, e depois para mim. Virou a cabeça e olhou para trás, para sua casa que ardia. Implorei para que ela saísse, mas ela não saiu. Não podia imaginar que aquele seria seu fim. Ela voltou para dentro.

— Não faz isso! — exclamei.

A boca da casa estava novamente vazia. Segundos depois, a estrutura vacilou e cedeu, mas as chamas continuaram a arder.



— Sinto muito — gritei. — Sinto muito. — Repeti as palavras em aramaico, porque achei que fosse uma língua que ela compreenderia. — Sinto muito. Sinto muito.

FIZ A MARCHA de volta para o campo quase inconsciente, mas olhei para o alto o suficiente para observar a fumaça pesada no horizonte. Lembrei vagamente que não havíamos nos reencontrado com o grupo maior, e ao nos aproximarmos da fumaça eu entendi por quê. Estava grogue demais para pensar ou tomar cuidado com as palavras.

— Era a aldeia errada — disse eu.

Só meu irmão me ouviu. Ele deve ter visto o mesmo que eu e entendido tudo tão bem quanto eu.

— Não era — disse, categoricamente.

Naquele momento, minha angústia era avassaladora demais para me deixar pensar em outra coisa.

— Era.

— Não era — repetiu.

Não vi culpa, nem dúvida, nem arrependimento. O que vi foi a ira dirigida a mim, e teria sido melhor se eu tivesse prestado atenção naquilo e jamais dito qualquer palavra sobre aquela noite novamente.

EU TESTEMUNHEI MUITAS mortes e tragédias. Causei algumas delas de lá para cá. Mas nunca voltei a tirar vidas completamente inocentes. Nunca voltei a destruir tanta beleza, nem senti tanta vergonha. Tento me distanciar, mas ainda sinto um mal-estar na alma quando penso no assunto, e a sensação não diminui com o passar do tempo.

O fedor de madeira queimada, piche e carne nas minhas narinas era tão intenso que eu acredito que ele passou a viver ali em caráter permanente. A nuvem de fumaça cinzenta entrou nos meus olhos e alterou meus sentidos para sempre.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2006

— VOCÊ É TÃO cética, Canhota. Vem e não enche o saco.

— Tem duas noites que eu não durmo — argumentou Lucy. — Isso aqui está uma lixeira. Preciso fazer uma faxina.

Marnie deu uma olhada no pequeno quarto que elas dividiam no dormitório da faculdade.

— Você não pode fazer faxina sem mim, porque, se fizer, eu posso me sentir culpada. A gente faz amanhã. Vem. A Jackie e a Soo-mi já estão lá embaixo. A gente tem que comemorar.

— E se eu não estiver a fim de comemorar? — Lucy era mesmo cética e canhota, e também supersticiosa quanto a comemorar antes de saber que nota havia tirado. — E se o Lawdry perceber que entreguei o trabalho com dois dias de atraso?

Sua resistência mal parecia um suspiro diante do tufão de vontades de Marnie.

— Aqui. Toma seus sapatos. — Marnie atirou uma sandália de dedo por vez. — Leva dinheiro.

— Eu preciso pagar por esse negócio que eu não quero fazer?

— Vinte paus. As pessoas pagam por um monte de coisas que elas não querem. Dentista. Guerras no Iraque. Ratinhos mortos para a cobra da Dana.

— Assim você não está me animando em nada. — Lucy pegou a bolsa e calçou os sapatos, não as sandálias de dedo que Marnie lhe jogara. Só tinha energia para pequenas rebeliões.

— Não se preocupa com o Lawdry. Ele te ama. — Marnie abriu a porta do quarto e empurrou Lucy para fora.

— Ama nada.

— Olha que ele ama, sim.

— Vamos no carro de quem?

— No seu.

— Ah, tá.

Enquanto elas pegavam a Rota 53 rumo a Simeon, o sol caía sobre o telhado plano de uma Bed Bath & Beyond. Marnie pôs para tocar uma das terríveis mixagens de rap de seu irmão Alexander e aumentou o som enquanto Jackie e Soo-mi começavam a abrir cervejas no banco traseiro.

— Quem é essa pessoa que a gente vai ver? — perguntou Lucy, em meio à balbúrdia.

— Madame Esme — disse Marnie, examinando no carro cada vez mais escuro as instruções de como chegar, que ela havia escrito à mão. — Mais uns três quilômetros e você entra em Bishop Hill.

— Vocês duas não preferem estar sóbrias para a consulta espiritual de vinte dólares com a Madame Esme? — perguntou Lucy, olhando para o rosto de Soo-mi no espelho retrovisor.

Soo-mi levantou sua Miller Lite.

— Não tanto assim.

— O caminho é esse mesmo? — perguntou Lucy, entrando numa estrada de cascalho, pontilhada por trailers e carcaças enferrujadas de trailers.

Marnie tentava decifrar o endereço.

— Você tá vendo algum número? — perguntou. — A gente vai pro 2.332.

— Acho que é aquele ali. — Lucy avançou em direção a um trailer envelhecido, cercado de grades enfeitadas com rosas. Talvez tivesse rodas no passado, mas não parecia ter condições de sair dali em momento algum. — Essas rosas são verdadeiras ou falsas? — perguntou.

Marnie forçou a vista.

— Acho que são de verdade.

— Acho que são falsas — disse Lucy, enquanto entrava com o carro.

Madame Esme veio recebê-las na porta. Lucy viu mais ou menos o que esperava. Longa bata verde. Um coque no cabelo. Muito blush. Gestos exagerados.

— Quem vem primeiro? — indagou Madame Esme.

— Marnie, você que teve a ideia. Você vai — disse Jackie.

— Vocês três podem ficar sentadas aqui. — A Madame apontou uma minúscula sala de estar/cozinha. Havia uma mesa de madeira pintada e quatro cadeiras de modelos diferentes. — Você vem comigo — disse ela para Marnie.

Observamos Marnie entrar por uma porta que dava para um quarto escurecido que pulsava com a luz de velas. Madame fechou a porta assim que entraram.

— O que a gente veio fazer aqui? — perguntou Lucy, sentando-se em uma cadeira dobrável de metal.

— A Alicia Kliner falou que dizem que ela é fantástica — sussurrou Soo-mi.

Lucy não sabia o que poderia haver de fantástico naquela situação. Sua mãe visitava videntes de dois em dois anos e achava fantástico quando elas diziam coisas como: “Você se sente em paz perto da água. Os livros te alimentam. Cuidar dos outros é natural para você.” Também achava fantásticos polaridade, chakras, massagem nos pés e muita coisa que via no canal de compras pela TV. Lucy desconfiava de que seu patamar para “fantástico” era mais alto do que isso.

LUCY NÃO SE incomodou em ser a última a ver a grande Madame Esme, mas foi difícil se manter acordada enquanto esperava. Especialmente depois que Marnie saiu do quarto com um olhar que transbordava presunção, mas alegou que não podia falar nada até que todas tivessem se consultado.

— Ah, vai!

— Não posso. Sério.

— Com quem você se importa mais, comigo ou com a Madame Esme?

— Não me faz ter que escolher.

Lucy sacudiu a cabeça e a pousou novamente sobre a mesa.

Afinal Madame Esme surgiu pela terceira vez, abrindo a porta para Jackie sair.

— Pode entrar agora — disse para Lucy.

Lucy bocejou e entrou. O quartinho estava às escuras, a não ser pelas chamas vacilantes de três velas sobre uma mesinha. Havia mais duas cadeiras dobráveis perto da mesa. Quando seus olhos se acostumaram, ela viu prateleiras com roupas expostas. Suéteres, pilhas de calças e um monte de meias. Era informação demais para Lucy, além de contribuir em muito para o clima de mistério. Junto à parede ficava uma cama de solteiro com um travesseiro. Havia um cartaz, mas Lucy não conseguiu ver bem, porque ficava praticamente atrás de uma prateleira.

Madame Esme fechou a porta e se sentou. Lucy se sentou na cadeira em frente. Esme fechou os olhos e estendeu as mãos com as palmas para cima. Lucy não tinha certeza do que deveria fazer.

— Me dê suas mãos — disse Esme.

Lucy obedeceu desajeitadamente. As mãos de Madame Esme eram quentes e agarraram as dela com uma intensidade surpreendente. Era difícil de dizer, com toda aquela maquiagem, mas ao se sentar próxima e sentir suas mãos, Lucy supôs que Madame Esme não era muito mais velha do que ela. Como tinha chegado àquela profissão? Lucy se perguntou. Era preciso algum sangue-frio.

Esme fechou os olhos e se sacudiu para a frente e para trás. No quesito atuação, decidiu Lucy, era mais ou menos. Era isso o que se obtinha por vinte dólares. Tentou

engolir outro bocejo.

Esme abriu a boca como se fosse dizer algo e logo a fechou novamente. Seu longo silêncio chegou a ser incômodo. Lucy se esforçou para ouvir as vozes das amigas do outro lado da porta.

— Vejo uma chama, luzes vermelhas, muito barulho — disse Esme, afinal. — É uma escola?

— Não sei — disse Lucy. Sabia que estava cansada e rabugenta, mas não tinha vontade de facilitar as coisas naquela situação.

— Parece uma escola — disse Esme. — Muita gente está correndo, mas você está sozinha.

Lucy estava pronta para aquilo. *Você se sente sozinha numa multidão. Você é mais tímida do que as pessoas pensam.* Esta era a isca básica dos videntes.

Os olhos de Madame Esme se agitavam sob as pálpebras, mas ficaram parados. Sua expressão mudou.

— Você não está sozinha. Ele está com você.

— Ok. — Lucy se perguntou se estavam chegando à parte em que se realizam os sonhos românticos.

— Ele vem esperando por você. Não só agora, mas há muito tempo.

Esme ficou em silêncio por um momento. O silêncio se estendeu e Lucy achou que talvez já tivesse acabado. Mas aí Esme falou de novo e dessa vez sua voz estava diferente, mais baixa, mais intensa.

— Você não quis ouvi-lo.

— Desculpe, como é? — Lucy disse educadamente.

— Ele estava tentando contar uma coisa para você. Precisava de você naquele momento. Por que você não ouviu? — A voz estava mais alta agora, num lamento.

— Ouvir quem? — Lucy pigarreou. — Não sei bem do que você está falando.

— No baile. Na festa. Alguma coisa assim. Sinto que você estava assustada. Mas ainda assim. — Esme lhe apertava as mãos com mais força do que Lucy preferiria.

Lucy não tinha qualquer interesse maior em saber do que Esme estava falando. Esme não sabia o que Esme estava falando. Estava só jogando uma isca. Dizendo as coisas de sempre, tentando fazer com que Lucy mordesse alguma coisa.

— Você devia ter ouvido.

— Ouvido o quê? — Uma vidente podia sair dando opiniões?

— O que ele contou. — A voz de Esme estava mais grave e mais estranha. O transe ficava cada vez mais convincente. Obviamente, ela já tinha pegado o jeito. Lucy sentiu um impulso sádico de chutá-la por debaixo da mesa. — Porque ele amava você.

— Quem me amava? — Videntes nunca davam nomes. Esperavam que você os contasse.

— Daniel — disse ela.

Lucy se jogou para trás. Obrigou-se a respirar.

— Quem?

— Daniel.

— Ok — disse ela, lentamente. Ergueu as costas e sentiu a cadeira ranger. O que aquela mulher sabia sobre ela? A conhecia do colégio, de alguma forma? Será que Marnie tinha lhe contado alguma coisa?

— Daniel queria que você se lembrasse. Ele a beijou e você se lembrou por um momento, não foi? Mas você fugiu.

Marnie não podia ter contado aquilo. Ninguém podia. Lucy sentiu uma onda de medo seguida de náusea, enquanto sua mente disparava para encontrar uma explicação racional. Não queria dizer mais nada. Queria que aquilo acabasse, mas Esme não havia terminado ainda.

— Você disse que ia tentar. Quando você era Constance, você prometeu que se lembraria, mas você deu as costas para si mesma. Nem quis tentar.

Lucy sentiu as lágrimas ardendo em seus olhos. Dois anos atrás, ela tinha apagado aquela noite. Tinha selado tudo com força, com cuidado. Como alguém podia saber daquilo?

— Ele era solitário. Você sabia disso. E você é Sophia, o grande amor dele, e você disse que ia tentar.

— O que eu devia tentar me lembrar? — perguntou Lucy. Era uma voz que ela mal reconhecia. Escapava de alguma parte dela, não sabia de onde, fraca, fina, chiando como uma goteira.

— Você deveria se lembrar... *dele*. — Esme disse aquilo em voz alta, com indignação. — Você deveria se lembrar de como amou ele. Daniel disse que voltaria e você prometeu que se lembraria dele.

A cabeça de Esme praticamente vibrava. Embora ela lhe segurasse as mãos, Lucy tinha a sensação exata de que o resto do corpo da garota ia para algum outro lugar.

— Na guerra. Você cuidou dele. Ele não conseguia respirar. Você sabia que ele estava morrendo. Ele não queria deixar você, mas você disse que nunca se esqueceria. Você esquece e ele lembra. Ele contou quem era. Confiou em você. Você sabe, não é?

Lucy sentiu-se intimidada. Sentiu-se ferida e criticada.

— Não sei. — A garota tinha driblado as defesas de Lucy.

— Você sabe o que ele é. Você compreende.

— Não sei. O que ele é?

— Por favor. Você é Sophia e ele precisava de você.

— Para! Quem é Sophia? Por que você não para de falar nela? — Era o que Daniel também havia feito. Aquilo a assustara antes e assustava agora.

— Estou falando de você.

— Não, não está. Meu nome é Lucy — respondeu, com irritação. Tinha visto uma vez um filme sobre uma garota com transtornos de personalidade. Do jeito que Esme falava, parecia que havia mais alguém dentro de Lucy ouvindo e até reagindo, e a ideia a deixou aterrorizada.

— Agora você é Lucy. Foi antes.

— Antes do quê?

— Você precisa encontrá-lo, se puder.

— Como é que eu vou fazer isso? Falei com ele uma vez. Nem o conheço.

— Sim, você o conhece. Não diga uma mentira dessas.

Lucy arrancou as mãos.

— Pode parar com isso, ok? — Lucy ouviu as lágrimas de sua própria confusão, o som com que ela se traía. Desde quando uma vidente dava bronca em alguém? Segurou o corpo com os braços. Tinha que manter o controle.

Esme abriu os olhos e olhou para Lucy como se estivesse surpresa de encontrá-la ali. Piscou algumas vezes. Ela e Lucy se fitaram, como desconhecidas.

— Você deve encontrá-lo, porque ele ama você. — Esme disse com voz fraca, retornando aos poucos.

Era pior com os olhos de Esme abertos, fixados nela. Lucy não queria que as palavras a atingissem onde atingiram. Mas não houve jeito.

— Eu nem penso mais nele — disse Lucy, como se esperasse que Esme estivesse disposta a fazer um acordo e se esquecer do que havia acontecido. Era esquisito para as duas, tinha certeza. E Lucy ainda tinha que pagá-la.

Esme a olhou com ar de intensa reprovação. Não parecia alguém de vinte e poucos anos com sombra verde em excesso nos olhos e o desejo de receber seu pagamento. Parecia o juiz mais velho do mundo.

— Como você pode dizer uma coisa dessas?

Lucy sacudiu a cabeça. Queria não estar chorando. Queria poder continuar fingindo que não tinha medo e que não acreditava em nada daquilo.

— Não sei — disse ela. E não sabia mesmo.

Contei a vocês sobre a garota na aldeia perto de Léptis, no norte da África, na minha primeira vida. A segunda começou mais ou menos trinta e um anos depois em outra parte da Anatólia. Vidas tendem a se aglomerar, sabe como é. Esta segunda não teve grandes acontecimentos do ponto de vista externo, mas na minha cabeça foi extraordinária. Começou aparentemente normal. Ainda não sabia o que eu era.

Mas assim que tive idade suficiente para pensar — ou idade suficiente para me lembrar disso —, pensei na garota da casinha coberta de palha. Vi seu rosto na porta. Depois, vi as chamas e entendi o que estava acontecendo com ela e o que eu havia feito.

Eu pensava nela sempre que fechava os olhos. Gritava de noite. Chorava nos meus sonhos. Comecei a pensar nela também durante o dia. Eu tinha provavelmente uns dois ou três anos e não era suficientemente maduro para compreender minha culpa, nem minha vergonha, nem o quanto o rosto dela significava para mim. Mas experimentava aquele horror puro todos os dias, quase como se estivesse acontecendo comigo.

Naquela vida tive uma mãe bondosa, mas até ela se cansou de mim. Eu vivia em outro mundo. Não conseguia esquecer.

Tenho esse tipo de memória num grau extremo, mas muitas pessoas também o têm em alguma medida. Conheci uma vez um menino na Saxônia, cuja família morava a algumas portas da minha. Um dia, quando ele, Karl, era bem pequeno, apareceu com a mãe para entregar alguma coisa ou pegar alguma coisa emprestado — não prestei muita atenção a essa parte — e viu minha faca, meu bem mais precioso. Provavelmente eu tinha



uns dez ou onze anos nessa época e ele não tinha nem três. Esse menininho mal sabia falar, mas me seguiu no jardim, desesperado para me contar como tinha sido esfaqueado três vezes entre as costelas por um ladrão, um salteador, que o atacara na estrada para a Silésia. Ele percebeu minha confusão e quis muito me fazer entender.

— Não foi agora, foi antes, quando eu era grande — repetia sem parar, estendendo os braços para se fazer compreender. — Quando eu era grande.

Ele levantou a camisa e encolheu a barriga para me mostrar a marca de nascença irregular, na altura das costelas. Não preciso dizer que fiquei fascinado e atônito com tudo isso e lhe fiz muitas perguntas. Pensei ter descoberto um semelhante. Quando a mãe veio buscá-lo, viu sua animação e me lançou um olhar sofredor.

— Ele contou sobre o ladrão na estrada? — perguntou desanimada.

Pouco depois disso, eu fui embora dali. Comecei a servir como aprendiz de um ferreiro numa aldeia a vários quilômetros de distância. Passei cinco anos sem ver Karl, embora tenha pensado nele centenas de vezes. Quando o vi, perguntei imediatamente sobre o esfaqueamento. Ele me olhou com interesse, mas apenas uma vaga recordação.

— O ladrão na estrada para a Silésia — eu o lembrei. — A cicatriz no seu peito. — Desta vez, era eu que estava desesperado para convencê-lo.

Ele me olhou e balançou a cabeça.

— Eu contei isso mesmo para você? — perguntou, antes de sair correndo para brincar com os amigos.

Desde então, eu aprendi que não é incomum que crianças muito novas tenham lembranças de suas vidas passadas, especialmente se sofreram uma morte violenta da última vez. Ou talvez a violência faça com que tenham uma necessidade maior de se comunicarem. Normalmente, exprimem antigas lembranças assim que conseguem falar e ficam insistindo no assunto por alguns anos. E normalmente o tempo passa, eles se distanciam de sua morte e os pais ficam assustados ou simplesmente irritados. As lembranças ficam distantes e elas as deixam de lado. Novas experiências as substituem. Na idade da razão, aos sete ou oito anos, a maioria já esqueceu e seguiu em frente.

Isto é razoavelmente bem documentado e eu tenho acompanhado as pesquisas com cuidado. Cientistas já reuniram milhares de entrevistas e estudos de casos assim, mas os bons têm uma relutância natural em afirmar o que isto significa, e quem poderia condená-los? Eu, mais que ninguém, sei como é inútil tentar convencer gente racional.

Comigo foi diferente. No meu caso, quanto mais velho eu ficava, mais forte se tornava minha memória, mais detalhada. Quanto mais domínio da razão eu tinha, mais eu me lembrava — de coisas pequenas e de coisas grandes, nomes, lugares, cenas e cheiros. Era como se minha morte fosse um longo sono e, quando eu acordava e me orientava, tudo voltava. Não me lembrava das coisas como se tivessem acontecido com outra pessoa. Lembrava que tinham acontecido comigo. Me lembrava das coisas que disse, do que senti. Me lembrava de mim mesmo.

Por volta dos 10 anos eu sabia que era diferente, mas havia parado de falar no assunto. Sabia que tinha vivido antes. Não precisava convencer mais ninguém da verdade.

Na maior parte do tempo, eu lamentava que outras pessoas não se lembrassem das coisas da mesma forma que eu. Eu questionava se elas teriam vidas passadas para lembrar ou se eu era o único que voltava. Questionava se era um erro de planejamento de Deus, a ser consertado no final da vida.

Acho que eu ainda me sinto como um erro de planejamento. Ainda estou esperando para ser consertado.

A cada vida, a coisa começa mais ou menos da mesma forma. Minha mente é apenas um borrão, a penumbra de um bebê e aí, mais cedo ou mais tarde, eu vejo o rosto dela na porta. Ela fica mais nítida, mais presente e então eu vejo as chamas. Tento não ficar tão perturbado. Sei o que está acontecendo e penso: *Estou aqui de novo*. Começo todas as vidas com ela, meu pecado original. Eu me conheço por meio dela.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2006

— O QUE HOUVE com você? — sussurrou Marnie, ao saírem do trailer.

— Nada. — Lucy não levantava os olhos. Fechou cuidadosamente a porta ao sair, conferindo se o trinco havia girado e lacrado o estranho ar daquele lugar. Jackie e Soo-mi estavam perto do carro.

— Foi tão ruim assim? Por que você não vai me contar o que ela disse?

— Não foi nada. Só um monte de bobagens. — Era difícil mentir para Marnie. Impossível, se ela a encarasse olho no olho. Lucy manteve a cabeça baixa.

O céu estava escuro, mas a luz que saía pela janela do trailer iluminava as rosas. Eram de plástico, retorcidas entre as grades brancas e encardidas e, ao examiná-las, Lucy percebeu que também havia belas rosas naturais amontoando-se sobre as de plástico, em busca de sol e de espaço.

— Que tipo de bobagens? Você tá bem?

Marnie não estava só pegando no pé dela. Conhecia Lucy e sentia que o abalo era real. Isso tornava mais difícil dar-lhe um passa-fora, mas também mais necessário.

— Então, eu descobri que adoro água — relatou Jackie. — E também que eu sou a minha melhor guia.

— Ei, *eu* sou a minha melhor guia também — disse Soo-mi.

Marnie tentava se lembrar.

— Acho que eu também.

— Isso vale vinte dólares? — perguntou Jackie.

— Talvez não, mas a sua energia é profunda? — perguntou Soo-mi.

Jackie riu.

— Ai meu Deus! Minha energia é profunda. Que coisa!

Marnie estava olhando para ela e Lucy percebeu que seria apropriado rir. Ou pelo menos sorrir. Tentou.

— Você se importa de dirigir na volta? — perguntou para Marnie.

— Não. — Marnie arrancou as chaves de sua mão. Estava concordando em deixar que ela se escondesse por enquanto.

Lucy sentou no banco do carona e inclinou sua cabeça quente contra o vidro frio, enquanto dirigiam de volta.

— E aí, Lucy, você é sua melhor guia? — perguntou Soo-mi, percebendo que ela tinha se retirado da conversa.

— Não — negou Lucy, tão cansada que mal conseguia erguer a cabeça. — Acho que não sou, não.

LUCY ESCAPULIU DE Whyburn House depois que elas voltaram. Vagou pelo campus escuro e vazio. A maioria das pessoas estava em alguma festa ou arrumando as malas nos quartos. Algumas já tinham ido embora. Umhas poucas provavelmente ainda concluíam seus trabalhos. Ela caminhou pela Jefferson Park Avenue até o Academical Village. Atravessou o gramado até seu jardim favorito, no lado oeste, e escalou um muro sinuoso construído por sua mais antiga paixão, Thomas Jefferson. Ansiava por uma brisa ou algumas gotas de chuva. Alguo que a transformasse.

Soltou-se e descansou no alto do muro, curvada. Estava cansada, mas com medo de dormir. Daniel tinha um jeito de encontrá-la nos sonhos e a garota estava quase certa de que ele faria algo para perturbá-la naquela noite.

*Sem sonhos hoje*, instruiu a si mesma. Aquilo funcionava surpreendentemente bem. Desde que tinha nove anos e assistiu a um programa assustador sobre tubarões, ela dava ordens a si mesma para escapar dos pesadelos e funcionava. A partir dos dezesseis, ao escrever um trabalho final sobre *Jane Eyre*, ela pedia sonhos que lhe trouxessem ideias ou uma melhor compreensão. Às vezes funcionava.

Sophia de novo. Uma guerra. Um hospital onde ela cuidou dele. Eram fragmentos que viviam bem dentro dela, sem relação com suas experiências, conversas ou lembranças. Parecia errado que pudessem existir também do lado de fora.

Estava maluca? Teria imaginado tudo? Madame Esme havia dito coisas absolutamente normais para as outras três garotas. Teria dito as coisas-padrão para Lucy também e a garota as transformara em algo fantástico? E enquanto questionava sua sanidade, Lucy precisou se perguntar se Daniel era uma pessoa de verdade. Ou seria só a ficção romântica de uma garota desesperada pela chegada de um desconhecido bonito?

Quando uma pessoa acha que está ficando maluca, isso é uma indicação de que não está? Ou de que está menos maluca? Menos maluca, àquela altura, já estaria bom.

Mais tarde, no dormitório, Lucy tomou uma chuvaçada. Às vezes, isso bastava para transformar alguém.

— Você vai falar comigo? — perguntou Marnie quando Lucy subiu na cama naquela noite, ainda enrolada na toalha.

— Vou tentar — Lucy começou a arrancar o esmalte cor de laranja das unhas. Era divertido quando havia duas ou três camadas, mas Lucy tinha só uma camada fina e arranhava a unha até a cutícula sem ficar satisfeita.

— O Daniel é de verdade? — perguntou Lucy.

— Daniel? Sua antiga paixão, o Daniel?

— É.

— Acho que sim.

— Você se lembra dele, não é?

— Me lembro mais de ouvir você falando dele.

— Você nunca pensou no que aconteceu com ele?

— Não muito. Lembro de uns boatos esquisitos. Mas fiquei pensando no que teria acontecido com você na última festa e por que parou de falar nele.

Lucy fez que compreendia. Olhou o quarto. Embora fosse um quarto diferente do que dividiram no ano anterior, era essencialmente a mesma coisa. Móveis atarracada de pinho, cobertas e travesseiros iguais, o tapete imundo, felpudo, e canecas sobre as escrivaninhas e cadeiras, bagunça por toda parte. Livros diferentes nos mesmos lugares. A mesma parafernália do Pink Floyd no lado de Marnie e, no lado de Lucy, as mesmas antigas peças de barro da escola, o terrário de Sawmill e duas fotos emolduradas: uma dela e de Dana, quando as duas eram pequenas, em frente ao Boat Pond em Nova York, e uma dos pais, em preto e branco, de pé, diante da rotunda, no dia do casamento deles.

— Depois daquele dia, você transferiu o seu amor para Thomas Jefferson — lembrou Marnie. — E, embora ele tenha morrido há muito tempo, te deu mais em troca.

Lucy não discordou.

— Achei que talvez você tivesse finalmente desistido do Daniel e decidido seguir em frente, mas agora estou começando a achar que a história não foi bem essa.

Lucy balançou a cabeça.

— Eu vi ele naquela noite. Falei com ele.

— Falou com ele? — duvidou Marnie. — Vocês trocaram palavras? Mais do que duas? Ele disse alguma?

— Sim. Muitas palavras. Ele foi quem falou mais.

— Verdade? — Marnie sentou na cama, cruzando as pernas. Pôs o travesseiro no colo. Não parecia mais estar cansada. — O que ele disse?

Lucy não tinha condições de resolver a encrenca e contar tudo. Mas precisava se livrar de uma parte dela.

— Você pode me prometer uma coisa?

— Não sei — disse Marnie, com sinceridade.

— A gente pode esquecer o assunto depois da conversa?

— A gente pode tentar.

Lucy suspirou.

— Ele me beijou.

— Tá brincando!

— Não. Também não consigo acreditar. — Ela pôs a mão na cabeça. — Às vezes penso nisso e me pergunto se eu me lembro direito.

— Você não ia conseguir esquecer uma coisa dessas, né?

— Não. Não. Mas foi uma noite estranha. Achei que tava ficando maluca. Ele disse que tinha uma coisa que eu devia lembrar. Ficou me chamando de Sophia.

— Talvez ele não soubesse quem você era. Ele tava bêbado?

— Bom, mais ou menos. Devia estar. Eu também tava um pouquinho bêbada. E não parei de fazer a mesma pergunta pra mim mesma... Ele sabia quem eu era? De algum jeito, eu tinha certeza que ele sabia. Eu sentia que ele me conhecia melhor do que eu mesma.

— O que você quer dizer?

— É que tudo me pareceu familiar. Algumas das coisas que ele disse eram coisas que eu já tinha pensado. Ou sonhado antes.

— Lucy, não posso acreditar que você não me contou nada disso.

Lucy balançou a cabeça.

— Eu fiquei assustada de verdade. Não queria pensar no assunto e se eu falasse com você, ia ficar mais real. Comecei a ter uns ataques de pânico horríveis naquele verão... você lembra?

Marnie fez que sim com a cabeça.

— Ainda assim eu preferia que você tivesse me contado.

Lucy cavucou a unha do polegar.

— Eu sabia que você achava que eu tava perdendo tempo com ele. A forma com que eu agia já era irracional, pra começar. Eu admito. Mas aquilo foi meio demais. Parecia que as minhas fantasias tinham detonado e a minha cabeça tinha explodido. Eu ainda me pergunto se aconteceu mesmo. Foi estranho assim. Ou ele é maluco ou eu sou.

— Eu voto nele.

— Eu sei. — Lucy se recostou. Marnie sabia como forçar a barra, mas também sabia como poupar alguém. Lucy esfregou a parte de trás da cabeça contra a parede, sabendo que os nós iam ficar mais embaraçados.

— E aí hoje, essa Madame Esme. Eu queria de verdade que ela fosse uma enganação.

— Eu queria de verdade que não fosse.

— Talvez ela seja uma enganação. Talvez as nossas energias sejam profundas e seja só isso. Espero que sim. Mas ela disse coisas diferentes pra mim.

— Que tipo de coisas? — A expressão de Marnie era gentil. Lucy sabia que ela não ia pressionar.

— Aquele nome de novo. Sophia. Ela tava falando sobre o Daniel e sobre aquela noite, meio que me repreendendo por não ter ouvido ele e por não ter tentado entender o que ele dizia.

— Como você sabe que ela tava falando sobre o Daniel?

— Porque ela me disse.

— Ela disse o nome dele? — O rosto de Marnie traiu um ligeiro alarme.

Lucy fez que compreendia.

— Pois é.

— Geralmente elas não fazem isso. Você acha que essa mulher o conhece?

Lucy balançou a cabeça contra a parede.

— Quem sabe? Talvez.

— Seria uma coincidência esquisita. Mas talvez seja a explicação.

— Teve mais coisas.

— Que coisas?

— Disse coisas sobre o Daniel que me eram familiares. Imagens que eu vi ou coisas que eu sonhei por muito tempo. Antes mesmo de conhecer o Daniel. Como ele não conseguir respirar. No sonho, eu me debruçava sobre ele e sabia que ele estava morrendo. Eu nunca contei isso pro Daniel.

Marnie balançou a cabeça lentamente, pensando. Ali era o lugar delas, uma de um lado, a outra do outro, se encarando naquele quatinho apertado, as duas de pernas cruzadas sobre a cama. Era dali que comandavam seus mundos.

— Ela disse que eu devia procurá-lo.

— Você devia procurar o Daniel? Por quê?

— Porque... ela disse que ele me ama.

— Ela disse isso?

Lucy fez que sim. A sensação ao fazê-lo foi significativa, mas não era uma sensação de prazer.

— Meu Deus, pra mim aquela mulher veio com esse papo de energia profunda, mas pra você ela ofereceu crack.

— Você acha que eu não devo?

— Procurar o Daniel? — Marnie pensou um pouco mais. Balançou a cabeça. — Não sei. — Apertou o travesseiro com as mãos. — Você quer?

— Não sei.

— Você está com uma cara horrível.

Lucy concordou.

— Tem duas possibilidades.

Lucy concordou de novo. Não tinha confiança em si mesma para dizer mais nada. Gostava da ideia de que Marnie poderia assumir o controle.

— Você pode tentar encontrar o Daniel e ver se tem alguma coisa aí. Ou você pode colocar todo esse enigma de volta na caixa onde estava e tentar esquecer.

Lucy não precisou pensar muito.

— Eu quero esquecer.



*M*inha terceira vida começou e terminou na grande cidade de Constantinopla e, embora tenha sido pobre, brutal e curta, conteve um momento importante: pela primeira vez, reconheci alguém de uma existência anterior. E é claro que foi a garota do norte da África.

Antes daquele momento, eu já tivera a sensação de que certas pessoas me eram familiares. Já começara a achar que provavelmente não era o único a sempre voltar. Havia pessoas que eu tinha certeza de já ter visto no passado. Um irmão bem mais jovem que me lembrava perturbadoramente um vizinho morto. Mas ainda não havia aprendido a reconhecer uma alma, nem sequer compreendido que isso era possível.

Eu tinha uns onze anos e estava numa banca de verduras numa feira, perto do Bósforo. Era pobre. Acho que nunca usei sapatos naquela vida. Havia algum burburinho a poucas bancas de distância. Vi uma procissão de criados de aparência forte carregando uma coisa que parecia uma liteira. Procurei me aproximar porque aquilo me empolgava. Eu os segui à pequena distância. Sabia que se chegasse perto me golpeariam como se eu fosse uma barata. Mas queria ver o que era.

As cortinas eram delicadas e o vento soprava. A cada sopro, eu via um joelho, uma mão ou o tecido de uma manga. Era uma mulher, eu percebi. Achei que era uma princesa. Não conseguia perceber distinções mais sutis.

Em dado momento, os criados dobraram uma esquina e a cortina ondulou. Vi dedos e depois apareceu um rosto. Soube no mesmo instante, de forma visceral, quem

era. Talvez tenha mostrado espanto ou feito algum barulho, porque ela me olhou. A posição do pescoço, os olhos redondos e escuros me encarando. Não era exatamente o mesmo rosto, mas era a mesma garota. Agora ela era mais velha do que eu, devia ter no mínimo uns vinte e cinco anos.

Não posso dizer como eu sabia que era ela. Nos anos que se passaram desde então, fiquei muito bom na arte de reconhecer almas de uma vida passada na seguinte. Eu mesmo fico perplexo, por isso é difícil explicar como acontece. Mas não sou o único que consegue. Não é tão diferente da forma com que você conhece uma pessoa aos vinte anos e a reconhece aos oitenta, embora cada célula do corpo dela tenha mudado nesse meio-tempo. Um computador não pode se programar por conta própria para reconhecer, apenas observando, uma pessoa em idades tão distintas. Mas a gente consegue. Os animais conseguem.

O que é que nós reconhecemos? A alma é uma coisa misteriosa. Não é menos misteriosa para mim, embora eu tenha visto a minha própria e a de outros refletirem-se através de centenas de corpos ao longo do tempo.

Uma coisa que dá para afirmar a partir da minha perspectiva incomum é a força com que as almas se revelam nos nossos rostos e corpos. Experimente sentar num trem algum dia e olhar as pessoas em volta. Escolha o rosto de alguém e examine-o com cuidado. Se for velho e você não conhecer, melhor ainda. Pergunte-se o que sabe sobre aquela pessoa e, se você se abrir a receber a informação, vai se espantar com o muito que sabe. Naturalmente nós nos protegemos das verdades óbvias dos desconhecidos à nossa volta. Por isso, cuidado. Se você começar a ver de fato, pode ficar assoberbado e desconfortável. Simplificação é um talento que desenvolvemos para seguir vivendo, de forma que, quando se baixa a guarda, a complexidade é perturbadora. Há algumas pessoas raras — geralmente curandeiros, poetas ou pessoas que trabalham com animais — que passam suas vidas neste estado. Eu as admiro, sinto empatia por elas, mas não sou mais assim. Simplifiquei um bocado a minha vida.

Quando se olha no rosto de um estranho, é possível presumir de forma bem precisa idade, antecedentes, classe social. E quando se olha por mais tempo, se você se permite enxergar, as sutilezas clamam por se apresentar. Dúvidas, comprometermos, decepções grandes e pequenas — essas residem normalmente em torno dos olhos, mas não há regras. As esperanças em geral estão à espreita em volta da boca, assim como a amargura e a tenacidade. É fácil localizar o senso de humor perto das sobrancelhas, bem como a presunção. Observe também a posição da cabeça, a forma de esticar o pescoço, a postura dos ombros, das costas, e você vai saber muito mais.

Essas são características acumuladas pela alma e elas são expressas de uma vida para a outra. Quando a pessoa fica bem velha, a alma já consumiu o corpo de tal forma que a pessoa provavelmente tem quase a mesma aparência que teria se tivesse atingido aquela idade em uma de suas outras vidas. Mal precisava se dar ao trabalho de ter um novo corpo. O que não quer dizer que as almas não se transformem nem evoluam com o tempo, porque isso acontece.

A primeira vez que se vê alguém familiar num corpo diferente dá uma sensação de estranhamento, até mesmo de assombro, mas a gente se acostuma. Você começa a reconhecer os lugares reveladores onde a alma se reafirma: os olhos, é claro; as mãos; o queixo, a voz. O drama é descobrir o quanto de nós se oferece a qualquer olhar casual que manifeste interesse.

De fato, foi assombroso ver a mulher na feira às margens do Bósforo. Corri até ela sem pensar. Agarrei as cortinas com as mãos imundas e as puxei enquanto corria ao lado dela. “Eu... eu... eu era... você era... eu quero...” Não conseguia pensar em como expor a nossa ligação. “Você se lembra de mim?” Infantilmente, eu não soube diferenciar a minha experiência da dela.

Não sei por que eu disse aquilo. Se pudesse ter pensado por um segundo, não ia querer que ela se lembrasse de mim.

Duvido que ela tenha entendido. Não consigo nem me lembrar em que língua falei. De qualquer forma, não levou nem um segundo até um daqueles criados enormes me agarrar. Eu era magrelo, pequeno, e ele me levantou e me arremessou para o outro lado do beco. Depois, se aproximou e me chutou nas costelas e no peito.

— Pare! — exclamou ela, afastando as cortinas.

O pé já estava erguido e ele me chutou de novo, no rosto.

— É a esposa do magistrado, seu rato insolente — resmungou ele.

A mulher desceu da liteira para surpresa dos criados. Já começara a juntar gente.

— É só um garoto! — disse ela. — Não toque nele de novo. — Falava em um grego elegante.

— Sinto muito — disse eu, também em grego. Ela se abaixou e pôs a mão no meu rosto. Senti o sangue escorrer do meu nariz. Eu lhe devia tanto. Ela não me devia nada, além de desgosto, mas foi gentil comigo. Me perguntei, debilmente, de que forma eu conseguiria acertar as contas com ela.

— Sinto muito — lamentei novamente, em aramaico antigo, as mesmas palavras que usei para pedir desculpas a ela da primeira vez. Se aquilo despertou alguma lembrança, eu não sei. Eu sempre tenho esperanças. Ela pareceu triste.

— Eu é que sinto muito — disse ela e se levantou. — Levem-no para casa, para junto da mãe — ordenou a uma criada. Desapareceu por trás das cortinas.

Naquele momento, eu não tinha casa nem mãe, por isso fugi da criada antes que ela também pudesse me chutar.

Todos os dias, por um ano ou mais, fiquei por perto daquela mesma banca, na esperança de vê-la de novo. Concebi planos detalhados sobre o que faria quando a visse. Fiz um roteiro das coisas que eu diria, se pudesse me aproximar o suficiente. Arranjei trabalho carregando sacos de uma banca de especiarias nas proximidades e comprei para ela pequenos tesouros com o dinheiro que ganhei: uma laranja, um favo de mel. Mas nunca voltei a vê-la. Morri de cólera antes de ter a oportunidade.

Quando olho para trás, consigo identificar daquele momento em diante o início de alguns temas infelizes que continuariam a se desenrolar séculos afora. Nossas vidas

desencontradas no tempo. Ela casada com outro. Esquecida de mim.

Apesar de ter apanhado, vê-la foi o melhor momento da minha vida. Eu ficava desconcertado comigo mesmo, para ser sincero, e estava procurando identificar padrões. Mesmo se ela fosse só uma ideia, a ideia era reconfortante. Ela tinha voltado. Estava viva de novo, apesar do que eu fizera. Era linda de novo. Estava bem de vida. Eu podia voltar a vê-la. Não que eu fosse vê-la, mas pelo menos poderia. De alguma forma, foi a primeira vez que compreendi o poder regenerador da vida.

Me agarrei à ideia de que havia um motivo para que eu vivesse seguidas vezes e tivesse aquela estranha memória. Achei que isso me daria a chance de curar meu pecado e acertar as contas. Mal sabia como o caminho seria longo e turbulento.

As pessoas às vezes falam sobre o poder das primeiras impressões e, acredite, existe verdade nisso. A trilha da vida pode mudar de um instante para o outro. Não só a trilha da vida, mas a trilha de todas as nossas vidas, a trilha da nossa alma. Quer você se lembre ou não. Isso faz a gente querer pensar duas vezes antes de agir.

E se eu não tivesse queimado a casa dela? Quantas vezes pensei nisso? E se eu tivesse percebido a insanidade do que fazíamos e tivesse conseguido dar um basta? E se eu tivesse conseguido salvá-la, salvar a família dela e o resto da aldeia como pudesse? Teria sido morto. E daí? Fui morto alguns anos depois e isso não me valeu de nada.

Se eu a tivesse salvado em vez de matá-la, poderíamos ter voltado juntos ao mundo com facilidade e harmonia muitas e muitas vezes. Não quero sugerir que existam fórmulas simples. Mas algumas almas se apegam. É raro, mas possível. Certas almas se juntam eternamente, de forma não muito diferente de gansos e lagostas. Já vi acontecer algumas vezes. Mas é preciso duas vontades poderosas para isso ocorrer e a minha era uma só. Para mim não bastava querer encontrá-la de novo. Era preciso que ela também quisesse me encontrar. E ela tinha todos os motivos para se manter bem longe.

A MORTE É UM lugar misterioso, mas aprendi algumas coisas com o tempo. Meu estado de consciência após a morte e antes do nascimento não é igual ao estado normal de despertar e viver, mas eu tenho percepções e lembranças desses tempos. É difícil para mim precisar como o tempo passa nessas sombrias transições. Não sei dizer se é um mês ou se são dez. Ou nove, talvez.

Sendo o que eu sou, o guardião dessa longa e estranha memória e uma das poucas pessoas sobre a Terra que pode morrer e voltar para contar a história, passei a sentir certa responsabilidade de registrar como esse processo funciona e tentar entendê-lo melhor. Não sei bem quem vai se beneficiar deste meu longo estudo ou mesmo se ele vai trazer qualquer benefício, mas é o que eu faço. Registrar não é igual a fazer, diria meu velho amigo Ben, lembrar não é igual a viver, mas quanto mais velho eu fico, me parece ser o melhor do pouco que tenho a oferecer.

Posso dizer qual é a sensação de morrer em meio a uma comunidade de almas. É quando você compreende que não está mais vivo, mas sente a presença de outros seres à sua volta, o que é profundamente reconfortante. Gente que você talvez tenha conhecido de alguma forma, que conhece e se importa com você, está ali com você. Não se fala com essas pessoas, nem há uma comunicação explícita, mas você sabe que não está sozinho e, de alguma forma, elas cuidam de você. Não é possível fazer perguntas nesse estado, mas há condições de saber.

Conheço também a sensação de morrer no vazio. Todos morrem sozinhos, mas isso é diferente. Você apreende o nada e o vazio. Tem a sensação de vagar, o que pode durar muito tempo. Você se pega desejando, quase faminto, a presença de outro ser.

Há um padrão. A sua morte é a sombra da sua vida. Se a pessoa tem ligações fortes e amorosas em vida, vai manter o vínculo com a comunidade de almas. Provavelmente vai voltar à vida mais depressa, entre os seus. As vidas vão se concentrar do ponto de vista geográfico e étnico. Quando se vai para um lugar novo, geralmente se migra com as pessoas amadas. Se a comunidade acolhe diversas etnias, há mais possibilidades de se mudar de raça; caso contrário, isso provavelmente não deve ocorrer.

Se você é distante e misantrópico, egoísta ou cruel, vai se descobrir sozinho na vida e na morte. Vai morrer no vazio e voltar entre estranhos ou muito ocasionalmente entre inimigos. E vai continuar sozinho e em dificuldades até não querer mais isso. Leva muito tempo e é preciso muito esforço para se encontrar qualquer tipo de comunidade, quanto mais a que se deseja. Da forma como vejo, esse esforço é, ao mesmo tempo, a penitência e a reabilitação. Você vai voltar, mas vai levar um tempo. Vai ficar entre estranhos até criar para si algum tipo de família. E isso não vai acontecer enquanto você não quiser.

Não sei nada sobre o céu e o inferno e ainda não me encontrei com Deus. Mas só posso admirar a criação.

A sua vontade funciona entre vidas, mas não da forma com que você está acostumado. Na morte, acho que há uma sintonia com a mais elevada frequência da vontade e é um som que raramente se ouve quando se está vivo, pois se está mergulhado nos prazos da vida — pelo lugar específico que se ocupa no mundo e pelos desejos de curto prazo do corpo. Na morte, fica-se temporariamente livre da pegada rude do tempo. Você fica zerado, não corre riscos e a vontade trabalha sem preconceitos ou pressões. Expresso em algum lugar da sua vontade mais elevada está o desejo de pagar as dívidas e acertar as contas. E, embora esse acerto seja profundamente saudável para a alma, ele não traz necessariamente qualquer tipo de conforto ou prazer a um corpo vivente.

Há limites para a vontade, naturalmente — como a expressão das vontades de outras pessoas. E é por isso que a minha história seria bem mais curta e alegre se eu simplesmente tivesse amado Sophia desde o começo e achado uma forma de fazê-la me amar. Eu não teria passado mil anos esperando por ela, procurando-a e tentando mantê-la perto o bastante por tempo suficiente para superar o nosso primeiro encontro.

Parte do meu castigo foi que eu não a vi novamente por mais duzentos anos.  
Mas, quando vi, aquilo determinou o rumo do resto dos meus dias.

## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2006

LUCY SENTOU-SE NO quintal com o cheiro forte de grama recém-cortada na cabeça. Eram quase sete da noite, mas ainda estava tão quente que ela se sentou com os pés em um vaso cheio de água fria.

Agora que estava crescida e acabara de conhecer as maravilhas dos jardins de Jefferson no campus, percebia que o quintal não tinha nada de especial. Mas quando era pequena, fora o seu palácio do prazer. Desde que se entendia por gente, ela adorava cavar a grama e fazer poças d'água com uma mangueira. Era como se fosse barro: tinha vontade de sujar as mãos. Era um prazer tátil e outra de suas pequenas rebeliões.

Ela fizera uma horta na quinta série e plantara seus próprios pepinos, mas os coelhos e cervos acabaram com tudo depois do sétimo ano, quando ela passara o mês de julho em Virginia Beach com a família de Marnie.

Ela plantara framboesas no nono ano. Sua mãe reclamara do adubo putrefato que Lucy espalhara e do fato de as estacas ocuparem toda a parte de trás do quintal. Era verdade que Lucy fertilizava muito e podava pouco. Mas elas tiveram framboesas doces até o fim do verão e no outono, sem falar em geleia de framboesa, molho de framboesa e framboesa congelada pelo resto do ano. "Você paga quatro dólares por meia dúzia delas no supermercado e, comparadas às nossas, não têm gosto nenhum", reconhecera a mãe, demonstrando certo orgulho.

O primeiro projeto de paisagismo de Lucy havia sido a piscina, aos 16 anos. Os vizinhos dos dois lados e dos fundos tinham construído piscina, e seu pai anunciado que

eles também teriam uma. Ela fez centenas de desenhos no seu caderno. Não queria um grande retângulo cor de turquesa, como os vizinhos. Projetou uma pequena piscina com forma e cor de lago, com uma margem natural de grama e flores que chegava até a água. Não dava para ver concreto algum, a menos que se olhasse da beirada. Ela tentara descobrir que tipo de material seria necessário, investigara questões de drenagem, fizera um orçamento de tudo do melhor possível e escrevera o pedido para os canteiros.

Mas nunca era hora de construir a piscina. Ela havia enchido o saco do pai ano após ano, apresentando a ele desenhos novos e mais elaborados, até vê-lo uma noite preencher cheques na mesa de jantar e perceber que ainda estava pagando as despesas hospitalares de Dana. Não disse mais nada depois disso. E, de qualquer maneira, dizia para si mesma que uma piscina construída nunca teria ficado tão boa quanto aquela que ela havia imaginado.

Neste verão, Lucy estivera louca para acabar o ano letivo e voltar para casa, para o seu quarto, suas framboesas, seu quintal nada especial. Vinha sentindo ansiedade desde o fim do semestre, dormindo pouco e mal, acordando assustada por conta de pesadelos. Dissera para a mãe que era o stress das provas. Sonhava com perseguições, incêndios, surras, gritos e destruição, geralmente com a bizarra Madame Esme aparecendo onde Dana deveria estar. E Daniel era uma presença, vista ou sentida, em quase todos estes sonhos. O corpo de Lucy doía com a tensão que eles lhe causavam.

Ela esperava que estar em casa fosse acalmá-la e entediá-la, como costumava acontecer. Achava que se mudasse o ritmo de suas noites e dias, os sonhos parariam. E aqui estava ela em casa, as provas terminadas, Madame Esme longe, continuando a ter sonhos. Não conseguira deixar o cérebro na faculdade. Era esse o problema. Se tivesse conseguido, teria aproveitado as férias de verão perfeitamente felizes.

Ela ouviu a porta de tela abrir e se virou para ver sua mãe, que estava vestindo o conjuntinho cor-de-rosa.

— Você foi mostrar uma casa? — perguntou Lucy.

— Tinha um *open house*<sup>1</sup> em Meadow.

Lucy percebeu o suor empapando círculos sob os braços do blazer de linho cor-de-rosa da mãe.

— E como foi?

— Espalhei comida e flores, limpei sozinha aquela lixeira. Quatro corretores apareceram e nenhum comprador. E aqueles urubus tiveram a coragem de comer meus salgadinhos. — O tom era tão dramático que Lucy teve vontade de rir, mas se conteve.

— Que pena.

A mãe odiava trabalhar como corretora de imóveis. Dizia que preferiria vender lingerie na Victoria's Secret, mas que seu pai não achara aquilo adequado para uma formanda de Sweet Briar College. Lucy sempre tivera a sensação de que a mãe não conseguira se rebelar contra sua afetação nata. As filhas se encarregaram disso para ela.

— Bem. — Ela examinou o vestido de Lucy. — Você vai sair?

— Kyle Farmer vai dar uma festa.



— Kyle do coral?

— É, esse mesmo.

— Que divertido. Fico feliz porque você vai ver seus velhos amigos.

Sua mãe dava tanta importância às simples interações sociais que Lucy se sentiu mal por não ter uma agenda mais cheia ou ao menos aparentar ter uma agenda mais cheia. Questionou se deveria ter passado o verão em Charlottesville com Marnie e poupado a mãe de seu verdadeiro humor. Geralmente ela evitava festas do pessoal da época do colégio. Elas tinham um ar deprimente de nostalgia sem sentido. Como um reencontro prematuro, onde ninguém ainda tinha caído na vida e feito nada. Mas esta noite havia um motivo. Brandon Crist ia estar lá e ele era a pessoa que havia chegado mais perto de ser chamada de amigo por Daniel, na escola.

— Posso pegar o carro? — perguntou.

A mãe fez que sim com a cabeça, mas o rosto demonstrou relutância.

— Você precisa ajudar a pagar a gasolina nessas férias, ok?

— Eu sei. Vou encher o tanque. Me candidatei a duas vagas hoje.

— Isso mesmo. — Sua mãe sempre queria ser agradada. Não queria ser muito dura com Lucy. Dana a fizera sofrer tanto que as falhas de Lucy eram quase presentes, se comparadas.

---

1 Eventos realizados por imobiliárias para clientes em potencial, que visitam o imóvel, podendo ou não adquiri-lo. (N. da E.)

Estou pulando para uma das minhas vidas mais importantes, a sétima, que começou em Pérgamo, na Ásia Menor, mais ou menos no ano de 754, pelo calendário moderno. Provavelmente, você já ouviu falar em Pérgamo. Foi uma grande cidade, embora já tivesse passado de seu apogeu quando nasci nela. Foi um dos lugares mais bonitos em que cresci.

Ficou famosa como uma cidade helenista, com uma acrópole gigantesca, magnífica e um teatro colossal e íngreme, onde cabiam dez mil pessoas. Transformou-se com facilidade em uma cidade romana quando se entregou ao império sem grandes conflitos, no século II a.C. Tinha uma das maiores bibliotecas do mundo antigo, com mais de duzentos mil livros. O pergaminho foi inventado ali, depois que um dos Ptolomeus interrompeu a exportação de papiro do Egito. Se você se lembra do que aprendeu de história antiga, vai saber que foi a biblioteca que Marco Antônio deu à Cleópatra como presente de casamento.

Algumas das glórias da cidade permaneciam intactas na minha infância, embora outras tivessem desmoronado e a maioria dos templos e santuários tivesse sido arrasada ou transformada em igrejas cristãs, na época. O mercado era praticamente o mesmo.

De onde eu morava, da porta de casa, era possível ver o Egeu. Hoje, a cidade contempla um vale afastado do mar por mais de vinte quilômetros. Voltei ali algumas vidas atrás, quando os arqueólogos alemães faziam escavações, e vi novamente as ruínas da cidade antiga. Conhecia as colunas e os blocos de pedra sob os meus pés. Havia

tocado neles antes. Tive uma sensação de maior proximidade com eles do que com a maioria dos seres humanos. Ficamos parados enquanto o mundo mudava de forma à nossa volta.

Já não costumo sentir nostalgia. Há coisas demais no meu passado. Sei que a mudança gradual é a mais fácil de aceitar e que os grandes saltos e perdas podem esmagar uma pessoa. Meu lar e todos os vestígios de minha vida e de minha família naquela época desapareceram havia muito tempo. Mas não foi isso o que me abateu. Foi a aparência daquela antiga cidade, tão poderosa no passado, empoleirada no alto do mar do comércio, empurrada para longe, para as profundezas de uma distância árida, estrangulada.

Foi então, como criança do século VIII, que permiti a mim mesmo sentir como o presente pode parecer assustadoramente destrutivo e como o passado é frágil. É possível dizer que o presente logo termina, e é verdade, mas, minha nossa, ele voa como uma bola de demolição.

Eu me sentava em certo altar em ruínas, com vista para o mar, e tentava imaginar nossa cidade como era antes de sofrer as degradações. Seria desejável pensar que a história é uma sequência de progressos, mas, ao ver o que sobrara de Pérgamo e o rumo que tínhamos tomado, dava para saber que isso não era verdade.

O primeiro grande acontecimento naquela vida foi a reparição de meu irmão mais velho do princípio em Antioquia, voltando ao papel de irmão mais velho. Esse tipo de coisa acontece ocasionalmente, com parentes que se repetem de uma vida para a outra. De modo geral, é a devoção que mantém as pessoas unidas através das existências, mas o desejo primordial da alma de encontrar equilíbrio e resolução pode, às vezes, levar uma pessoa a se confrontar com um antigo algoz. Reconheci este irmão mais velho quando ainda era bem jovem, com uma sensação de desconforto. Todas as associações com o incêndio da aldeia do norte da África eram perturbadoras para mim, mas, além disso, havia a inimizade que tinha surgido entre nós quando confessei a um superior — e depois a um sacerdote — que havíamos atacado a aldeia errada. Foi minha culpa incessante que me levou a fazê-lo; não foi por hostilidade nem por desejo de vingança, mas meu irmão não entendeu assim. A partir daquele primeiro momento de reconhecimento, quando eu não tinha mais do que dois ou três anos, eu soube que precisava me manter longe dele.

Ele agora se chamava Joaquim e se mantinha fiel a suas antigas paixões ao se tornar um fiscal da iconoclastia, sob Constantino, deixando a família e o lar em Pérgamo aos 17 anos. Sua missão era destruir a arte religiosa, invadir mosteiros e humilhar os monges. Não é mistério como obras antigas e belas vieram a ser destruídas.

Eu me chamava Kyros. Naqueles tempos, eu me esforçava para atender a um nome diferente a cada vez. Mais tarde, passei a responder ao nome dado por meus pais, mas pensava em mim mesmo com o antigo nome. Era mais desnorteante do que se pode imaginar. Já é bem difícil manter a identidade durante uma única existência em um único corpo. Imagine dúzias de vidas e dúzias de corpos, em dúzias de lugares, entre dúzias de

famílias, tudo dificultado por dúzias de mortes no meio. Sem meu nome, minha história não é mais do que um longo e aleatório emaranhado de lembranças.

Por vezes, desejei romper com o fio da minha vida cada vez mais longa. Parecia difícil demais aguentar me manter como uma pessoa. Parecia-me que o passado e o futuro, causa e efeito, padrões e vínculos, eram artifícios tão complicados que só continuavam a existir à custa de meus esforços. Se eu cedesse, tudo se dissolveria no caos brutal dos sentidos. É tudo o que temos, na realidade. O resto é romantismo e narrativas. Mas precisamos dessas histórias. Acho que eu preciso.

Em algum momento depois da virada do último milênio, comecei a escolher meu próprio nome. Sem levar em conta aquele que meus pais escolhiam, eu lhes pedia para que me chamassem de Daniel, o nome que eu tinha no princípio. Alguns resistiram, mas todos acabaram concordando de alguma forma, em algum momento, porque eu não lhes dava muita opção.

A NOITE SOBRE a qual quero falar aconteceu por volta de 773. Há tantas coisas que eu vi e que poderia contar. Mas estou contando uma história, uma história de amor, e vou tentar, com digressões limitadas, manter o fio.

Lembro-me com clareza dessa noite em particular. Não via meu temido irmão Joaquim nos últimos dois anos e ele estava voltando para casa. Tinha mandado uma mensagem algumas semanas antes, dizendo que havia arrumado uma esposa e que viria em sua companhia. Nossa casa foi tomada por agitação, como se pode imaginar. Meu irmão era o filho mais velho de meus pais e, embora fosse uma pessoa terrível, tinha partido havia muito tempo e todos nós pensávamos nele de uma forma melhor.

À exceção de meu irmão mais velho, tive uma boa família naquele tempo. Já vi uma boa variedade delas, com o passar do tempo, e não houve tantas daquele tipo quanto se poderia esperar. É um erro meu pensar que haverá outras e me esquecer de apreciá-la devidamente. Meu pai era um homem bondoso, embora distante, e minha mãe, uma alma profundamente amorosa, talvez amorosa demais para seu próprio bem. O pior de que posso acusá-los é cegueira familiar e isto é uma característica que compartilham com quase todos os que amam seus filhos. Meus dois irmãos caçulas, principalmente o mais novo, eram meigos e confiavam com facilidade.

Presumo que eu era melhor na arte de amar naqueles tempos e também melhor na arte de ser amado — as duas vêm juntas. Faz muito tempo. Na ocasião, o passado não se estendia tanto e o presente parecia bem mais vibrante, e não apenas uma fração cada vez mais minúscula de tudo o que havia, como aconteceria no futuro.

A família não era rica — meu pai era açougueiro —, mas éramos prósperos e tínhamos dois criados. Tenho certeza de que meu pai não vendeu carne no mercado naquele dia. Matou o novilho bem cevado e todas as criaturas com pata e carne que se aproximaram de sua faca para o banquete de boas-vindas.

Minha expectativa continha tanta empolgação quanto medo. Esperava que uma versão melhor de meu irmão voltasse para casa com a esposa naquela noite, mas sabia que o sádico arrogante que havia partido provavelmente seria aquele que voltaria.

A casa e o pátio foram arrumados como se esperassem por um imperador. Depois da correria dos preparativos, aguardamos em ansioso silêncio: meus pais, meus irmãos mais novos, meus tios, minha avó materna, vários primos, os criados. Não podíamos comer nem conversar por causa de todo o suspense.

Não seria do estilo de meu irmão chegar quando a comida estivesse fresca, a carne e os molhos perfeitamente no ponto e a espera ainda fosse curta e agradável. Era seu estilo chegar depois que a comida estivesse murcha e fria e a emoção da expectativa tivesse se transformado em ansiedade e preocupação.

Enquanto esperávamos, a chuva começou. Lembro-me das tentativas de minha mãe para manter a animação, de sua conversa positiva. Falávamos grego, naquela época. Não era a linguagem de Sófocles, mas uma corruptela distante. Ainda me lembro da maior parte da conversa, palavra por palavra. Tento reter os idiomas antigos, mas mantê-los na cabeça não é o bastante. Foram feitos para a comunicação, mas mais ninguém fala essas línguas.

Meu irmão não chegou a cavalo, em gloriosos trajes de gala, como havíamos imaginado, mas a pé, desgasalhado para o tempo que fazia, e irritável. Ele foi o primeiro a deixar a escuridão e aparecer sob a luz das velas. Olhei para ele, perguntando-me o que teria acontecido com sua carreira militar, mas naquele momento a esposa entrou no aposento. No instante em que ela levantou o capuz e deixou seu rosto à mostra, não pensei de novo nele. Esta é a parte que desejo chamar a atenção. A parte que importa.

Depois de ver a garota do norte da África apenas em lembranças e sonhos durante um par de séculos, olhei para a esposa de meu irmão e, para meu espanto, eu a encontrei novamente em carne e osso. Até hoje, não existe uma alma que eu reconheça tão depressa, nem de uma forma tão poderosa, quanto ela. Não importa sua idade ou posição social, ela deixa uma forte impressão sobre si mesma e sobre mim.

A princípio, por causa da confusão, depois, pelo choque e, por fim, pelo regozijo, acabei fitando-a tempo demais. Meu irmão esperava ser cumprimentado com as reverências adequadas e meus olhos estavam grudados em sua esposa, em um fascínio quase doloroso. Muitos problemas foram causados pelo meu comportamento tolo naquela primeira noite.

Não foi o desagrado dele que entrou primeiro na minha grande cabeça oca. Foi o dela. Estava confusa e constrangida por toda minha atenção. Mantinha a cabeça baixa, e os olhos, que haviam projetado tanta segurança em outras ocasiões, estavam inquietos.

Tentei voltar a agir de uma forma normal. Abracei meu irmão. Fui para trás, para permitir que os outros parentes também os saudassem. Vi meus pais acolherem sua nova filha, Sophia.

Orbitei em volta dela em um estranho estado de atordoamento, naquela noite. Tentei evitar, mas não importava para onde eu ia, tudo o que eu fazia estava relacionado a

ela. Tentei não admirá-la sem parar por muito tempo.

Ela já parecia se encontrar bastante sobrecarregada. Em vez de comer, contemplou-nos, sua nova família, alternando olhares para o marido. O resto das pessoas banqueteara e bebia enquanto ela permanecia ali, educadamente parada. Meu irmão já tinha tomado várias taças de vinho quando pareceu perceber.

— Nossa comida não é suficientemente boa para você? Coma alguma coisa! — rugiu, e finalmente ela comeu.

Naquela noite, fiquei acordado, espantado. A princípio, só de vê-la já ficava comovido, de saber que ainda estava viva e que agora estava perto de mim. Demorou mais para que eu percebesse a injustiça da situação. Eu ainda não conhecia toda a extensão de meu amor.

Mas, quando ouvi a voz de meu irmão, precisei reconhecer o que se passava. Era a esposa dele. Pertencia a ele, nunca a mim.

Não foi ciúme. Pelo menos, no princípio. Sentia-me intimidado por ela e pelo papel que interpretava em minha mente. Sonhava com o perdão. Não presumia querê-la nem merecê-la daquele jeito. Se meu irmão tivesse sido bondoso e ela o amasse, eu teria me alegrado com ele e ficado feliz apenas por poder me encontrar por perto, em algumas ocasiões. Acho que é a verdade.

Mas ele não foi bondoso. A voz que veio até mim através das paredes transbordava violência.

Não pude ouvir tudo, mas ele a chamou de meretriz. Ouvi meu próprio nome ser mencionado mais de uma vez.

MAL CONSEGUI OLHÁ-LA no dia seguinte. Sentia-me envergonhado e culpado. Por que nunca conseguia lhe fazer uma boa ação? Por que eu só fazia crescer seu sofrimento? Mas acabei fitando-a. Vi infelicidade, com certeza, mas também orgulho. E, quando Joaquim lhe falou, do outro lado da mesa, vi repugnância em seu rosto. Bastou ver aquilo para que eu soubesse que ela não havia escolhido tornar-se sua esposa. O poder de Joaquim era limitado, porque ela não o amava.

Evitei-a por alguns dias, por consideração, mas aí meu irmão partiu. Havia ocasiões em que desaparecia por semanas. Voltava para casa, em geral bêbado, quando acabava o dinheiro. Assim, com o tempo, descobri que Sophia se dirigia ao jardim quase tanto quanto eu e permiti-me lhe dirigir algumas palavras hesitantes e, depois, mais algumas. Com o tempo, fiz com que me contasse sobre a infância na cidade de Constantinopla, o que me pareceu mágico. O pai era mestre pedreiro, construtor de diversas igrejas. Havia feito consertos na grande cúpula de Hagia Sophia. Mas os pais morreram em um incêndio quando ela estava com apenas nove anos, o que ajudava a explicar por que a avó a entregou para quem deu o lance mais alto quando ela completou

quinze anos, em um momento em que meu irmão estava bem de vida, depois de uma de suas poucas grandes vitórias no baralho.

Naquela época, eu era aprendiz de um artista que tinha sido contratado para projetar mosaicos para o batistério de nossa igreja. Levei Sophia para o canteiro de obras e lhe mostrei os projetos. Com o passar das semanas, com alguma relutância, mostrei entalhes feitos por mim e versos que eu escrevi sobre um fragmento de pergaminho. Eram as coisas que eu havia aprendido em vidas anteriores — idiomas, leitura, escrita, entalhes e desenho. Eu escondia aquilo da maioria das pessoas, porque eram estranhos à minha educação e bem inexplicáveis, mas não escondi dela. Tínhamos coisas em comum. Amava histórias e poesia tanto quanto eu. Sabia muitas que eu não conhecia. Eu me abri para ela de uma forma que nunca tinha acontecido antes, com mais ninguém.

Foi a primeira vez que eu a conheci e a amei. Na época, eu a amei de uma forma inocente, eu juro. Mesmo em minha cabeça.

Meu irmão nunca nos viu conversar, tenho certeza, mas provavelmente ouviu falar de nossa amizade. Três meses após a noite em que trouxe Sophia para casa, ele chegou bêbado e zangado. Tinha perdido uma grande soma de dinheiro de meu pai no jogo, recebido uma surra e uma ameaça de morte. Do outro lado da parede, naquela noite, eu ouvi seus berros, mas sabia que os insultos não a incomodavam. Depois, ouvi outro tipo de som. Uma pesada pancada contra a parede, um grito, um golpe abafado e o som do choro de Sophia.

Saí da cama e fui até o quarto. Por melhor que seja minha memória, não me lembro de como cheguei até lá. A porta devia estar trancada. Lembro-me das lascas e dos pedaços no chão, depois. Ela estava deitada no chão, o cabelo todo embaraçado, a camisola rasgada ao meio e o brilho pegajoso de sangue e suor em seu rosto. Dois séculos antes, na porta da casa em chamas, ela havia me olhado com estranha tranquilidade, mas naquele momento eu vi sofrimento.

Parei por um momento e vi meu irmão agachado, com um olhar de lobo furioso. Esperava por mim, desafiando-me a ir atrás dele, tentando me atrair para alguma espécie de jogo. Mas não pensei nele de forma alguma. Só me importava com ela. Fechei o punho e atingi o rosto dele com o máximo de força possível. Ele caiu. Olhei enquanto ele se levantava e batia de novo. Lembro-me do olhar de espanto em meio à fúria. Eu era o mais jovem, o menor, o esquisito, o artista. Soquei-o de novo.

O nariz e a boca sangravam. Ainda estava bêbado, desorientado, esbravejando, ofegante, dando socos fúteis. A violência mais profunda estava a caminho, mas levava mais tempo para ele invocá-la.

Eu queria abraçá-la e reconfortá-la, mas sabia que só ia piorar sua situação. Ela se sentou, cobriu-se e recuou para uma parede.

Se ele não estivesse tão bêbado e eu não tomasse tanto cuidado, com certeza ele teria me matado. Era a única assimetria entre nós que me favoreceu. Amava sua esposa e ele não amava.

Deixei-o no chão imerso em seu próprio sangue e vômito. Juntei meus poucos pertences. Acordei meu pai e implorei-lhe que cuidasse dela. Deixei meu lar e minha família acreditando que, se eu partisse, ela ficaria em segurança.

Enfrentar Joaquim diante de sua esposa foi uma das decisões centrais de minha longa existência, e me julguei repetidas vezes por conta disso nos anos que se seguiram. Foi a faísca para o ódio, a violência e a inimizade que duraram muitas vidas, e me pergunto como poderia ter evitado isso para o bem dela, para o meu bem e até mesmo o dele.

Mas em retrospecto, não houve realmente qualquer decisão a ser tomada. Olhando para trás, mesmo a essa distância, não acho que pudesse ter feito outra coisa. Por mais errado que tenha sido, eu faria tudo outra vez.



## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2006

LUCY NÃO SE rendeu à festa. Basicamente, esperou no sofá até que Brandon Crist aparecesse. Nem percebeu que havia esnobado a poderosa Melody Sanderson até que a amiga Leslie Mills viesse lhe contar.

— Melody está dizendo para todo mundo que você não vai lá fora porque acha que é boa demais para Hopewood.

Lucy sentiu-se peneirando camadas de mesquinharia para conseguir entender aquilo. Talvez fosse verdade.

— Como?

— Ela acha que todo mundo que vai para escolas caras lá do norte fica metido.

— Lá do norte? Eu estou em Charlottesville.

— É. Eu sei.

— Só não tive vontade de enfrentar a multidão para pegar uma cerveja — disse Lucy.

— Estou só avisando, caso você, sabe, queira ir lá fora.

Lucy pensou seriamente em ir lá fora, mas se conteve. Lembrou-se de tempos mais simples, em que fazia de tudo para ficar bem com aquelas meninas. Também se lembrou de quando ela e os pais podiam atribuir todos os problemas, dores e fracassos a uma só fonte. Mas o tempo de Melody havia expirado e ela devia saber disso.

Ainda assim, Lucy puniu-se e, em vez de sair, entrou na cozinha lotada. Era verdade que não se deveria ir a uma festa sem vontade de socializar. Quando Brandon

finalmente chegou, ela foi direto até ele. Era esquisito, reconheceu, mas se sentia estranhamente determinada.

— Sou Lucy — apresentou-se. — Fizemos química juntos.

— Claro. Sei quem você é. — Ele sacudiu a bebida em um copo de plástico.

— Tenho uma pergunta para você — disse ela, sem rodeios. Ele usava gel demais no cabelo, o que levou Lucy, por alguma razão, a considerar a hipótese de ele achar que ela estava querendo convidá-lo para dar uma saída.

— Tudo bem. — As sobrancelhas estavam erguidas na posição de paquera.

— Você conheceu Daniel Grey, não foi? — Parecia imprudente, até mesmo empolgante, apenas dizer o nome dele em voz alta, como se fosse um nome qualquer.

As sobrancelhas dele baixaram um pouco.

— É. Um pouco. Não muito bem.

— Bem, você tem ideia do que aconteceu com ele?

Brandon pareceu incomodado.

— Não sei bem. Mas você sabe o que Mattie Shire e aqueles caras disseram.

Lucy percebeu a desolação na voz dele e um nó começou a se formar em sua garganta.

— Não, não sei. O que eles disseram?

— Na noite da última festa, da briga com facas. Você ouviu falar do que aconteceu?

— Muitas coisas aconteceram — respondeu, cautelosamente.

Brandon olhou para a multidão na sala de jantar. Não viu Mattie Shire, mas viu Alex Flay, amigo de Mattie, e o chamou.

— Você se lembra do Daniel Grey, não lembra?

Alex fez que sim com a cabeça, olhando para um e para o outro.

— Você estava com o Mattie quando ele viu o Daniel pular da ponte?

Lucy olhou para Brandon.

— *O quê?*

— Eu não estava lá — disse Alex. — Mas o Mattie me contou. Não sei se o Daniel morreu afogado ou não.

Brandon assentiu.

— Era um cara diferente, que descanse em paz.

— Você está dizendo que ele *morreu*? — perguntou Lucy.

Brandon olhou para Alex, que deu de ombros.

— Não faço a mínima ideia. Foi o que Mattie achou. Ninguém soube ao certo. Nunca mais ouvi falar dele, depois disso. Todo mundo seguiu em direções diferentes.

— Ele não podia ter morrido — falou Lucy com fervor. Sentia-se tomada pela indignação e não conseguia disfarçar isso em seu rosto ou em sua voz. — Todo mundo teria ouvido falar disso, não é? Ia aparecer no jornal ou coisa parecida, não é?

Ninguém quis discutir com ela. Não era um assunto pessoal para nenhum dos dois.

— Um monte de gente ouviu falar — comentou Alex de forma um pouco defensiva. — Não sei por onde você andava, mas o Mattie não guardou segredo.

— Além do mais, os jornais não se esforçam muito para noticiar suicídios — afirmou Brandon. — Especialmente suicídios de adolescentes.

Ela se virou e se afastou deles devagar, caminhou até o sofá e se sentou, olhando a janela cegamente, vendo o rosto de Daniel naquela noite. Lembrou-se de sua própria fragilidade nos dias seguintes, tão tomada pelo pânico que não saía de casa nem falava com ninguém.

Tinha uma ligeira consciência de que Brandon e Alex continuavam ali, que suas noções de etiqueta social eram um fracasso e que a mãe ficaria envergonhada. Brandon disse alguma coisa do tipo “Achei que todo mundo soubesse”, mas as palavras não entravam mais em seu cérebro.

Daniel não podia estar morto.

Entorpecida, ela vasculhou a bolsa em busca das chaves e deixou a festa, rumo a seu carro. Entrou e dirigiu. Dirigiu sem rumo pelas ruas mais escuras, apesar das constantes recomendações da mãe para que poupasse gasolina.

Por fim, ficou tarde e escuro e ela dirigiu até a ponte. Deixou o carro no acostamento gramado e caminhou por ela. Olhou o Appomattox. Era um nome e um lugar mítico para ela, por causa do pai e do avô. Uma vez, tinha perguntado ao pai por que sempre falavam sobre a Guerra Civil, enquanto que, aparentemente, os ianques nunca faziam isso. “Porque perdemos”, disse ele. “A gente se esquece das vitórias, mas se lembra das derrotas.”

Ela pousou o queixo na grade e olhou a água correr, sombria. Era um rio de derrotas e aqui estava mais uma delas. Ela se perguntou qual seria a sensação de pular.

*M*inha longa ausência de Pérgamo não foi suficiente para manter Sophia em segurança. Primeiro ouvi relatos de meu irmão mais novo, depois de minha mãe.

Em três anos, o gênio de Joaquim havia se deteriorado, por mais difícil que fosse de imaginar. Meu pai morreu, vivi o luto e senti sua falta terrivelmente. Joaquim assumiu o açougue e acabou com um negócio que até então era lucrativo. Fiquei horrorizado ao descobrir que ele havia vendido a casa da família e mandado meus irmãos para a vida antes de chegarem à adolescência. Deixava a esposa com minha mãe em um quarto de taverna por longos períodos, enquanto fugia dos credores ou arranjava mais dívidas. Por sorte, Sophia conseguiu não ter filhos.

Quando recebi o recado de minha mãe, tomei outra decisão fundamental. Peguei emprestado um cavalo e cavaleguei quarenta e tantos quilômetros rumo a Esmirna e uma remota caverna que eu havia visto pela última vez uma centena de anos antes e duas vidas atrás. Houve muito vento e areia naqueles anos, mas eu ainda podia ver as minúsculas marcas que fiz nas paredes de pedra calcária. Com a tocha e a discrição no agir, senti como se fosse um ladrão de sepulturas, mas a sepultura era minha e meus restos mortais, por sorte, não se encontravam ali. Movimentei-me por passagens sinuosas, descendo na terra úmida. Não precisava das marcas. Lembrava-me do caminho. Fiquei aliviado ao ver a pilha de pedras que eu erguera ainda totalmente intacta. Removi-as com cuidado, uma a uma, até expor o pequeno e disforme portal. Esgueirei-me, percebendo como eu era maior nesta vida do que na outra em que havia cavado aquilo.

Enfiei a tocha no chão da câmara, de terra batida, e olhei em volta. As coisas maiores estavam no chão, cobertas por um século de poeira. Havia um par de belas ânforas gregas, uma com figuras negras representando Aquiles em uma batalha e outra, com desenhos em vermelho, mostrando Perséfone sendo levada para o submundo. (Dei a primeira para o museu arqueológico de Atenas, nos anos 1890, e ainda tenho a segunda.) Havia algumas boas esculturas romanas, alguns exemplares primitivos e refinados de trabalhos em metal. Comprei de um negociante beduíno que afirmava que haviam pertencido a reis vedas, na Índia. Havia o início da minha coleção de plumas de aves raras, uma série de esculturas em madeira (as piores eram feitas por mim), uma deslumbrante lira que aprendi a tocar com meu paciente pai em Esmirna e um punhado de outras coisas.

Coisas menores e mais valiosas, eu precisei escavar. A menos de 30 centímetros sob chão duro encontravam-se sacos de moedas douradas: gregas, romanas, bíblicas, bizantinas e algumas persas. Outros sacos guardavam pedras preciosas e algumas joias. Tentei não admirar por muito tempo. Tinha uma sensação de urgência e dor naquele dia. Mas meus dedos encontraram a aliança em ouro e lápis-lazúli usada por minha primeira esposa, Lena, que morreu jovem, a quem eu havia tentado amar. Segurei-a por alguns momentos antes de devolvê-la ao chão.

Em minha quarta vida, fui um comerciante. Usei a experiência e o conhecimento de línguas para me colocar no centro de diversas lucrativas rotas de comércio. Eu queria enriquecer e enriqueci. Em parte, foi uma reação à minha vida de humilhações e escoriações em Constantinopla. Eu detestava passar fome e, por saber que havia outras formas de se viver, detestava mais ainda. Decidi que, se ia carregar esta memória por aí, eu bem que poderia ser esperto. Eu a usaria para me proteger dos caprichos do nascimento. Para cada vida em que ganhei dinheiro — e fiquei bom nisso —, guardei uma parte para tempos mais difíceis. E lembro-me de fantasiar que a garota do norte da África me veria quando eu fosse rico e poderoso e que então desejaria me conhecer.

Em minha quinta vida, em Esmirna, tive a sorte de nascer em uma família culta e bem relacionada. Enquanto eu crescia, aproveitei o que havia aprendido em minha vida anterior e me tornei um importante mercador. Além de juntar montes de ouro, comeci a colecionar, com uma atenção especial para o passado e o futuro. Foi quando montei minha caverna e a usei durante nove vidas, antes de as viagens se tornarem caras demais. Transferi meu tesouro para os Cárpatos por volta do ano 970 d.C.

Agora, mais de mil anos depois, acumulei uma imensa quantidade de propriedades, moedas e artefatos, embora as sensações de poder e prazer que provinham de possuí-la tenham diminuído de forma significativa com o passar do tempo. As poucas coisas que adicionei nos últimos anos não têm qualquer valor objetivo. Encontrei formas de doar peças sem ser reconhecido e também sem me envolver. Onde quer que eu apareça, sempre sei meu nome. E, nos dias de hoje, os cofres de banco e as contas numeradas tornaram tudo bem mais fácil.

Naquela noite no século VIII, arrumei a caverna, devolvendo tudo a seu devido lugar, e levei comigo um saco de moedas de ouro mais recentes e homogêneas — eu precisava de dinheiro e não de tesouros. Reuni mantimentos, fiz alguns arranjos, comprei um magnífico cavalo árabe de um beduíno rico e voltei para Pérgamo na tarde seguinte. Encontrei Sophia e minha mãe vivendo em um aposento, em um beco. Minha mãe estava arrasada. Ainda tentava encontrar um jeito de amar meu irmão. Seu coração não lhe permitia desistir dele. O rosto de Sophia tinha hematomas, mas seu orgulho estava praticamente intacto.

Acomodei minha mãe em uma bela aldeia a alguns quilômetros de distância. Tentei lhe dar o mínimo de dinheiro possível, sabendo onde ele iria parar. Mas garanti que tivesse mais conforto e prometi voltar e levar meus irmãos mais jovens para sua casa.

Parti com Sophia naquela noite, montado em meu cavalo. Era uma emoção egoísta tê-la tão perto, mas não havia o que fazer, eu me dizia. Se a deixasse ali, seria assassinada. Nem ela nem minha mãe protestaram ou fizeram uma única pergunta quando partimos. Sabiam que era sua única chance.

A viagem pelo deserto com Sophia, naquele belo cavalo, foi um dos momentos mais felizes em todas as minhas numerosas vidas. Confesso que, de tanto revivê-la, mal consigo me lembrar. Meus sentimentos são suficientemente fortes para refletir e distorcer a verdade daquela jornada. Mas como diria meu amigo Ben, a verdade está em meus sentimentos em relação àquela jornada.

Precisamos de quatro dias e meio para chegar à Capadócia, bem no interior, e desejei, no caminho, que a distância se estendesse e que o cavalo fosse mais devagar. E vou admitir de pronto que algo mudou naqueles poucos dias. O que era uma devoção inocente e descomplicada, de minha parte, se transformou em algo mais profundo e problemático.

A primeira noite foi embaraçosa, como se pode imaginar. Estendi um pedaço de pano azul por cima de quatro estacas de madeira para criar um teto e pus cobertores ali embaixo. Eu era bom em acender fogueiras e preparar comida. Foram algumas de muitas habilidades que amealhei em minhas vidas. (Algumas habilidades estão na mente, outras nos músculos, e passei vidas aprendendo as limitações das primeiras e o valor das últimas.) Mas, naquela noite, era como se nunca tivesse feito aquilo antes. As mãos tremiam enquanto ela me olhava. Nada parecia familiar.

Com o coração batendo forte dentro do peito e um sentimento de satisfação, parecido com o de uma mãe, eu a vi comer arroz, pão, grão-de-bico e cordeiro. Era esguia e a princípio comeu devagar. Mas quando começou a relaxar, demonstrou um apetite impressionante. Mal comi a comida que havia trazido depois daquilo. Queria que houvesse o suficiente para ela.

Quando se estendia para pegar coisas, eu via hematomas subindo por seus braços. Nunca falava deles, o que de alguma forma os tornava mais tristes para mim.

Ficamos deitados debaixo dos cobertores, a uma distância segura. Não sabia como conversar com ela, naquele momento. Estávamos próximos demais e nenhuma

estrutura social que nos reprimisse. Não queria fazer presunções. Olhamos para o alto e aí me ocorreu que a única função do toldo era cobrir as estrelas. Assim, sem realmente falar no assunto, engatinhamos para fora, com os cobertores, e nos banhamos naquele cintilar. Ainda olho para o céu, na maioria das noites, e praticamente não consigo acreditar que estou vendo o mesmo céu.

Não queria que pensasse que esperava qualquer coisa dela. Não queria que tivesse medo. Não sabia o quão próximo ou o quão distante eu devia permanecer. Quanta conversa seria fatigante? Quanto silêncio seria solitário? Quanta atenção seria perturbadora? Quanta falta de atenção seria frieza? Queria que soubesse que estava em segurança comigo. Ela bocejou e eu me questionei. Ela dormiu e eu a velei.

No segundo dia de viagem, eu estava mais ciente da sensação de seus braços sobre mim, da impressão de cada um dos dedos, do peito contra minhas costas. O rosto às vezes se apertava contra mim, ou a testa. Meus nervos chegaram a sentir a ponta do nariz, enquanto galopávamos em meio a colinas secas e marrons. Mas não queria nada dela. Não precisava de nada. Queria que ficasse bem e permanecesse em segurança. Não queria mais nada. Dizer era o mesmo que fazer.

Quando paramos naquela noite, ela comeu com mais vontade e menos pressa. Vi como os hematomas amarelavam e diminuía na bela visão de seu rosto. Senti seu talento básico para a vida, sua capacidade de recuperação e sabia como aquilo lhe seria útil a longo prazo. Era uma coisa que se levava de uma vida para a outra. Ela não sabia disso sobre si mesma, mas eu me lembrara.

A segunda noite foi bem mais fria e não consegui encontrar lenha suficiente para manter a fogueira acesa. Os cobertores eram espessos, mas não o bastante. Ela não conseguiu adormecer profundamente naquele frio. Olhei-a estremecer, dormir e acordar. Tentei colocar meu cobertor sobre ela. A determinação e a força de meu propósito me mantinham aquecido, mas ela tremia.

Aproximei-me sem ter tomado uma decisão. Não queria ir longe demais, mas tinha calor para compartilhar. Enrolei-me à sua volta, a alguns centímetros de distância, tentando lhe ceder um pouco. Deve ter sentido o calor em seu sono, pois se aproximou. Não a toquei, por mais que o quisesse naquele momento. Fui para debaixo das cobertas com ela e, como uma criança, ela enroscou as pernas em meu corpo. Senti a pele nua de seus tornozelos e pés, enrolados em minhas batatas da perna, as costas enterradas em meu peito, meus braços a envolvendo. Ela suspirou e perguntei-me quem eu seria para ela, em seu sono.

Não queria me mexer. Estava feliz demais e o momento era extremamente frágil. Meus braços ficaram dormentes, mas não quis tirá-los debaixo dela. Existem curtos períodos de alegria que precisam se estender através de muitos anos vazios, sei disso mais do que ninguém. É preciso fazer com que durem da melhor forma possível.

No terceiro dia, enquanto viajávamos, senti que seu corpo relaxava no meu e aquilo era uma benção. Quando paramos para comer, no meio do dia, ela derramou

arroz sobre meu joelho e sorriu. Quis que ela derramasse milhares de coisas sobre mim: lava, ácido, tijolos, qualquer coisa, e que sorrisse todas as vezes.

Naquela noite, ela entrou debaixo da coberta e se enroscou contra mim sem dizer uma palavra. “Obrigada”, disse, ao adormecer, com o cabelo no meu pescoço, o alto da cabeça sob meu queixo. Meus braços apertavam seus seios e senti as batidas de seu coração se fundirem com meu pulso. Tentei manter as partes baixas do corpo a uma distância segura, pois certos órgãos não obedeciam à disciplina geral.

Em algum momento daquela noite, devo ter baixado a guarda e caído em sono profundo. Imagino que tenha sonhado com versões mais antigas de nós dois e ficado desorientado. Voltei atrás, até a primeira vez em que a encontrei, apenas para vê-la de relance, mas devo ter me abalado. Quando acordei, ela estava bem ali, com o rosto diante do meu. Não compreendi exatamente o que fazia, nem onde nos encontrávamos no tempo. A visão de seu rosto encheu-me de arrependimento.

— Lamento muito — sussurrei.

Não tinha certeza se ela estava acordada ou dormindo, mas presumi que estava acordada.

— Por que você se lamentaria? — sussurrou-me de volta.

— Pelo que fiz a você. — Certamente estava desorientado naquele momento, pois achei que ela sabia o que eu queria dizer. Minha ligação era tão forte que eu não podia aceitar a ideia de que ela não soubesse tanto quanto eu. Foi um momento estranho, ilusório, em que acreditei que nossas experiências eram as mesmas. Não entendo como isso se passou. Uma coisa triste que aprendi é que nenhuma experiência é igual à minha.

A confusão tirou a paz de seu rosto.

— O que você fez comigo? — Ela se sentou. — Você não fez nada de errado. Você me protegeu. Salvou minha vida. Não apenas agora, mas muitas vezes. Você foi bondoso comigo, apesar dos riscos. Não sei por quê. Não me pediu nada. Não fez exigências. Não demonstrou volúpia em relação a mim. Que outro homem agiria dessa forma?

A manhã estava chegando, e eu estava tão excitado quanto seria possível naquele momento e sentia ambiguidade em relação à sua inocência.

Sentei-me também tentando me orientar melhor. Queria explicar, mas não sabia como lhe dizer.

— Tentei protegê-la. É verdade. Mas há muito tempo fiz uma coisa com você que...

— Comigo?

— Com você. — Não consegui suportar o olhar de cautela. — Não com você, Sophia, do jeito que você é hoje. Mas há muito tempo. Na África. Você não se lembra da África. — Foi uma manobra imprudente. O que eu esperava? Que ela subitamente desenvolvesse uma memória semelhante à minha?

As sobrancelhas desceram de um jeito especial que ela costumava fazer.

— Nunca estive na África — disse lentamente.



— Mas esteve. Há muito tempo. E eu...

— Não estive.

Ali estava ela, minúscula sob o gigantesco céu do alvorecer naquela estranha paisagem lunar perto da Capadócia, tendo apenas a mim para olhar. Se meu desejo era fazer com que se sentisse segura, aquela não era a melhor forma.

— Não. Eu sei. É claro. Estava falando em metáforas. Quis dizer...

Embora estivesse procurando a espição, não seria às suas custas.

— Não quis dizer nada. — Dei de ombros e olhei para o leste, onde o sol perfurava a privacidade de nossa noite. — É uma estranha lembrança que eu tenho. — Minha voz estava tão baixa que provavelmente nunca a alcançou. Não sei.

Ela manteve o olhar sobre mim por muito tempo. Havia insegurança, mas eu também percebia carinho.

— Você é um bom homem e eu não o compreendo.

— Um dia vou tentar explicar — falei.

Voltamos para debaixo das cobertas, juntos, nós dois, olhando para o leste. Ela se apertou contra meu corpo com força, e assim as partes sem controle de meu corpo se manifestaram para ela. Não se afastou, mas virou a cabeça para me olhar, com uma espécie de curiosidade.

Escondi o rosto em seu pescoço, procurei sua orelha com minha boca. Levantei suas saias e pus as mãos em seus quadris desnudos. Abri o vestido e beijei seus seios. Arranquei sua roupa de baixo e a penetrei com uma paixão reprimida que pode ser apenas imaginada.

E imaginada ela foi. Não se trata de uma lembrança, mas de uma fantasia que transformei em relíquia ao lado das minhas memórias, até que praticamente se transformasse em uma delas. E sempre prefiro revivê-la no lugar da outra versão dos acontecimentos. Minha memória, como disse, admite algumas distorções. Tento cultivá-la como um registro confiável e é raro que minhas emoções sejam tão fortes a ponto de modificar os fatos. Mas aqui modifico os fatos o bastante para poder penetrá-la e ficar ali para sempre.

Mas deixemos registrada a verdade: ela me olhou, molhou os lábios com paixão inconfundível e disse:

— Sou a esposa de seu irmão.

— É a esposa de meu irmão — disse eu, e afastei-me alguns centímetros dela, com tristeza e desolação.

Por mais brutal que meu irmão fosse, ele não tinha o poder de destronar a santidade do casamento. Nem mesmo como conceito. Não a respeitava, mas não tinha o poder de anulá-la. Presumo que foi porque nós acreditávamos naquela santidade. Não podíamos evitar.

Olhei-a cuidadosamente e ela me olhou. Um beijo, um beijo de verdade, e tudo o que viesse depois transformaria, inevitavelmente, nossa missão piedosa em traição barata. Por mais que eu a amasse. Por mais que eu quisesse.

*Ninguém vai saber além dela e de você*, insistia a parte baixa de meu corpo.

Mas meu cérebro, no interior da cabeça, via um panorama mais amplo. Ninguém saberia, além de nós, mas meu irmão teria razão em todas as suas terríveis suspeitas e sempre saberíamos que tínhamos agido de uma forma errada. Quando se vive tanto quanto eu, sempre é uma distância paralisante. Sei que ela pensava o mesmo. Naquele momento, minha crença em um pensamento comum não era uma ilusão.

NO ÚLTIMO DIA, viajamos mais devagar. Uma brisa quente nos cobriu de areia e a sujeira nos uniu graças ao suor pegajoso. Eu fedía mais do que o cavalo. No final da tarde, vi alguma coisa semienterrada na areia. Parei o cavalo e saltei.

Era um pedaço gigantesco de latão, pesado e bem trabalhado. Virei-o e descobri que era uma espécie de bacia. Provavelmente, pertencia a um mercador que sofreu um ataque e partiu às pressas. Era pesado demais para ser transportado com pressa, mas me deu uma ideia. Fizemos um desvio de pouco mais de um quilômetro, até o último lugar onde eu havia visto vestígios de água. Enchemos todos os recipientes e dois odres de vinho e voltamos. Fiz uma fogueira para aquecer a água e pus a bacia no alto de uma pequena subida que oferecia a mais bela vista para o sol enquanto ele se exibía em arrebatadoras faixas em laranja e púrpura. O ar ficou fresco e escurecido, enquanto Sophia observava meus esforços com um ar confuso, mas insisti até encher a bacia com água limpa e fumegante.

Tornamo-nos tão acostumados com os encanamentos modernos que praticamente consideramos que é um direito poder tomar um banho quente a qualquer momento. É fácil esquecer que isso já foi um luxo, e foi mesmo. Encontrei um pedaço de sabão em minha bolsa e lhe entreguei com alguma cerimônia. Não era um grande presente, mas parecia a forma certa de enviá-la para uma nova vida.

La permitir que tivesse um momento de privacidade, mas não queria perder o seu prazer.

— Devo ir? — perguntei-lhe.

Ela negou.

— Deve ficar.

Tirou o vestido e as roupas de baixo sem vergonha ou timidez, mas também sem qualquer recato. Olhei-a pôr um pé, depois os dois no interior da banheira e estremecer de alegria.

*Posso fazê-la feliz*, pensei.

Percebi que a olhava com o conhecimento do que viria a seguir. Queria entregá-la à minha memória de uma forma mais profunda e concreta do que qualquer outra coisa. Queria absorver cada pedacinho dela para poder mantê-la comigo na longa jornada e encontrá-la novamente. Examinei os pés, ligeiramente virados para dentro, o belo desenho de suas costelas, a forma com que erguia a cabeça para a frente. Sabia que o

cabelo, as cores e as formas seriam diferentes, da próxima vez, mas a forma com que usava seu corpo se manteria.

Escorregou para dentro e afundou a cabeça. Voltou sorridente e a pele ficou mais clara. Recostou-se na banheira e deixou a água se acalmar à sua volta, refletindo as cores do céu.

— Venha para junto de mim — pediu e sentei-me sobre uma rocha achatada na elevação, bem acima dela. Era um panorama maravilhoso.

Quando terminou, mandou que eu entrasse no banho. Observou enquanto eu me despia com a autoridade de um proprietário e esfregou minhas costas com dedos ágeis. Afundei a cabeça debaixo da água e senti apenas o silêncio e suas mãos. Cada um desses momentos era uma pérola de um colar, cada uma mais bela e mais perfeita que a anterior.

— Desejava que você estivesse aqui dentro comigo — disse eu.

Ela me lançou um olhar demorado, cheio de significados.

— Há muitas coisas que também desejo.

— Vamos nos banhar juntos, algum dia — disse-lhe com um suspiro de alegria.

— Vamos?

— Sim. Você vai ser livre. E aí, vou encontrá-la e poderemos ser felizes assim.

Tinha lágrimas nos olhos e sabão nos dedos.

— Como pode ser verdade?

— Pode demorar muito tempo, mais tempo do que você imagina, mas um dia vai acontecer.

— Você promete?

Olhei-a e tomei outra decisão fatídica.

— Prometo.

Quando fiquei limpo, ela lavou nossas roupas e as estendeu para que secassem. Não tínhamos outra opção além de nos aconchegarmos sob as cobertas e nos agarrarmos, com os corpos nus e as almas nuas, até que o sol se erguesse e nossas roupas secassem.

Comemos o resto da comida e deixamos para trás nosso devaneio, para chegar à aldeia onde ela começaria uma nova vida.

Não ousei beijá-la enquanto ficamos nus sob as cobertas e ardendo de desejo. Esperei até que pudéssemos ver no horizonte a silhueta do casario da aldeia poeirenta para parar o cavalo e puxá-la para junto de mim. Segurei-a por muito tempo. Mesmo naquela ocasião, não tinha a intenção de beijá-la. Estava comprometido demais em preservar sua inocência. Mas, então, vi que um beijo lhe prestaria um melhor serviço.

Foi um beijo mais triste, mais choroso e mais sério do que teria sido algumas horas antes. Saboreei a sensação de seu corpo pela última vez, com o peso do que estava por vir. Sabia o que havia tomado. Sabia o que poderia guardar e também sabia do preço que teria de pagar.

DEIXEI SOPHIA EM uma aldeia minúscula em que as casas eram construídas nas encostas de colinas. Eu a pus sob os cuidados de uma mulher mais velha, uma viúva, que ficou muito feliz em abrigar Sophia e chamá-la de sobrinha. Conhecia esta mulher porque já havia sido minha mãe, no passado. Sabia que podia confiar nela. Deixei Sophia com dinheiro e o que eu esperava que fosse uma nova identidade.

— Verei você novamente — disse-me Sophia. Seu rosto estava resignado, mas também vi lágrimas nele.

Concordei de uma forma sincera e ardente, embora não pensasse exatamente como ela.

— Você voltará aqui algum dia?

— Eu prometo.

Ao retornar para Pérgamo, uma semana depois, eu sabia que estava correndo um risco, mas não quis recuar. Não me afastaria. Não me tornaria outra pessoa. Haveria tempo suficiente para que isso acontecesse. Disse à minha mãe que voltaria e voltei. Encontrei meus irmãos. Acomodei-a em uma casinha. Dei-lhe dinheiro e alguns bens que seriam fáceis de esconder e difíceis de roubar. Fiz cada uma dessas coisas com um caráter final. É o que penso ao olhar para trás.

Ao deixar a casa de minha mãe na terceira noite, não posso dizer que fiquei surpreso com a emboscada de meu irmão. Pensando bem, teria sido surpreendente não vê-lo me seguindo até uma rua escura. Aconteceu depressa.

Estava preparado para um confronto cara a cara, mas ele estava mais furioso e era mais desprezível do que eu imaginava. Atacou-me por trás. Enfiou uma faca nas minhas costas e depois em meu pescoço. Morri de uma forma dolorosa.

Enquanto morria, senti o final da minha vida acontecer de uma forma mais difícil do que esperava. Peguei-me desejando que minha mãe nunca soubesse o que havia acontecido comigo. Pensei estar preparado para a morte, mas não estava. Enquanto me esvaía em sangue, compreendi tudo o que estava perdendo. Perdia Sophia, minha família e a mim mesmo também. Não seria mais a pessoa em quem ela confiava, a quem amava.

Nunca tive tanto a perder. Nunca mais vivi ou morri desse jeito. Por mais que desejasse voltar para ela, uma parte de mim esperou que esse fosse, finalmente, o fim.

NATURALMENTE, NÃO ERA, o fim. Era, como já dizia Winston Churchill, o fim do começo. Voltei para aquela pequena aldeia na Capadócia para me encontrar com ela. Mas tinha onze anos e viajava sozinho desde o Cáucaso.

Fiquei aliviado em encontrá-la. A viúva havia morrido, mas Sophia estava em segurança. Foi suficientemente bondosa para me receber em sua casinha e me alimentar com chá, pão e mel. Não havia sinal de marido ou filhos, mas havia lindas peças de tecelagem em todas as paredes e superfícies. Sabia que eram obra da Sophia. Reconheci

nossa história conjunta em meio a árvores floridas do jardim em Pérgamo e o belo cavalo, o árabe, em que havíamos viajado até a aldeia.

Sentou-se diante de mim, na mesinha de madeira. A luz da vela e os tecidos faziam parecer que era o interior de um estojo de joias. Estava com ela, olhando-a, mas também era um desconhecido e sentia sua falta de uma forma dolorosa. Eu a vi com olhos antigos, senti coisas antigas e meu corpo infantil não sabia como reagir. Raramente senti tal desconforto entre memória e corpo, a ponto de me confundir tanto. Não sei o que queria dela. Era a mesma pessoa e eu, diferente.

Ela fez perguntas a meu respeito, naturalmente, e, enquanto eu falava, percebi que ficou impressionada. Eu via.

— Como você sabe a minha língua? — perguntou-me, confusa.

— Aprendi enquanto viajava — disse, mas ela não pareceu totalmente convencida.

Queria lhe dizer mais, mas não podia. Ninguém podia me entender. Sabia disso. Faria, no mesmo instante, com que desconfiasse de mim, que se tornasse distante e eu ansiava por estar perto, como antigamente.

Ela disse que eu devia passar a noite e continuar a viagem no dia seguinte. O cobertor que estendeu para mim era o mesmo onde havíamos dormido juntos quando eu era mais velho e ela, mais jovem, a esposa de meu irmão. Não consegui suportar o cheiro daquele cobertor.

Ela se sentou ao meu lado naquela difícil caminhada e esfregou minhas costas com grande carinho, quase como se pudesse lembrar. Por ter onze anos, ser solitário e guardar lembranças demais, eu chorei em meu braço e esperei que ela não visse.

Quando ergui os olhos sob a luz da manhã, vi o velho pedaço retorcido de pergaminho preso na parede. Era o esboço que eu havia feito para ela dos mosaicos do batistério. O jardim, a macieira e, naturalmente, a serpente.

— Quem fez aquilo? — perguntei-lhe, apontando enquanto ela me alimentava com um café da manhã que deve ter consumido a maior parte de seus mantimentos. Sempre detestei fazer perguntas falsas, mas não consegui me conter.

Ela olhou pensativa para os desenhos.

— Um homem que conheci — disse, baixando os olhos.

— O que aconteceu com ele?

Ela balançou a cabeça, o rosto desfigurado. Segurou o queixo para mantê-lo firme.

— Não sei. Disse que voltaria para cá um dia, mas tenho quase certeza de que foi morto. — A tristeza em seu rosto era mais do que eu podia suportar.

— Ele vai voltar — disse-lhe, entre lágrimas.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei se vou poder esperar muito mais.

Percebi o que tinha feito e senti vergonha. Havia lhe dado falsa esperança. Tinha acreditado em mim e eu a desapontara. Ela não conseguia ver todo o conjunto, como eu.

Foi egoísta de minha parte prometer-lhe algo que ela não podia ver.

— Ele não se esqueceu de você. Vai encontrá-la de novo, mas pode levar mais tempo do que você pensou.

Olhou-me de uma forma estranha.

— Ele também me disse isso.

VOLTEI PARA O vilarejo de Sophia pela última vez quando estava com 19 anos. Tinha todas as intenções de provar a Sophia quem eu realmente era e que tinha voltado, como prometera. Planejei viver com ela pelo resto de nossas vidas. Já estava pronto e armado para combater todas as dúvidas e protestos. Preparei as palavras para convencê-la de que a diferença de idade não importava. Passei anos e quilômetros ensaiando tais conversas e sonhando com todo o amor que se seguiria.

Mas, quando cheguei, vi que a colina escarpada estava escurecida em alguns lugares e que uma residência nova, maior, encontrava-se no lugar de sua casinha. A maior parte do vilarejo era de construções recentes, irreconhecíveis. Finalmente encontrei o padre, na igreja de pedra, uma das poucas estruturas que me eram familiares.

— Tivemos um incêndio terrível — ele me explicou.

Mal pude ouvir quando me contou como haviam perdido a maior parte das casas e quase a metade dos moradores.

— E Sophia? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

Voltei ao lugar onde ficava sua casa e encontrei os novos ocupantes.

— Sobrou alguma coisa do incêndio? — perguntei-lhes, em desespero.

Não havia nada. Desorientado, fui para o deserto, refazendo a rota que havia tomado com ela, a partir de Pérgamo, mas a pé e sozinho. Senti o peso avassalador de minha memória, enquanto caminhava. Sophia havia desaparecido e tudo o que tocara havia desaparecido. As peças de tecelagem, o cobertor, meus desenhos. Tudo desaparecido sem deixar vestígios. Cabia a mim mantê-los vivos ou deixar que desaparecessem para sempre.

## ARLINGTON, VIRGÍNIA, 2006

DANIEL ESTAVA CANSADO. Cansado demais para tirar a roupa do hospital antes de se jogar na cama. Tinha voltado de um plantão de três dias, no qual havia dormido um total de quarenta minutos em uma cadeira, com a cabeça sobre a mesa e um aparelho de TV a toda, que transmitia o programa *The Newlywed Game* a alguns metros de distância. Havia regras sobre o quanto se devia trabalhar como residente, mas o hospital da Virgínia não prestava muita atenção nelas.

Ele nunca se queixava. Gostava de passar mais tempo lá do que em casa. Gostava dos velhos e gostava dos veteranos, e por estar se especializando em medicina geriátrica, eram as pessoas com quem ele passava seu tempo.

A casa, no momento, era um apartamento de um quarto em Arlington, Virgínia, com vista para o estacionamento. Sempre pensou em arranjar uma casa de verdade, em um lugar bonito. Só Deus sabia que ele tinha o dinheiro. Mas sempre arranjava lugares de merda, temporários, com contratos mensais. Dessa vez, havia um fogão completo na cozinha, mas ainda não havia usado. Tinha três armários, mas dois estavam vazios. Tinha uma grande televisão com tela de plasma e um pacote de serviços de televisão a cabo que lhe dava o direito de ver praticamente todos os jogos de futebol, beisebol, basquete e hóquei, transmitidos a qualquer hora do dia. E outros esportes também, mas ele não se interessava tanto por eles. Exceto o tênis, no meio da madrugada, quando chegava a época do Australian Open.

Dessa vez, tinha evitado a faculdade. Também tinha evitado os dois primeiros anos da escola de medicina. Falsificou os históricos acadêmicos quando pediu “transferência” para George Washington, para cursar o terceiro ano. Foi mais ou menos um mês depois de ele tentar se afogar no rio Appomattox e fracassar. Era um otário. Ele tinha muitas coisas a perder para se suicidar.

GW o recebeu de braços abertos. Era notável o quanto se podia conseguir com um pouco de audácia. Ele não teria feito nada se não soubesse que estava razoavelmente bem preparado.

Havia se formado em diversas faculdades e universidades dos Estados Unidos e da Europa. Tinha passado por treinamento médico mais de uma vez. Dúzias de vezes, se contabilizasse tudo que havia aprendido sobre ervas e medicina caseira do final da Idade Média até o Renascimento. E aquilo era surpreendentemente útil para ele. Era engraçado como as antigas práticas sempre voltavam.

Era do ritmo das iniciativas humanas inventar e aderir a uma nova abordagem, rejeitá-la totalmente uma geração depois, para então perceber como era necessária uma ou duas gerações depois, e aí apressadamente reinventá-la como novidade, em geral, sem a elegância original. Os cientistas detestavam olhar para trás por qualquer motivo.

Aquilo sempre era um motivo de espanto para ele, a devoção cega a transformar as coisas em novidades. As pessoas não pareciam perceber como era esguio o cantinho que ocupavam na história humana e que cada um que veio antes ficou exatamente naquele mesmo lugar, pensando que aquilo ali era o mundo. Se olhassem para trás, veriam uma paisagem e tanto se espalhando por suas costas, mas, em geral, ninguém fazia isso.

O síndico do prédio havia colado um cartaz sobre reciclagem na porta de seu apartamento e aquilo o fez rir. Havia uma onda de entusiasmo pela reciclagem, de tempos em tempos, mas geralmente não se estendia ao coração ou à mente. Geralmente se limitava a pneus ou garrafas. Era favorável à reciclagem, é claro. Mas o que aconteceria se as pessoas soubessem que *elas* eram recicladas? Mudaria alguma coisa?

Havia algumas coisas básicas que às vezes ele queria dizer para as pessoas. Talvez escrevesse um livro de autoajuda qualquer dia. Ensinaria às pessoas sobre reciclagem e também destacaria pontos práticos, como o fato de que cada momento gasto com preocupações com desastres aéreos ou ataques de tubarões é um momento perdido.

DANIEL NÃO CONSEGUIA pegar no sono quando tinha vontade. Por mais cansado que estivesse, o cérebro começava a se fixar em alguma direção. Geralmente, em direção a Charlottesville, Virgínia, onde Sophia levava sua vida em paz, como ele esperava — uma paz que, com toda certeza, ele não aprimoraria se aparecesse no saguão de seu dormitório, como costumava fantasiar.

Um dia desses, voltaria a procurá-la. Costumava ter fantasias sobre esse momento. Um dia desses, saberia o que dizer para compensar a última vez. Um dia



desses, ele lhe telefonaria com uma pergunta rápida, mandaria um e-mail bem-humorado ou casualmente deixaria uma mensagem no seu mural de recados na internet, e ela não ficaria horrorizada, porque o desastre de seu último encontro pareceria ter ficado para trás. Um dia desses era o que ele tinha, porque era bem mais difícil de arruinar do que o dia de hoje.

O sono teria de pegá-lo desprevenido, se é que o pegaria naquela noite. Daí a tela grande e o pacote de TV a cabo.

Ele subiu no sofá, munido com o fiel controle remoto. Os Lakers jogavam contra os Spurs nos play-offs. Não era decisivo, mas ainda bom de assistir. Parou para ver mais um episódio do show de Kobe Bryant com certa sensação de relaxamento. Pensou na história de Kobe. Não era uma alma novinha em folha, mas era jovem, ele percebia. Em geral, eram os melhores atletas. Estavam por aí por tempo suficiente para verem os grandes padrões, mas não por tempo demais, a ponto de se sentirem sobrecarregados. Havia exceções, naturalmente. Shaq tinha acabado de sair da caixa e Tim Duncan, ele tinha certeza, já estava por aí havia séculos.

Em algum momento no final do terceiro tempo, durante uma longa sequência de anúncios de carros e caminhões, Daniel começou a cochilar. Quando a imagem voltou para o jogo, com os olhos turvos, ele voltou a prestar atenção. A câmera pairou, subserviente, sobre as grandes celebridades nos assentos na lateral da quadra. Tudo bem. Era o que faziam. Os olhos começaram a se fechar de novo quando, subitamente, ele viu alguma coisa. Ergueu as costas. Piscou para poder ver com mais clareza e se inclinou para a frente. Sentiu um terrível formigamento nas extremidades.

Havia um homem logo atrás dos assentos da lateral, na segunda fileira. Era alto, usava um blazer vistoso e um corte de cabelo bem-cuidado. Seria até bem atraente, se o simples ato de vê-lo não tivesse virado o estômago de Daniel. Usava aquele corpo de uma forma rígida, como se fosse um terno caro. Agora estava de perfil, conversando com alguém. Havia olhado para a câmera por apenas um segundo, mas foi o suficiente. Daniel sentiu a adrenalina atingir sua corrente sanguínea com tanta força que parecia que os olhos vibravam na cabeça.

Nunca tinha visto aquele homem antes, mas o conhecia bem.

MAIS TARDE, SEU corpo se acalmou. A agitação daquela primeira visão cedeu a uma sensação de um leve enjoo enquanto ele tentava absorver a informação. Não era apenas a visão de Joaquim ou a lembrança de sua história o que era tão impactante. Era o fato de que Joaquim também se lembrava.

Depois de passar centenas de anos tão completamente a sós com sua memória, parecia bizarro para Daniel manter qualquer tipo de proximidade com outra pessoa que soubesse as mesmas coisas sobre o mundo que ele sabia, que até se lembrava de algumas

das primeiras vidas de Daniel, como ele se lembrava. Se tivesse sido qualquer outra alma, teria sido reconfortante.

Daniel pensou na última vez em que havia visto Joaquim, apenas de relance, na praça de um vilarejo na Hungria no século XIV. A essa altura, já havia descoberto que Joaquim também tinha a memória e ficou atento, mas Joaquim não demonstrou reconhecê-lo. Daniel esperava que ele aparecesse mais perto — como seu tio, seu pai, seu professor, seu filho, seu irmão de novo —, como costumava acontecer com pessoas importantes. Mas, ao contrário da maioria das coisas que ele temia, isso não havia acontecido. A princípio, Daniel imaginava que a misantropia básica de seu irmão o mantinha no estado de morte por longos períodos de tempo. Se havia uma alma que morria distante — bem distante — era a dele. Em momentos mais bem-humorados, ele imaginava Joaquim zigzagando aleatoriamente pelo globo terrestre, aparecendo ali em Jacarta, lá em Yakutsk.

Bem mais tarde, Daniel descobriu que Joaquim tinha começado a infringir as regras de idas e vindas. Era uma ideia aterradora. Daniel não sabia como ele fazia. Tinha descoberto com a ajuda de uma alma mística, seu velho (velho *mesmo*) amigo Ben, e como Ben veio a saber de tais coisas, ele nunca compreendeu. Mas Daniel podia muito bem imaginar que Joaquim não aguentava esperar sua vez, nem suportava ter que recomeçar como um bebê indefeso. Não tolerava passar pela impotência da infância vezes seguidas. Estava voltado para a vingança e não ia deixar que a caçada aos inimigos corresse por conta do acaso, embora ele provavelmente os tivesse encontrado mais depressa se tivesse agido desse jeito.

O fato de vê-lo de novo depois de todo aquele tempo o amargurava. Daniel tinha ficado tentado em pensar que a alma de Joaquim havia se extinguido, mas naturalmente não era verdade. Tinha ódio demais para desaparecer para sempre. Daniel imaginou Joaquim usando a memória com o único propósito de executar suas vendetas ao longo dos séculos. Não era possível saber quantos desafeitos ele tinha.

Era difícil vê-lo em um corpo que ele não merecia. Era revoltante pensar no que fizera para conseguir aquilo e o que havia acontecido com o homem que o merecia. Daniel não tinha como saber quais eram os planos de Joaquim. Mas tinha uma sensação funesta de que corria perigo — e Sophia também, caso ele a encontrasse.

*N*a virada do século X, fui um remador que navegava sob a bandeira do doge, a bordo de um barco da frota de Veneza. Apareci na zona rural a leste de Ravenna naquela época e, como muitos garotos daquela parte do mundo, eu sonhava com o mar. Os venezianos eram os melhores marinheiros do mundo, pelo menos era o que acreditávamos, e com bons motivos. Fui tripulante pela primeira vez aos quinze anos e naveguei durante vinte e um anos em navios de guerra e mercantis até sofrer um naufrágio durante uma tempestade na costa de Gibraltar.

Nós, os marinheiros, esperávamos, ou melhor, tínhamos esperanças de morrer no mar, portanto era só uma questão de momento. Tive uma boa e longa carreira e não foi uma morte ruim, comparada a muitas outras. Morri afogado apenas duas vezes, e na segunda, sem a novidade, eu pouco me incomodei, para dizer a verdade.

Nossas rotas nos levavam principalmente para a Grécia e para a Ásia Menor, Sicília e Creta, e, ocasionalmente, para a Espanha e a costa norte da África. Eram lugares gloriosos naquele tempo, especialmente quando abordados pelo mar. Como disse, mantenho o mínimo possível de nostalgia, mas, à medida que passam os séculos, a brutalidade da vida desaparece e fico com a visão de navegar pelo interior do Grande Canal ao anoitecer.

Quero falar de uma viagem bastante rotineira ao porto de Iraklion (ou Candia, como nós, os venezianos, o chamavam), na ilha de Creta. Foi no início de minha

carreira. Ainda era jovem e com uma posição subalterna na hierarquia naval. Suportava longos estírcos nos remos e mais do que a minha cota como vigia no turno da noite.

De uma viagem para a outra, via-se os mesmos personagens repetidas vezes, mas sempre havia um ou dois novatos. Nesse caso, era um marinheiro ainda mais jovem do que eu, com uns quinze anos, enquanto eu tinha dezoito. Havia reparado nele não por conta de alguma coisa que ele havia dito ou feito, mas pela falta das duas coisas. Mantinha a boca fechada e fazia o trabalho com aplicação, mas observava e ouvia com atenção tudo o que se passava à sua volta. Com ele não havia tédio, nem ironia, nem insolência, nem gabolices — gêneros de primeira necessidade para o marinheiro comum. Tinha olhos grandes, inteligentes, estranhamente complexos em um rosto que, de outra forma, seria inocente. O nome era Benedetto, mas os homens o chamavam de Ben ou Benno quando lhe gritavam ordens ou zombarias, e eram essencialmente as únicas ocasiões em que alguém se dirigia a ele.

Nos primeiros turnos, não trocamos palavras. Mas senti seus olhos pesarem sobre mim, quando eu falava com outros homens. Eu percebia como ele ouvia. No quarto ou quinto turno, ele era meu único companheiro na coberta de proa e eu lutava para permanecer acordado, por isso puxei conversa.

— Você é italiano, não é? — perguntei no dialeto rústico que usávamos a bordo. Ele me olhou antes de responder.

— Sou. Nasci no sul de Nápoles.

— Terra de bons vinhos — disse eu, de forma superficial. Nunca fui bom em jogar conversa fora e nunca tinha estado em Nápoles, mas ele pareceu tímido e pouco à vontade. Como eu era ignorante!

— E você também é italiano? — perguntou, depois de um longo silêncio.

— Ravenna — respondi, com algum orgulho.

— E antes disso?

— Antes disso?

— De onde você veio antes disso?

Era uma pergunta estranha e fiquei pensando se ele suspeitava de que eu não era exatamente de Ravenna. Eu tinha um pouco mais de interesse em status, naqueles tempos, imagino eu.

— Nasci a quinze quilômetros a leste da cidade — disse em um tom um pouco defensivo.

Ele assentiu. Não havia nada de urgente, nenhuma insistência em seus modos.

— Mas antes que você nascesse a quinze quilômetros a leste de Ravenna, de onde você veio?

Fiquei mudo. Ainda me lembro de como os pensamentos voaram pela minha cabeça. Já tinha vivido muitas vezes, naquele momento. Sabia como eu era estranho, até mesmo uma aberração. Assim, tanto da minha vida interior era conduzida em um recanto remoto de minha mente que nunca me ocorreu que outra pessoa pudesse chegar perto. Seria possível que ele fosse igual a mim? Lembrava-se das coisas? Eu estava tão

acostumado a esconder isso que, quando abri a boca, literalmente não consegui articular as palavras.

Ben me olhou com curiosidade.

— Foi de Constantinopla? Sei que você deve ter passado algum tempo naquela região. Talvez antes disso? Na Grécia, talvez?

Examinei suas palavras de formas diferentes. Seria possível encaixá-las em uma interpretação comum?

— Nunca naveguei para Constantinopla... com esta frota — disse eu, lentamente.

— Não estou falando de você, como é agora, mas antes. Eu, por exemplo, nasci na Ilíria antes de Nápoles, e no Líbano antes disso.

Senti que perdia o fôlego. Perguntei-me se estava realmente acordado ou até mesmo vivo. Os marinheiros adoram falar sobre trechos encantados do mar, capazes de enlouquecer um homem são. De repente, temi estar sendo enganado.

— Não sei o que você quer dizer — falei lentamente. Minha voz parecia tão tensa que eu mal a reconhecia.

Ben tinha a cara menos cheia de truques que eu já tinha visto.

— Você deve saber. Só conheci alguns como você... como eu... muito poucos. E já passei por esta terra muitas vezes. É possível que eu esteja errado, mas não acho que é o caso.

— Como você? — disse eu, cautelosamente.

— Como eu, porque você também se lembra. É raro, eu sei, que as pessoas se lembrem de antes do nascimento. Com alguns, a lembrança se estende a uma ou duas vidas. Para outros, são apenas fragmentos. Mas a sua vai mais fundo, eu suspeito.

Olhei em volta para me assegurar que estávamos a sós. Olhei para a lua e para as estrelas para ter certeza de meu relacionamento com eles.

— Vai mais fundo — pedi.

Ele assentiu. Não havia qualquer triunfo em seus olhos. Ele nunca tinha duvidado.

— Meio milênio. Ou mais?

— É mais ou menos isso.

— Onde você começou?

— Nasci primeiro perto de Antioquia.

— Faz sentido — concordou, olhando para trás da minha cabeça, na direção do leste, onde o sol começava a sair do oceano.

— De que forma?

Ele afastou um pensamento e voltou a pousar o olhar sobre mim.

— Está quase na hora do amanhecer.

Queria dizer que nossos substitutos chegariam a qualquer momento. O rosto transmitia simpatia. Percebia que, para mim, era uma tortura maior interromper esta conversa do que tinha sido iniciá-la.

— Como você sabia? — perguntei. — Sobre mim?

— Não consigo explicar — respondeu. Os olhos não eram menos diretos. Não tinha a intenção de ser evasivo. — Eu simplesmente... sabia.

E assim fui apresentado às extraordinárias habilidades de Ben e à quase impossível missão de acessá-las.

BEN É MUITO velho. Não sei o quanto. Às vezes, penso que é como Vishnu, contendo toda a história da experiência humana em sua cabeça, mas não tenho certeza de que ele sabe como começou. Disse-me uma vez que sua primeira lembrança era da agitação das águas do rio Eufrates, mas ele é mais impressionista do que factual quando se trata desse tipo de recordação. Se ele realmente guarda nossa história em sua cabeça, temo que ela tenha sido confiada a um poeta, e não a um historiador.

— É tudo metáfora, afinal, não é? — disse-me, certa vez, com seu jeito triste.

— É? — perguntei, do meu jeito sedento por fatos.

É tão velho que sua memória funciona de uma forma diferente de todo mundo. Até da minha. Mais tarde, tornou-se um grande admirador de Lewis Carroll. (Também amava Upanishades, Aristófanes, Chaucer, Shakespeare, Tagores, Whitman, Borges, E. B. White e Stephen King, entre outros.) Uma vez, quando eu lhe atormentava querendo entender como sabia uma coisa que era impossível que soubesse, ele mencionou a seguinte frase de Carroll: “É uma memória ruim aquela que funciona apenas para trás.”

Uma vez, me contou que achava que seu primeiro nome tinha sido Deborah, mas não parecia ter certeza. Perguntei-lhe se queria que eu o chamasse assim, sabendo como meu nome havia se tornado importante para mim, mas ele disse que não, não era mais Deborah.

Ben e eu fizemos três viagens juntos, uma depois da outra, e tivemos oportunidade de conversar sobre muitas coisas. A terceira e última foi para Alexandria, o que provocou uma rica série de observações engraçadas e fragmentadas sobre Júlio César, Marco Antônio e Cleópatra, além de Ptolomeu, seu incômodo irmão caçula, que também era seu marido. Descobri que era inútil tentar compreender a mecânica de seu passado ou de sua memória de uma forma literal. Uma pergunta direta nunca gerava uma resposta direta. (“Diga a verdade, mas de forma oblíqua” se tornaria, posteriormente, sua citação preferida de Dickinson.) Mas ouvi-lo falar era um banquete de informações estranhas e fascinantes.

Tinha a melhor disposição entre todos os marinheiros que conheci e a mais profunda devoção às tarefas humildes. Nunca vi um homem tão absorto ao dar um nó. Provavelmente a pior experiência de minha vida no mar foi ouvir Ben ser surrado até ficar coberto de sangue por dois lanceiros bêbados, no recanto escuro perto de Thira. Nunca teve o temperamento certo para ser marinheiro.

Depois daquela terceira viagem, ele desapareceu e passaram-se várias centenas de anos antes que eu o visse de novo, mas antes tivemos uma conversa que me marcou ainda

mais do que as outras.

Em uma noite de pouco o que fazer, a uma centena de léguas da costa de Creta, comecei a lhe contar sobre Sophia. E assim que comecei, não houve muito o que guardei para mim. Comecei pelo fatídico princípio e contei para ele cada um de nossos encontros. Não posso descrever como era empolgante estar com alguém como eu, e como eu compartilhava pouco de mim com a maioria das pessoas. Fui para a frente e para trás, contando minha longa história, sem ter que dar explicações ou fazer pedidos de desculpa. Senti-me como um pianista, obrigado a tocar apenas em algumas teclas brancas no meio do piano, que finalmente recebe permissão para percorrer com as mãos todo o teclado.

Terminei minha história com nosso encontro mais recente, quando eu, criança, visitei a minúscula casinha na encosta de uma colina na Anatólia Central, mas foi a parte que tinha relação com meu irmão, Joaquim, que Ben insistiu em ouvir. Pediu-me para lhe contar essas partes várias vezes.

Cansei. Queria falar sobre Sophia e não sobre meu irmão. Mas Ben queria tudo sobre a história, começando com o desentendimento em minha primeira vida e arrastando-me por todos os detalhes da minha morte a punhaladas mais de duzentos anos depois. Fechou os olhos como se estivesse vendo.

— Felizmente, acabou — disse eu, por fim. — Não há razão para pensar nele de novo, se não precisar. — A vida era longa para gente como nós. Suficientemente longa para suavizar as tragédias. Era o que eu pensava naquela época.

Ben estava agachado com a testa nas mãos. Parecia balançar para a frente e para trás. Não entendi por quê. Sabia que era profundamente empático, mas aquilo era um pouco demais.

— Ben, não é tão ruim assim. É uma vida, entre muitas — lembro-me de dizer, pronto para mudar de assunto. — Vamos em frente. Perdoamos e esquecemos. Ou, pelo menos, eu perdoe e ele se esquece.

Ben ergueu a cabeça, finalmente. Olhou-me com cuidado. Eu estava acostumado com aquele olhar, mas encontrei sombras nele que eu não havia visto antes.

— Você acha que ele se esquece?

— O que você quer dizer?

— Acredito que você perdoe, mas tem certeza de que ele se esquece?

— Estou certo de que há muito se foi — disse eu, rapidamente. — Já está morto há pelo menos uma centena de anos. Não esbarrei com ele em uma nova vida até agora, mas tenho certeza de que terei esse desprazer em algum momento no futuro.

Esperava que meu tom jocoso desmanchasse o olhar preocupado no rosto de Ben, mas isso não aconteceu. Comecei a me sentir ansioso.

— O que você quer dizer? — perguntei novamente.

— Você tem certeza de que ele se esquece?

— Todos se esquecem — respondi, quase belicoso.

— Nem todo mundo.

— Eu não me esqueço, nem você, mas o resto das pessoas se esquece — fitei Ben, desesperado para ver a alegria voltar a seu olhar, mas não consegui encontrá-la. — Você sabe de alguma coisa? — perguntei, impaciente e frustrado. — Se souber, conte-me.

— Não sei, mas penso — Ben disse lentamente. — Penso nele e não acho que perdoe ou se esqueça.

— Por que você pensa assim? Joaquim não deu o menor sinal. Vivia como qualquer homem sem história — argumentei. — A memória é rara, não é? Em quase quinhentos anos, você é a única pessoa que encontrei de posse dela. E você, que nunca o conheceu, pensa que ele a tem?

Acho que queria que Ben ficasse zangado comigo, mas ele não ficou. Queria que discutisse, mas não discutiu.

— Você acha que alguém sabe que você tem a memória? — perguntou ele. — Acha que seu irmão sabe de você?

Fiquei ali com uma crescente sensação de terror. Joaquim estava presente naqueles eventos cataclísmicos de minha primeira vida. Se podia voltar com a memória até aquele momento, por que ele também não poderia? Não sabia o que dizer. Não podia discutir com Ben. Não queria pensar no que aquilo significava para mim e para Sophia, onde quer que ela estivesse.

— Espero estar errado — disse Ben, e seus olhos estavam cheios de compaixão. — Mas acho que ele se lembra.

Com frequência, no passar dos anos, esperei que Ben estivesse errado. Mas infelizmente, até onde sei, ele nunca está errado.

QUANDO PENSO EM meus dias de marinheiro, sempre penso em um cachorro que conheci em Veneza chamado Nestor. Era um vira-lata e eu costumava alimentá-lo entre as viagens. Um cachorro esperto. Sempre me encontrava no navio e me saudava, por mais tempo que eu tivesse me afastado. Uma vez, nós o levamos para o barco, para comer ratanzas em uma viagem a portos espanhóis arrasados pela peste, e ele fez um trabalho esplêndido. Eu realmente amava aquele cão.

Deve ter vivido até uma idade extraordinária para sua espécie, porque depois que morri e nasci de novo, bem na cidade, e quando tinha seis ou sete anos, perambulei até as docas, em busca de velhos amigos. Mas foi Nestor que encontrei ali. Estava velho e com artrite, mas eu sabia que era ele. E de forma espantosa, ele sabia que era eu. Tenho certeza. Farejou-me. Sacudiu o rabo com tanta força que pareceu que ele ia saltar fora. Lambeu-me, brincou comigo, pediu comida do mesmo jeito de antes. Foi uma das mais felizes experiências em minha longa vida. Senti como se fosse um Ulisses em miniatura, finalmente lembrado por alguém.



Às vezes, me pego desejando que os cães vivessem vidas tão longas quanto as das pessoas. Acho que a minha seria consideravelmente menos solitária. Mas Nestor morreu não muito depois daquele encontro. Eu ia às docas com frequência, enquanto crescia nessa vida, esperando ver Nestor em um novo corpo, como um cão jovem. Mas nunca fui capaz de identificá-lo. Agora, sei que os cães, como a maioria dos animais, não têm almas individualizadas. Têm uma alma grupal, se é possível descrevê-la assim. As abelhas e as formigas ilustram bem a ideia. Carregam consigo a sabedoria de sua espécie, um privilégio que não temos. Mas isso torna quase impossível reconhecê-los de uma vida para a outra.

Às vezes penso, e acho que Carl Jung provavelmente concordaria, que uma versão primitiva do homem, talvez o Australopithecus ou Neanderthal, tinha uma espécie de alma grupal. Acho que a verdadeira ascensão do homem, o momento em que os humanos se separaram definitivamente dos macacos e de outras criaturas, ocorreu com o nascimento da primeira alma individual. E muita infelicidade se seguiu.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2006

ELE NÃO ESTAVA completamente convencido de seu plano, mas ia em frente, de qualquer maneira. Temia vê-la. Esperava vê-la. A esperança era aquilo que se escolhia para acontecer e o medo era o que se escolhia para não acontecer. Com ele, geralmente os dois se confundiam.

Desde que havia visto Joaquim na televisão, ele vinha pensando em Sophia constantemente. É verdade que sempre fazia isso, mas agora pensava em sua segurança. Nos últimos dois anos, havia acompanhado ela a distância, muito ciente de seus movimentos, mas retardando um reencontro, com medo de chegar perto demais e causar mais danos. Agora precisava vê-la com seus próprios olhos para ter certeza de que estava bem. Um de seus piores medos era de que Joaquim a encontrasse de alguma forma e a prejudicasse. Um de seus outros piores medos era de que Joaquim encontrasse Daniel de alguma forma, e Daniel, sem suspeitar, a levasse até ele. Daniel estava dividido entre duas coisas: o desejo de protegê-la (e, assumidamente, de estar perto dela) e o medo de que sua presença a fizesse correr um risco maior.

A crueldade de Joaquim lhe forçava a ter algumas limitações, ao que parecia. Tinha uma versão da memória acoplada a uma natureza profundamente rancorosa, mas não conseguia reconhecer uma alma em um corpo diferente. “Não consegue enxergar o interior das pessoas”, foi a explicação de Ben. Mas a crueldade também oferecia algumas vantagens — o roubo de corpos, por exemplo —, e Daniel tinha a sensação perturbadora de que Joaquim vinha colecionando tais vantagens com o passar do tempo.

Daniel estacionou perto do hospital e caminhou pelo gramado até a rotunda com um sentimento de admiração. O lugar era antigo, pelos padrões desse país, e carregava a marca de um gênio. Desejou ter vivido no Novo Mundo nos tempos de Thomas Jefferson. Era um de seus períodos favoritos na história, mas na época ele passava uma vida curta e estranha na Dinamarca. A maioria de suas vidas sugeria uma coerência abrangente e alguma marca reconhecível de sua vontade, mas de vez em quando ele se pegava em algum lugar como a Dinamarca, entre desconhecidos.

Havia estudado e lido a obra de Jefferson em profundidade. Chegou a crer que havia reconhecido o homem uma vez, em 1961, durante uma manifestação em prol dos direitos civis que seguiu até Oxford, Mississippi. Daniel comprou dele chá gelado e um saco de pêssegos, numa banca da beira da estrada. O homem se apresentou como Noah. Era velho e cansado, e, segundo contou a Daniel, trabalhava a mesma terra onde o avô tinha sido escravo e o pai, meeiro. Daniel não podia ter certeza de que era mesmo Jefferson, pois nunca tinha visto o grande homem em pessoa. Ele o conhecia apenas de desenhos e retratos, o que não era um recurso completamente confiável para se distinguir uma alma, embora fossem bem melhores do que fotos. Mas Daniel sentiu aquilo com força, de uma forma intuitiva. Ainda era possível ver algumas das suas qualidades nos olhos de Noah.

Noah era uma alma exausta, naquele momento. Era provavelmente a última de suas vidas, presumiu Daniel, a última vez em sua existência notável. Para Daniel, fazia sentido que, como amante de Sally Hemings e o ambivalente proprietário de escravos, Jefferson voltasse como um negro, antes que o círculo se fechasse. Noah nunca adivinharia quem ele tinha sido. E apesar de Daniel ter ficado tentado a mencionar, ele não o fez. Era uma estranha fonte de solidão, saber coisas sobre as pessoas que elas mesmas não sabiam.

Daniel sentiu uma gota de suor descer por suas costas. O ar estava tão úmido que dava para sentir o cheiro, ouvi-lo, tocá-lo, vê-lo e praticamente mastigá-lo. Odiava sentir que o suor empapava sua melhor camisa, a camisa branca, de linho, que ela havia lhe dado quase noventa anos antes, quando era Constance. Pertencera a seu avô, o visconde. Ele guardou esta camisa de uma vida para a outra entre seus maiores tesouros e a usava raramente, pois queria preservá-la. Quando ela lhe deu, era muito grande e ele imaginou que o visconde era um gigante. Mas havia crescido tanto nesta vida que agora mal cabia nela. Nunca tinha sido tão alto antes como era nesta vida. Usava a camisa naquele dia porque a amava e porque achou, apesar de estar um tanto apertada, que ficava bem nele. (Ele raramente era vaidoso, mas o corpo tinha 21 anos, e de vez em quando levava a melhor.) Porém, a principal razão para usá-la era que ele esperava, de uma forma irracional, que a camisa pudesse lembrá-la do que ele havia significado para ela no passado. Tantos anos depois, Daniel ainda sentia o cheiro do suor, da febre do passado e do casarão onde havia morado: o verniz, a cera e um vago odor antisséptico de hospital. E em algum lugar no meio de tudo aquilo, havia o menor, o mais frágil vestígio dela. Não apenas uma representação. Era esta a verdadeira razão para ele amar a camisa.

Daniel suspeitou que o cheiro era seu único sentido extraordinário naquele corpo. Sua própria versão de um superpoder. Era o Homem do Cheiro, ou talvez, O Nariz. As orelhas não eram extraordinárias. Sabia muitas canções e podia tocar alguns instrumentos, o que não queria dizer que seu ouvido era ótimo. Tinha sido bom, até mesmo excelente, em alguns corpos, e ruim de uma forma frustrante, em outros. Ele costumava pensar que, com o passar do tempo, ele poderia forçar os limites do corpo pela pura força de vontade e experiência, mas não funcionava assim. De fato, com o tempo, ele ficou cada vez mais convencido do talento da simples biologia. Havia dons que apenas um corpo podia oferecer, e um grande ouvido musical era um deles.

Os olhos não eram extraordinários. Conseguiu identificar um imenso número de coisas que via, mas era apenas por ter visto tanta coisa sobre a Terra, sob tantas condições atmosféricas. Foi marinheiro em mais de uma vida, arrastando-se sobre a superfície aquática do planeta, minuto a minuto, naqueles lugares em que o tempo exercia um mínimo efeito. Mas seus olhos nem sempre foram tão astutos. Só conseguiu ser um artista bom de verdade em duas ocasiões.

O tato era um sentido rudimentar, que não variava tanto nem era propenso a se aprimorar com a repetição. Pelo contrário, a repetição fazia com que a pessoa sentisse menos a cada toque. Como via as coisas, a antecipação e o hábito eram os parasitas mais perversos das almas antigas e da longa experiência. Alimentavam-se da repetição e saturavam os sentidos com o passar do tempo até que nada parecia novo. Havia coisas que ele desejava poder tocar, de novo, pela primeira vez.

O olfato e o paladar, naturalmente, eram irmãos. Mais ou menos como gêmeos siameses, com o primeiro tirando o máximo dos órgãos, inclusive do cérebro. O segundo irmão era construído para dar prazer e uma ocasional advertência amarga. Porém, era o cheiro que transportava a memória. Já havia lidado o bastante com a neurologia e feito leituras recentes sobre neurociência para saber como o conceito era simplista, mas ainda pensava assim. O olfato era um buraquinho que fazia a ligação com outras partes da vida. As lembranças dos cheiros não desapareciam e provocavam um curto-circuito em toda a psicologia — não viajavam através de experiências infundáveis nem eram carregadas por qualquer parte da mente consciente. Costuravam a pessoa de uma forma imediata e completa a outros tempos, sem ligar para a sequência. Era a coisa mais próxima de uma viagem no tempo nesse planeta. Se precisasse indicar um lugar que explicasse suas habilidades incomuns, seria, provavelmente, o nariz. Teve tantos deles através dos séculos e o dom do olfato permaneceu com ele o tempo todo.

Desceu Alderman Street, passou pelo estádio e seguiu rumo aos dormitórios de Hereford College, onde ela morava. Era onde poderia vê-la. Era onde ela vivia e caminhava. A adrenalina dava a cada um dos sons uma força a mais. O zumbido de um cortador de grama. O farfalhar das árvores. Os caminhões na estrada, fora de seu campo de visão. Era a casa dela, e quanto mais se aproximava de Whyburn House, mais imaginava que estivesse impregnada por ela. A calçada, o pólen, o céu. As pessoas em direção ao prédio tinham o rosto dela, pelo menos por um momento.

Era difícil, percebeu ele, imaginar qual seria sua aparência no momento. Tinha a visualizá-la como Sophia e depois deixava a imagem evoluir em sua mente como se passasse por um processo de fotografia stop-motion. Mas ela permanecia como uma espécie de amálgama, dissolvendo-se e transformando-se em diferentes versões. Era difícil manter na mente como ela estaria naquele exato momento, se a visse passar pela calçada. O corpo era menor desta vez, pensou ele, os ossos mais leves e suaves. Da última vez, como uma velha, ela apresentava sardas, veias e manchas nas mãos, e agora a pele estava novamente límpida.

Pensou na primeira vez em que a viu nesta vida, na calçada com Marnie, quando tinha quinze anos e usava aquele short. Estava radiante como se estivesse sido eleita pelo sol. Foi antes de ele se mudar para Hopewood, antes que ela o visse pela primeira vez.

Pensou no tempo em que a observara no ateliê de cerâmica, alguns meses depois de ter chegado à escola. Não tinha a intenção de persegui-la. Havia passado no prédio de artes para se matricular em uma aula de gravura, e quando não conseguiu encontrar o professor, começou a perambular. Estava no anexo entre os dois ateliês quando notou a figura solitária diante da roda de oleiro. Queria dizer alguma coisa e não ficar ali parado, mas ficou paralisado pela visão e quando conseguiu voltar a pensar, tinha deixado muito tempo se passar. Ela não ergueu os olhos. Essa foi uma das razões para o transe paralítico dele. O pé apertava o pedal, o barro girava, as mãos moviam-se em simetria hipnótica, o sol penetrava pelas janelas sujas e os olhos dela concentravam-se em algo que ele não podia ver. Estava com lama até o cotovelo, em sua blusa e respingos no rosto e no cabelo. Ficou impressionado em ver como estava absorta naquele momento e por sentir-se impotente, incapaz de alcançá-la ali. Ficou impressionado ao admirar o terrível estado da blusa dela.

Pensou naquela noite na escola e nela, no vestido lilás com as flores no cabelo. Seu sangue disparou por todo o corpo quando ele sentiu suas mãos segurando nas dela. Com certeza, estava bela como sempre. Talvez fossem apenas seus olhos, mas o sorriso era revelador. Embora crianças muito pequenas fossem um tanto parecidas, as almas ficavam impressas nos rostos e corpos das pessoas bem depressa em uma vida, e de uma forma cada vez mais profunda, à medida que envelheciam. Uma alma amorosa sempre ficava mais bonita a longo prazo, mas a beleza real era fugaz. Costumava pensar que ela ditaria uma conservação da beleza física durante a vida de uma alma, mas não funcionava assim. A formosura era uma construção humana, e o universo não via muita utilidade nela. Sophia tinha beleza para dar e vender.

E hoje. O que faria se a visse? Era uma fantasia que ele já havia resolvido de diferentes formas. Ela pararia e o reconheceria? Caso isso não acontecesse, ele a pararia? O que diria? Vê-la seria o suficiente? Ele dizia a si mesmo que seria. Queria apenas olhá-la e saber que sua vida seguia no mesmo arco de tempo e espaço que o dele. Isso seria um conforto, quase uma espécie de intimidade. Seria errado considerar isso como uma intimidade?

Ela morava com Marnie no terceiro andar de Whyburn House. Daniel havia pesquisado de forma a saber daquilo e de nada mais. Se descobrisse mais, se sentiria como um perseguidor, mas se não fizesse nada, ia vagar como um idiota. Não queria que o conhecimento lhe favorecesse demais. Não queria mais uma desigualdade entre eles. Principalmente, queria não saber, queria se surpreender. Uma parte triste dele queria que fosse apenas uma história comum de rapaz que conhece moça e se apaixona.

Ela morava ali, naquele prédio de tijolinhos vermelhos. As portas duplas de vidro, o chão revestido com material antiderrapante. Sua caixa de correio. Uma deveria ser dela. Dava para sentir o gigantesco sistema de ar-condicionado travando uma batalha por ela.

Já tinha vivido em um dormitório no passado, mas não conseguiu se acostumar. Não tinha a mesma funcionalidade de uma barraca ou de um mosteiro, por exemplo. Estava impregnado pela sensação arbitrária e levemente coercitiva da engenharia social. E este aqui estava praticamente vazio, o que enfatizava a impressão. Ele saudou o guarda na escrivania e lançou um olhar para a folha de entradas. Tinha um nome. Não era o dela.

— Identidade, por favor — disse o guarda.

— Como?

O guarda diminuiu o som do rádio. O crachá mostrava que seu nome era Claude Valbrun.

— Você precisa me mostrar sua identidade, se não for um morador, e você não é um morador, porque se fosse eu o conheceria. — Não foi minimamente antipático. Disse aquilo com orgulho evidente.

Confuso, Daniel pegou a carteira de motorista.

— Eu... eu não... eu não estava planejando entrar no prédio — explicou.

— Então o que você está fazendo aqui?

Daniel parou. Era uma boa pergunta e ele não podia respondê-la. O guarda apontou o telefone na parede atrás de sua mesa.

— Mesmo se você só estiver querendo usar o telefone, ainda assim precisa assinar.

Ele queria usar aquele telefone? Poderia apenas tirá-lo do gancho e ligar para ela? Não sabia como lhe telefonar. Deveria pedir seu número? Claude Valbrun o daria para ele? E de qualquer maneira, o que ele estava pensando?

— Você está procurando alguém — o guarda informou, com simpatia.

Daniel assentiu.

— Por quem? — ele queria ajudar Daniel.

Daniel se sentiu como estivesse fazendo terapia. Deveria contar para ele? Não conseguia se conter. Ia chamá-la de Sophia antes de se conter.

— Lucy Broward.

— Ah. Lucy. — Ele sorriu. — Com cabelo longo. A Lucy do terceiro andar. Adoro aquela menina.

Daniel pegou-se assentindo animadamente.

— Ela me deu chocolates de Natal e uma plantinha com flores vermelhas para minha esposa. Qual era o nome da planta? — Fechou um dos olhos para pensar. — Minha memória é boa para algumas coisas e não para outras. — Fechou o outro olho. — Qual era o nome dela? Minha mulher sabia.

— Não sei — disse Daniel com honestidade. — Poinsettia? — Queria que pudessem seguir em frente.

Ele abriu os dois olhos.

— Humm. Não. Começava com C, eu acho. Ou G. Quando você for embora, vou me lembrar. De qualquer maneira, Lucy foi embora.

— Foi? — Suas esperanças desmoronaram com tanta rapidez que ele teve de perceber como as erguera tão alto. Não conseguiu esconder a decepção em seu rosto.

— Claro. A maioria está fora. O último dia de aula foi 4 de maio. Fica sossegado por aqui até que os alunos do curso de férias comecem a aparecer depois do 4 de julho.

— Vai ficar fora todo o verão? Não vai voltar para cá? — E ele tinha mesmo pensado que ia vê-la assim, com tanta facilidade?

— Ela e aquela amiga alta saíram no final da semana passada.

— Marnie?

— Isso. Marnie.

— Não sei onde ela vai morar no próximo ano. Pode ser aqui. Pode ser em outro lugar.

Daniel assentiu, sombrio. Quem sabia se ela ia sequer voltar para este campus? E se resolvesse participar de um programa de intercâmbio ou coisa parecida? Ele não tinha conseguido encontrá-la de forma alguma.

Claude pareceu lamentar sinceramente, ao devolver a carteira de motorista. Tanto, que chegava a ser constrangedor.

— Me parece que o ano letivo termina mais cedo a cada ano — filosofou Claude, sacudindo a cabeça de um jeito que deu a Daniel uma sensação de afinidade. Aqui ficava esse homem, vendo os estudantes passar, ano após ano, ficando mais jovens e mais distantes dele.

Estava na hora de Daniel devolver o documento para a carteira, dar meia-volta e sair pela porta. Agora, subitamente, ele não queria ir. Queria ficar com aquele homem simpático que gostava de Sophia. Queria que Claude continuasse tentando se lembrar do nome da flor.

Daniel sentiu como se estivesse em um jogo de esconde-esconde. O prédio não era uma pista tão quente quanto esperara — Sophia já não estava mais lá —, mas era um bocado mais quente do que quando ele voltasse lá para fora, onde a trilha voltaria a ser completamente fria.

Pôs o documento na carteira, a carteira no bolso, mas não deu meia-volta.

— Para que tipo de coisa sua memória é boa? — perguntou, tentando parecer des preocupado, simplesmente puxando conversa.

Claude deu de ombros. Parecia feliz de ter companhia.

— Rostos. E nomes.

TRÊS CERVEJAS FIZERAM com que Daniel se sentisse otimista. Talvez ela estivesse passando o verão em Charlottesville. Talvez tivesse arranjado um emprego e saído do campus por alguns meses. Talvez estivesse servindo mesas ou usando uma daquelas camisetas onde está escrito Gênio, na loja da Apple. Talvez entrasse naquele mesmo bar, se ele ficasse ali o bastante.

— Mais uma — disse ao bartender, erguendo o copo. Precisou de diversas tentativas para conseguir chamar a atenção do sujeito. Ele estava bem ocupado. Por isso tinha ficado surdo de repente e, ao mesmo tempo, perdido a visão periférica.

— Obrigado — agradeceu, quando sua quarta Bass chegou enfim, sabendo da futilidade de todos os “talvez”. Sabia que poderia tomar cinco, dez ou cinquenta cervejas Bass e ela não entraria ali. Não pertencia ao tipo de família em que se alugava um apartamento e se fingia ganhar dinheiro. Pertencia ao tipo de família em que se voltava para casa e realmente se trabalhava para ganhar dinheiro. Já tinha visto dois alunos da escola deles, um passando pela calçada, a outra despejando os peitos sobre a mesa do canto e, melancolicamente, nenhum dos dois era ela. Nada disso tinha mais qualquer relação remota com ela, e quanto mais ele bebia, mais distante ela parecia.

Era melhor assim, provavelmente. O que ele poderia lhe trazer de bom? Mas queria apenas vê-la. Teria ficado satisfeito. Era tudo o que queria.

Arrependeu-se de ter usado sua melhor camisa e de ter olhado para si mesmo no espelho, naquela manhã, com tanto prazer e esperança. No que estava pensando? Desejava ter uma camisa para trocar. Novos cheiros do bar, seu suor novo e o perfume daquela garota ali do canto se impregnariam no tecido e se sobrepujariam ao pouco que havia sobrado da presença dela ali. Odiou a ideia.

O sujeito à direita tinha um queixo duplo, usava chuteiras e estava ficando bêbado mais rápido do que ele. Havia algo de familiar e pouco agradável nele que Daniel não tinha vontade de examinar.

A quinta Bass chegou mais ou menos na hora em que a menina da mesa do canto se aproximou e sentou no banquinho à sua esquerda. Ele se esqueceu de que ela talvez se lembrasse dele até que ela se lembrou dele.

— Você estudou em Hopewood, não foi? — perguntou-lhe.

— Por um tempo. — Ela tinha dentes muito brancos. As pessoas sempre têm dentes muito brancos nos dias de hoje.

— Me lembro de você. Você era... — Tinha uma expressão agitada, como se a vodca estivesse tentando fazê-la falar e ela tentasse parar. — Deixa para lá — disse ela, maliciosamente.

Ele manteve os olhos firmes ao norte do pescoço dela.

— Tudo bem — disse, apesar de ter certeza de que ela queria que ele a bajulasse.



— Você estuda aqui? — perguntou. Ela tinha participado de alguma equipe na escola, lembrou. Podia vê-la em um daqueles uniformes com saínhas pregueadas bem curtas, virando de cabeça para baixo.

— Estudar aqui? Não. E você?

— Estudo. Logo vou entrar no terceiro ano.

Sem dúvida, ela conhecia Sophia. Começou a emanar um pequeno brilho que vinha da associação. Ele resistiu à vontade de perguntar.

— Onde você estuda?

Ele deu um longo gole na cerveja.

— Em nenhum lugar. Eu trabalho. — Não teve vontade de contar nenhuma verdade.

Aquilo pareceu diminuir um pouquinho o interesse que havia nos olhos dela. Ou, pelo menos, mudou seu foco.

— Você ainda vê as pessoas de Hopewood? — perguntou.

— Não. — Ele deu mais um gole. Estava quente naquele lugar. — E você?

— Eu vejo. Um bocado. Tem umas nove pessoas da nossa turma por aqui.

Ele assentiu. O brilho dela aumentou um pouco. Comprou-lhe mais uma vodca com água tônica, por conta disso.

— Posso dizer uma coisa?

— Tudo bem — cedeu.

— A gente achava que você tinha morrido.

— É?

— Alguém viu você pular da ponte.

Daniel tentou não fazer uma expressão de desagrado. Não era sua melhor lembrança.

— Acho que se enganaram.

Ela assentiu e bebeu o drinque.

— Que bom que você não está morto.

— Puxa, obrigado.

Ela se inclinou para a frente e o beijou bem do lado da boca. Daniel sentiu a ligeira umidade de saliva e suor que ela deixou sobre sua pele.

— E aí, quem é que você ainda vê? — perguntou.

— Da nossa turma? — As pulseiras chacoalhavam a cada gesto.

— É.

Ele ouviu toda a lista até que ela chegou em Marnie, amiga de Lucy.

— Acho que me lembro dela.

— Garota esquisita. Cabelo preto e louro?

— Era amiga da... — Sentiu-se estúpido ao fingir buscar o nome da pessoa mais importante do mundo para ele.

— Quem? — Ela atravessou-o com um olhar que fez com que se sentisse transparente. — Você está falando da Lucy, não é? — A voz era inexpressiva.

Faminto como estava por ouvir algo sobre ela — que era uma traficante de drogas, um travesti, baliza de uma banda, qualquer coisa, desde que fizesse parte de seu mundo —, aquilo era estúpido demais. Levantou-se.

— Preciso mijar — balbuciou. Jogou uma nota de vinte no balcão para pagar o resto da conta.

— Aposto que você não se lembra do meu nome, não é?

Ele continuou, sem parar.

— Espere — pediu a moça. Chacoalhou um pouco mais as pulseiras, ao segurar no seu pulso. — Para onde você vai, quando sair daqui?

— Vou embora. Vou voltar para o Norte.

— Espere um pouco — pediu. — Tem uma festa na casa Deke. Venha comigo.

Sua estúpida mente de réptil se perguntou se Sophia poderia estar lá.

— Não. Preciso ir. — Ele ouviu o som da quinta ou sexta cerveja na própria voz. Precisava ir para o carro e dormir até não estar mais bêbado.

— Tem certeza? Vou pedir mais uma cerveja para você e aí você decide.

Daniel negou. Se tomasse mais uma cerveja, não seria capaz de evitar que o olhar se aprofundasse na blusa dela. E se tomasse outra depois dessa, provavelmente ia acabar no dormitório dela, rolar em uma cama de solteiro, tirar as roupas dela com os olhos fechados, pois não seria quem ele estaria imaginando. Já tinha feito aquilo antes e nunca se sentiu bem depois. Provavelmente estudava economia ou talvez ciências políticas, talvez fizesse ótimas margaritas, amasse seu pai, soubesse dar um incrível voleio de *forehand* e sabe-se lá o que mais. Mas também era o tipo de garota que era chamada pelo nome de outra, em um momento importante.

— É Ashley — gritou ela para as costas dele.

Ele mijou o equivalente a algumas cervejas e quando voltou percebeu que seu banco tinha sido ocupado pelo sujeito muito bêbado de chuteiras, que se jogava diretamente sobre o decote de Ashley. Os modos dela haviam mudado.

— Qual é o seu *problema*? — ele a ouviu dizer, enquanto o sujeito se inclinava de tal forma que o banco começava a perder o equilíbrio. O cara segurava as duas mãos dela quando ela o empurrou e o banco balançou e desabou no chão. Ashley se levantou e recuou.

— Piranha estúpida! — exclamou o sujeito, levantando-se com dificuldade. — Venha cá. Traga suas tetas de volta para cá. — As palavras se misturavam com saliva e gim.

Daniel voltou para o bar. Ficou diante do homem, enquanto Ashley pegava suas coisas. O sujeito voltou-se para Daniel.

— Que merda está errada com você?

Daniel o olhou e sua bebedeira perdeu toda a pouca graça que tinha. Prestou atenção aos olhos e as sobrancelhas do homem, seus ombros e orelhas e juntou tudo. Lembrou-se de um rosto em um bar não muito diferente daquele. Mas no inverno em... algum lugar. Frio. Devia ser em Saint Louis. O rosto tinha batom vermelho, manchado,

berrante, como as garotas costumavam usar naquele tempo. Um vestido florido com um terrível sutiã com enchimento aparecendo no decote. Ela disse que era modelo e lhe mostrou um retrato. Era um anúncio para uma revenda de carro da região. Oldsmobile, talvez. Ele se lembrou de ver muita bunda e perna, mas pouco rosto. Ela tinha muito orgulho daquela foto. Tinha ouvido dizer que ele estagiava no jornal do pai e telefonou diariamente durante um mês. “Quero ser famosa”, disse-lhe.

*Não diga nada*, foi o conselho que deu a si mesmo.

— Conheço você — afirmou ele.

— Conhece porra nenhuma.

— Conheço. Ida. Com certeza. Você não mudou. Bebe demais.

O cara tentava decidir se deveria socá-lo.

— Você gosta de posar para fotos. Tenho certeza de que ainda gosta. Ainda gosta de lingerie e sapatos. Rendas e saltos altos, essas coisas. Mas são difíceis de encontrar no seu tamanho, não é?

O bartender estava à escuta e Ashley tinha se aproximado para ouvir melhor.

Se Ida estivesse menos bêbada, teria sido capaz de ocultar seu assombro e constrangimento de uma forma melhor. Daniel não se sentia particularmente honrado em saber que estava certo. Eram coisas fáceis de se dizer sobre uma pessoa. Se havia mudança de gênero de uma vida para a outra, quase sempre implicava em alguma confusão no meio. E o exibicionismo era o tipo de comportamento neurótico que perseguiu uma pessoa de uma vida para a outra.

— Conhece porra nenhuma — disse o sujeito de novo, mas tinha se encolhido visivelmente.

O bar estava em silêncio quando Daniel saiu. Estava com vergonha de si mesmo, desapontado e cansado. Costumava fazer aquele tipo de coisa. Punia pessoas com segredos e fraquezas que elas não compreendiam. Mas tinha parado com aquilo muitas vidas atrás. Elas acabavam se esquecendo do castigo, mas ele carregava aquilo consigo.

Em sua vida anterior, aos 7 anos, ele conheceu um homem no escritório do tio que vivia atormentado pela necessidade de mandar que lhe amputassem a perna saudável acima do joelho. Todo mundo pensava que o homem era perturbado, naturalmente, inclusive ele mesmo, e nenhum médico se dispunha a realizar a cirurgia. Mas Daniel se lembrou de sua vida anterior e compreendeu. Não compreendeu tudo, mas um pouquinho. Lembrou-se de que ele havia sido um soldado e que tinha perdido a perna em Somme, aos dezessete anos. Daniel lhe contou tudo que conseguia lembrar. Mas não foi para castigá-lo ou premiá-lo. Foi por piedade.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2006

LUCY ESTAVA SOZINHA no quarto do dormitório no início de uma noite de sexta-feira em outubro, quando o telefone interno soou no corredor.

— É a Lucy?

— É.

— Oi. Aqui é o Alexander.

— Alexander? O que você está fazendo aqui? Você está aí embaixo?

— Estou. Posso subir?

— Marnie não está. Vai ficar em Blacksburg até amanhã.

— Não posso subir mesmo assim?

Lucy olhou o relógio. Olhou o pijama. Tinha planejado passar a noite na cama com Emily Brontë, mas não podia simplesmente despachar o irmão caçula de Marnie.

— Tudo bem. Me dê uns minutinhos para eu me vestir.

Ele não deu uns minutinhos. Estava batendo na porta em menos de um minuto.

Lucy o fez esperar. Quando abriu a porta, ele quase a derrubou com um abraço.

— O que você está fazendo por aqui? — perguntou-lhe de novo, quando conseguiu se soltar.

— Estou visitando universidades.

— Mesmo? Você já está na última série?

— É, já estou na última série. — Ele teria parecido magoado, se soubesse como fazê-lo. — Vou fazer 18 anos em janeiro.

— A Marnie sabe que você está aqui?

Ele deu de ombros.

— Posso ter mencionado. Tenho certeza de que mencionei.

— Pois é, é engraçado, porque ela não me disse nada e se mandou para Blacksburg.

Alexander voltou a dar de ombros, sem parecer se lastimar nem um pouco. Lucy o conhecia desde que ele era um bebê e provavelmente era a pessoa mais bem-intencionada e menos escrupulosa que ela conhecia.

— De qualquer maneira, posso ficar?

Tinha um sorriso absurdamente atraente, sempre teve.

— Seus pais sabem que você está aqui?

— Claro — confirmou, com a mesma convicção com que dizia qualquer coisa.

Ela não conseguiu conter o riso.

— Tudo bem, acho que você pode ficar. — Mal tinha acabado a frase quando ele jogou a mochila no chão, pulou na cama de Marnie e se deitou.

— Você cresceu — disse ela.

Alexander assentiu.

— Você está a mesma coisa.

— Seu cabelo cresceu mais. — Tinha um maravilhoso cabelo ruivo, encaracolado. Ela e Marnie costumavam penteá-lo quando ele era pequeno e ainda ficava quieto.

Levantou de um salto e foi olhar o terrário de Sawmill.

— Você ainda tem aquela cobra? — perguntou incrédulo.

Lucy suspirou. Naquele ritmo, a cobra viveria mais tempo do que Dana.

— Tenho. Quer ficar com ela?

Alexander riu.

— Vamos sair. Tem alguma festa? Podemos ir a um bar? Trouxe minha identidade falsa — contou, ansiosamente.

Lucy lançou um olhar comprido para *O morro dos ventos uivantes*. Estava chovendo e fazia um frio úmido, mas ela sentia que era sua obrigação de irmã mais velha mostrar a Alexander o tipo de experiência universitária com que ele, sem dúvida, vinha fantasiando.

DUAS FESTAS, UM bar e um pub depois, Lucy se sentia cansada e muito bêbada. Alexander adorava dançar e por isso eles dançaram. Lucy viu como muitas garotas prestavam atenção nele e pegou-se olhando para ele com outros olhos. Dois anos e meio pareciam uma diferença maior aos dez anos de idade, ou mesmo aos dezesseis.

Ai meu Deus, o que Marnie diria se soubesse que Lucy estava olhando para seu irmãozinho desse jeito? Ela esperava que ele não estivesse pensando nisso como um

encontro ou nada parecido. Tinha tentado encorajá-lo a dançar com outras garotas, mas ele não havia se animado.

— Estou com fome — declarou Alexander, colocando o braço em volta dela de uma forma um tanto descuidada. Tinha mais uns trinta centímetros de altura do que ela.

Quis segurá-la e ralar na pista de dança a noite inteira. Ela estava ficando acostumada com a sensação do corpo dele e não parecia um problema tão grave. Ele não tinha qualquer constrangimento.

— Eu também. Você quer uma fatia de pizza?

— Por Deus, quero sim!

Caminharam sob a chuva até um lugar em West Main Street. As luzes brilhantes lá dentro fizeram com que ela se sentisse mais bêbada ainda. De forma galante, Alexander sacou a carteira e pagou por três fatias de pizza, uma para ela e as outras para ele. Lá fora, sentaram-se em um banco e comeram como se estivessem passando fome. Lucy não sentia mais frio, mas seu suéter tinha cheiro de cachorro molhado.

— Você lembra quando a Marnie e eu fazíamos rabos de cavalo e prendíamos grampos em todo o seu cabelo?

Ele riu.

— Lembra quando Dorsey comeu seu bolo de aniversário?

— Lembra quando Tyler fez xixi na sua lata de Mountain Dew?

Alexander assentiu.

— Quando ele me entregou, a lata estava morna. Aquilo me deixou desconfiado.  
— Mastigou a pizza. — Lembra quando você ficou tomando conta de mim e fez panquecas com framboesa no jantar?

— Fiz o quê?

— Você botava framboesa em tudo.

— Não, quer dizer, eu tomei conta de você?

— Marnie ia tomar conta, mas saiu com um cara e você entrou em campo para ajudar.

— Acho que me lembro disso. Você não estava meio velho para precisar de uma babá?

— É. Eu estava com quatorze anos. Foi porque meus pais foram para um hotel festejar o aniversário de casamento.

— Foram passar o fim de semana no Greenbrier. Eu me lembro disso.

— Posso confessar uma coisa? — Pelo olhar em seu rosto, ela não tinha certeza se queria que isso acontecesse. — Eu escalei o muro da casa e vi você entrar no chuveiro.

— Ele parecia mais satisfeito consigo mesmo do que culpado.

— *Alexander.*

— Desculpas. — Ele não parecia arrependido.

Lucy sentiu o rosto esquentar.

— Não consigo acreditar que você fez isso.

— Foi errado — disse ele. — Mas valeu a pena.

Ela deu um soco em sua barriga. Ele estava rindo.

— Foi, sim. Faria de novo.

Tentou socá-lo de novo, mas ele agarrou seus braços e começou a lutar. Antes que ela pudesse se endireitar, ele começou a beijá-la.

— Alexander, pare — disse Lucy, rindo, tentando se afastar.

O garoto a beijou mais.

— Por quê? Não quero parar.

— Você é o irmão caçula de Marnie. Sou velha demais para você. — Na verdade, não queria que ele parasse e ele parecia saber disso.

A chuva começou a cair com mais força e ele segurou sua mão.

— Vamos voltar para o quarto — disse.

*De mal a pior*, percebeu ela enquanto corriam pelas ruas, rumo a Whyburn House. Não tinha a intenção de ir tão longe assim para realizar as fantasias dele sobre a vida universitária. *Não faça isso*, ordenou a si mesmo. Lembrou a si mesma que devia se comportar como uma irmã mais velha.

— Está tarde e vamos direto para a cama. Camas diferentes — esclareceu, enquanto virava a chave na fechadura da porta do quarto. — Certo? — Olhou para ele. Estava dando um sorriso maroto?

Ele a deixou sozinha o bastante para se secar, ir ao banheiro escovar os dentes e vestir um pijama de flanela nada sexy. Quando ela voltou para o quarto, ele estava estirado na cama de Marnie, de cueca, como se fosse o dono do lugar.

— Vou apagar a luz. Você fica aí desse lado ou vai precisar dormir no corredor, entendido? — Ela apagou a luz e meteu-se debaixo das cobertas.

— Você não está falando sério — disse ele, lamentoso.

*De maneira nenhuma*, pensou ela.

— Estou, sim — disse ela.

Ficou ali no escuro. Mal conseguia respirar, muito menos dormir. Não parava de ver a aparência de seu tronco, logo antes de apagar a luz. Era como se a imagem tivesse queimado suas retinas. Ele começou a cantarolar alguma coisa.

Qual era o problema? Certo, ele era jovem. Certo, era o irmão caçula de Marnie. O que estava esperando? Lá estava ele, em toda sua glória como se entregue em uma concha e ela ia tentar adormecer? Daniel tinha partido. Nunca serviu bem como desculpa e agora menos ainda. Daniel tinha sido uma ideia, uma categoria em que ninguém mais se encaixava. Alexander pertencia a uma categoria diferente. Mas a vida acontecia na categoria de Alexander. Alexander estava ali, sua boca era quente e ela queria que ele fosse para sua cama de uma forma que não parecia envolver nenhuma ideia.

— Ei, Alexander? — sussurrou.

Ele virou a cabeça.

— Oi?

— Venha para cá.

Alexander chegou na cama como se tivesse sido lançado por uma catapulta. Em uma fração de segundo, estava debaixo das cobertas, beijando-a, envolvendo-a.

*Não consigo acreditar que estou fazendo isso.*

— Se a Marnie descobrir, eu mato você — sussurrou, enquanto ele se arrastava sob o lençol. Talvez não fosse a coisa mais romântica a se dizer, mas não o abalou. Fez que sim com a cabeça encostada no umbigo dela. Tirou-lhe o pijama com uma das mãos, demonstrando a habilidade de alguém que já havia feito aquilo centenas de vezes. Provavelmente já havia feito aquilo centenas de vezes. Era sexy, atraente, descomplicado. Praticamente metade das garotas de Hopewood High School estava apaixonada por ele, segundo Marnie, e ele retribuía aquele amor. Provavelmente havia dormido com todas as garotas solteiras com idades entre quinze e trinta anos da cidade de Hopewood. E provavelmente fez tudo com tanta simpatia que ninguém pensou mal dele. Vinha a calhar que ele tivesse uma camisinha à mão. Provavelmente as amontoava nos bolsos, nos sapatos e atrás da orelha, só para se prevenir.

Lucy tinha outra preocupação premente quando ele tirou sua última meia. *Por favor*, pensou com fervor. *Por favor, não deixe que ele descubra que é minha primeira vez.*

— VOCÊ PRECISA IR — informou-lhe Lucy, de manhã, quando ele acordou.

— Por que preciso ir? — perguntou um tanto grogue. — Acho que você devia voltar para cama comigo. Gosto de fazer visitas a universidades.

— Precisa ir porque a Marnie vai voltar ao meio-dia, e se nos ver, vai imaginar o que aconteceu.

— Não, não vai.

— Ah vai, se vai.

— Lucy — reclamou.

— Se vista, cavalheiro. — Apontou para as roupas dele no chão. — Volte em outra ocasião. Aliás, quando se faz visitas a universidades, a ideia não é assistir a aulas e ter encontros com o pessoal de admissão, essas coisas?

Ele riu, quase subjugado, mas nem tanto.

— Tudo bem, certo, eu vou. — Sentou-se na cama. — Se você ficar aqui um minutinho.

— Alexander!

Ela voltou e ficou por mais de um minuto. Depois, acompanhou-o até o saguão e despachou-o. Alexander conseguiu roubar um beijo na boca completo, antes de entrar no Suburban azul da mãe.

— Até mais, Lucy — disse animadamente.

Quando voltou para o saguão, Claude, o segurança, parou-a com uma piscadela. Era o segundo ano dele no dormitório e sabia que ele não ia deixar passar sem fazer



alguma espécie de comentário.

— Namorado novo? — perguntou.

Era bem óbvio. Alexander tinha passado a noite. Não tinha certeza se seria capaz de mentir de maneira descarada.

— Não.

— Não? Rapaz bonito.

— É verdade.

— Gostei do outro, se você me dá licença.

— Que outro?

— O jovem que veio procurá-la no ano passado.

— Quem era?

— Grande como o de hoje, mas com cabelo escuro. Belo rosto. — Claude tinha um olhar pensativo. — Rosto triste.

Lucy estava ansiosa para correr para o elevador e eliminar todos os vestígios da noite de libertinagem, mas alguma coisa na voz do vigia fez com que ela parasse.

— Aquele gostava muito de você, eu acho — acrescentou Claude.

— Não faço ideia de quem seja. Onde eu estava?

— Você e sua amiga tinham saído daqui, nas férias de verão.

— E ele perguntou por mim?

— É. Ficou desapontado por não encontrar você.

Ela tentou imaginar quem seria.

— Ele voltou aqui?

— Nunca mais o vi. Não no meu turno. Prestei atenção.

— É. Você por acaso não se lembra do nome dele, não é?

— Ele não se apresentou, acho que não, mas apresentou o documento de identidade. — Claude franziu a testa e pensou por um minuto. — Acho que o nome dele era Daniel.

DE TODAS AS noites da vida de Lucy, essa era para ser aquela em que ela não dormiria pensando em Daniel. Era a noite em que sentia o corpo um pouco dolorido, um pouco como se pertencesse a outra pessoa e em que a cama ainda parecia e até cheirava levemente diferente. Era a noite em que tinha toda a intenção de adormecer pensando intensamente em Alexander: em sua generosidade, sua experiência e nas muitas sensações estranhas e empolgantes que sentiu com ele.

Mas ao arrumar o travesseiro e mudar de posição centenas de vezes, seus pensamentos voltaram a se arrastar até o saguão e ao rapaz de rosto triste que viera procurá-la e que talvez se chamasse Daniel. E mesmo naquela noite entre todas as noites, por causa do bom Claude Valbrun e de sua memória vacilante, ela se pegou deixando o corpo para trás e adormecendo novamente com a vaga ideia de Daniel.

HASTONBURY HALL,  
INGLATERRA, 1918

*P*or algumas centenas de anos, eu vinha migrando lentamente para o Oeste, como o sol. Tenho uma teoria não comprovada de que muitos de nós fazem isso. Não sei bem o motivo e nem se toda alma vive vidas suficientes para fazer a viagem. Algumas almas vivem apenas uma vez. Pelo menos uma alma, Ben, completou todo o círculo. Mas se o oriente soa antigo e sábio, e o ocidente, fútil e novo, é porque, provavelmente, existe algum respaldo para isso.

Nasci perto de Bucareste, em Montenegro, duas vezes nas cercanias de Leipzig, em Dordogne. Aprendi uma série de idiomas e de habilidades pelo caminho, como se pode imaginar. Pareço não mergulhar muito ao Sul nem subir muito ao Norte. Nasci na África apenas uma vez, no Leste, no que agora é Moçambique, e nunca me senti mais abençoado ou abandonado do que naquele lindo lugar sem remorsos. Ainda sonho com a escuridão de minhas mãos, às vezes. É uma parte do que sou. E houve uma vida gelada na Dinamarca. Mas afora esses casos, pareço percorrer a parte mais larga do hemisfério norte.

Encontrei Sophia apenas de passagem, no final de uma vida curta e arrasadora na Grécia. Viajei para Atenas, vindo de Montenegro, em uma missão comercial. Era um estadista e um mercador naquele tempo, dono de uma grande fortuna. Foi uma de uma série de vidas em que amealhei poder e dinheiro porque eu podia, e porque não podia pensar em nada mais. Precisei de meia dúzia dessas vidas para reconhecer a diferença entre um meio e um fim.

Estava muito satisfeito comigo mesmo naquela época. Tinha uma esposa gorda e duas belas amantes, uma jovem e outra, velha. Tinha um castelo que contemplava a Dalmácia e centenas de obras de arte que eu acumulava e nunca admirava. Não me esqueci de Sophia, mas o pensamento nela parecia ter ficado mais distante em minha mente.

E lá estava eu em uma rua de Atenas, com todo o meu luxo, cercado por uma escolta de homens que soltava exclamações de espanto ante a minha sagacidade e ria das minhas piadas, quando a vi. Estava no final de um beco, com pele e olhos escuros, atracada com um pedaço de pão. Provavelmente, ela o roubara, porque quando me aproximei, saiu correndo. Fui atrás dela, deixando meus acompanhantes confusos. Eu era bem gordo, sofria de gota naquela época e levei vários minutos para alcançá-la. Quando consegui, ela chorava. Abracei-a e pareceu-me que era feita de gravetos e retalhos.

— Está tudo bem — disse-lhe com uma voz tranquilizante em uma variedade de idiomas até que ela pareceu compreender. — Sou seu amigo. — Ela provavelmente tinha seis ou sete anos, mas parecia bem mais jovem por estar passando fome. Não queria vir comigo, por isso fiquei sentado ao lado dela. Queria comprar-lhe comida, bebida e roupas, mas tive medo de deixá-la, sabendo que iria desaparecer assim que eu virasse a cabeça.

Ficamos ali por muito tempo. Conversei com ela, contei-lhe histórias que falavam sobre ela e eu, até que o sol se escondeu e a lua apareceu. Abracei-a até que adormecesse. O coração batia com tanta rapidez, a respiração era tão rápida que pus a mão em sua testa e percebi que estava ardendo em febre. Levei-a de volta para o palacete onde eu estava hospedado e chamei o melhor médico árabe da cidade. Quando a pusemos na cama, descobrimos que havia sofrido algum acidente medonho. O braço esquerdo estava praticamente amputado na altura do cotovelo. A ferida tinha sido malcuidada e estava gravemente infeccionada. Cuidei dela, fiz-lhe companhia e a vi morrer dois dias depois. Não havia nada a fazer.

Não a encontrei por muito tempo, depois disso. Não antes que se passassem quase quinhentos anos. Tive medo de que sua alma tivesse terminado. Seria difícil se recuperar daquele tipo de vida que ela havia sofrido. Enquanto algumas almas se vão por terem conquistado a completude ou o equilíbrio, outras se encerram por puro desânimo. Como disse, é o desejo, acima de tudo, que nos impele a voltar. Quando o assunto está encerrado, por bem ou por mal, geralmente é o fim.

Em meu coração sem vergonha, sempre esperei que Sophia e eu nos completássemos. Detesto essa expressão (assim como “almas gêmeas”), mas não posso pensar em uma forma melhor de dizê-lo. Sempre pensei que podia eliminar meus pecados e me tornar uma pessoa melhor com a ajuda dela. Tive o atrevimento de achar que podia amá-la mais do que qualquer outra pessoa. Sempre temi que ela encontrasse a completude sem mim e que eu ficasse por aí, estúpido e imperfeito, para sempre.

Finalmente, cheguei à Inglaterra. No último dia do século XIX, nasci no interior, perto de Nottingham. Fiquei bastante alegre de me encontrar ali. Embora o sol não se

pusesse no império britânico, nunca tinha sido seu súdito. Minha mãe cuidava dos filhos e do jardim. Tive três irmãs, uma delas havia sido um querido tio meu, na França, e outra, minha esposa, o que era constrangedor.

Meu pai trabalhava em uma indústria têxtil e tinha a corrida de pombos como hobby. Tinha um aviário atrás da casa e sua criação estava na família havia mais de duzentos anos. Eu não me interessava por corridas ou caça, mas me fascinava pelo voo e pela capacidade que as aves tinham de voltar para casa. Também era fascinado pelo conceito de homens voadores.

Percy Pilcher, falecido piloto de planador, foi um de meus primeiros heróis, e quando tinha nove anos, lembro-me de ter acompanhado com animação o progresso de Wilbur e Orville Wright, implorando a meu pai que nos levasse a Le Mans para assistir à primeira demonstração pública.

Quando a Grande Guerra começou, tive fantasias sobre treinar pombos para transportarem mensagens e medicamentos sobre as linhas dos inimigos, e na verdade os britânicos e todos os lados envolvidos na guerra se valeram de pombos, mas eu era jovem, forte e vinha da classe trabalhadora — material perfeito para a linha de frente. Era um leal súdito da Coroa, e tão ansioso em fazer minha parte que teria me alistado para carregar explosivo aos dezesseis anos, se fosse preciso, e provavelmente teria sido morto em Passchendaele ou Verdun. Da forma como foi, precisei esperar até 1918 para entrar para a infantaria e não tive oportunidade de me confrontar com a morte até a segunda batalha de Somme, no final daquele ano. Tudo me parece muito recente.

Há muita coisa que eu poderia dizer sobre aquela época, mas conto que sofri envenenamento por gás, fui atingido por tiros naquela batalha e fiquei desacordado naquela lama infame, o mais perto que já cheguei da morte sem realmente morrer. Quando acordei, peguei-me piscando sob a luz do sol que atravessava uma imensa e antiga janela. Ao ver minha agitação — primeiro sinal de vida depois de vários dias, como fui informado depois —, uma jovem com touca branca de enfermeira correu para mim. Pisquei, ajustei a visão para ver um rosto que pairava sobre o meu, um rosto de tal beleza e tão familiar que cheguei a pensar que estava sonhando com ela. Teria acreditado que estava no paraíso se já não tivesse experimentado a vida após a morte para valer (ou a vida antes da vida ou a vida entre vidas).

Ela pôs a mão sobre a minha e, de algum modo, pensei que isso quisesse dizer que ela também se lembrava.

— Sophia — arfei com os olhos turvos, o coração envolvido por um êxtase confuso. — Sou eu.

Seu olhar não foi de reconhecimento, e sim de compaixão. Estava semimorto e desorientado, mas não tão desorientado que não percebesse.

— Meu nome é Constance — sussurrou-me. Eu podia sentir o suave toque de sua respiração sobre a minha pele. — Estou feliz porque você acordou.

Era ela. Era mesmo. Estava feliz de verdade? Foi o que me perguntei. Era possível que eu lhe fosse familiar? Tinha alguma ideia de como era importante para mim?

— O doutor Burke vai ficar tão satisfeito. Outro garoto de sua unidade despertou ontem e agora, você.

Eu era outro garoto no hospital, percebi. Era possivelmente uma morte a menos. Observei seu belo sotaque e o avental branco e limpo.

— Você é uma enfermeira? — perguntei-lhe.

— Não sou uma enfermeira formada — disse ela, ao mesmo tempo modesta e orgulhosa. — Mas estou me preparando.

Seus modos eram tão familiares, tão doces para mim. Tinha tanta vontade de lhe contar, mas não queria que sáísse correndo na outra direção antes de me dar uma chance de realmente olhar para ela.

— Onde estamos? — perguntei. Ergui os olhos para a grande janela e para o teto elegantemente ornamentado.

— Estamos em Hastonbury, Kent.

— Na Inglaterra?

— Sim, na Inglaterra.

— Parece um palácio — falei, com dificuldades para recuperar o fôlego.

— Era apenas uma casa de campo — respondeu. Os olhos se abaixaram depressa e depois voltaram para mim. — Mas agora é um hospital.

Percebi que estava sem ar e que meu peito doía terrivelmente. Outras dores vinham à superfície. Tentei me lembrar do que havia acontecido comigo. Em todos os anos em que me envolvi com a guerra, o fôlego e o gás mostarda não faziam parte do cenário. Por mais feliz que estivesse em ver Sophia, de repente me peguei temendo a forma com que ela me via.

— Estou inteiro? — perguntei.

Ela me examinou.

— Um pouco amarrotado, mas todas as partes parecem se encontrar nos devidos lugares — disse. Havia um toque audacioso de bom humor, eu estava quase certo.

— Sem queimaduras?

Ela contraiu o rosto de uma forma quase imperceptível.

— Algumas bolhas, mas nenhuma queimadura séria. Nesse ponto, você teve muita sorte.

Tentei mexer as pernas. Aquilo provocou uma onda de dor, mas ainda permaneciam junto a meu corpo e sob meu comando. Sentia a mão dela segurando a minha. Nenhuma insensibilidade ou paralisia. Comecei a ter esperanças. Tinha Sophia bem a meu lado, não estava morto nem desfigurado.

Ela pôs a mão na minha testa e senti que minha pele estava molhada de suor. Seu carinho me provocou outro tipo de dor no peito e na garganta. Teria alguma lembrança de mim?

— Vamos lá, Constance. Siga em frente com a ronda — disse uma mulher mais velha, provavelmente uma enfermeira formada, que nem de longe tinha voz, aparência ou modos tão bonitos quanto os de Sophia.

Sophia ergueu os olhos, de súbito.

— Paciente... — Ela baixou os olhos para o quadro. — D. Weston acordou, madame — disse com ansiedade. — Devo avisar ao doutor Burke?

A enfermeira não pareceu achar a notícia tão empolgante.

— Eu avisarei a ele — disse ela, olhando-me com um ar crítico.

— Sim, enfermeira Foster — respondeu Sophia.

Detestei quando Sophia retirou a mão de junto da minha e detestei quando ela se encaminhou para a cama seguinte e a colocou na testa do próximo garoto na fila. Meu pescoço doía demais para que eu pudesse virá-lo muito, mas foi o que pude ver. Ouvi a forma como ela falou com ele e como o ânimo do garoto melhorou ao vê-la.

De fato, eu era outro garoto destroçado em um hospital, e ela era uma enfermeira em treinamento, de bom coração, que fazia com que a gente pensasse no amor e que nos dava esperança. Não sabia que era Sophia e não sabia quem eu era. Mas estávamos no mesmo lugar e na mesma época de nossas vidas, e só isso me deu uma alegria inexprimível e me fez sentir uma gratidão que poderia durar algumas centenas de anos.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2007

LUCY ERROU ALGUMAS entradas, mas acabou encontrando. Fazia quase um ano exatamente desde que tinha ido até ali, e as rosas eram mais abundantes. A grama estava mais crescida. Bateu na porta do trailer, mas ninguém atendeu. Não havia outro carro além do seu à vista.

Lucy não conseguia simplesmente ir para casa. Tinha arrumado suas coisas e deixado o dormitório dois dias antes. Passou duas noites no apartamento de verão de Marnie, em Bolling Avenue, e agora o carro estava carregado, pronto para levá-la de volta a Hopewood, onde passaria os três meses seguintes. Era sua única chance. Voltou para o carro quente e sobrecarregado e esperou. *O que estou fazendo aqui?* Ela se sentia como uma perseguidora.

*Como caem os poderosos*, pensou com seus botões. Um ano atrás, ela não tinha a menor confiança em Madame Esme e agora vigiava o trailer de aparência tristonha, sem rodas, apostando no que Madame Esme poderia lhe dizer.

Lucy encostou o rosto na janela e já havia quase adormecido quando ouviu um carro parando na entrada. Era um velho Nissan vermelho, enferrujado. Lucy levou um momento para decidir que a garota que saiu era a mesma que se apresentou como Madame Esme.

Lucy saltou do carro e interceptou a garota enquanto ela se encaminhava para a porta.

— Com licença? Me desculpe por aparecer assim, mas...

A garota se virou e Lucy viu que ela usava uma camisa polo azul-marinho com um logotipo da Walmart bordado em fios brancos. O crachá dizia “oi”, seu nome era Martha.

— Vim visitar você uma vez, há um tempo — proseguiu Lucy. — Há um ano. Você usa o nome de Madame Esme, não é?

A garota assentiu lentamente. Não demonstrava nenhum sinal evidente de reconhecer Lucy, nem parecia satisfeita.

— Lamento aparecer desse jeito. Você fez uma leitura para mim. Não sei se você se lembra. Provavelmente não lembra. Provavelmente faz muitas. Então...

A garota deu de ombros. Lucy pensou que toda aquela encenação de Madame Esme tinha sido muita boba, mas olhando para trás, também tinha sido formidável e estranha. Sem ela, a menina parecia terrivelmente jovem e pequena. Lucy reparou no hematoma em seu queixo e ficou intrigada. Pegou sua mão voando para o próprio queixo, como se fosse protegê-lo.

— Escute, pensei em muitas coisas que você me disse. Esperava poder lhe fazer algumas perguntas. Ou talvez você pudesse me fazer outra sessão. Trouxe dinheiro.

A garota sacudiu a cabeça antes que Lucy pudesse terminar.

— Lamento. Não.

— Mas, será que... — a voz de Lucy tremia. Não sabia o que fazer. Sua chegada tinha sido um ato de desespero. Ela, que desdenhara, duvidara, que zombara de Madame Esme, havia finalmente capitulado. Esme/Martha era praticamente maluca, mas Lucy precisava dela. Tinha ido até o fundo do barril da sanidade. Não havia sequer pensado na humilhação adicional que havia em ser rejeitada. Não com cinquenta paus no bolso.

— Eu não poderia fazer algumas perguntas? — pediu Lucy. — Você provavelmente não se lembra de mim, mas disse um monte de coisas muito estranhas, e como eu disse, andei pensando sobre elas. Não compreendi nada, mas acho...

A garota sacudia a cabeça de novo. Lucy percebeu que a garota parecia mais incomodada do que desinteressada. Fitava Lucy cuidadosamente, enquanto ela continuava a falar.

— Você não trabalha mais no ramo? — perguntou Lucy.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é isso. É que eu não quero fazer.

— Você não precisa usar de todas as roupas, da arrumação, daquilo tudo, não é? Quer dizer, eu não me importo, se você não se importar. E se você precisar fazer aquela arrumação, eu poderia esperar. Eu poderia...

— Você deve ir embora — disse Esme/Martha, em voz baixa. Virou-se e caminhou para a porta.

O sofrimento de Lucy era avassalador. Era seu último recurso. O que se fazia quando não era possível nem sequer se render?

— Por favor — disse Lucy. — Sinto muito por ter abordado você desta forma. Entendo como pode parecer esquisito. Não tinha intenção de incomodá-la, mas se eu



pudesse... se eu pudesse voltar em uma hora melhor? Posso marcar uma consulta. Devia ter feito isso, mas não tenho seu telefone. — Lucy segurou a bolsa. — Tenho dinheiro — repetiu, com menos confiança.

A garota estava na entrada, olhando para Lucy sobre seu ombro. Lucy viu compaixão nela, mas também cautela.

— Meu nome é Lucy, mas você me chamou de Sophia. Você se lembra de mim?

— Preciso entrar — disse a garota.

Não havia outra opção para Lucy além de voltar para o carro e entrar. Não havia mais o que fazer. Por outro lado, Lucy tinha esperanças de encontrar algumas respostas. No mínimo, esperava provar para si mesma que Madame Esme falava um monte de bobagens, era tola, provavelmente dera sorte e que era impulsionada pela ganância. Também não conseguiu isso.

Abaixou-se para entrar no carro e lançou um último olhar desesperado para o trailer. Esme/Martha continuava parada na entrada. Parecia tão feliz e à vontade quanto Lucy. Lucy estava a ponto de fechar a porta, mas viu a boca da garota se mexendo. Debruçou-se para fora.

— Ele não está morto.

— Como? — Lucy perguntou, sendo tomada pelo espanto.

— Só estou dizendo. Ele não está morto.

Lucy segurava a porta com tanta força que os dedos estavam dormentes.

— Você está falando do Daniel?

A garota não disse mais nada. Entrou e fechou com força a porta, por trás dela.

HASTONBURY HALL,  
INGLATERRA, 1918

Eu vivia para os turnos de Sophia. O mingau do desjejum era uma iguaria quando ela o trazia e se tornava uma gororoba insossa quando vinha com a enfermeira Foster, Jones ou mesmo com a jovem e corpulenta Corinne. Quando Sophia tocava minha cabeça ou minhas mãos ou dava remédios, eu sentia que meu corpo virava pelo avesso. Não havia nada que eu pudesse ou quisesse esconder dela. Não tinha forças para isso.

A perspectiva de Sophia era estritamente ombros para cima, punhos para baixo. As enfermeiras mais velhas cuidavam das tarefas mais pesadas, dos penicos, da lavagem, da troca de ataduras. Eram apressadas e indiferentes, e honestamente eu me sentia frustrado por estar em suas mãos. Minha cabeça era tão cheia de experiências, de opiniões. Eu havia vivido em cidades antigas, navegado pelo mundo, lido livros no primeiro pergaminho na biblioteca de Pérgamo e precisava de um penico. Elas me viam pelo que eu era: mais um soldado de dezoito anos com um corpo arruinado.

Não estava acostumado a ficar gravemente enfermo. Tive ferimentos e dores em todas as vidas que me perseguiram, como acontece com todo mundo. Mas morri dos ferimentos graves. A ciência médica não era como nos dias de hoje. Não havia, de modo geral, uma longa transição ou um monte de fanfarra entre a vida e a morte como existe hoje.

Mas além da impaciência diante de minha própria fraqueza, confesso que me senti interessado. Imensos avanços aconteciam no campo da medicina e eu prestei atenção. Aquilo criou um tema para minhas vidas seguintes. Tenho uma inclinação

natural para a ciência, mas provavelmente o que me levou para a medicina foram os cuidados que recebi de mãos tão amadas, naquele hospital.

Agora que havia despertado e já não tinha as feridas mais recentes, fui transferido para um quarto no andar de cima. Era um cômodo amplo com paredes amarelas e mais quatro camas. Contemplava um jardim. Eu via uma fatia de verde misturada com o vermelho do outono quando me recostava na cama. As janelas eram grandes e permitiam a passagem de uma bela luz, mesmo quando chovia. Em algum lugar, sob o odor de antisséptico e de amônia, eu sentia um leve vestígio de Sophia e me agarrei nele, no fio mais tênue, em meus sonhos febris.

Minha febre piorava à noite, mas eu não me incomodava, porque Sophia, às vezes, vinha se sentar a meu lado.

— Sophia — murmurei, quando ela segurou minha mão. Era a terceira noite em meu novo quarto.

— Constance — respondeu baixinho.

Olhei-a.

— Agora seus olhos são azuis.

— Sempre foram azuis.

— Não. Eles já foram negros.

— É?

— É. Igualmente belos.

— Que alívio.

— Seu cabelo era mais longo da última vez, e não tinha essas... coisas que você usa.

— Pentas?

— É. Era mais escuro, mas seus olhos continuam iguais.

— Achei que eram negros.

— É, de cor diferente, mas os mesmos. Os mesmos no que importa. A mesma pessoa, quando se olha dentro deles.

Ela assentiu. Minhas febres eram tão altas que ela concordava com tudo.

— Da última vez em que eu a vi, você era uma garotinha. Acho que tinha seis anos.

— Como seria possível? Você não cresceu aqui em Kent, não foi? — perguntou.

— Não, eu a vi na Grécia.

— Nunca estive na Grécia.

— Já estive. Foi um tempo terrível. — Minha febre era como o soro da verdade. Senti que as lágrimas enchiam meus olhos, mas não as liberei. — Tentei ajudá-la. — Pensei em uma coisa. — Deixe-me ver seu braço. — Fechei os olhos e tentei visualizá-lo. — O braço esquerdo.

Ela o estendeu, com relutância.

— Levante a manga. Você tem uma marca ali, tenho certeza. Bem ali. — Aponte para o lugar na manga do suéter dela.

Ela me olhou com cuidado. Os pacientes não deveriam lhe pedir para mostrar mais pele e ela não deveria consentir. Mas estava curiosa. Tirou o cardigan verde, de boa lã inglesa, e ergueu bem alto a manga da roupa de algodão para me mostrar. Eu a olhava com tanta intensidade que a fiz corar.

Na parte delicada do interior do braço, um pouquinho abaixo da axila, encontrava-se uma marca de nascimento marrom longitudinal, que acompanhava a curva. Quis tocá-la, mas me contive. Era um trecho íntimo da pele de uma pessoa, raramente exposto, especialmente em se tratando de uma garota inglesa.

— Como você sabia? — perguntou. — Você a viu antes?

— Como poderia ter visto?

Ela deu de ombros.

— Na Grécia.

Ri tanto quanto meus pulmões permitiram.

— Vi. Estava pior, naquela época.

Voltei a sentir as lágrimas. Uma febre combinada com uma garota a quem se ama e a quem não se vê nos últimos quinhentos anos pode deixar uma pessoa simplesmente vulnerável.

— O que aconteceu?

Eu não queria mesmo contar.

— Odeio imaginar. Não sei. Você devia ter uma mãe negligente, se é que tinha uma mãe.

Ela ficou impressionada.

— E agora?

— Sua mãe?

Ela pareceu solene.

— Não, a marca de nascimento. Por que eu a tenho agora?

— Bem. É uma coisa estranha. A cada nascimento, o corpo começa novo em folha, basicamente zerado, mas aí a pessoa deixa suas próprias marcas nele com a passagem do tempo. Você se agarra a antigas experiências: ferimentos, injustiças e também grandes casos de amor. — Olhei-a. — E você se segura a eles com as juntas e os órgãos, e os usa sobre a pele. Carrega o passado consigo mesmo quando não se lembra dele.

— Você se lembra. — Estava me dando aquele mesmo olhar indulgente, mas parecia menos segura.

— Todo mundo se lembra.

— Porque voltamos a viver várias vezes?

— A maioria das pessoas.

— Nem todos? — A indulgência dava sinais de querer saber mais, de uma forma sincera.

— Alguns vivem apenas uma vez. Outros, umas poucas vezes. E alguns simplesmente vivem, vivem e vivem.

— Por quê?

Pousei de volta a cabeça no travesseiro.

— É difícil de explicar. Não tenho certeza do que sei.

— E você?

— Vivi muitas vezes.

— E você se lembra dessas vidas?

— Lembro. É por isso que sou diferente da maioria das pessoas.

— Vamos dizer que sim. E eu? — Parecia que ela não ia acreditar na resposta, mas a temia ligeiramente, de qualquer maneira.

— Você também viveu muitas vezes. Mas sua memória é só mediana.

— É óbvio. — Ela riu. — Você me conheceu em todas elas?

— Tentei. Mas não, não em todas.

— Por que não consigo me lembrar?

— Consegue mais do que imagina. Aquelas lembranças estão aí, em algum lugar. Você age de acordo com elas mais do que percebe. Determinam como você reage às pessoas, as coisas que ama e as coisas que teme. Muito de nosso comportamento irracional pareceria mais racional se você pudesse enxergá-lo no contexto de toda sua longa vida.

Era espantoso o que eu estava disposto a dizer se ela estivesse disposta a ouvir, e ela estava. Toquei a beira da sua manga.

— Sei o suficiente sobre você para saber que adora cavalos e que provavelmente sonha com eles. Provavelmente sonha às vezes com o deserto e talvez sonhe com um banho ao ar livre. Seus pesadelos costumam ter relação com fogo. Você tem problemas com a voz e a garganta às vezes — sempre foi seu ponto fraco...

Seu rosto estava arrebataado.

— Por quê?

— Você foi estrangulada há muito tempo.

A expressão de espanto era uma mistura de sinceridade e fingimento.

— Por quem?

— Seu marido.

— Horrível. Por que me casei com ele?

— Você não teve escolha.

— E você conheceu esse homem?

— Era meu irmão.

— Morto há muito tempo, espero.

— Sim, mas guardando rancor por todos esses anos, temo eu.

Pelo seu rosto, eu percebi que ela tentava encontrar um jeito de entender tudo isso.

— Você é um vidente? — perguntou.

Sorri e balancei a cabeça.

— Apesar de a maioria dos videntes, quando prestam, terem alguma lembrança das vidas antigas. É o que acontece com a maioria das pessoas que consideramos loucas. Um hospício é o lugar com a maior concentração de gente com memórias parciais que se pode encontrar. Têm visões e lampejos do passado, em geral, fora da ordem correta.

Ela me olhou com compaixão, perguntando-se se eu deveria estar em um hospício.

— É o que acontece com você?

— Não. Eu me lembro de tudo.

WASHINGTON, D.C., 2007

NÃO PODIA SER mais diferente do que o trailer de Madame Esme com as rosas. Era um escritório em um prédio comercial de verdade em Wisconsin Avenue em Upper Georgetown. Havia um elevador de verdade, uma sala de espera e diplomas emoldurados na parede. Lucy duvidava que Esme tivesse sequer o certificado de conclusão do ensino médio, mas este sujeito tinha diplomas de Haverford College, Cornell Medical College, Georgetown University Hospital e de mais alguns lugares.

Quando Lucy parou para pensar no assunto, chegou à conclusão de que era bem estranho encontrar-se ali. Depois de todas as terríveis experiências de Dana com psiquiatras, Lucy nunca imaginou que procuraria um por vontade própria. Mas talvez fosse por isso que parecia diferente. Dana tinha sido internada, amarrada, drogada e arrastada. Nunca havia escolhido.

De certa forma, Lucy tinha mais provas do que nunca sobre seu próprio tipo de loucura, mas o enfrentamento a fazia se sentir menos maluca do que se fugisse. Racional ou não, por causa de Daniel e de Madame Esme, começava a suspeitar que as imagens contraditórias em sua cabeça correspondiam a algum tipo de realidade e ela precisava compreender aquilo. Queria informações. Precisava delas. Esperava que criassem alguma ordem na desordem que estava à espreita em um recanto de sua mente. E, além disso, não sabia o que mais poderia tentar.

Quando o doutor Rosen entrou, ele pareceu tão sério quanto os diplomas sugeriam. Lucy se levantou, apertou sua mão, esperando que ela parecesse menos jovem

e desesperada do que se sentia.

— Então, pelo que entendi de nossa conversa telefônica, a senhorita está interessada em hipnose — disse ele, fazendo um gesto para o sofá, convidando-a a se sentar de novo.

— É. Acho que sim.

— Pode ser útil em casos de ansiedade como o que me descreveu, mas realmente funciona melhor em conjunto com a terapia e, em alguns casos, com medicamentos. — Ele dizia essas coisas quase como se fosse por obrigação.

— Eu entendo — disse Lucy com nervosismo. — Mas moro a duas horas e meia de viagem daqui e só tenho condições de arcar com uma sessão, no momento. Podemos começar pela hipnose e ver como funciona? — Lucy tinha feito pesquisa suficiente na internet para saber que o doutor Rosen tinha uma reputação de ser um tanto pouco ortodoxo em seu uso da hipnose, bem como em sua disposição para trabalhar com bons candidatos.

Ele a examinou. Fez que sim com a cabeça.

— Podemos experimentar. Algumas pessoas reagem melhor do que outras. Vamos ver qual é a sua reação.

O doutor Rosen tirou um gravador da gaveta da escrivaninha.

— A senhorita gostaria que eu gravasse? A maioria das pessoas quer ouvir a sessão mais tarde.

Lucy não tinha pensado nisso, mas parecia uma boa ideia. E se ela tivesse gravado a sessão com Madame Esme?

— Gostaria, por favor.

Ele começou fazendo com que ela se deitasse e relaxasse. Instruiu-a a se concentrar em sua caneta dourada até que os olhos se fecharam. Falou-lhe com uma voz reconfortante por algum tempo sobre relaxar e ouvir o som de sua respiração e coisas desse tipo. Depois, disse que ia guiá-la com a ajuda de uma imagem. Ia conduzi-la a uma casa, explicou, e ela lhe diria o que via ali. Lucy sentiu que se acalmava com aquela voz até sentir um profundo cansaço tomar conta de si. A próxima coisa de que teve consciência foi de caminhar por um corredor.

— Diga-me como se parece — disse o doutor Rosen com sua voz calma.

— A madeira range sob meus pés. Não quero fazer nenhum barulho — disse Lucy. Estava relatando, mais do que pensando.

— Por que não?

— Não quero que ninguém saiba que vou para o quarto dele de novo. Estou sempre me esgueirando para lá.

— O quarto de quem?

Ela não tinha certeza se não sabia ou se não queria dizer, por isso foi em frente.

— O quarto está bem diante de mim. Costumava ser o meu quarto.

— Mas não é mais?



— Não. Por causa da guerra. Agora é um hospital. — Lucy dizia as coisas sem realmente compreender o que queria dizer ou por que as dizia, mas a estranheza da situação não lhe preocupou por algum motivo.

— Quer entrar no quarto?

— Quero. Quero vê-lo.

— Então, por que não entra? — sugeriu ele.

— Tudo bem.

— Diga-me, o que vê?

Sentiu-se terrivelmente triste, de repente. Como se tivesse esquecido de alguma coisa terrível e que agora lembrava. Sentiu um doloroso nó na garganta.

— Daniel não está.

— Você está perturbada.

— Há outros três soldados. Ele não.

— Sinto muito.

Ela sentiu lágrimas nos olhos que escorreram pelo rosto.

— Por que pensei que ele estaria ali? — Estava chorando tanto que não consegui falar por um momento.

— Gostava dele.

— Eu o amava. Ele não queria me deixar. Disse que voltaríamos a nos encontrar. Disse que não me esqueceria, não importava o que acontecesse, e tenho que tentar não me esquecer dele. Foi por isso que escrevi o bilhete.

— Que bilhete?

— Escrevi um bilhete para mim mesma. Para depois. Para fazer com que eu me lembrasse. Escondi no compartimento atrás da estante do meu antigo quarto. É lá que coloquei também a carta dele.

— A carta que ele lhe escreveu?

— Sim.

— Em seu antigo quarto?

— Sim.

— Onde fica esse quarto?

— Em nossa antiga casa. A casa grande. Não é no chalé perto do rio, onde vivemos agora.

Ela descreveu a paisagem em volta da casa grande e a aldeia de Hythe, não muito distante, o rio, os galinheiros, a horta da antiga cozinha que se tornou um estacionamento de veículos por causa da guerra. Descreveu os antigos jardins, os magníficos jardins de antes.

— Antes do quê? — perguntou ele.

— Antes de mamãe morrer. Foi ela quem fez os jardins.

— Quando sua mãe morreu?

— Quando eu era pequena, mas me lembro dela.

Em algum momento, a voz lenta do médico a tirou da casa e a trouxe de volta ao escritório onde se encontravam. Falou mais sobre relaxamento e respiração. Quando lhe disse para abrir os olhos, ela abriu.

Sentiu-se desorientada, mas não estava confusa nem insegura. Sentiu que tinha chorado. Sentiu a tristeza residual, mas não a emoção real. Tentou juntar tudo.

— Lucy?

— Sim.

— Está se sentindo bem?

— Acho que sim.

— Lembra-se do que viu?

Ela voltou a pensar no assunto.

— Acho que sim. Da maior parte.

O doutor Rosen pareceu um tanto desconcertado, percebeu, quando ela se concentrou em seu rosto.

— Foi tudo muito rápido e muito profundo — disse ele.

— Foi? É o que acontece normalmente?

Ele pareceu confuso.

— Não existe uma forma normal, eu diria. Mas, com certeza, foi receptiva e... talvez surpreendentemente clara em relação ao lugar onde se encontrava e ao que via.

Ela assentiu.

— Compreende o que queria dizer? Baseou-se em alguma experiência que lhe foi familiar? — perguntou ele.

— Como uma experiência, não. Mas parecia familiar. — Baixou os olhos para ver os dedos. — O senhor chamaria isso de uma regressão?

Ele pareceu ligeiramente pouco à vontade.

— Pode ser. Pode acontecer.

— Não acho que seja um lugar onde já estive em minha vida. Mas o senhor acha que poderia ser... — Ela interrompeu a frase e ele não pareceu ter pressa de que ela concluísse.

Suspirou.

— Lucy, nosso tempo está quase no fim. Foi uma... experiência dramática, tenho certeza. Se estiver se sentindo agitada, pode aguardar na sala de espera pelo tempo que quiser.

— Acho que estou bem — disse ela. Voltou a pensar na experiência. Não parecia que aquilo tinha se passado com ela, mas também não parecia ter se passado com outra pessoa. Onde era a casa? Era um lugar onde ela já havia estado?

— O senhor acha que alguma coisa era verdade? O senhor acha que eu realmente deixei um bilhete para mim mesma? Não me lembro de nada disso. — Sentia-se estranhamente insensível ao fazer a pergunta.

O doutor Rosen parecia relutar em fazer qualquer hipótese.

— Podemos esperar que coisas estranhas e incongruentes apareçam por intermédio da hipnose. Como acontece nos sonhos. Essas informações podem ser extremamente úteis para o autoconhecimento. Mas não seria sábio considerá-las de uma forma literal. Acho que o mais sábio é pensar nelas como metáforas.

Lucy olhou direto para ele.

— Não me pareceu uma metáfora.

LUCY OUVIU A gravação da hipnose naquela noite, no quarto, com o som baixo e a porta fechada. O que lhe impressionou a princípio, e de uma forma poderosa, foi sua voz. Enquanto se imaginava descendo o corredor diante da sugestão do doutor Rosen, ela não soava mais como si mesma e começou a soar como uma inglesa. Era quase assustador. Ela ouviu aquele trecho três vezes, com o coração batendo forte, só para garantir que estava ouvindo direito, que era ela mesma quem falava. E era.

Na vida real, Lucy era terrível com sotaques. Tinha feito o papel de uma *cockney* em uma montagem escolar de *Oliver!* na oitava série, com um sotaque que escorregava e viajava por todo o mapa-múndi. Era pior que o de Dick Van Dyke em *Mary Poppins*. Mas o sotaque na gravação parecia misteriosamente sutil e consistente. Ela não conseguiria repeti-lo nem sob a mira de um revólver.

Ouviu as palavras como se outra pessoa estivesse falando, mas se lembrava de ter dito o que dizia e de ter visto o que via. A voz e as imagens eram parte dela, mas também não eram. Lembrava-se de ver a casa e, ao fechar os olhos e ouvir a gravação, deitada na cama, ela viu de novo. O corredor, a porta para o quarto. O antigo quarto de dormir dela, dizia a garota na gravação — ela.

Não estava mais sob hipnose. Não podia durar tanto, não era? O doutor Rosen disse que a havia tirado daquele estado. Desde que saíra do consultório, pegara o carro para voltar para casa e tinha feito muitas coisas normais, pensado muitos pensamentos normais. Tinha enchido o tanque e comprado um saco de Skittles. Cortou um punhado de hortênsias azuis do quintal e colocou em um vaso. Pôs água para Sawmill e tirou mais uma pele do seu viveiro de vidro. Ajudou a cozinhar e fez uma refeição cedo com a mãe. Ouviu o pai voltar para casa e o ajudou a guardar o uniforme dos confederados que ele usava no museu vivo de Chancellorsville todos os anos. Com certeza, não havia continuado a falar como uma inglesa antiquada. A voz parecia normal de novo e ela sentia, apesar do estranho e lento motim que acontecia dentro de sua cabeça, que voltava a ser ela mesma.

Mas ao fechar os olhos e ouvir a gravação, viu de novo as coisas que havia visto sob hipnose. Visualizou-se abrindo a porta do quarto. Viu o quarto como havia visto antes. Mas na gravação, a garota — ela — ficava subitamente tomada pela emoção e parava de ver com clareza. Lucy não sentia a mesma dor de então, por isso tentou dar uma olhada no quarto.

Com os olhos fechados, ela viu o leve brilho das paredes amarelas, a luz esverdeada, que passava por trás das árvores e entrava por duas janelas altas. Não sentia que estava inventando aquilo. Não sabia de onde vinha a imagem, mas era como se estivesse fazendo uma investigação, como se estivesse vasculhando algo que já se encontrava dentro de uma cabeça com riqueza de detalhes.

Não havia três soldados no quarto. Não havia mais nenhum agora, quando olhou. Chegou a contemplar uma imagem rápida e fugidia dos soldados, mas ela não durou. A imagem que ficou era de um quarto vazio com uma cama alta com um dossel, um pesado armário, uma penteadeira com um espelho embaçado sobre ela, uma fileira de prateleiras elegantes embutidas na parede do outro lado. Tinha a estranha sensação de que se pudesse chegar até aquela prateleira, poderia ler o título de todos os livros que se encontravam ali. Mas a garota — ela — não tinha ido tão longe. Ficou parada na entrada, chorando.

Lá embaixo, em sua própria casa, uma porta bateu e aquilo assustou Lucy. Sentou-se na cama, de olhos abertos, de volta a seu próprio quarto, que por acaso também tinha paredes amarelas. Fechou os olhos e tornou a abri-los. Parecia que havia voltado de um mergulho de mais de dez metros de águas turbulentas. Agora, de volta à superfície e olhando para baixo, a imagem que ela tinha era indistinta e distante. Não conseguia mais ver.

Naquela noite, sonhou com o quarto amarelo — o outro quarto amarelo. Viu Daniel nele, o que não a surpreendeu no sonho. Ele não se parecia com o Daniel que ela conhecera na escola, mas sabia que era ele mesmo. Era como costumava acontecer nos sonhos. Queria lhe dizer alguma coisa. Tinha a mesma expressão sofrida da noite do baile dos veteranos. Estava tentando lhe dizer alguma coisa, mas não conseguia produzir nenhum som. Não tinha ar em seus pulmões. Tentou e se esforçou, e ela ficou triste por ele. Então, percebeu que sabia o que ele tentava lhe dizer.

— Ah, o bilhete! — disse ela, segurando-lhe as duas mãos. — Eu sei disso.

HASTONBURY HALL,  
INGLATERRA, 1918

Não conseguia acreditar que estava morrendo. O bom doutor Burke sabia e, a princípio, não acreditei nele. Tinha certeza absoluta de que estava errado, pois o destino não podia ser tão cruel, embora eu tivesse todos os motivos para crer que o destino não presta atenção a esses detalhes. Mas com o passar dos dias, era impossível não perceber que meus pulmões pioravam ao invés de melhorar. Eu já havia morrido de tuberculose em outra ocasião. Sabia como era. E desta vez meus pulmões já estavam destroçados pelo gás. Talvez eu fosse, em todo o mundo, a pessoa com menos medo da morte, mas dessa vez eu não conseguia suportar.

Houve tantas vidas em que fiquei feliz em partir, mesmo de uma forma dolorosa. Tantas vezes fiquei ansioso em recomeçar, em ver para onde uma nova vida me levaria, na esperança de que me conduzisse de volta a Sophia. E agora que estava ao seu lado, não podia ficar.

Como eu tornaria a encontrá-la? Talvez o destino acabasse deixando que ela caísse em meu colo outra vez, mas em que ritmo? Quinhentos anos? Eu não aguentaria.

Tinha o poder de pôr um fim à minha vida. Talvez fosse errado, mas eu tinha. Por que não podia continuar a viver, se quisesse? Deveria ser capaz. Foi o que pensei. Queria viver. Nunca pedi isso ao meu corpo. Sabia de tantas coisas, a cabeça tão cheia, aquilo devia fazer alguma diferença. Eu sabia falar euscaro. Sabia tocar a porra de um cravo. Eu devia ter ganhado alguma coisa com isso. Mas não ganhei. Meu corpo não se importou.

Eu sabia que Sophia podia me deixar para trás. Podia desaparecer por séculos inteiros, sem sequer saber que eu existia. Eu procurava e lembrava, ela desaparecia e esquecia. Detestei ter de deixá-la. Agarrei-me àqueles dezessete dias como jamais havia feito.

Tudo o que podia pensar em fazer era amá-la. É tudo o que uma pessoa pode fazer.

SOPHIA TAMBÉM DEVIDA saber. Tinha um ar tristonho, questionador quando entrou no quarto naquela noite. Como se para dizer: *Você não está mesmo indo embora, não é?*

Os outros dois ocupantes do quarto tinham partido, um libertado de sua vida, e outro, transferido para perto de sua família, em Sussex. Não posso dizer que senti falta deles. Dava uma sensação diferente aos encontros que tinha com Sophia.

— Posso lhe contar um segredo? — perguntou, olhando em volta do quarto.

— Por favor.

— Este aqui era meu quarto.

Recostei-me no travesseiro.

— Era seu *quarto*? — Olhei de relance as paredes amarelas, as janelas altas com as cortinas floridas, as estantes junto da parede. Era verdade que não parecia exatamente com um hospital. — Como pode ser?

— Foi antes de ser requisitado.

— Mesmo? Você morava aqui? — Estava claro por seus modos e sotaque que ela era bem-nascida, mas eu não havia percebido o quanto era bem-nascida. Pensei nisso. — Então venho dormindo em seu quarto.

Ela fez que sim com a cabeça, de uma forma um pouquinho maliciosa.

— Gosto disso.

— Gosta?

— Gosto. Muito. E agora, onde você mora?

— Em um dos chalés perto do rio.

— Você se incomoda?

— De jeito nenhum. Ficaria feliz em permanecer por lá, mesmo depois da guerra.

— Mas você vai voltar para cá?

— Suponho que sim. Se a guerra acabar um dia.

— Você quer voltar?

Ela deu de ombros.

— Não é mais um lugar alegre. É grande demais só para mim e meu pai. E os jardins estão descuidados.

A ideia de que ela tivesse nascido naquela casa grandiosa fazia com que minhas reivindicações parecessem um tanto absurdas. Tratava-se provavelmente de Lady

Constance. Ela havia voltado a ser a esposa do magistrado e eu, o órfão descalço.

Assim que eu soube de sua relação com Hastonbury Hall, a casa passou a me fascinar. Era uma casa antiga cheia de coisas antigas. Por eu estar morrendo, ela me trouxe roupas velhas de um avô ou tio-avô e desapareceu, discretamente, enquanto eu lutava para me vestir. Por eu estar morrendo, ela concordou em me levar para dar um passeio pelos andares superiores e me mostrou os lugares onde homens e mulheres famosos haviam dormido, algumas vezes juntos.

Na tarde seguinte, trouxe-me livros da vasta biblioteca.

— Se você viveu todo o tempo que disse, provavelmente já leu todos eles.

Estudei as lombadas.

— A maioria deles. — Aponte para o Ovídio. — Li esse em latim. E o de Aristóteles, em grego.

— Então você lê latim e grego, não é? — Ela percebia pelo meu sotaque e posição social que eu não era o resultado da escola pública. Tinha aquele olhar desafiador, mas que continha um tanto de afeto também.

— Como não leria, já que estou por aí há tanto tempo?

— Que outras línguas você conhece?

Dei de ombros.

— Muitas.

— Quais?

— Pergunte-me e vou lhe dizer.

— Árabe?

— Sei.

— Russo?

— Não da forma moderna, mas sei.

Seu aceno foi ambíguo, mas divertido.

— Muito bem. E alemão?

— É claro.

— Japonês?

— Não. Bem, um pouquinho.

— Francês?

— Sim.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você está sendo sincero comigo?

— Completamente. Sempre. — Meu rosto estava mais sério do que o dela.

— É difícil crer no que você diz.

Toquei nas pontas de seus cachos e ela deixou. Fiquei feliz.

— Por que você não faz uma busca em sua biblioteca. Tente encontrar um livro em uma linguagem que eu não consiga ler.

Ela pareceu gostar do desafio. Naquela noite, me trouxe oito livros em oito idiomas e li trechos de todos, traduzindo-os para ela. Foi capaz de me testar um pouco

em latim e grego, e sabia o suficiente de italiano, francês e espanhol para se convencer.

— Mas esses são fáceis — protestei. — São apenas línguas românicas. Traga-me húngaro. Traga-me aramaico.

O olhar de provocação tinha desaparecido de seu rosto.

— Como você faz isso? — perguntou-me em voz baixa. — Você está começando a me assustar.

NO CURSO DAS noites seguintes, ela me trouxe artefatos da casa. O segundo desafio, depois dos livros e dos idiomas, foram os instrumentos musicais. Seu tataravô tinha sido um colecionador. E fui capaz de explicar a origem de todos e de tocar a maioria. Toquei um aulo, feito de osso, e uma flauta de Pã polida com uma antiga cera, e soprei uma *buccina* de um tipo que eu já havia tocado em dois momentos de minha carreira militar na Anatólia. Eram antigos demais para produzirem um som de verdade, mas pelo menos pude fazer uma demonstração.

Só podia trazer aqueles que conseguia carregar, mas uma noite, ela me levou para fora de seu antigo quarto, vestido com as calças de montaria do avô, até o cravo na sala de música para que tocasse para ela, o que fiz, com alegria. Meus dedos estavam enferrujados e, para começar, não possuíam um grande talento, mas a garota, o momento e minha memória me levaram em frente.

Depois, eu senti muita vontade de beijá-la.

— Você é extraordinário — parabenizou ela. — Como consegue?

— Você não acharia nada de extraordinário se soubesse quantos anos eu toquei. Esses dedos que eu tenho agora não conseguem me acompanhar.

— Você diz como se tivesse outros dedos.

— Tenho. Centenas. Você precisa desenvolver os músculos e ter certos dotes físicos para conseguir tocar realmente bem.

Ela desviou o olhar e fiquei com medo de ter ido longe demais com minhas centenas de dedos. O calor do momento passou e percebi que estava cansado, sem fôlego e que me sentia frustrado com meu corpo decadente e estúpido. Como poderia beijá-la?

— Honestamente, não sei como você pode ser tão jovem e fazer tantas coisas — disse ela, com suavidade.

— E quase todas são bem inúteis, não são?

— Como você pode dizer isso?

— De que me adianta tocar um aulo ou uma flauta de Pã? Estão extintos. Você não imagina quanto tempo desperdicei com cada um desses instrumentos. E agora esse conhecimento não serve para nada.

— Não foi um desperdício — disse de uma forma ardente.

Não pude deixar de sorrir ao ver seu rosto rosado, caloroso.

— Você tem razão. Deram-me uma chance de tentar impressioná-la.



Ela olhou seus dez dedos e depois olhou para mim, pensativa.

— Você não teve prazer em aprender? — perguntou. — Você não gostava de poder tocá-los?

— Faz muito tempo, mas é verdade. Adorava poder tocá-los — respondi.

— É para isso que servem.

O TERCEIRO DESAFIO foi com instrumentos náuticos. Outro de seus ancestrais tinha sido colecionador e ela me testou com eles. Eu não apenas sabia como cada um deles funcionava, como também me traziam tremendas recordações. Cada um me sugeria uma história. Velejar no Cabo da Boa Esperança durante uma tempestade, navegar nos estreitos de fogo sob um providencial teto estrelado. Contei-lhe sobre tufões colossais, aterradoras aproximações com a costa, invasões piratas e muitos afogamentos, dois deles meus. Ela adorou ouvir sobre as viagens que saíram e voltaram para Veneza e contei-lhe sobre Nestor, o cão. Ela tirou os sapatos e sentou-se na cama com os pés escondidos, ouvindo enquanto eu conseguia falar. Apoiou a cabeça em meu joelho e eu rezei para que ela não se movesse.

Suspirou quando as últimas luzes se apagaram no corredor e soube que precisava partir.

— Como um garoto de Nottingham consegue ser tão esperto ao contar histórias?

— Sou um garoto de um monte de lugares. Estou contando apenas aquilo de que me lembro.

Ela me olhou com ar crítico.

— Estou lutando para não acreditar em você. A princípio, não havia problema. Mas agora está ficando difícil. — Ela examinou meu rosto com cuidado. — Há alguma coisa em você que nunca encontrei em ninguém que já conheci. Você tem um estranho tipo de segurança. Como se realmente fosse um homem que conhece o mundo inteiro. Ou que, pelo menos, acredita nisso.

Eu ri, simplesmente feliz por ela ter me deixado segurar sua mão por tanto tempo.

— As duas coisas, imagino.

— Por que você não é famoso? Por que os escritores não estão escrevendo sobre você e os fotógrafos, tirando retratos?

Fiquei magoado e não disfarcei.

— Ninguém sabe dessas coisas sobre mim. Não conto a ninguém. Não quero ser famoso. E por que alguém acreditaria em mim?

— Porque você pode fazer coisas extraordinárias.

— Assim como muitos outros.

— Não como você.

Toquei nos curativos em minhas costelas.

— Quero viver minha vida da forma mais serena possível. Não quero ser considerado maluco. Não quero ser jogado na casa dos lunáticos, para onde vão as outras pessoas com lembranças antigas. Não conto essas coisas a ninguém.

— Mas você me contou.

Virei-me para ela. Estava sério e não podia agir de outra forma.

— Meu Deus, Sophia. Você não é qualquer pessoa. Não prestou atenção em nada do que eu lhe disse? Você pode achar que sou mais um garoto patético sob seus cuidados, e sou mesmo. Mas você é *tudo* para mim.

Estava sentado com as costas erguidas, corado, tão determinado que mal sentia os pulmões ou qualquer outra parte do corpo. Sophia tinha soltado minha mão e parecia a ponto de chorar.

— Por favor, tente acreditar em mim — pedi. — Isto não aconteceu por acaso. Você esteve comigo desde a primeira vida. Você é minha primeira lembrança sempre, o único fio em comum em todas as minhas vidas. É você quem faz de mim uma pessoa.

## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2007

LUCY PASSOU A maioria dos dias fazendo especulações solitárias. Encontrava-se atrás do balcão da Healthy Eats, misturando *smoothies* de frutas com montanhas de ingredientes para uma fila aparentemente infindável de fregueses, mas tão perdida em pensamentos que estava, basicamente, sozinha. O som do gelo esmagado no liquidificador entrava e saía de seus pensamentos. Era a trilha sonora do verão.

Não havia contado para Marnie. Mal havia contado para si mesma. Estava esperando o momento certo.

Pensava em Daniel com mais frequência. Não sabia se estava vivo ou morto, mas pensava nele de qualquer maneira. No interior de sua cabeça, era com quem ela podia falar.

Sentia que podia compreender melhor a solidão dele. Entendia tão bem que parecia que ela havia pegado isso dele, como uma febre. Bem, primeiro ela pegou a loucura. A solidão veio mais devagar. Quando você sabe que é diferente, quando seu mundo interior não faz sentido para ninguém, inclusive para você, isso naturalmente lhe afasta das pessoas. Não era possível acompanhar aquilo que as pessoas normais deveriam pensar em comparação com o que você realmente pensava e a distância entre as duas coisas só aumentava. As mais simples interações eram um pouco mais tensas, até que se desistia da maioria delas.

*Acho que talvez isso deve ser o que chamam de “doença mental”, dizia a si mesma, em alguns momentos de desânimo. Mas talvez eu esteja em busca de alguma coisa*

*verdadeira*, argumentava em seguida. *Talvez um monte de gente maluca esteja em busca de alguma coisa verdadeira*, voltava a argumentar.

Tinha desistido havia muito tempo de encontrar uma explicação racional. Procurava a explicação irracional que melhor se encaixasse com as coisas que ela havia experimentado. A consistência interna era o máximo que esperava.

Algumas pessoas achavam que era possível acessar vidas anteriores por intermédio da hipnose. Regressão a vidas passadas, era como se chamava. Naturalmente, exigia que se aceitasse a premissa de que *havia* vidas passadas, o que era uma coisa importante, mas que ela tinha deixado de lado por enquanto. Aceitava de uma forma experimental, para fins de conjectura. A conjectura era, aliás, sua companhia constante, sua nova melhor amiga.

Isto queria dizer que a garota inglesa era ela, Lucy, em uma vida passada. De fato, aquilo já era difícil de engolir, mas lá estava. Queria dizer que a casa enorme realmente existia ou havia existido em algum lugar, possivelmente na Inglaterra. Queria dizer que, no passado, ela teve uma mãe que criava jardins e que morreu quando ela era pequena. Queria dizer que houve um garoto de verdade que ela amou e que havia morrido, a quem chamava de Daniel, que em seus sonhos ela considerava ser a mesma pessoa que o Daniel do colegial.

Queria dizer que realmente existia, ou tinha existido, um bilhete deixado para... bem, para ela. Queria dizer que essas coisas existiam no mundo real e que, supostamente, poderia encontrá-las se não tivessem se perdido ou sido destruídas. Era um salto e tanto vincular as imagens em sua mente a coisas reais, do mundo, mas sua hipótese exigia isso. Queria descobrir. Não ia esquecer até descobrir. Ia continuar a perseguir sua própria maluquice. Não ia deixar que ela a perseguisse. Se houvesse um lugar real, uma casa e um bilhete, ela tentaria encontrá-los.

O verão estava mesmo se tornando uma temporada de férias, afinal de contas — férias da sanidade. Pensou rapidamente em Dana. Esperou poder fazer a viagem de volta em segurança, no final das contas.

HASTONBURY HALL,  
INGLATERRA, 1918

Ela quis saber sobre Sophia e por isso lhe contei. Não contei tudo, mas muitas coisas. Ouvia com tanta atenção que quase parecia que estava mesmo se lembrando. Pelo menos, foi o que fantasei nas horas que tinha de passar sem ela.

— E o que fizemos quando viajamos pelo deserto?

Estava brincando comigo, de certa forma, ainda me desafiando para ver quando eu ficaria esgotado. E estava se permitindo a acreditar um pouquinho em mim. Apesar de si mesma, tinha começado a crer no que eu lhe dizia sobre meu passado. Eu percebia. Mas quando perguntava sobre si, quando eu recordava de seu papel nessas aventuras, ela ainda brincava.

— A princípio, estávamos com pressa. Como disse, precisava afastá-la o mais rápido possível daquela fera que era o meu irmão.

— E aí? — Adorei quando ela tirou os sapatos e foi para cama comigo.

— Então fomos mais devagar. O deserto estava absolutamente vazio.

Começamos a nos sentir seguros. Você estava com fome. Comeu a maior parte da comida.

— Não comi.

— Ah, comeu. Garota gulosa.

— Eu pesava três toneladas?

Sacudi a cabeça, vendo-a como se parecia em minha mente.

— Nada disso. Era esguia e bela como é agora.

— Então eu fui gulosa e comi toda a comida. E aí o que aconteceu?  
— Aí eu fiz uma fogueira, montei uma tenda muito primitiva e coloquei nossos cobertores debaixo dela.

Ela assentiu.

— Então percebemos que as estrelas eram extraordinárias, por isso saímos da tenda.

— Parece ótimo. E aí?

— Fizemos amor suavemente, com o céu por testemunha. — Eu também adorava ver o rubor em suas bochechas.

— Não fizemos.

Sorri para ela.

— Você está certa. Não fizemos.

— Não fizemos? — Ela pareceu desapontada e eu ri.

— Não. — De uma forma audaciosa, toquei em seu rosto. — Eu queria.

— Talvez eu também quisesse. Por que não fizemos? — Ela levou os joelhos até o peito.

— Porque você era casada com meu irmão.

— Aquele que tentou me estrangular.

— É. Ele era violentamente ciumento, porque achou que eu estava lhe traindo e me aproveitando de você. Eu não queria que ele tivesse razão.

— Ele merecia.

— Merecia. Mas nós merecíamos mais do que isso.

Pude ver a emoção em seu rosto.

— Você acha?

— Acho. Os arrependimentos ficam com a pessoa. Deixam marcas com o tempo. Mesmo quando não há lembranças. — Toquei em seus pés cobertos por meias. Estava faminto por tocar em qualquer parte dela. — E de qualquer maneira, vamos ter a nossa chance.

**NÃO SEI** O que aconteceu com Sophia naquela noite, mas quando chegou, na manhã seguinte, estava diferente. Parecia, ao mesmo tempo, solene e urgente.

— O doutor Burke está errado. Você vai ficar bem.

Não consegui mentir para ela.

— Vai sim — disse ela, aguerrida.

— Diga isso para os meus pulmões.

— Acho que vou. — Ela me envolveu com os braços e apertou o rosto contra meu peito. Sempre pareceu demonstrar preocupação que alguém nos visse, mas não se importava agora.

Abraçou-me por muito tempo, depois me olhou.

— Lamento o que você está passando — disse ela. — Não consigo pensar na dor que você está sentindo. Você merece mais.

— Está tudo bem — disse eu, rapidamente. — Já passei por coisa pior. — Seus olhos estavam cheios de tristeza e eu não queria aquilo para nenhum de nós.

— Mas isso não faz a dor diminuir, não é?

— Faz sim — disse eu, com força. — Dor é medo e não estou com medo. Sei que vou ter um novo corpo em pouco tempo.

— Você diz isso como se seu corpo fosse um quarto de onde você pudesse entrar e sair à vontade. — Suas mãos estavam sobre meus braços. — Mas este é você.

Fiquei subitamente frustrado. Apontei o peito.

— Não sou eu. Este corpo está se acabando, mas eu não estou. — Não queria um olhar de compaixão. Detestava parecer fraco diante dela. — Eu prometo. Vou ficar saudável de novo e vou encontrá-la.

Sua expressão ficou suave. Ficou em silêncio por um tempo e me ocorreu que ela parecia mais velha do que no primeiro dia em que acordei e lhe vi.

— Merecemos coisa melhor — disse baixinho.

— Vamos ter coisa melhor.

— Vamos?

— Vamos sim. — Olhei-a com absoluta seriedade. — Não me importo com isso. Posso esperar um pouco mais, se precisar, porque sei que vou estar com você de novo e vou ficar forte de novo. Vou cuidar de você, amá-la e fazê-la feliz.

— Você me faz feliz — disse ela. Abraçou-me e percebi que eu estava chorando em seu ombro e que não queria que ela visse aquilo. Minha febre estava tão alta que era difícil não estremecer em seus braços.

— Mas tem uma coisa — disse ela, depois de um tempo, e sua voz estava mais leve.

— O quê?

— Quando você me encontrar de novo, como vou saber que é você?

— Vou lhe contar.

— E se eu não acreditar? Sou teimosa, você sabe.

Segurei-a com força.

— É sim. Mas não é impossível.

NO ÚLTIMO DIA ensolarado de minha vida, Sophia me trouxe o casaco do pai e me levou para fora. Posso me lembrar do esforço que me custou manter-me de pé e dar um passo após o outro. Afastamo-nos da casa apenas o suficiente para esquecer que era um hospital. Ela usava um chapéu de lã em azul vibrante e um vestido vermelho felpudo que parecia que a felicidade havia se materializado na ponta de meus dedos. Não tinha a

aparência de uma enfermeira, mas sim de uma bela garota sem qualquer preocupação, passeando com o namorado no jardim. Foi o que fingimos ser.

Encontramos um trecho de grama sob o sol e nos sentamos nele. Senti o calor do sol, a doçura de sua cabeça sobre meu ombro e pus meus braços em volta dela. Desejei poder me arrastar para o interior daquele momento e permanecer lá dentro, sem deixar que outro se passasse. Em silêncio enlevado, observamos uma borboleta amarela pousar na ponta de sua bota.

— Costumava ser um jardim cheio de borboletas — contou-me. — A coisa mais magnífica que você já viu. — Voltou-se para mim e sorriu. — Bem, talvez não fosse a coisa mais magnífica que *voce* já viu.

Eu ri. Adorava o som de sua voz. Queria que continuasse a falar e ela parecia saber disso.

— Havia milhares, dezenas de milhares delas, em todas as cores. E você precisava ver as flores. Eu era bem pequena, mas ficava deitada aqui e deixava que as borboletas pousassem em todo o meu corpo e tentava não rir quando sentia cócegas.

— Queria ter visto isso — disse eu, observando as lentas batidas da asa da borboleta em sua bota.

— Foi minha mãe que fez. Era famosa pelos jardins que criou.

— Era?

— Sim. E por ser linda. E imprudente.

— Imprudente?

— Gostava de velocidade. Meu pai dizia que ela tinha pernas nervosas, porque não conseguia ficar parada nem por um segundo.

Pensamos nisso durante algum tempo. Quis ser cauteloso.

— E as borboletas? O que aconteceu com elas?

— Foram embora depois que ela morreu. Meu pai não tentou cuidar dos jardins depois que ela se foi.

Minha cautelosa não havia ajudado. Desejei não ter feito aquela pergunta. Ela nos retirou do abrigo daquele momento e nos jogou de volta ao fluxo do tempo. O tempo era perda e Sophia também tinha sofrido.

Não ergueu a cabeça, mas senti a tristeza de seu corpo apertado contra o meu e estava fraco para resistir. A tristeza também tomou conta de mim.

— Eu amo você — disse-lhe. — Mais do que qualquer coisa. Sempre amei. — Senti a umidade de sua respiração. Ergui a mão até seu rosto e senti as lágrimas.

— Amo você — disse ela.

Eram as palavras que eu tinha esperado para ouvir por muitas vidas, mas elas me fizeram sentir uma dor profunda. Desejei que ela não tivesse dito nada. Já havia perdido coisas demais. Desejei ter morrido no vale enlameado do rio Somme e não fazer com que ela perdesse mais uma coisa.



DURANTE DOIS DIAS, entrei e saí de um sono febril. Sophia estava lá. Eu a via quando abria os olhos e sentia sua presença quando não conseguia. Perguntei a mim mesmo se ela teria sido demitida de suas tarefas de enfermeira, pois estava comigo com tanta frequência. Conversei com ela e ela conversou comigo, mas tenho apenas vagas lembranças do que falamos.

Então acordei. Meu corpo doía. Eu mal conseguia respirar, mas a mente estava clara. Sophia, a princípio, ficou empolgada quando me viu sentado, de olhos abertos. A inocência de sua reação foi ao mesmo tempo alegria e agonia para mim.

Mas depois de exames mais cuidadosos, ela deve ter percebido que a cor da minha pele não estava boa. A respiração não estava boa. O doutor Burke disse-lhe alguma coisa com a voz baixa, do lado de fora da porta, e seus modos mudaram quando ela voltou. Os olhos estavam bem abertos e a boca apertada em uma forma prestativa.

— De volta, você? — perguntei-lhe como uma provocação, falando em voz baixa para conter a agitação de fluidos e a tosse. — Você ainda não foi mandada embora por passar tempo demais com o paciente D. Weston?

— Não podem me mandar embora, não é? Não vão conseguir arranjar outro par de mãos. E é delicado, porque, afinal de contas, esta é a minha casa.

— Mas me diga, pelo menos as enfermeiras estão lhe fazendo passar por dificuldades?

— Acho que entendem como me sinto em relação a D. Weston. — Ela tocou na minha orelha com delicadeza. — Todas as enfermeiras dizem que você é o mais bonito que apareceu.

Sorri porque não tinha mais ar para rir.

— É o que vocês conversam?

Ela se sentou na cama em silêncio, durante algum tempo. O rosto tinha ficado solene.

— Quero ir com você. — disse ela.

Pus as mãos em sua cintura.

— O que você está querendo dizer, minha querida?

— Quero ir para onde você vai. Não tenho medo de morrer. Quero ficar junto com você e voltar junto. Você disse que as almas se apegam. Quero permanecer com você.

— Ah, Sophia. — Beijei-lhe as costelas cobertas pelo suéter. Apertei meu rosto contra sua barriga. — Você não pode tirar sua própria vida.

— Por que não?

— Porque é jovem, bela e saudável, e não pode. De qualquer maneira, o renascimento vem da vontade de viver. O suicídio é a rejeição. É o fim. Se a morte é sua verdadeira escolha, talvez você não possa voltar depois.

— Mas não quero rejeitar a vida. Não quero escolher a morte — quero viver. Quero apenas viver minha vida com você.

Peguei-lhe as mãos e olhei em seus olhos.

— Você não pode saber o quanto quero viver minha vida com você. Por enquanto, você precisa tentar viver da forma mais plena e feliz que puder. Vai se tornar uma enfermeira. Talvez uma médica. Vai se apaixonar.

— Eu me apaixonei — disse ela, com lágrimas nos olhos.

Beijei-lhe as mãos.

— Vai se apaixonar de novo. E talvez tenha filhos, fique velha e morra quando chegar a hora. E talvez você olhe para trás e se lembre de mim, de vez em quando. E quando voltar, eu vou estar lhe esperando. Vou encontrá-la.

Ela sacudia a cabeça.

— Mas de que forma? Você disse isso, mas como vai me encontrar?

— Simplesmente vou encontrar. Sempre consigo.

— Mas nem vou saber quem você é, não é? Vou tratá-lo como se fosse um desconhecido. Minha memória é apenas mediana. Não consigo ser tão boa quanto Nestor, o cão.

Ela começou a chorar e apertei-lhe o máximo que pude.

— Você não precisa saber quem eu sou. Eu vou saber quem você é.

Senti seus soluços úmidos contra meu peito.

— Eu não vou saber quem eu sou — disse ela.

ACABOU SENDO MUITO difícil localizar um rapaz chamado Daniel Grey (soletrado tanto como Grey e Gray, nas duas vezes em que foi listado pelo anuário da escola) em quem pensava de forma incessante e sobre quem não havia qualquer informação. Lucy tentou todas as buscas costumeiras da internet e encontrou um número atordoante de Daniel Grey/Gray. O único fator que restringia a busca era a idade — ela não sabia exatamente de sua data de nascimento — e aquilo não ajudava muito. A escola não tinha nenhum endereço para correspondência nem qualquer registro, mas o lado bom era que o necrotério também não tinha nenhuma informação.

Ela havia pressionado Claude, o vigia da portaria de Whyburn House, o máximo que ousava para tentar extrair informações sobre o homem misterioso que viera lhe procurar, mas a certeza inicial de Claude pareceu se desintegrar com o questionamento. Não tinha realmente certeza de que o nome era Daniel. Talvez fosse Greg. Não tinha certeza se seus olhos eram verdes. Podiam ser castanhos.

— Eu reconhecera se o encontrasse — disse ele, se desculpando.

Porém, acabou sendo bem mais fácil localizar uma jovem sem nome, morta muitos anos atrás, com base nas informações de uma vidente, um hipnotizador e no que havia na sua cabeça, mais fácil do que encontrar uma pessoa que ela havia realmente conhecido e beijado na escola. Hythe era uma cidade que existia de fato na Inglaterra e, entre um punhado de solares das vizinhanças, apenas um tinha sido usado como hospital durante a guerra. Lucy havia pensado a princípio que se tratava da Segunda Guerra

Mundial, mas a família dos proprietários não morava mais lá nos anos que antecederam o conflito. Parecia muito mais remoto estender sua busca até a Primeira Guerra Mundial, mas foi o que ela fez.

E foi assim que encontrou a ilustre Constance Rowe. Havia também uma Lucinda Rowe, sua irmã, quatro anos mais velha, mas assim que viu o nome de Constance, ela soube. Madame Esme havia dito o nome, ela tinha quase certeza. Constance era a mais jovem dona de Hastonbury Hall, filha do senhor, neta de um visconde. A casa foi usada como hospital nas duas guerras.

Os ingleses, com certeza, adoravam suas grandes casas, porque havia muita informação sobre elas, inclusive o fato de que Hastonbury ainda existia e que permanecia praticamente desabitada, neste século. Lucy passou horas sentada diante do computador, olhando fotos da casa. Fitou o portão principal, fechou os olhos e sabia como a estrada fazia uma curva para além do alcance da foto. Era estranho como ela conhecia a sombra lançada por um gigantesco conjunto de árvores à esquerda e o jeito com que a campina descia até o rio, à direita. Como sabia? Talvez não soubesse. Talvez estivesse errada. Talvez fosse apenas sua imaginação.

Sentia como se estivesse vivendo em *Matrix*. Adorava o filme. Ela e Marnie haviam assistido cinco vezes, mas isso não queria dizer que ela desejasse que aquilo se tornasse realidade.

Cada foto nova que ela via oferecia uma confirmação desanimadora. Reconheceu os contornos da biblioteca a partir dos arcos das janelas em mainéis na fachada. Depois, encontrou um retrato do interior para comprovar. Podia dizer onde ficava a sala de jantar, a sala de música, a cozinha a partir das fotos externas da casa. E depois, descobriu um mapa onde todos os cômodos estavam marcados, exatamente como ela se lembrava. Podia visualizar com clareza o jeito com que a escada subia a partir do salão central. Por mais estranho que fosse, era uma espécie de fantasia imaginar-se como parte de tal mundo.

Lucy perguntou-se o que o pai diria. Orgulhava-se por ser um sulista havia sete gerações. Esqueça a reencarnação, a vidente, o hipnotizador e tudo mais. O que ele pensaria do fato de ela ter sido inglesa tão recentemente? Provavelmente, era pior do que ter sido uma ianque.

Quanto mais Lucy descobria sobre a vida curta e trágica de Constance Rowe, menos ela se parecia com uma fantasia. De fato, com o passar dos dias, Lucy começou a sofrer por sua conta. A mãe, famosa pelos jardins e por sua natureza imprudente, morreu em um acidente automobilístico quando Constance era uma criança (tiveram um dos primeiros modelos de automóvel e sua mãe era apaixonada pela direção). O irmão mais velho foi uma das vítimas da guerra. Havia se apaixonado por um soldado sob seus cuidados (sobre essa parte, Lucy ainda não havia encontrado confirmação) que morreu de ferimentos de guerra e partiu seu coração. Tornou-se enfermeira e viajou com uma delegação de médicos e missionários para o que era, na época, o Congo Belga. Morreu de malária aos 23 anos, perto de Leopoldville.

Lucy, cuidando do liquidificador durante o dia, descobriu-se tomada por uma estranha tristeza. Não sofria por si mesma — não parecia ser exatamente isso —, mas a tristeza de Constance a cobriu como uma mortalha.

Os pensamentos começaram a vagar em outra direção. Estava doente de tanto bater *smoothies*. Tinha medo de começar a chorar se tivesse que cortar mais brotos de trigo, mas precisava trabalhar mais horas. Precisava juntar o suficiente para pagar uma passagem aérea, um hotel fuleiro e um carro de aluguel, e a libra não era nada barata. Precisava ganhar dinheiro suficiente para ir à Inglaterra antes do final do verão.

Constance foi uma pessoa de verdade. A casa era um lugar de verdade. Talvez as cartas de que falava também fossem verdadeiras e esperassem que Lucy as encontrasse. Talvez todas as informações de que precisava para encontrá-las estivessem dentro de sua cabeça.

Havia uma satisfação em estar certa e um pavor em descobrir tantos indícios de que o mundo não funcionava do jeito que você ou a maioria das pessoas achava que funcionava.

HASTONBURY HALL,  
INGLATERRA, 1919

O ANTIGO QUARTO, o quarto amarelo, tinha três novos ocupantes. Os ferimentos eram graves, os doentes estavam desanimados e precisavam de sua atenção. Não a chamavam de Sophia. Não falavam nem liam aramaico. Não contavam histórias sobre viagens a cavalo pelo deserto. Contance tentou cuidar deles mesmo assim.

O corpo de Daniel e seus poucos pertences, inclusive a camisa que ela lhe presenteara, tinham sido enviados para os pais e as irmãs, perto de Nottingham. Ele não quis entrar em contato com eles antes. Ela não sabia bem a razão. Talvez por que soubesse o tempo todo o que ia acontecer.

Constance tinha se sentado nos empoeirados degraus dos fundos e viu os homens colocarem as coisas no caminhão. Daniel não era o único. A fazendinha perto de Nottingham não era a única parada. Viu quando fecharam a parte de trás e partiram. Viu o caminhão se afastar e diminuir na distância, viu a poeira se levantar e baixar. Lembrou-se de quando o estacionamento era a horta da cozinha e ela plantava pepino, tomate, alface e abóbora.

Ele lhe deixou uma carta. Não conseguiu lê-la por diversos dias. Ela a guardou em seu antigo esconderijo, um compartimento construído na parede atrás da estante, no quarto amarelo. Sentiu-se culpada desejando que os homens doentes, que grunhiam, que não eram Daniel, saíssem de seu quarto e a deixassem com a carta e seus pensamentos.

Tentou não se deixar distrair, mas estava distraída. Tentou se lembrar dos nomes e das histórias daqueles jovens como se aquilo importasse e ela se importava, mas não

conseguia convencer sua cabeça a permanecer com eles. Pensava em Daniel, e de uma forma mais obsessiva e temerosa, pensava em sua personalidade futura, que se esqueceria dele. *Não quero esquecê-lo. Como poderei me lembrar?*

— Como é possível aprimorar uma memória mediana? — ela havia perguntado a ele, em lágrimas, dois dias antes de sua morte.

— Se você quiser muito — disse ele. — Acho que é possível.

Bem, ela queria muito mesmo. Se querer fosse poder, então teria sucesso. Mas como se fazia? Como era possível gritar para si mesma, através dos anos? Como seria possível escrever uma mensagem na alma, com tanta profundidade que ela fosse capaz de viajar através da morte e ser suficientemente audível para ser ouvida? Não estava pedindo para se lembrar de vidas inteiras. Queria apenas manter aquela única lembrança.

*Vou deixar pistas para mim mesma. Vou enviar sonhos para mim. Vou fazer com que eu me lembre.*

Pensava na morte mais do que na vida, e era errado em um lugar como aquele. Daniel tinha partido sem ela. O que estava acontecendo com ele? Estaria assustado? E se não voltasse dessa vez?

E se finalmente parasse de se lembrar? E se aquela fosse a morte capaz de fazê-lo se esquecer? Talvez na próxima vida eles passassem lado a lado por uma calçada de Madri, ou Dublin ou Nova York. Talvez parassem, se olhassem e sentissem um estranho desejo, mas nenhum dos dois saberia o motivo. Desejariam parar, mas ficariam constringidos e não saberiam o que dizer. Seguiriam por caminhos separados. Quem haveria de saber? Talvez aquilo acontecesse todos os dias com pessoas que já se amaram. Parecia indescritivelmente sombrio passar por uma tragédia que sequer poderia ser reconhecida.

A ideia de escrever uma carta para si mesma ocorreu-lhe em um devaneio matinal. Era o tipo de sonho tão vívido que parecia estar realmente acontecendo. Como quando se tem frio e se pensa que está providenciando mais um cobertor. Ou quando se tem vontade de urinar e se pensa que já se levantou para ir ao banheiro, mas na realidade isso não aconteceu.

A carta já estava pela metade quando ela abriu os olhos. Agarrou o papel e a caneta e escreveu sem pensar, como se fosse um ditado. Parecia promissor, de alguma forma, ter esse tipo de acesso a seus sonhos. Daniel disse uma vez que os sonhos estavam cheios de imagens e sentimentos de vidas antigas, e como ele se lembrava da origem, achava seus sonhos menos misteriosos do que a maioria das pessoas. Talvez esse fosse um sonho que ela pudesse guardar.

*Não sei quem você é, mas rezo para que esta carta tenha chegado às mãos certas. Rezo para que você não desdenhe as estranhas ideias que ela contém e que compreenda a ardente sinceridade com que a escrevi. Sou Constance Rowe, de Hastonbury Hall, em Kent, perto do povoado de Hythe. Faltam duas semanas para meu décimo nono aniversário. Já me chamei Sophia e tive muitos outros nomes também. Se essa carta alcançou*

*o destinatário pretendido, então eu sou você, acredito eu — seu passado, uma encarnação anterior de sua alma. Sei que parece ridículo e impossível de acreditar. Senti a mesma coisa. Mas, por favor, tente acreditar.*

*Daniel me explicou alguma coisa sobre a forma com que funcionam a vida e a morte e a vida de novo, mas não compreendo nada. Sei que existem coisas sobre você/leu que parecem sobreviver a cada morte. Suspeito que você tenha uma marca de nascimento na parte superior do braço. Provavelmente sofre de problemas de garganta. Sonha com o deserto e seus pesadelos quase sempre envolvem fogo. Talvez até sonhe comigo e com essa casa. Estou esperando que sim.*

*Encontrei Daniel aqui, na casa grande. Durante a guerra, ela foi convertida em hospital, apesar de pertencer à minha família. Ele foi ferido em Somme — na segunda batalha, não na primeira —, e eu sou assistente de enfermagem e cuidei dele. Morreu há onze dias. Quis morrer junto com ele.*

*Daniel conheceu a mim/a você antes, em muitas vidas. Lembra-se de tudo. Não sei como ele será quando você encontrá-lo, de onde ele virá, nem como será sua aparência, mas se chamará Daniel. Ele se lembrará de você, se conseguir encontrá-la, e Deus sabe como espero que a encontre. Ele irá chamá-la de Sophia e contará histórias extraordinárias. Você ficará irritada, confusa, talvez até mesmo assustada, a princípio. Obrigue-o a provar quem ele é, se precisar. Não gosta muito de se exibir, mas pode falar e ler um número impossível de línguas e sabe como utilizar todo tipo de instrumento antigo, seja musical ou científico. Sua mente é melhor do que uma enciclopédia completa. Ele saberá de coisas sobre você: o que você sonha e como se sente, e vai assombrá-la.*

*Por favor, acredite nele. Abra seu coração para ele. Ele pode fazê-la feliz. Ele sempre a amou e você já o amou com todo seu coração.*

*Constance*



LUCY ALUGOU UM carro em Heathrow e dirigiu até Hythe, uma charmosa cidadezinha com uma praia comprida, de pedrinhas cinzentas, à beira do Canal. Havia tanto sal e névoa no ar que tudo parecia úmido, até suas roupas, quando as retirou da mala. Conseguiu um minúsculo quarto sobre um restaurante em High Street. Achava que seria um pub, mas na verdade era um restaurante indiano. Depois de pouco tempo, ela não estava apenas úmida, mas tinha o cheiro singular de curry.

Apesar dos imensos esforços e das despesas necessárias para atravessar o Atlântico, das estranhas mentiras que contou para seus pobres e crédulos pais a respeito da querida amiga Constance, estudante inglesa de intercâmbio, que estava *morrendo* de vontade de vê-la, Lucy ainda relutou para fazer o percurso de quinze minutos de carro até Hastonbury. Sabia como chegar. Tinha baixado as instruções e imprimido em casa. Todo o planejamento e estratégia era uma coisa, mas agora que estava na hora de enfrentar a versão real da casa que imaginava havia dois meses e meio, Lucy ficou apreensiva. Parecia-lhe que todos os medos, todas as fantasias, todos os sonhos ruins de sua vida teriam, a partir daquele momento, potencial para se tornarem reais. Ir até Hastonbury Hall parecia-se com um acordo para ir viver em uma espécie diferente de mundo e ela não sabia se podia permitir que isso acontecesse. Se ficasse muito assustada, queria ser capaz de devolver tudo a seus lugares e voltar para casa. Era, segundo suspeitava, seu Rubicão.

Tomou uma xícara de Earl Grey e comeu dois pedaços de bolo em uma casa de chá. Comprou para Marnie e sua mãe pares de meia com dez compartimentos separados para os dedos, com a cabeça de uma rainha diferente em cada um deles.

*O que estou fazendo aqui?*, perguntou-se, marchando com dificuldade por High Street. *Estou engordando e comprando meias idiotas*. Pensou seriamente em fazer a mala, deixar o quarto sobre o restaurante indiano e ir para casa. Poderia voltar para a escola e para a vida normal. Poderia ir a festas e conversar com gente viva, de verdade. Poderia se preparar para prosseguir com os estudos. Poderia deixar para trás essa estranha vida de fantasma a qualquer momento. Poderia banir Daniel, Constance e Madame Esme de seus pensamentos.

Sentou-se em um banco e viu os pequenos carros que passavam. Poderia mesmo?

Entrou em seu minúsculo carro alugado e abriu as instruções com mãos trêmulas. Começou a viagem que havia imaginado tantas vezes.

O PORTÃO E o parque que levava até a casa não eram exatamente como ela havia imaginado. Percebeu, enquanto dirigia até a entrada, que talvez sofresse um tipo diferente de tormento nessa viagem.

Tinha vindo preparada para mandar pelos ares o universo como ele existia até então, com adrenalina lá no alto, pronta para botar mãos à obra. Mas se não houvesse motivo para isso? E se a casa não fosse especialmente familiar, se não lhe provocasse nenhuma emoção? E se não encontrasse a carta? E se não houvesse uma carta? E se sua ligação com o lugar não tivesse nada de especial? Talvez tivesse sido usado como cenário de um filme antigo que ela viu e esqueceu. Talvez seu conhecimento sobre o local pudesse ser explicado com facilidade. Aquilo parecia terrivelmente provável enquanto ela atravessou o rio assoreado, de triste aparência. Não era o Rubicão. Parou o carro e saltou.

De um modo geral, parecia-se com o que ela esperava, mas com diferenças em quase todos os detalhes. Não ajudava muito o fato de o lugar estar praticamente caindo aos pedaços. Era difícil imaginar que os jardins já tinham sido magníficos. Em um dos lados da casa, havia uma banquinha e uma loja onde se podia comprar postais e xícaras de chá com uma foto da casa. Do outro, ela sabia, vivia um velho. Era sobrinho de Constance ou coisa parecida.

Lucy caminhou para a loja. Sabia que ofereciam uma visita guiada da casa e do terreno por apenas sete libras e estava preparada.

A mulher de meia-idade que cuidava da banca também era responsável pela loja, aparentemente.

— Como posso ajudá-la? — dirigiu-se a Lucy, que estava parada na porta da loja deserta.

— Gostaria de fazer uma visita à casa, por favor? — disse Lucy, aproximando-se.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Lamento, mas nosso guia não veio hoje.

— Achei que as visitas eram às dez da manhã e às três da tarde, todos os dias — disse Lucy. — Devo voltar amanhã?

A mulher lançou um olhar muito sofrido para o outro lado da casa.

— Pode tentar. A verdade é que ele vem quando tem vontade.

Lucy não havia antecipado o problema, mas acabou se tornando uma verdadeira benção. Abriu a bolsa e pegou uma nota de dez libras com a mão.

— Sou uma estudante dos Estados Unidos. Estudo casas de campo inglesas. — Ela estendeu a nota. — Posso fazer a visita sozinha. Não me incomode. Prometo que não vou levar lama lá para dentro nem tocar em nada — disse.

A mulher hesitou, mas não por muito tempo.

— Está bem, então — disse ela, aceitando a nota. — Suponho que não há nada de errado em você fazer a visita sozinha. Apenas fique fora dos quartos com portas fechadas. E como você mesma disse, não toque em nada.

— Claro — disse Lucy. — Não vou demorar.

— Volte por aqui quando estiver de saída, está certo, querida?

— Volto, pode deixar.

A mulher apontou.

— A visita começa no interior da loja. Você só precisa ir até os fundos e entrar pela porta dupla.

— Muito obrigada — disse Lucy, sentindo um pulsar na cabeça.

Diante da loja, Lucy reparou que, além dos cartões-postais e da geleia de groselha, havia uma monografia de aparência impressionante sobre a história da casa e dos jardins. Voltou correndo até a frente da banca e deu outra nota de dez libras para a mulher.

— Também queria levar isso, por favor — disse ela, segurando o livro. Agarrou-o com a mão suada, enquanto voltava a atravessar a loja e entrava na casa.

*Meu Deus, o cheiro.* Ao entrar na casa, o cheiro foi suficiente para convencer Lucy de que não poderia conhecê-lo graças a um filme ou a uma fotografia. Não era nem doce, nem desagradável, apenas antigo. Não havia qualquer elemento identificável nele — era provavelmente uma mistura de centenas de coisas por centenas de anos —, mas ela o conhecia, com toda certeza. Sugeriu um sentimento, uma disposição de espírito, um estranho tipo de dor que vinha de uma parte profunda e abandonada de si mesma. Parou e ficou ali por um tempo. Sentiu-se grata por estar sozinha.

O interior da casa tinha sofrido algumas modificações, ela suspeitava, mas Lucy conhecia o caminho até a escadaria principal. Passou por cômodos familiares. Parou do lado de fora da sala de música. Os olhos se demoraram sobre uma espécie de piano em miniatura, todo pintado. *Um cravo*, informou sua mente, de forma inesperada. Constance teria tocado nele?

Sabia que precisava se dirigir para o quarto. Talvez precisasse se demorar um pouco lá dentro e não queria que a mulher da banca viesse atrás dela. Subiu a escada, antecipando o ranger e o ceder de cada degrau. Havia tapeçarias desbotadas por três séculos de luz do sol e três séculos de suave poeira. Um raio de luz penetrava debilmente por uma janela grande coberta por um vitral sujo. Podia imaginar-se embaixo dele, observando as manchas de luzes coloridas enfeitando seus braços. Seria uma lembrança?

No alto da escada, ela dobrou à direita. O corredor se parecia exatamente com o que ela esperava. A profundidade das janelas embutidas no gesso espesso, os desenhos dos tacos no chão. Havia diversas portas. A dela ficava no final. Ela lembrou que não deveria abrir nenhuma porta. Virou a maçaneta e sentiu grande alívio quando a porta se abriu. Podia compreender porque não fazia parte da visita. As paredes estavam imundas, mas ainda eram no antigo amarelo. Havia alguns móveis dos anos 1960 e 1970, presumiu Lucy, amontoados junto a uma das paredes. Havia também algumas espreguiçadeiras de jardim, antigas e enferrujadas, uma sobre a outra. A forma do quarto era bela e o teto era alto, mas tinha ficado sob os cuidados da poeira e das aranhas. Perguntou a si mesma se teria sido usado para alguma outra coisa além de estocagem, depois da Segunda Guerra Mundial. O armário que ela havia visto em sua mente estava sob um lençol.

Então ela se voltou para as estantes. Um plástico imundo cobria a maioria delas. Sem pensar muito, Lucy foi para o meio das três unidades e afastou o plástico. Logo abaixo do nível de seus olhos encontrava-se uma prateleira com um par de cestas e alguns livros. Ela afastou os livros. O compartimento ficava atrás deles, como ela sabia. *Merda*, pensou. *Aqui vamos nós*.

Pousou a monografia. As mãos estavam trêmulas e enegrecidas pela sujeira quando ela virou o trinco achatado e o abriu. Olhou, mas não havia luz suficiente para enxergar nada. Tinha medo de colocar a mão lá dentro. O medo de encontrar a carta era quase perfeitamente equivalente ao medo de não encontrá-la. As duas coisas eram inconcebíveis, naquele momento.

Percebeu que sentia um doloroso nó na garganta e que não conseguia respirar. Pôs a mão lá dentro. A princípio, não sentiu nada e experimentou o pior tipo de trauma. Não havia nada. Apenas madeira áspera e poeira. Que desperdício. Que decepção.

Levou a mão mais longe, até o fundo, e o segundo trauma começou. Não era verdade que não havia nada. Havia alguma coisa. Preso nos fundos do compartimento estava um pedaço de papel dobrado muitas vezes. Com cuidado, Lucy o pegou e puxou para fora.

Segurou-o por um momento. Fechou os olhos, presa entre dois conjuntos de percepção, o antigo e o novo. Das lembranças de então e da ação daquele momento. Seria essa a explicação para a sensação de déjà-vu? Tinha tanto a sensação de dobrar o papel para escondê-lo quanto a de desdobrá-lo, com cuidado, para descobrir os segredos. Lá estava. Amarelado, desbotado, mas perfeitamente legível, escrito com uma letra séria, com poucos floreios ou alegria. Olhou para a parte de baixo e viu a assinatura de Constance.

Parecia importante, sem ser grandiosa. Quase sentia a caneta nos dedos de Constance. Era a mão de uma garota triste e determinada. Não sabia dizer se presumia ou se lembrava daquilo.

Sentou-se no chão para ler. Passou os dedos escurecidos nos olhos, enquanto lia as primeiras palavras.

Precisava se acalmar antes de prosseguir. Precisava encontrar sua coragem. Era um universo alternativo. Agora se encontrava nele e não podia voltar. Era um mundo onde era possível se lembrar de coisas que aconteceram antes de você nascer. Era um mundo onde era possível se comunicar consigo muito tempo depois de sua morte e se apaixonar por um garoto desconhecido seguidas vezes.

*Por favor, acredite nele. Abra seu coração para ele. Ele pode fazê-la feliz.  
Ele sempre a amou e você já o amou com todo seu coração.*

## CONGO BELGA, 1922

CONSTANCE CONTEMPLOU O quarto mal iluminado, do interior de sua febre. Envolvia-lhe melhor e de uma forma mais reconfortante do que muitos metros de tela de proteção contra insetos. Sonhou que era a mesma febre que havia abraçado Daniel e o levava embora e que poderia, de alguma forma, levá-la até onde ele se encontrava.

Ouviu suas colegas enfermeiras e as freiras agitando-se em volta dela, aprontando-se para mais um dia de cuidar de corpos e salvar almas, mas ela ia ficar onde estava. Lançaram-lhe olhares encorajadores, quando a deixaram. Desejava ter tanta esperança em sua vida quanto elas. A irmã Petra pôs a mão em sua cabeça e deixou-lhe um copo com água. Tinham tentado os tratamentos habituais. Não havia muito o que fazer a essa altura, com o tipo de malária que ela sofria.

Constance estava em Leopoldville havia quase dois anos. Tinha se diplomado em enfermagem seis meses depois de a guerra acabar e partiu para a África logo depois, como parte de uma delegação que incluía a enfermeira Jones e dois dos médicos de Hastonbury. Algumas boas almas tinham um apetite insaciável por cuidar e curar, e ela gostava de se considerar como uma delas, mas suspeitava que suas razões eram um pouco mais complicadas. Ali, pelo menos até ficar doente, tinha permanecido ocupada em todos os momentos do dia. Havia barulho e agitação dos necessitados em volta dela, no hospital, e à noite, no dormitório, onde boas almas dormiam dos dois lados. Tinha precisado se afastar da multidão de fantasmas em Hastonbury: a mãe, o irmão, o pai

enlutado e iludido. E, naturalmente, Daniel. Não podia suportar permanecer em casa e perder mais ainda.

Daniel tinha uma frente de três anos, mais ou menos. Não era muita coisa. Não era ruim pensar na morte sabendo que não estaria muito distante dele.

Sabia que não devia pensar daquele jeito. Tinha apenas 22 anos. Não era a vida plena e feliz que Daniel havia encorajado. Mas a solidão a tinha clamado e não a largava.

Em seus sonhos febris, costumava imaginar a pessoa que ela se tornaria a seguir. Não lhe parecia mórbido, mas um tanto empolgante. Onde apareceria, como seria? Daniel seria mesmo capaz de encontrá-la, como havia prometido? Seria capaz de amá-la? E se ela tivesse verrugas no nariz, sofresse de gases, de mau hálito e cuspsse ao falar?

Pensou no bilhete que havia escrito e deixado em seu antigo quarto. Como conseguiria encontrá-lo? Como conseguiria levar a si mesma sequer a procurar por ele? Precisava haver um jeito e ela o encontraria. Não ficaria quieta dentro de sua nova pessoa, fosse quem fosse. Pretendia causar muitas dificuldades para si.

Com frequência, pensava bem no começo. Tentava de forma incessante descobrir a coisa misteriosa que havia acontecido naqueles dezessete dias que passou com Daniel. Quando ele acordou e a chamou pelo nome errado, ela havia sentido pena e agido com condescendência, como fizera com tantos garotos. Não por maldade. Mas porque havia tantos deles, suas necessidades eram tão vastas e ela era apenas uma pessoa. Tinha achado que D. Weston era uma versão excepcionalmente atraente e confusa daquilo que sempre encontrava, só isso. Estava doente demais para que sua indulgência lhe fosse negada. Ela ouvia qualquer loucura que saísse de sua boca e assentia de forma pensativa nas horas certas. Desejou ter prestado mais atenção ao que ele dizia, com menos ceticismo, para poder lembrar melhor agora.

Porque alguma coisa aconteceu. As coisas confusas eram verdadeiras. Numerosas demais para serem descartadas. E o jeito com que ele falava, o jeito estranho de olhá-la, de conhecê-la, atingiu-lhe o cerne de seu ser. Não contava histórias como alguém que as lera. Sua visão de mundo era grandiosa e a incluía. Nada em sua pequena vida podia se comparar. Em dezessete dias, sua compaixão se transformou em profunda consideração e devastadora devoção. Ele se prendia a ela, a todas as partes e lugares dela, de um jeito que ela mesma não conseguia.

— Por que você sempre me chama de Sophia? — perguntou-lhe uma vez, sabendo como insistia com tenacidade.

— Porque se não chamasse, eu realmente poderia perdê-la — disse-lhe.

ELA TENTOU FAZER o que era certo depois da morte dele, cuidando dos mais carentes. Para cada criança doente e inchada que partia em suas mãos, ela sabia que voltaria de uma forma melhor. Não poderia ser pior. *Você, será uma duquesa*, dizia a um corpinho minúsculo. *Levante o nariz para quem cometer o menor deslize com a moda. E*

*você, vai ser um primeiro-ministro, falava para outro. Passe os dias discutindo, fazendo provocações e encha sua barriga gorda com bife e vinho do Porto todas as noites.*

Tinha feito o melhor que podia, mas uma grande parte de si, aquela que vivia no mundo real e se apoiava no futuro, havia morrido junto com Daniel. Havia percebido na época e sabia disso agora. Talvez a malária também percebesse.

Ela esperava que Deus, ou quem quer que cuidasse de tais assuntos, não a punisse com excessiva severidade. *Por favor, perdoe-me por não me esforçar mais. Não é que eu não ame a vida. Eu amo. É só que esta vida é solitária demais.*



## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2007

ELA NÃO HAVIA voltado para a escola desde a noite desastrosa do Baile dos Formandos e achava que nunca mais voltaria ali. Mas às sete da noite, no dia anterior da sua volta para Charlottesville, onde cursaria o último ano de faculdade, foi para lá que ela se dirigiu.

Entrou por uma porta lateral. Havia pessoal de manutenção trabalhando até tarde para aprontar a escola para o início de um novo ano. Viu os cortadores de grama zumbindo nos campos de esporte, dois homens pintando linhas em branco na área reservada para o futebol. Nos corredores, consertavam armários maltratados, esfregando pichações dos blocos cinzentos das paredes. *Deviam mandar que os alunos cuidassem disso*, ela se pegou pensando.

Observava tudo com metade de sua mente, observando-se ao observar, observando-se observar a si mesma enquanto observava, insegura do que pensar sobre as coisas mais simples.

Naqueles dias, ela carregava seu corpo de um lado para o outro. Tinha voltado da Inglaterra, arrumado as coisas de seu quarto em casa. Pegou de volta Sawmill na casa do vizinho de treze anos que havia cuidado dele em sua ausência. (Implorou ao garoto de treze anos que o adotasse, em caráter permanente, mas a mãe do garoto de treze anos não deixou.) Tinha comprado material escolar. Chegou a adquirir duas camisas novas na Old Navy. Ficou no provador se olhando no espelho, sem ser capaz de dizer quem ela

era. Andava por aí com um coração partido e não sabia ao certo quem era o culpado. Achava que era principalmente ela mesma.

Passou pelo armário que ocupou durante o último ano, lembrando-se das fotos e dos bilhetes que havia colocado no interior. Lembrou-se do espelinho de moldura cor-de-rosa que usava para ver Daniel no corredor, lançando olhares mais demorados para o reflexo do que ousaria fazer cara a cara. Praticamente podia vê-lo com o jeans folgado pendurado nos quadris, como todos os outros garotos da escola. Era estranho e distante, mas queria se encaixar. Podia visualizar os sapatos que ele sempre usava, Wallabees de camurça cor de canela que pareciam ter sido feitos em 1972, que desamarravam com facilidade. Pensava em coisas que não lhe ocorreram na época. Quem lavava seu jeans? Quem preparava seu jantar? Quem lhe dava bronca quando ele se dava mal em uma prova? Achava que talvez ninguém fizesse isso. Mas alguém tinha que ter feito isso em algum momento.

Foi para a sala de química. Fechou a porta ao passar e se afundou em uma carteira. Pôs as mãos sobre os olhos. Tinha medo de que os fantasmas aparecessem ali, atrás dela, e quando não apareceram, ela se pegou desejando que isso acontecesse.

Não sabia o que fazer. Queria encontrar Daniel. Além desse fato, não sabia mais o que queria, nem como poderia viver. Não punha os pés em um ateliê de cerâmica havia mais de um ano. Deixou o jardim ser tomado por ervas daninhas e pragas. Nem as framboesas estavam aparecendo naquele ano. Sempre teve um desejo de cultivar, de fazer coisas com as mãos, mas não sabia mais se queria aquilo. Não sabia o que fazer com seu futuro. Em nove meses, estaria se formando. Deveria estar construindo sua vida naquele momento e tudo o que parecia fazer era torpedeá-la. Como poderia deixá-lo para trás?

Lembrou-se de um sonho que teve uma vez, em que estava de pé entre dois compartimentos de um trem. Estava escuro e o trem rugia ao fazer a curva, e ela tentou entrar no compartimento adiante dela. Bateu na porta, chutou, gritou, mas ela permaneceu trancada. Finalmente desistiu, voltou para o compartimento de trás e descobriu que também estava trancado.

Tinha sido injusta com Daniel naquela noite. Sentia-se mal por causa disso. E se tivesse ouvido? Não teria sido tão difícil. Poderia o ter desafiado, discutido, até mesmo feito uma pergunta. Era provavelmente o que Constance teria feito. Lucy poderia ter dito: *Cara, você beija como um anjo, mas por que está me chamando de Sophia?* Não lhe deu uma chance de se explicar, muito menos de provar qualquer coisa. Tinha simplesmente fugido dele, como uma histérica trêmula.

Talvez porque tudo entre eles aconteceu na ordem errada. Estavam praticamente se devorando antes que pudessem se apresentar. Não houve um *De onde você vem? Nem Você tem irmãos ou irmãs?*. Pareceu natural cair em seus braços na ocasião. Pareceu necessário. Estava faminta por ele e agora compreendia a razão um pouco melhor. Não conseguia manter as mãos longe dele, na realidade. Talvez isso não fosse bom.

Era intenso demais. Era demais para ela. As visões que invadiram sua mente fizeram com que ela achasse que estava ficando maluca, e aquele sempre foi seu maior

medo. Não queria terminar como Dana. Sempre se agarrou à sua sanidade com unhas e dentes.

Talvez temesse uma invasão mental, pois era exatamente o que Constance estava tentando fazer. Agora Lucy compreendia por que era propensa a ter lembranças deslocadas e sonhos sombrios, por que era tão susceptível nas mãos de uma vidente ou de um hipnotizador. Sua consciência estava cheia de buracos, e Constance era quem os cutucava. Constance estava morrendo de vontade de transmitir seu recado. Escondeu o tesouro bem à vista e implorava a Lucy que o descobrisse.

De vez em quando, Lucy se perguntava sobre a outra carta, aquela que Daniel havia escrito para Constance antes de morrer. Não se encontrava no compartimento quando Lucy mexeu nele. Talvez Constance a tivesse levado para a África. Era o que Lucy teria feito. Mas não havia mesmo uma forma de descobrir o que tinha acontecido e Lucy se sentia frustrada em pensar como sabia pouco, como precisava se contentar com minúsculas migalhas.

Lucy se sentia ao mesmo tempo frustrada por Constance assombrá-la e triste por Constance, pelo fato de ter posto tudo a perder. Depois de tudo o que Constance tentou fazer, o universo finalmente a abençoara com um momento a sós com Daniel, mas Lucy o deixou escapar. *Ele pode fazê-la feliz.* Era o que dizia a carta de Constance. Não dava para se zangar muito com ela por desejar tal coisa.

Lucy lamentava-se por Daniel. Queria poder olhá-lo no rosto e dizer que sentia muito. Se houvesse uma hora de sua vida que ela pudesse editar e refazer, seria aquela. Embora aquele novo universo permitisse muitas coisas extraordinárias, não permitia aquilo.

*Mas você sabia que o amava.* Foi o comentário de uma vizinha em sua cabeça que a deixou paralisada. Não sabia ao certo se aquilo a fazia se sentir melhor ou pior. Ela o amara. De um jeito estúpido, infantil, devastador. Ainda assim. Tinha sentido alguma coisa, não era? Sabia que ele era importante para si. Sentia uma louca atração por ele. Teria trocado todos os objetos que possuía por uma palavra dele. Ela o desejou muito, por mais que tivesse estragado as coisas.

Se pudesse estar com ele naquele momento. *Não pode ser o final da história,* pensou desesperadamente.

Mas só havia duas opções: ou ele se afogara no Appomattox, e a culpa era dela, ou havia desistido dela. Se estivesse vivo, como Esme/Martha insistia, poderia encontrá-la se quisesse, não era? Ela havia deixado muitas pistas. Havia seu telefone na lista, informações para recados naquela escola, seus dados no catálogo on-line da universidade, a casa dos pais, sem falar no Facebook e outras redes sociais. *Ele não quer encontrá-la,* disse a si mesma. Talvez tivesse feito uma pequena tentativa no passado, mas não havia indícios de que realmente tinha tentado.

Pensou no velho mantra de Marnie: se ele gostasse de você, você saberia. As palavras lhe fizeram sentir uma nostalgia engraçada. Ele tinha gostado dela. Ou, pelo menos, tinha ficado bem ansioso em beijá-la. Ou, no mínimo, ele tinha gostado dela até

então, pensando que era Sophia. Fez uma pausa em seus pensamentos. Então quem estava certa: Marnie ou Lucy?

Havia mais uma coisa, pensou. Quem era Sophia? Quando foi Sophia? Sophia seria muito anterior a Constance? Quanto tempo? Ergueu a parte superior do braço. Havia uma cicatriz ali, como Constance havia previsto, mas veio de um anzol de pescaria. Não tinha nascido com ela. Seria tudo o que havia sobrado de Sophia? O quanto pode ser realmente responsabilizado a uma alma? Havia alguma coisa de Sophia que permanecia em sua memória e em sua pessoa? Provavelmente nada. Provavelmente a devoção de Daniel era a única coisa que sobrava e agora ela também havia perdido aquilo. Um dia, ele percebeu que amava uma garota que não existia mais e resolveu por fim tirar o time de campo.

Daniel devia ter amado Sophia para se prender a ela por tanto tempo. Devia ter sido doloroso para ele perceber que tinha desaparecido, substituída por uma pessoa covarde.

Lucy levantou-se da carteira e vagou lentamente até a porta lateral da escola. A essa altura, o sol já estava se pondo de uma forma espalhafatosa, criando uma visão de fogo e esquecimento na direção de sua casa, enquanto ela caminhava para lá. Era uma caminhada que já havia feito umas mil vezes, mas que não parecia mais a mesma.

Era a carta. Era apenas um pedaço de papel velho dobrado em sua bolsa, mas era suficientemente poderoso para destruir o mundo que ela havia conhecido e consumir sua mente, o sono e a vigília. Mas não lhe ajudava a saber o que fazer. Não criava um novo mundo. Apenas a deixava vagando em volta das ruínas do mundo antigo.

## SAINT LOUIS, MISSOURI, 1932

Quando eu era uma criança que crescia nos anos 1930 em um subúrbio de Saint Louis, construí um pombal no telhado chato da garagem.

Comprei ovos de um criador com uma linhagem antiga e criei as aves com enorme cuidado. Planejei voos de treinamento que seriam desafiadores, mas meus pássaros sempre voltaram para casa antes de mim. Acho que foi o mais próximo que cheguei de dispensar cuidados paternos e o mais próximo que chegarei.

Sempre amei aves. Colecionei plumas de espécies belas e raras desde muito cedo e ainda tenho a maioria delas. Um dia, talvez eu as entregue para algum museu de história natural. A maioria dessas aves não é apenas rara, mas extinta, e em alguns casos isso aconteceu há centenas de anos.

Sempre me deixei cativar pelo voo e pela aviação e tive uma adoração infantil pelos irmãos Wright. Era criança, na Inglaterra, na época de seus primeiros voos em público. Depois, percebi que Wilbur já andava por aí havia muitos séculos e que Orville era novinho em folha, o que sempre cria as parcerias mais ricas. (Pense em Lennon e McCartney. Tente adivinhar quem é o antigo.)

Nessa mesma vida, andei de avião pela primeira vez, um Curtiss JN-4, "Jenny", igualzinho aos biplanos que eu via pairando sobre nossas cabeças, na Primeira Guerra Mundial. Meu pai me levou para uma feira itinerante quando eu tinha oito anos e pagou para que eu desse uma volta. Lembro-me de decolar do campo de aviação, de olhar para baixo em um transe, enquanto a pista ficava cada vez menor, virava um pedacinho de uma

colcha de retalhos e meu pai, uma pequena figura na multidão. Pela primeira vez, jurei que podia ver a curva da terra. Foi um dos momentos em que senti o mais profundo respeito pela humanidade. Foram poucos momentos assim. E muitas vezes, senti o contrário.

Meu pai também me levou para o campo de aviação Lambert — Saint Louis, para ver Charles Lindbergh voltar de Chicago com uma carga de correspondência, uma das primeiras. Aprendi a voar mais tarde, nessa mesma vida, mas ainda não havia conseguido tirar a licença quando morri.

Quando penso naquela vida, sempre me vejo sentado entre os pássaros ao anoitecer, ouvindo os sons do bairro, lá embaixo: pais voltando do trabalho para casa, meninos andando de bicicleta, vozes no rádio erguendo-se pelas janelas das salas de jantar. Ficava satisfeito em ver o que acontecia lá embaixo.

Montei rotas regulares para os pombos, indo e voltando da escola. Uma vez, mandei um bilhete para uma garota bonita da minha turma de inglês desse jeito. Em outra ocasião, mandei meu dever de casa de história, quando precisei ficar em casa, doente. Na maioria das vezes, quando eu devia estar prestando atenção nas aulas, eu olhava para a janela e pensava nos céus, enquanto meus pombos se reuniam no parapeito.

Uma vez, dei uma pomba chamada Snappy para meu primo de Milwaukee, quando a família veio fazer uma visita no Natal. Snappy viajou de carro durante sete horas até Milwaukee e voltou para minha casa antes do ano-novo. Não pude acreditar quando a vi caminhando em minha direção, no gramado diante de casa. Meu primo ficou desapontado, mas não pude entregar Snappy depois disso.

Uma noite, eu estava me sentindo triste e solitário. Escrevi uma carta para Sophia e a coloquei na cápsula presa na perna de Snappy. Mandei-a voar, esperando voltar a vê-la na hora do jantar, mas ela não apareceu. Esperei uma semana, mais outra. Quando um mês se passou, me senti miserável. Tinha sacrificado Snappy com uma missão impossível e fiquei mal por causa disso.

Os anos se passaram e, em momentos de solidão, às vezes imaginava Snappy voando sobre oceanos, continentes, montanhas, florestas e aldeias. Sonhava como se seus olhos fossem os meus. Imaginei-a em Kent, em Londres, voando sobre o Canal para entregar a carta. Imaginei-a encarapitada no telhado de Hastonbury Hall, esperando pela volta de Sophia. Às vezes, eu chegava a fantasiar que Snappy a encontrara e tinha obtido sucesso naquilo em que eu fracassara.

Passai a contar o tempo pela duração da ausência de Snappy e a idade de Sophia. No dia em que me formei no ensino médio, Snappy já tinha desaparecido havia dois anos e três meses, e Sophia estava com quarenta anos. No primeiro dia de residência médica, Snappy tinha desaparecido havia onze anos e um mês e Sophia estava quase completando quarenta e nove anos.

Quando Snappy já estava desaparecida havia treze anos e duas semanas e Sophia tinha cinquenta e um anos, visitei meu pai, que estava doente, em nossa antiga casa. Fui até o telhado da garagem e me sentei perto do antigo pombal, enquanto o sol baixava.

Olhei para baixo e vi uma pomba envelhecida caminhando pela entrada. Com um gesto familiar, ela abriu as asas e subiu para ficar ao meu lado, no alto do pombal, onde não havia pombos por muitos anos. Vi que ainda tinha minha antiga carta enrolada na cápsula presa à sua perna. Não consegui encontrar Sophia, mas pelo menos consegui encontrar o caminho de volta para casa.

## HINESVILLE, GEÓRGIA, 1968

No ano de 1968, eu estava com quarenta e nove anos, quase tão velho quanto consegui viver. Lembro-me de me aproximar de uma espécie de playground de aparência desoladora em uma base do Exército — Fort Stewart, acho eu — em Hinesville, Geórgia. O céu estava cinzento, o equipamento era escasso e enferrujado. Vasculhei o lugar com os olhos, sem saber exatamente o que esperar. Havia uma garotinha no balanço, jogando as pernas para a frente com muita determinação, como se tivesse acabado de aprender a se balançar. Olhei para o relógio, esperando que Ben aparecesse, sabendo que eu tinha uma longa viagem por vir, naquela noite. Esperei e observei a garotinha no balanço. Ela parou de sacudir as pernas e deixou lentamente que o balanço parasse. Torceu as correntes nas mãos e chutou a terra batida.

— Oi, Daniel — disse ela. Acenou com a mão aberta, daquele jeito com que as crianças costumam fazer.

Aproximei-me.

— Ben? — disse eu, surpreso.

— Não, Laura — respondeu. Parecia ter seis ou sete anos. — Você recebeu minha carta?

— Recebi. Não percebi como você era jovem.

Ela assentiu.

— Fiz com minha melhor letra.

— Como você me encontrou?



Ela deu de ombros. Chutou mais terra com seus sapatos brancos e meias soquetes cor-de-rosa, que estavam imundas. Mesmo quando criança, eu carregava comigo boa parte do espírito prático dos adultos. Eu não esperava que me desse uma resposta. Nunca soube como Ben me encontrava, mas parecia que ele sempre conseguia, quando queria.

— Você mora aqui? — perguntei.

Ela assentiu, puxando um dos botões de madeira do casaco.

— Primeiro no Texas, depois na Alemanha e agora aqui.

— Moleca do Exército, não é?

Lançou-me um olhar de reprovação.

— Não acho que isso seja gentil.

Sabia que meu velho amigo Ben estava ali, junto com muitos outros, mas era difícil enxergar além daquela menininha. Sorri.

— É apenas uma maneira de falar. Não quis dizer que você é uma moleca. Sabe disso.

Voltou a dar de ombros. O nariz estava escorrendo e ela o limpou com impaciência, sem se dar ao trabalho de usar um lenço de papel. Os nós dos dedos e os dedos eram gordos e imprecisos. Peguei-me observando-os com algum espanto.

Nunca vivi nos meus corpos daquele jeito. Sempre me impus a eles. Dava meu nome, tentava me tornar o mesmo homem. Assumia os mesmos hobbies e tentava estabelecer o mesmo estilo de vida. Guardei muitos objetos de uma vida para a outra. Cheguei a usar meus corpos do mesmo jeito, com o mesmo modo de andar, mesmo cabelo, mesmos gestos, ou pelo menos o mais parecido possível.

— Você é um acumulador — Ben me disse certa vez. — Você detesta abrir mão das coisas.

— Vou partir na próxima semana — contei-lhe. — Não tenho certeza de que vou voltar por algum tempo.

— Para onde você vai? — perguntou, recomeçando a se balançar.

— Para o Vietnã.

— Por que você vai fazer isso?

— Precisam de cirurgiões. Preciso de uma zona de guerra — disse eu, com uma excessiva leveza. Não acreditava na guerra, mas acreditava que poderia salvar algumas vidas e dar mais conforto para algumas pessoas se estivesse ali. Não tinha conseguido ser morto durante o movimento pelos direitos civis, apesar de ter sido preso algumas vezes. Teria sido uma morte com algum sentido.

— Por que você precisa de uma zona de guerra?

Examinei seus olhos para ver se eu podia encontrar Ben lá dentro. Não era fácil. Acho que não o teria reconhecido, se não soubesse quem era.

— Sophia está envelhecendo — falei com uma sinceridade que só usava quando estava perto de Ben. — Deve estar com uns setenta anos. Não a encontro desde a Primeira Guerra Mundial. Desapareceu. Deve ter se casado e mudado de nome.

Encontrei-me com um criado de Hastonbury Hall, nos velhos tempos. Achou que ela havia se mudado para a África. — Fechei o zíper do casaco para me proteger do frio. — Está chegando a hora de começar de novo.

Ela pareceu pouco à vontade. Voltou a puxar os botões. Saiu do balanço e caminhou até o trepa-trepa.

— Não acho que você deve cuidar desse tipo de coisa — disse, enquanto escalava.

Senti uma frustração súbita. Ben era a única pessoa do mundo que podia compreender. Eu não estava disposto a desistir disso, independente do corpo em que ele habitava.

— Ben, sei que você compreende — disse eu.

— Não sou Ben. — Ela sacudiu a cabeça e se jogou sobre as barras.

— Sinto muito — disse eu. — É mais fácil me prender aos antigos nomes. Não sei como você consegue fazer diferente. Tenho sido apenas Daniel por muito tempo.

Ela me ouviu com cuidado.

— Mas meu nome é Laura — disse ela. Subiu até o alto das barras e se empoleirou lá em cima.

— Laura — repeti, tentando cooperar.

— Você tenta controlar coisas demais e vai acabar ficando parecido com seu irmão mais velho. Não vai mais morrer nem nascer. — Ela desviou o olhar quando disse aquilo.

Aproximei-me para ouvi-la melhor.

— O que você está dizendo?

— Você só vai pegar os corpos que já têm uma alma neles, para poder estar onde quer e com quem você quer. E é errado. — Quando ela mostrou o rosto novamente, percebi que havia lágrimas em seus olhos.

Horrorizei-me. Fiquei em silêncio por um momento.

— É o que ele faz? — perguntei.

Ela assentiu com tanta seriedade que eu percebi porque tinha sido convocado. Era uma coisa que queria que eu soubesse.

— Como ele faz?

— Primeiro ele mata — disse com simplicidade.

Nunca tinha ouvido falar naquilo. Nem tinha pensado naquilo. Não sabia como podia acontecer.

— Como você sabe?

Era uma pergunta inútil para ser feita a ela. Quanto mais eu conhecia Ben, mais extraordinário ele se tornava. Tinha reconhecimento, precognição e tudo o que havia entre uma coisa e outra. Parecia conter o conjunto completo de todos os universos possíveis, com e sem a estrutura do tempo. E seu conhecimento não era limitado à sua experiência no mundo, até onde eu podia dizer. Uma vez, li um poema sobre um homem

com uma imaginação tão grande que se transformava na história do mundo e aquilo me fez pensar em Ben. Mas não era possível perguntar a ele como sabia das coisas.

— Tem certeza? — perguntei-lhe, mais uma vez inutilmente. — Talvez você esteja errada.

Fixou seus olhos grandes e sensíveis sobre mim.

— Gostaria de estar errada.

Já tinha dito aquilo antes — quando era Ben. Na ocasião, como agora, eu queria que ele estivesse enganado, mas tinha poucas esperanças de que fosse o caso.

— Não o vejo há muito tempo — disse eu. — Devem fazer uns seiscentos, setecentos anos. Na época, ele não me reconheceu.

— Porque não consegue ver. — Ela se torceu em volta das barras. — Pode se lembrar e roubar corpos, mas não consegue olhar lá dentro.

— O que você quer dizer? Ele não consegue reconhecer uma alma?

Ela sacudiu a cabeça.

— Se pudesse, já teria encontrado você.

Por algum tempo, observei enquanto brincava nas barras. Queria me mostrar como conseguia atravessá-las como se fosse Tarzan, o Homem Macaco, e me fez prestar atenção e não olhar para o relógio nem para a rua atrás de mim em todas as tentativas, até que finalmente conseguiu.

Como estava escurecendo, acompanhei-a em direção à sua casa.

— Tenho uma bala — disse. Tirou uma caixa de chicletes e abriu a parte de cima. — Você pode ficar com uma. — Ela tirou exatamente um minúsculo chiclete verde e me ofereceu. As mãos dela estavam tão grudentas e melecadas que eu não queria comer aquilo, mas peguei de qualquer maneira. — Para falar a verdade, é um chiclete — disse, com satisfação.

Assenti. Ela buscou a minha mão e a segurou enquanto dobrávamos uma esquina.

— Moro ali — disse ela, apontando uma casinha de um andar idêntica a todas as outras da rua.

— Tudo bem. — disse eu. Observei-a com puro espanto. Como conseguia carregar a história do mundo em sua cabecinha, com todas as suas turbulências e dores, e ainda se comportar como uma garotinha? Não compreendia como ela podia ser tão parecida com uma criança comum.

Ela me olhou, sabendo como sempre o que passava pela minha cabeça.

— Gosto de ser comum, porque fica mais fácil para a minha mãe — disse. Olhei-a guardar a caixa de chiclete cuidadosamente no bolso e correr para casa.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2008

DANIEL CONSEGUIU ENCONTRAR o mais recente endereço de Lucy na internet. Dentro de alguns meses, sua vida se tornaria imprevisível de novo. Possivelmente, se formaria. Não sabia o que faria em seguida, e ele não tinha condições de perguntar a ela. Era quase triste a alegria que ele sentia ao ver seu nome em letrinhas miúdas na tela brilhante. Era absurdo o prazer que ele tinha em copiar seu nome e endereço em um pedaço de papel, com sua letra mais cuidadosa. Não era nem seu nome real, apenas aquele que ela usava no momento. Queria dizer que ela estava viva no mesmo mundo que ele. Estava onde ele esperava que estivesse. Estava em segurança.

Era triste de um jeito diferente daquela angústia e depressão que havia sentido quando a perdeu de novo.

Sua vida havia se tornado desprezivelmente simples, ele às vezes sentia. Ficava feliz quando sabia dela, perturbado quando não sabia. E ela tinha desaparecido — por centenas de anos. Dava-lhe uma profunda satisfação saber onde ela se encontrava neste mundo, mesmo se nunca a tocasse, e ele quase se desprezava por se satisfazer com tão pouco.

*Eu poderia vê-la, disse a si mesmo. Sei onde ela está. Poderia encontrá-la com facilidade, se quisesse.*

Era uma confiança cansada. Era um aspecto de si mesmo que ele desconfiava. Parte do perigo de viver por tanto tempo, sabendo que voltaria ao mundo muitas e muitas vezes, era adiar a vida a ponto de nunca vivê-la. Justamente porque era possível.

Justamente enquanto se *podia*, não se vivia na realidade. Justamente para não estragar tudo.

Foi por isso que ele passou de carro pela casa dela em Hopewood em três ocasiões diferentes no verão passado, mas não parou, nem bateu na porta. Foi por isso que ele se sentou em um banco diante do dormitório, em novembro passado, congelando durante horas, mas não a chamou quando a viu passar. Era por isso que à noite, antes de dormir, olhava o mural do Facebook dela na esperança de ver uma foto ou uma notícia, mas não revelava que era seu amigo.

E apesar do pedaço de papel o deixar feliz, na realidade, não bastava. Carregou-o consigo durante uma semana e meia antes de entrar no carro e dirigir de volta a Charlottesville.

Tirou um dia de folga. Usava um chapéu que havia guardado dos anos 1940. Usava óculos escuros que tinha escolhido na Target, dois dias antes. Parecia importante ficar invisível, mas percebeu que se parecia mais com uma caricatura de alguém que desejava ficar invisível. Perguntou-se se, na realidade, ele queria ser notado. Se não fosse por ela, talvez por alguém que a conhecesse e que lhe dissesse, talvez à noite ou no dia seguinte: “Lembra aquele cara esquisito do colégio? Daniel alguma coisa? Ele estava no campus hoje, mais cedo.”

O que ela acharia disso? *Acharia* mesmo alguma coisa?

Esperou por ela num banco em uma trilha não muito distante do dormitório. Julgando pelo mapa, era o caminho que ela devia usar para assistir à maior parte das aulas e ia precisar passar por ali em algum momento. Segurou o jornal e não leu nem sequer uma palavra. Teria sido um péssimo detetive, decidiu.

A primeira dúzia de pessoas a passar por ali provocou, individualmente, uma onda de possibilidades. Depois da primeira hora, ele precisou se acalmar. No mínimo, seu corpo já havia soltado toda a adrenalina que possuía.

Duas horas depois, ele havia começado a desacreditar na existência dela. Era um tanto notável, depois dos milhões de horas que ele havia vivido, que duas delas pudessem parecer tão longas. Quando ela finalmente apareceu, ele quase a perdeu. Não foi como ele esperava. Não estava com um grupo de amigas tagarelas, como costumava acontecer na escola. Estava sozinha. De cabeça baixa, tão introspectiva que ele quase não a reconheceu ao vê-la passar e se afastar dele. Era seu passo, ligado de formas sutis a passos mais antigos, porém, ao mesmo tempo, era mais lento, menos preocupado com o mundo à sua volta. A bainha, na parte de trás de seu casaco de veludo cotelê vermelho escuro, tinha se desfeito. O forro aparecia e pequenas linhas balançavam. Ele se entristeceu ao ver aquilo.

Levantou-se e caminhou atrás dela, a uma distância razoável. O cabelo claro, escorregadio, estava preso por um elástico. A risca do cabelo, que nessa vida e nas anteriores era uma linha de certeza, agora ziguezagueava para lá e para cá, na cabeça. A bolsa pendia do ombro. Alguém jogou uma bola no caminho, e embora ele tivesse levado um susto, ela mal percebeu.

Esperou do lado de fora de Bryan Hall até o fim de sua aula e depois a seguiu por um belo caminho sinuoso através do jardim, passando pela rotunda, até a biblioteca. Seguiu-a até o segundo andar e tentou manter distância quando ela se dirigiu para uma das salas de estudos mais silenciosas, fechada por uma divisória de vidro. Podia segui-la, sem que ela o visse. E apesar da tentação, uma parte dele se conteve. O distanciamento que mantinha tornava mais difícil intrometer-se. A palavra ecoou em sua cabeça. “Distante” era a palavra que as pessoas costumavam usar para se referir a ele.

Passou por salas cheias de estudantes que olhavam os computadores. Havia um céu lindo e límpido lá fora, o melhor tipo de clima que Charlottesville oferecia, porém as janelas estavam cerradas e todos aqueles jovens saudáveis, na flor da idade, debruçavam-se sobre as telas. Por alguma razão, sua mente voltou aos bosques de oliveira em Creta durante o festival da colheita, uma massa pulsante de belos e jovens corpos. Pensou na vibração da testosterona nos deques dos navios que voltavam para Veneza, no número de bebês concebidos e das doenças transmitidas naquelas primeiras noites de volta para casa. Lembrou-se do campus da Universidade de Washington, em Saint Louis, no final dos anos 1940, em todas as festas e cobertores estendidos nos gramados nos dias ensolarados de setembro. Poderia pensar que esta geração era apenas mais estudiosa do que as outras, mas um rápido exame pelo salão mostrava que a maioria das telas eram dedicadas ao Facebook, YouTube e variados blogs de notícias. *Vocês precisam sair mais*, tinha vontade de lhes dizer.

Encontrou uma mesa em um lado do salão, de onde podia vê-la. Ela não abriu a bolsa, nem tirou os livros, apenas sentou-se, agarrando-a no colo, fitando o vidro. Parecia que não estava enxergando nada.

A noite desceu enquanto ele a contemplava e ela contemplava o nada. O rosto lhe parecia belo em sua tristeza. Desejou saber por que ela estava com aquela aparência. Desejou acreditar minimamente que sua aparição pudesse ser uma boa-nova para ela. Tentou dar pequenos passos de empatia. Percebia que eles conduziam a alguma coisa muito antiga, mas não sabia dizer exatamente o que era.

Queria vê-la e ficar perto dela. Não queria perdê-la nem por um momento. Mas tinha uma profunda insegurança sobre como interagir. Não era mais bom nisso. O que poderia lhe oferecer? Uma vida longa e feliz? Nunca havia tido uma, então isso parecia improvável. Em geral, ele encontrava um jeito de interromper suas vidas prematuramente, mas mesmo quando não tentava, não durava muito tempo. E a felicidade? Experimentara um pouco, na maior parte dos casos, com ela. Também não era bom nisso. Podia encontrar felicidade nela, mas poderia lhe dar alguma?

E os filhos? Eram um ingrediente natural e considerável em uma vida longa e feliz, e ele também não era bom nisso. Não que ele não fosse bom no sexo — era mais do que capaz, talvez até bom mesmo, embora não tivesse praticado muito, recentemente. Mas já andava por aí havia mais de mil anos, chegou à maturidade sexual na maioria das vezes e teve sexo quando pôde, praticamente apenas na era anterior ao controle da natalidade. Nunca compreendeu por que toda essa atividade jamais resultou em um bebê.

Algumas pessoas pareciam fazer aquilo sem qualquer esforço, e com frequência. Bastava pensar em todas as vezes em que um cara entrava no banco de trás de um carro com uma garota cujo sobrenome ele ignorava e, de repente, ia ser pai de novo. Eram mais dignos daquilo do que ele, de alguma forma?

Ele costumava dizer a si mesmo que, provavelmente, tinha tido alguns filhos e que apenas não sabia disso. Mas não acreditava mais naquilo. De alguma forma, sabia que não era verdade. Houve várias ocasiões em que, se aquilo tivesse acontecido, ele teria sabido. Não era apenas uma coisa que ele não havia feito. Era algo que ele não conseguia fazer. E não sabia a razão.

No princípio, imaginou que acabaria entrando em um corpo com um bom par de bolas funcionais que produzissem esperma vigoroso. E agora, ele praticamente tinha certeza de que era o caso. As bolas não eram o problema. O problema era ele. Era alguma espécie de indizível impacto que ele provocava em seu corpo todas as vezes.

Talvez fosse por causa da memória. E se ela pudesse ser herdada de alguma forma? Talvez Deus reconhecesse seu erro e, apesar de não poder consertá-lo, tivesse tomado medidas para garantir que não seria repetido.

Levantou-se e foi até o vidro que o separava dela. Pôs a mão nele e depois na testa. Se ela erguesse os olhos, seria capaz de vê-lo. Provavelmente, ela o reconheceria. Se erguesse os olhos naquele momento, ele iria até ela. Se ela não erguesse os olhos, ele a deixaria sozinha.

*Não olhe.*

*Olhe por favor.*

Lembrou-se da última noite em que a viu, naquela festa horrenda. Lembrou-se com uma sensação de vergonha, como sempre. Só lhe causara sofrimento naquela ocasião. Poderia lhe oferecer algo melhor, naquele momento?

Observou-a enquanto ela permaneceu sentada ali, até que as janelas estivessem escuras, mas ela não ergueu os olhos. Ele não foi até ela. Ficou ali com suas próprias complexidades.

Tinha pensado um bocado sobre a segurança dela, mas havia se esquecido de pensar em sua felicidade.

## FAIRFAX, VIRGÍNIA, 1972

Consegui ter uma morte natural na batalha de Khe Sanh, na primavera de 1968. Fui morto por tiros da artilharia perto do final daquele cerco amargo, pouco antes da Operação Pégaso romper o cerco, em abril.

Em seguida, nasci em uma família de professores em Tuscaloosa, no Alabama. Morávamos em uma casa perto de um grande lago, para onde vinham os gansos no inverno. Meus avós, pais de minha mãe, moravam na mesma rua.

Em 1972, quando eu tinha quatro anos, nos mudamos para Fairfax, em Virgínia. Meu pai se tornou superintendente de escolas. Lembro-me de ficar triste por deixar os gansos, meus avós, em especial meu avô Joseph, que amava aviões tanto quanto eu.

Dividia um quarto com dois irmãos e tive a sorte de ser o mais velho desta vez, de forma que era eu quem estabelecia quantas vezes e com quanta força a gente se batia. Um deles tinha sido meu companheiro na Grande Guerra, o outro era uma alma nova em folha. Era tão hiperativo que não parava quieto na mesa de jantar, mas era incrivelmente criativo, em especial, no que dizia respeito a bombinhas.

Minha mãe tinha sido minha professora da primeira série na minha vida anterior e eu a amara por sua voz ao contar histórias, pelos sucos e pelos biscoitos. Ela lia romances de ficção científica, cultivava dalias premiadas e era uma mãe maravilhosa, uma das melhores que tive. Quando esfregava minhas costas ou nos contava histórias à noite, era o que eu pensava: *Você é uma das melhores.*



Uma espécie de milagre aconteceu alguns meses depois da mudança para Virgínia. Estávamos sentados na igreja, os cinco. Lembro que meu irmão caçula ainda era um bebê. Eu olhava meus pequenos mocassins que balançavam a uns quarenta centímetros do chão. Folhiei o livro de orações e li algumas partes em latim. É um momento típico em minhas vidas, quando começo a me lembrar e a rever as existências passadas em uma rápida sucessão. Não me lembrava de saber latim até começarmos a frequentar aquela igreja, porque nossos antigos livros de oração, no Alabama, não tinham nada em latim.

Do meu lado havia um grande espaço no banco da igreja e do outro lado desse espaço estava uma mulher mais velha, com uns cinquenta anos, na companhia de outra, ainda mais velha, a seu lado. Pela forma como estavam juntas, achei que era sua mãe. Olhei-a com cuidado. Tinha cabelos grisalhos, um vestido azul-escuro com um cintinho. Usava meias e sapatos marrons, práticos, de bico arredondado. Era um tanto pesada e lembro-me de ter me sentido atraído pela teia de veias na parte de trás de sua mão, pensando em como eram azuis e protuberantes. Quis tocar uma delas, sentir se eram macias ou não. Aproximei-me um pouco dela.

Meu irmão, Raymond, que ainda era um bebê, começou a fazer barulho e a senhora virou a cabeça. Esperei aquele olhar de frustração que as pessoas com cabelos grisalhos costumam lançar na igreja, com frequência, quando os bebês começavam a chorar, mas não foi o que aconteceu. Seu rosto rosado não estava frustrado.

E subitamente percebi que a conhecia. Estava apenas chegando àquela idade em que reconhecia pessoas de vidas anteriores, mas já havia começado a sonhar com Sophia alguns anos antes.

Pareceu haver uma explosão no interior de minha cabeça, em câmara lenta. Ela se voltou para a frente da igreja e eu quis, desesperadamente, vê-la por mais tempo. Mamãe se esgueirou para a ponta da nossa fileira com Raymond nos braços e saiu pelos fundos da igreja, para fora, onde Raymond podia fazer sua gritaria com os carros e os pássaros. Deslizei para mais perto da senhora. Estava praticamente embaixo de seu sovaco quando ela me olhou.

Lembro-me do espanto de meus quatro anos de idade. Era Sophia. Os olhos estavam lacrimosos e tristes, a pele, frouxa e manchada, mas era ela. Pensei em como a havia visto pela última vez, quando era Constance. Era jovem e bela, naquele tempo, e agora não, mas eu sabia que era a mesma pessoa. Junto com o espanto também veio a confusão, e levei alguns minutos para entender o que estava errado. Pensando em mim alguns anos antes, quando eu era um médico adulto, antes de morrer, lembrei-me de esperar que ela estivesse muito velha e ainda fosse Constance ou que fosse muito jovem — como eu ou mais — e alguém diferente. Não achava que seria uma pessoa na metade da vida, uma pessoa que eu tinha certeza de que não era Constance.

*Você ainda é Constance?*, perguntei-me cheio de dúvidas. Na verdade, é mais fácil identificar que ela era Sophia do que ter certeza se era ainda Constance, mas eu estava bem certo de que não era. Então tentei entender o que havia acontecido. Por melhor que

seja minha memória, é difícil tirar bom proveito em meio à desordem de uma mente surpresa de quatro anos de idade.

Quando se tem quatro anos, é fácil esquecer onde seu corpo está e onde ele deveria estar. Enquanto calculava tudo com determinação, eu havia me jogado contra ela. Quando percebi como havia me apertado contra seu corpo, ergui os olhos e vi que ela estava me olhando. Se eu me sentia confuso, ela também se sentia. Se eu calculava, ela fazia a mesma coisa. Na hora, pensei que talvez tivesse me reconhecido de alguma forma, mas acho mais provável que tenha apenas ficado confusa por ter um menino de quatro anos, desconhecido, arrastando-se até seu sovaço.

Ficou confusa, mas aceitou minha presença. Envolveu-me com o braço. Percebi que meu pai virava o pescoço na nossa direção, também parecendo confuso. Vi que ela lhe fez um sinal com a cabeça, como se para dizer que estava tudo bem.

Apertou-me e senti que relaxava junto dela. Pôs a mão na minha barriga rechonchuda.

Senti alguma decepção. Com certeza, percebia. Mas diante de minha alegria física de estar perto dela, experimentei essa decepção de uma forma quase respeitosa, em nome da pessoa mais velha que eu havia sido e da pessoa mais velha que eu me tornaria. Era algo que sempre começava cedo em mim — uma sensação indescritível de lealdade a minhas antigas encarnações. Sophia deveria ser jovem como eu, desta vez, não velha e grande, e eu precisava entender a razão.

— Acho que você deve ter morrido cedo, da última vez — disse eu, acomodado a suas costelas.

Claro que houve decepção. Mas eu tinha quatro anos e ela me segurava, e aos quatro anos, o prazer do corpo é difícil de ser rompido pelo desprazer da mente.

Toquei na veia de sua mão, que era, de fato, tão macia que desaparecia sob a ponta do meu dedo.

FREQUENTAMOS A IGREJA em Fairfax por mais um ano, mais ou menos. Eu encontrava Sophia e corria para me sentar a seu lado todas as vezes. Meus pais a chamavam de minha amiga especial e uma vez a convidaram para tomar limonada depois da igreja, e ela agradeceu, mas disse que não podia. Precisava levar a mãe para casa.

Molly, minha mãe, acabou ficando cansada dos sermões daquela igreja, que ela considerava sexistas. Encontrou uma igreja hippie em Arlington, onde o padre fazia sermões cantados, acompanhado por uma guitarra acústica. Lembro que havia muitas canções gospel. Na verdade, eu preferia o novo serviço, mas fiquei infeliz por não ver Sophia. Acho que meu pai ficou sinceramente aliviado. Achava que minha ligação com ela era esquisita. Quando fiz confusão, querendo encontrar seu número de telefone e ligar para ela, não recebi muita ajuda dos adultos. Eu a chamava de Sophia, mas quando

chegou a hora de procurar o número na gorda lista telefônica, percebi que não sabia qual era seu nome real.

Peguei o ônibus para a antiga igreja quando tinha nove anos, mas ela não estava lá. Fui para lá em todos os domingos, durante dois meses, mas ela não vinha mais. Não voltei a vê-la até 1985, com dezessete anos.

Meu avô materno, Joseph, que morava na nossa antiga rua em Alabama, estava morrendo. Molly, minha mãe, decidi interná-lo em um hospital para doentes terminais perto de onde vivíamos. Já havia perdido a mãe de repente, de enfarte, e queria ser capaz de cuidar dele. Eu a acompanhava nas visitas. Não me deixava levar tanto por meus sentimentos em relação a ele quanto pelos sentimentos dela em relação a ele. Sua dor cobria toda a casa. Lembro-me de pensar com meus botões: *Está tudo bem. Não é nada de mais. Você vai ter outro*. E, de alguma forma, apesar de ser o tipo de coisa que eu repetia para mim mesmo o tempo todo, não parecia totalmente certo. Por todo o tempo que eu estava por aí, por tudo que carregava comigo, eu queria achar que sabia das coisas mais do que Molly, mas na verdade eu não sabia. Não sabia nada sobre o amor, em comparação com Molly.

Fiquei pensando em Laura, no playground, em Geórgia, sendo uma garota comum para agradar a mãe. Fiquei impressionado, de um jeito triste, e nem sabia muito bem a razão. Não tinha pensado muito sobre o papel que eu teria na vida de outra pessoa. Estava tão ansioso para voltar a ser eu mesmo em todas as ocasiões. Os outros apenas se revezavam em papéis coadjuvantes. Porque esqueciam e eu me lembrava. Era o que eu entendia. Logo se perderiam e eu seguiria em frente. O melhor que eu podia fazer era me agarrar a eles depois que se esquecessem de si mesmos.

Não queria dizer que eu não cumpria minhas obrigações. Eu cumpria. Garanti que todas as minhas mães, todas menos aquelas que me deixaram ou morreram antes que eu atingisse a idade adulta, tivessem alimentos e confortos básicos. O dinheiro que acumulei, gastei mais com elas do que com qualquer outra pessoa. Mas não me esforçava muito mais do que isso. Em uma vida como a minha, você ganha muitas mães e também perde muitas. Você não aprecia tanto quanto ganha, mas sofre com as perdas. Depois das primeiras perdas, aprendi como lidar melhor com elas. *Uma mãe entre muitas* era o que sempre disse a mim mesmo.

Mas na dor de minha mãe, vi como ela amava seu pai. Não o amava porque era seu pai, ela simplesmente o amava. Amava as delicadezas que havia feito para ela, o tempo que passaram juntos. Não havia nada de abstrato na forma com que ela o amava ou amava a todos nós. *Você pode ganhar um novo*, era o que eu pensava, mas acho que, de uma forma mais profunda, eu sabia que ela não poderia.

NA SEGUNDA VEZ em que visitei o hospital, inadvertidamente, olhei para o interior de um quarto a algumas portas do de Joseph e vi uma senhora muito debilitada recostada

na cama. Caminhei uns vinte passos antes de perceber que a conhecia. Voltei para trás e olhei para ela da entrada. Era Sophia. Nunca a tinha visto daquele jeito. Era a mesma dos tempos de nossa igreja, mas estava mais velha e doente. Depois que me despedi de meu avô, voltei para seu quarto.

Fiquei com ela por algum tempo. Segurei sua mão. Ela abriu os olhos e me olhou. Estavam cheios de secreção, inúteis. Sabia que eram os olhos de Constance e de Sophia, mas resisti em vê-los daquele jeito. Uma parte de mim contemplava uma grande dor e eu não sabia o que fazer. Tive a estranha sensação de levantar voo e partir, até que tudo no chão ficava cada vez menor e eu conseguia perceber os grandes desenhos, em vez de enxergar apenas as pequenas e perturbadoras peças.

*Você não vai ficar assim por muito tempo. Em breve, vai voltar a ser jovem e forte,* eu lhe dizia sem parar, dentro de minha cabeça. Não dizia por ela, mas por mim.

Visitei-a mais duas vezes, fiz-lhe companhia e conversei sobre todo tipo de coisa. Acho que era eu quem falava o tempo todo, mas também acho que ela ficava feliz em me ver. Um servente irritado me disse que ela perguntava por mim todos os dias, várias vezes, querendo saber se eu ia voltar. Não tinha filhos nem netos, me contou ele. Eu era a única pessoa que aparecia.

Em um dos dias em que parecia mais alerta, ela ficou me olhando de uma forma esquisita.

— Você se lembra de mim? — perguntei-lhe.

Ela me olhou cuidadosamente.

— Lembro que havia alguém com seu nome.

— Lembra?

— De muito tempo atrás.

— Alguém que você conheceu?

— Não, não cheguei a conhecer. Estava esperando por ele. Minha mãe disse que era uma tolice e era mesmo.

— O que quer dizer?

— Eu era menina em Kansas City, antes de meu pai morrer e a gente se mudar para o leste. Era muito divertido, naquele tempo. Muitas festas e planos. Eu tinha uma alma romântica, mas minha mãe dizia que eu apreciava mais a minha imaginação do que os garotos de verdade. E que aquilo foi uma decepção para ela.

Percebi, então, que a solidão não vinha apenas da velhice, e sua realidade começou a fazer sentido para mim. Em todos aqueles anos em que passei tentando encontrar Constance, imaginando-a idosa, do outro lado do oceano, na verdade, ela crescia como eu, a algumas centenas de quilômetros de distância. Pensei em Snappy, a pomba. Não podia encontrá-la porque estava morta.

Não tinha compreendido toda a tragédia. Eu era um adolescente, tão egoísta quanto uma criança de dois anos de idade, e não havia como evitar isso. Sempre desejei que ela voltasse comigo e ela havia voltado. Ou pelo menos tentou. Eu a esperava, ela estava próxima, esperando por mim. Do seu jeito, ela lembrava.

Os velhos olhos de Sophia me observavam. Escondi meu rosto. Não tinha ideia do que havíamos perdido.

— Ele estava esperando por você também — disse eu. Tinha lhe decepcionado.

— Sempre fui tola.

Fiquei ali o mais tempo que pude, os pensamentos se revolvendo em minha cabeça. Fiquei até que me pusessem na rua naquela noite, um pouco depois das dez.

Voltei na manhã seguinte e lhe contei as coisas antigas. Segurei sua mão durante horas e lhe falei sobre nossa viagem pelo deserto. Contei-lhe sobre a Grande Guerra e de como ela havia sido a senhora de Hastonbury Hall, como a casa foi transformada em hospital e que ela tinha cuidado de mim ali. Chamei-a de Sophia e disse-lhe que a amava. Sempre a amei. A essa altura, ela tinha adormecido, mas eu precisava que ela soubesse. Tive medo de perdê-la para sempre, dessa vez.

AO FINAL DA terceira visita, eu sabia aonde ia chegar.

— Não se preocupe — disse-lhe. — Eu também vou. Vamos voltar juntos. — Era o que ela queria fazer antes, quando era Constance e eu tinha dito que não. Desta vez, vamos fazer. Desta vez, sua vida estava quase acabada e a minha era jovem e promissora. Eu era aquele que conseguia ver o outro lado. Tornava tudo mais fácil.

— Vai ser nossa chance — disse-lhe.

Lamentei abrir mão de tal vida. Lamentei especialmente por causa de minha mãe, Molly. Ia perder o pai e o filho com um pequeno intervalo e eu sabia — ou pelo menos teria sabido se me permitisse pensar em tal coisa — que seria devastador para ela. Mas eu tinha uma estratégia para lidar com as perdas e ela não envolvia muita reflexão.

Desejei dizer para Molly que era o que eu queria e que eu voltaria logo. Desejei poder fazê-la saber que tudo ficaria bem. Mas outra voz em minha mente tinha uma ideia diferente. *Ela ama você*, dizia. *Não quer perder você e não vai ficar tudo bem.*

Sabia, no fundo do coração, que aquela voz tinha razão, mas consegui ignorá-la. Eu era jovem, estúpido e tinha muita pressa em me reencontrar com Sophia. Como poderia fazer diferente? É impressionante o que a gente é capaz de aceitar como verdades absolutas.

Havia uma grande parte de mim que resistia ao amor de Molly. Cheguei a ter a insolência de achar que tinha tido sucesso. Era muito difícil se prender a uma pessoa de uma vida para outra. Era muito difícil quando uma pessoa que você amava se esquecia de você todas as vezes. Talvez Ben fosse capaz de manter o amor por um número infinito de pessoas, mas eu mal conseguia cuidar de uma.

Fui para uma esquina infame em Washington em uma noite de inverno, pouco antes do meu décimo oitavo aniversário. Não penso muito naquela noite, mas confesso que penso no que aconteceu na noite anterior. Foi a primeira vez em muito tempo em que pensei o bastante sobre os sentimentos de uma mãe para tentar me despedir dela.

Não vou tentar descrever as coisas que ela me disse ou o que eu senti. Como escreveu Whitman, elas desdenham o melhor que posso narrá-las.

Não sou bom em viver vidas significativas, mas tentei dar significado a minhas mortes, sempre que pude. Tentei usá-las para beneficiar alguém ou alguma causa, de uma forma modesta, mas daquela vez eu era jovem demais, apressado demais para pensar em como fazê-lo — a não ser fazendo alguns viciados em drogas se cagarem de medo.

Fui para esse lugar perto de D Street, acho que era perto do 9h30 Club, onde eu às vezes costumava ir ouvir música. Encontrei o caminho para um cômodo que dava para um beco frequentado pelos viciados. Não eram os maconheiros felizes, mas os usuários de drogas pesadas. Trouxe dinheiro o bastante para impressionar. Encontrei meu Virgílio drogado, uma mulher desesperada na faixa dos trinta anos com um braço que contava toda a história. Prometi que compraria dela, se ela me encontrasse uma da melhor, da mais forte. Pareceu achar que aquilo era habitual para mim, e eu não a corriji. Foi sua agulha, sua empolgação, seus dedos que prenderam a tira de borracha em volta de meu braço.

Foi a primeira vez que experimentei heroína e vai ser a última. Acho que morrer disso não é uma forma de começar nada. Talvez eu tenha enraivecido o destino pelo que estava fazendo. Não era suicídio, mas foi o mais perto que cheguei dele. Foi uma trapaça, uma forma de evitá-lo por um detalhe técnico. Esperava que o simples fervor para me reunir a Sophia me faria voltar depressa e, felizmente, isso aconteceu. Não era a morte que eu queria. Ficou claro para mim em meus últimos momentos. Queria muito viver.

Mas quando a natureza lhe oferece um de seus verdadeiros presentes, existe uma punição especial para aqueles que o desperdiçam. Voltei, mas se você acredita nesse tipo de coisa, o que eu fiz provavelmente explica a mãe com a qual tive que lidar na minha vida seguinte.

SHOPPING DE TYSONS CORNER,  
VIRGÍNIA, 2001

*N*asci, em seguida, de uma mãe viciada em drogas. Aparentemente, também fui viciado, quando recém-nascido. Pareceu adequado. Ela era, provavelmente, uma versão mais nova de algum personagem desesperado que eu conheci em alguma vida anterior, mas eu era jovem demais para saber quem era, quando ela deu o fora, o que ocorreu quando eu estava com uns três anos. Fui encontrado por um vizinho, sozinho no apartamento. Acho que fiquei sem ninguém por alguns dias e lembro-me de ficar muito assustado. Aos três anos, é difícil enxergar o grande quadro.

Fiquei sob os cuidados do Estado por cerca de um mês, antes que me colocassem sob a guarda de uma família adotiva. Lembro-me de encontrar com a assistente social no dia anterior à minha colocação. “Então, quando vou encontrar com minha mãe?”, lembro-me de perguntar.

Fiquei sob os cuidados de uma família em Shepherdstown, na Virgínia Ocidental. Tinham dois filhos, além de outros dois adotivos. Viam muita televisão naquela casa. Os meus pais fumavam constantemente. Não consigo separar aqueles dias do cheiro e da fumaça de dois cigarros acesos e fico enjoado quando penso nisso.

Não me lembro de um jantar em que tenhamos nos sentado em volta da mesa. Não me lembro de uma refeição sem que a televisão estivesse ligada. Uma das crianças sob a guarda do casal, Trevor, era violento e propenso a fugir, por isso eu passava a maior parte do tempo sozinho, a não ser quando eu estava no meio do caminho por

ocasião das severas tempestades, o que aconteceu algumas vezes. Paguei um preço alto por isso.

Era estranho viver duas infâncias tão diferentes, uma do lado da outra, daquele jeito. O amor por minha antiga família e a saudade que eu sentia me envolviam, e ainda parecia mais difícil aceitar as novas pessoas. Pelo menos eu não precisava amar ninguém, nem sentir obrigações em relação a eles. Não eram suficientemente bondosos para exigirem nada de mim e a crueldade deles eu tentava deixar sem resposta. Estava livre das afeições, vivendo em meu próprio mundo e fazendo as coisas sozinho. Não acho que dei muito trabalho a ninguém. Lembro-me de dar uma olhada em minha pasta depois, durante um dos encontros periódicos com a assistente social, quando eu estava com uns quinze anos. “Transtorno de apego”, dizia em letras de imprensa grandes e angulosas, bem no alto.

Às vezes, eu ficava deitado na cama e ouvia algum evento esportivo bem alto, pelo rádio, embora ainda pudesse ouvir meus pais brigarem. Pensava em Molly e em minha antiga família e perguntava-me o que estariam fazendo naquele momento. Às vezes, quando mais sentia falta deles, eu pensava: *O que foi que eu fiz?* Mas quando fiquei um pouco mais velho e já não precisava tanto de uma mãe, comecei a pensar novamente em Sophia. Pensar nela me fez seguir em frente.

Eu me sentia desajeitado naquele corpo, pois ele cresceu mais depressa e ficou maior do que meus outros corpos. Não era veloz nem tinha uma coordenação particularmente boa, como em meu corpo anterior, mas pelo menos era forte. O pai adotivo não tinha mais do que 1,77 metro e minha altura não fez com que ele gostasse mais de mim.

Passava o tempo esculpindo animais em madeira, lendo livros na biblioteca e pensando em como eu encontraria Sophia. Mantinha a maior parte dos animais escondida, mas a mãe adotiva uma vez me viu fazendo os acabamentos em um ganso. Examinou-o cuidadosamente. “Acho que podia muito bem ir para um museu”, falou, como se não fosse necessariamente uma boa coisa.

Frequentávamos uma escola pública bem deplorável, mas eu tive alguns bons professores. Eu era, obviamente, um bom aluno, e por isso um educador bondoso meteu na cabeça que eu era “superdotado”. Fizeram-me sentar sozinho em uma sala de aula, enquanto todo mundo estava no recreio, e fazer um daqueles testes-padrão em que se marca a resposta certa entre parênteses. Lembro-me de ter deixado a metade das perguntas em branco.

Eu havia aprendido muito tempo antes que era arriscado se destacar demais. Houve uma ocasião desastrosa, no início dos anos 1940, quando meus pais me mandaram fazer um teste de Q.I. Valeu a lição. Não preciso dizer que é preciso ter uma capacidade grande e incomum para se lembrar de mil anos de história, em grande parte insignificante.

Assim que fiquei um pouco mais velho, comecei a procurar por Sophia. Tinha alguma informação com que trabalhar, desta vez. Sabia que devia ter morrido no final de



1985 ou no início de 1986. Eu a vira e conversara com ela no hospital bem perto da sua morte e tinha esperanças de ter influenciado suas ideias de alguma forma. Tinha confiança, quase por intuição, de que ela voltaria para algum lugar nas proximidades. Já tinha feito aquilo antes. Pedi aos céus para que tivesse feito isso de novo.

O grande golpe de sorte veio em uma tarde no shopping de Tysons Corner, quando eu tinha quinze anos. Vi a garota, que agora se chamava Marnie, em uma daquelas quase extintas cabines de fotografia, bem na entrada. Levou alguns minutos para que eu me lembrasse dela. Naturalmente, eu não a conhecia como Marnie, na ocasião. Eu a reconheci da igreja, em Fairfax, no início dos anos 1970. As sobranceiras arqueadas me ajudaram. Tinha o tipo de olhar que parecia não dar a mínima para você e ao mesmo tempo queria confiar. Era a velha que se sentava com Sophia, a mãe de Sophia. Deve ter vivido tanto quanto a filha. Tinham sido próximas, eu percebia, e alguma coisa na forma com que se relacionavam me deu uma forte convicção de que voltariam juntas.

*Você não deve tentar controlar essas coisas*, lembrei-me das palavras de Ben enquanto seguia Marnie, que saía de Tysons Corner. Eu a segui até o saguão de um prédio com um monte de consultórios de médicos e dentistas, onde se encontrou com a mãe e desceram para a garagem. Vi as duas entrarem no carro e saírem. Peguei os números da placa e foi assim que cheguei a Hopewood, Virgínia.

A primeira vez que vi Sophia em sua mais nova forma foi no sábado seguinte. Foi um dia digno de ser lembrado. Fiquei nervoso na viagem de ônibus até lá. Nunca se sabe o que se vai encontrar, se é que se vai encontrar alguma coisa. Fui até o endereço de Marnie de manhã e andei nervosamente pelo quarteirão, de um lado para o outro, sem saber muito bem qual deveria ser meu próximo ato. Aí eu a vi. Ela caminhava pela calçada em minha direção. Era bem impressionante. Não consigo descrever muito bem como me senti. Era um deslumbrante dia de primavera e o sol banhava seu cabelo solto e claro enquanto ela saltitava pela bela calçada. Usava short de jeans, sandálias de dedo e uma camiseta verde. Era tão jovem, tão cheia de vida, depois da última vez em que a vira, velha, moribunda no hospital para doentes terminais. As pernas eram longas, fortes, bronzeadas, magrelas como as de uma menina.

É uma lembrança da minha vida atual, igual a que qualquer pessoa poderia ter, mas já foi catalogada entre as melhores que guardo. Quando penso nisso, eu a vejo caminhando na minha direção em câmera lenta, com uma trilha sonora ao fundo. A canção que sempre penso é *Here Comes the Sun*.

Vi coisas tão familiares nela. O jeito com que inclinava a cabeça ao rir. As mãos hábeis, enérgicas. A curva de seus cotovelos, a parte superior da orelha saindo de seu cabelo longo. Tinha um sinalzinho escuro no lado do queixo.

Lembro que me senti tão bem. *É o começo de alguma coisa grande. É a nossa hora.*

Fiquei meio arrasado pela sua presença, percebi. Feliz como estava por vê-la, fiquei com medo de lhe falar, temendo começar da forma errada. Eu era um desconhecido de novo. Ela criaria mais dificuldades para a aproximação, teria mais

suspeitas desta vez, no mínimo. Era bonita demais para tal ousadia. A vida que eu levava era quase completamente sem amor, eu estava isolado e fora de forma. Não sabia se seria capaz de fazer com que ela me amasse de novo.

Mas o fato de voltar a ter esperanças era a grande novidade. Ela era jovem e eu também. Eu sabia como ela era. Sabia onde morava. Estava de volta ao meu alcance e não estava casada com meu irmão ou com ninguém mais. Era a vida em que poderíamos finalmente passar juntos — era o que eu esperava — se eu conseguisse lidar direito com a situação.

Sophia entrou no acesso da casa de Marnie e eu fiquei ali parado, estupidamente. Marnie abriu a porta da frente e ouvi sua voz.

— Ei, quem é o cara?

— Que cara?

— Do outro lado da rua.

Quando ela deu uma olhada para trás, eu já tinha me virado e começado a caminhar na outra direção.

— Não tenho a mínima ideia — disse Sophia.

— Que pena — disse Marnie. — Era bem bonitinho.

Meu coração flutuava por qualquer motivo. Tinha sorte de ser bonitinho, porque acho que fui bem feio nas minhas últimas vidas.

Mas sabia que precisava ser cuidadoso. Esta era a vida pela qual eu havia sacrificado tudo e não queria estragá-la. Estava tão acostumado a começar do zero, de uma vida para outra, como se pudesse consertar qualquer grande erro que eu cometia. Mas nesta vida, a memória de Sophia seria tão boa quanto a minha. Não haveria consertos. Tudo parecia frágil para mim e fiquei cheio de inseguranças. Não queria que pensasse que eu era algum maluco, um perseguidor. Olhando para trás, gostaria de ter levado meus conselhos mais a sério.

Visitei-a mais duas vezes em Hopewood durante os dois anos seguintes, sem reunir coragem para dizer-lhe uma palavra. Uma vez, eu a vi enquanto plantava margaridas-amarelas no gramado da frente de casa. Em outra ocasião, eu a vi em companhia da irmã, Dana, em uma cafeteria em Coe Street. Lembro-me de ter ficado impressionado em ver as duas juntas. A doce determinação de Lucy contrastava com o nervosismo inato de Dana. Dana me era familiar, provavelmente de uma vida anterior, mas também por ter o olhar instável de uma alma profundamente agitada. Reconheci-a como o tipo que levava a agitação de uma vida para a seguinte, causando danos por onde passava. Tenho certeza de que torturava as pessoas que a amavam, fazia com que se preocupassem sobre onde haviam errado quando o mais provável fosse o fato de não fazer diferença como agissem.

Esperei até os dezessete anos para agir. Não queria causar muita confusão ao deixar Shepherdstown. Não me preocupava que a família adotiva sentisse tanto minha falta. Preocupava-me mais em causar dores de cabeça para a assistente social. Mudei-me

para Hopewood, aluguei um minúsculo apartamento em cima de um restaurante indiano e entrei na turma de Sophia em Hopewood High School.

## HOPEWOOD, VIRGÍNIA, 2008

NO DIA SEGUINTE à formatura na universidade, Lucy pegou um ônibus de volta para Hopewood carregando duas sacolas, um filodendro raquítico e Sawmill em seu estúpido viveiro de vidro. Tinha enviado o resto das coisas para casa, em caixas de papelão. Voltou sem ter planos muito concretos para o futuro além de misturar aqueles odiosos *smoothies* ou vender lingerie na Victoria's Secret. Mas aí uma coisa estranha aconteceu. Durante doze noites seguidas ela sonhou com um jardim.

Na primeira noite, sabia que era um jardim que nunca havia visitado, mas parecia familiar mesmo assim e tão naturalista que não parecia fazer parte de um sonho. Na segunda noite, ela voltou. Reconheceu exatamente o que havia visto na noite anterior: a fonte, o pequeno muro de pedra, os magníficos canteiros de peônias em rosa, fúcsia e branco. Acima de tudo, reconheceu o perfume. Não tinha certeza de ter sentido cheiro de nada no sonho anterior, mas o odor penetrou todas as partes de seu ser.

Na noite seguinte, ficou feliz por voltar ao jardim pela terceira vez. Era o mesmo lugar em todos os belos detalhes, mas desta vez ela decidiu explorar. Atravessou uma pérgula rústica que ardia com clêmatis vermelhos e encontrou um jardim de muros baixos, cercado por cornisos cobertos de flores rosas e habitados por mais ou menos um milhão de borboletas que batiam as asas em câmara lenta entre margaridas, bocas-de-dragão, zínias e cosmos. As borboletas tinham todas as cores, desenhos e tamanhos, encarapitadas em uma estranha suspensão oscilante. E de repente todas saíram voando. Zumbiram sobre sua cabeça e ela sentiu pânico por achar que as havia assustado. Mas

então a espiral voadora se adensou, tornou-se mais lenta até que a cercou completamente e ela ficou bem no meio. Piscou os olhos sonhadores e todas as borboletas voltaram a bater as asas lentamente sobre as flores.

Na quarta noite, ela decidiu investigar mais ainda. Na quinta noite, estava tão empolgada com o sonho que foi para a cama às nove da noite. Ainda estava um pouco claro lá fora. Não ia para cama tão cedo desde que havia extraído as amígdalas na sexta série.

Estava feliz no jardim, mais feliz do que havia se sentido desde que era bem pequena, muito antes de começarem os problemas com Dana. Sentia uma espécie de assombro ali, que trouxe à mente adormecida um aspecto profundo, misterioso e inexplicável de como era a sensação de ser uma criança. Todas as noites, ela se deitava na cama à espera do sono, com medo de não voltar para o jardim, implorando à sua mente consciente que voltasse para lá, e todas as noites ela voltava. Desejava poder trocar os dias pelas noites, a realidade pelos sonhos. Seria permitido passar de um lado para o outro?

Nunca havia dormido tanto na vida. No entanto, bocejava durante os dias na loja de comidas naturais e bocejava durante o jantar, ansiosa para ir para a cama e para o jardim.

Na sexta noite, ela sonhou que atravessava uma ponte em miniatura sobre um riacho estreito e que explorava uma nova parte do jardim. A maior parte das plantas não lhe era familiar, eram mais rudes e espinhosas, com cheiros diferentes. Não tinha a mesma beleza, mas o ar lhe pareceu mágico. Algumas plantas eram tão diferentes que ela as estudou por muito tempo e, assim que acordou, pegou um caderno e desenhou-as antes que as lembranças se fossem. Na noite seguinte, deixou o caderno de desenhos e uma caixa de lápis de cor ao lado da cama e, ao adormecer, voltou para aquela parte do jardim e estudou mais aquelas plantas, parecendo saber, no sonho, que ela as desenharia mais tarde. Registrou-as da melhor forma possível — cheirando-as, sentindo a textura das folhas. Na manhã seguinte, acordou cedo e passou duas horas antes do trabalho cuidando dos desenhos.

Ao voltar do trabalho, naquela noite, ela pegou o exemplar do seu querido *American Horticultural Society Encyclopedia of Plants and Flowers* e, com o coração batendo forte, tentou encontrar plantas reais que correspondessem aos desenhos. Levou algum tempo, mas encontrou algumas correspondências inequívocas. Descobriu que todas vinham de um capítulo do livro: ervas medicinais. Matricária, morrião-dos-passarinhos, galega, *bluecoshob*, perpétua. A nova área era um jardim medicinal.

Não foi antes da oitava noite que ela viu alguém no jardim, perto das borboletas. A princípio, achou que era Dana e se sentiu alegre, mas logo viu que não se parecia com Dana, que com toda certeza não era Dana. Era uma mulher na casa dos vinte anos, ao que parecia, com olhos claros e cinzentos, sardas e cabelo escuro e brilhante.

— Conheço você de algum lugar — disse Lucy para a mulher no sonho.

— Claro que sim, querida — respondeu a outra.

Quando Lucy acordou, ficou deitada na cama por muito tempo, tentando gravar o rosto da mulher do sonho em sua cabeça. Ela a conhecia de algum lugar, mas não sabia de onde.

Quando se levantou, foi até o armário e encontrou a monografia que havia comprado na loja de souvenirs em Hastonbury. Foi para os capítulos sobre os jardins e fitou as fotografias, incrédula. Era o jardim da mãe de Constance. Era o jardim que havia habitado quando era pequena, algumas vidas atrás. Fechou o livro de novo. Não queria ainda suplantiar seus sonhos.

Passou o fim de semana fazendo desenhos do jardim do sonho e, quando ficou satisfeita, comparou-os com as fotos reais de Hastonbury. O jardim sonhado era bem mais belo e completo do que as fotos na monografia ou aquelas que ela encontrou na internet, mas o dela correspondia a todos os detalhes que conseguiu encontrar. Mas foi a foto na parte de trás do livro que fez seu coração quase parar de bater. Já havia visto antes, mas nunca tinha realmente prestado atenção. Agora que prestava, sabia exatamente de quem se tratava. Era a mulher com quem havia sonhado no jardim. Claro que era. Era a mãe de Constance.

NA DÉCIMA SEGUNDA noite, o sonho mudou. O jardim começou a perder seus limites. Estendeu-se para mais longe, em novas direções. Ela seguiu uma trilha e percebeu que estava no quintal de casa, antes da praga que destruíra as framboesas. Ao seguir por outra direção, descobriu-se nos jardins de Thomas Jefferson, na Academical Village, na escola, cercada pelas paredes sinuosas. Caminhou em outra direção e encontrou, para seu espanto, a piscina com flores até a borda, como existia em seus desenhos e em sua imaginação.

Na manhã após a décima segunda noite, ela sabia o que queria fazer. Encontrou a ficha de inscrição na internet e a imprimiu. Passou o dia a preenchê-la e incluiu alguns dos melhores desenhos tirados de seus sonhos com os jardins de Hastonbury e do esboço de ervas. Por um capricho, também incluiu três dos seus desenhos favoritos da piscina nunca construída.

No décimo terceiro dia, colocou tudo dentro de um grande envelope, foi até o correio e despachou. No décimo quarto dia, começou a limpar as ervas daninhas do jardim.

Dois meses depois, em uma noite de agosto antes de sair de casa para valer, Lucy arrumava as coisas no quarto quando percebeu algo. Não poderia levar a serpente de Dana consigo. Sawmill aparentemente ia viver para sempre e ela não. Sem se dar muito tempo para pensar no assunto, ela o tirou do viveiro e deixou que se enroscasse em seu braço. Ele a olhou e ela o olhou.

— Lamento que não tenhamos apreciado muito a companhia um do outro — disse-lhe. — Você nunca foi minha opção de mascote.

Desceu a escada, atravessou a cozinha e saiu pelas portas dos fundos, deixando que a porta de tela batesse por trás dela. Cruzou o quintal e sentou-se de pernas cruzadas na grama, diante do arbusto de hortênsias. Deu uma última olhada nos olhos de cobra de Sawmill. Sempre tinha achado que as cobras representavam o mal e a duplicidade, e sempre achou que Dana tinha adquirido o bicho como mais uma forma de punir seus pais malvados. Mas ao admirar sua cabeça tranquila, Lucy não pensava mais assim. Pensava nas peles que havia soltado ao longo dos anos, nas versões gastas de si mesmo que deixara para trás, enquanto renascia com regularidade. Talvez fosse esse o seu significado para Dana.

— Hora se ser livre — disse, solene. Baixou a mão até o chão, para ver o que ele faria. Ele se prendeu a ela por alguns segundos. Mas depois levantou a cabeça corajosamente. Desenrolou-se centímetro por centímetro de seu pulso, estendendo-se e pairando sobre o terreno desconhecido. Finalmente, mergulhou para o solo e afastou-se sinuosamente em meio à grama do antigo jardim dos prazeres de Lucy.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2009

AQUILO QUE LUCY tinha desejado que acontecesse mais do que qualquer outra coisa no mundo e que já não acreditava mais que fosse acontecer acabou acontecendo um pouco depois das seis horas da tarde de uma terça-feira, em janeiro.

Estava sentada do lado de fora de Campbell Hall, prédio que abrigava o programa de paisagismo junto com o resto da Escola de Arquitetura, no ateliê onde havia passado as dez horas anteriores. Estava sentada em estado de atordoamento faminto, de sobretudo e gorro de lã marrom, respirando o ar frio e se permitindo um momento de paz antes de reingressar no ritmo do mundo cotidiano.

Marnie e o namorado, Leo, faziam comida chinesa para o jantar naquela noite, no minúsculo apartamento perto do cemitério Oakwood. Tinham alugado o apartamento em agosto. Marnie trabalhava no Kinko's de dia enquanto fazia um curso preparatório para a prova para o curso de Direito e fazia inscrições para as escolas, à noite. Lucy esperava trabalhar em tempo integral como barista no Mudhouse durante o outono e o princípio do inverno. Sua inscrição para a pós-graduação tinha sido tão tardia que ela foi informada pela divisão de matrículas de que precisaria esperar até janeiro para começar o curso. Mas apareceu uma vaga e, para a alegria de Lucy, tinham sido flexíveis e permitido que começasse a estudar em setembro. Por isso, trabalhava apenas dez horas por semana no Mudhouse e se endividava de uma forma lenta e tranquila para pagar a pós-graduação. Ela e Marnie haviam alugado o apartamento só para as duas, mas desde então



Leo havia se transformado no terceiro ocupante, não oficial e não pagante. Pelo menos, era um bom cozinheiro.

“Você não se sente solitária agora que Marnie está namorando sério?”, sua mãe havia lhe perguntado algumas semanas antes. Lucy percebeu que aquilo fazia com que sua mãe se sentisse solitária. “Não me sinto, não”, foi sua resposta. “Estou ocupada no ateliê.”

“Você ainda não está esperando por Daniel, não é?”, perguntara Marnie em tom acusatório no sábado anterior, quando Lucy recusou um convite para ir a uma festa com Marnie e Leo.

Lucy negou. Marnie ficava desconcertada com o que parecia a vida tão casta da amiga. Lucy não a corrigia. Não podia admitir para Marnie que havia dormido com Alexander, seu irmão, quatro vezes no último verão.

Lucy não estava esperando por Daniel. Não em sua mente consciente. Tinha se obrigado a aceitar o fato de que ele não voltaria a procurá-la dessa vez. Mas nos sonhos, ainda ansiava por ele. Nos sonhos, achava que sua história com Daniel só passava por uma pausa. Não havia acabado. *Não posso esperar por você para sempre*, pegava-se pensando na cama ao acordar na maioria das manhãs, pensando em seus sonhos, esperando que o despertador soasse.

E agora estava sentada no banco, na escuridão do inverno, pensando nessas coisas, quando um rapaz aproximou-se dela e disse.

— Você é a Lucy?

Ela ergueu os olhos, esperando que fosse alguém que ela conhecesse. Era alguém bem-vestido e barbeado, como um atleta careta do colégio ou um ex-integrante de clube universitário.

— Sou — disse ela. Não o conhecia. Provavelmente era alguém que fazia alguma cadeira com ela e com quem não tinha vontade de cultivar uma amizade.

— Sou Daniel — disse ele.

Ela ficou um pouco surpreendida ao ouvir o nome, como se tivesse sido retirado de seus pensamentos.

— Eu conheço você? — perguntou. Não era provavelmente a coisa mais delicada a dizer, e se tivesse a intenção de ser educada, ela teria formulado a frase de uma forma diferente.

Os olhos dele pareciam um tanto misteriosos.

— Talvez você ache que não conhece, mas conhece, sim.

Ela não queria brincar. Geralmente quando enfiava o gorro grumoso marrom na metade do rosto e se encolhia no casaco, não precisava brincar.

— Como assim? — perguntou sem curiosidade ou prazer. Puxou os flaps das luvas. Talvez ele estivesse participado de alguma de suas turmas na graduação. Talvez fosse amigo de um amigo que tinha aprontado isso porque os integrantes do círculo de Lucy achavam que ela precisava sair mais.

Ele se curvou para se aproximar dela, como se estivesse tentando que ela olhasse para ele de novo.

— Sei que estou com uma aparência diferente. Sei que vai ser difícil fazê-la acreditar, mas sou Daniel. O Daniel que você conheceu.

Dessa vez, ela levantou o olhar.

— O que você está dizendo?

— Conheci você no colegial. Conheci você muitas vezes antes disso.

Ela se levantou, ao mesmo tempo cheia de dúvidas e começando a se sentir eletrizada.

— Não compreendo.

— Sou Daniel Grey. De Hopewood.

Ela mal conseguiu se manter ereta.

— Você está me dizendo que é Daniel Grey?

— Por mais diferente que eu pareça. Mas sou sim.

Ela o encarou, procurando seu olhar.

— Como pode ser?

— Quer caminhar comigo? — Ele começou a andar e Lucy o seguiu. Sentia-se tonta, como se tudo estivesse em um ângulo errado. Tremia e suava dentro do casaco. Ele tinha uma longa passada e ela precisava dar mais passos para acompanhá-lo.

— Não sei o quanto você sabe sobre mim — disse ele, olhando para frente e não para ela.

Ela encarou a lateral do rosto dele. Seria aquilo alguma espécie de brincadeira esquisita? Ele não podia ser mesmo o Daniel, não era? Parecia até que seu antigo desejo era tão intenso que tinha produzido uma pessoa, mesmo sem ser a pessoa certa.

— Acho que não sei de nada — disse ela, percebendo no mesmo instante que aquilo não era verdade. — Quer dizer, talvez eu saiba de alguma coisa. — Ela se apressou. E se fosse mesmo ele? Talvez fosse. Tropeçou no meio-fio e sujou as calças com lama e gelo derretido. — Eu sei de Constance — disse rapidamente. — Sei de Sophia. — Não estava mais se preocupando com a própria proteção.

— Então você sabe muito — disse ele. A voz era mais incisiva, diferente da que ela esperava.

Lucy desejou poder olhá-lo nos olhos de novo. Como podia ser ele? Se não fosse, por que estaria fazendo aquilo? Ela estava aberta à ideia de que as pessoas podiam voltar em corpos diferentes, mas aquilo não fazia sentido.

— Não compreendo — disse ela. — Não compreendo como você poderia ser Daniel. Se você morreu na ponte, três anos e meio atrás, você seria apenas um garotinho agora, não seria?

Em suas fantasias de rever Daniel, ela havia imaginado que correria para seus braços, abraçando-o por horas seguidas e lhe dizendo tudo o que havia descoberto e pensado desde a última vez em que o vira. Não era o que estava acontecendo.

— Você não compreende e não posso explicar. Há mistérios que ninguém entende. Mas para alguém como eu, não é preciso crescer todas as vezes. Em alguns raros casos, é possível... assumir um corpo que foi abandonado.

— O que isso quer dizer? — Ela se encontrava em uma versão cada vez mais desvairada do universo, mas pelo menos conversava com outra pessoa além de si mesma. — Mas você pode *se apoderar* de alguém? Por que alguém abandonaria o próprio corpo?

— Geralmente, não é uma opção. Às vezes, é. Abandonam ao morrer.

— Mas se morrem, não é justamente porque o corpo não funciona mais?

— É, geralmente. Mas às vezes as pessoas... Como posso dizer de uma maneira simples? Elas precisam sair antes da hora. Ficam assustadas e recolhidas. É tentador, nesse momento.

— Por que é tentador?

— Porque geralmente estão sentindo dor e parece melhor deixar tudo para trás.

Lucy tentou examinar os próprios sentimentos, mas além dos esmagadores sintomas de choque, ela não conseguiu.

— E você se apodera?

— A oportunidade é extremamente breve. E o corpo precisa ser aproveitável, obviamente.

De uma forma distante, ela se perguntou como tal conversa soaria a um transeunte. Caminhavam rápido demais para que alguém pudesse ouvir muita coisa e, além disso, estava tensa demais, avassalada demais para se importar. Mas de que coisas estavam falando? Como ela podia sequer começar a aceitar aquilo? Como não poderia aceitar? Tinha desistido totalmente de que o mundo voltasse a se comportar como antigamente?

— Mas o que acontece com eles? E se quiserem voltar?

O olhar dele foi categórico, quase autoritário.

— Não voltam.

Daniel já havia aparecido assim?

— Só pego o que sobrou. — disse ele. Por um momento, cobriu as mãos enludadas dela com as suas, expostas. — E a alma que estava ali segue para a próxima etapa, seja lá qual for.

— Voltam em um corpo novo?

Ele esfregou as mãos frias.

— É bem provável. A maioria volta.

Uma parte dela queria fugir e ela se envergonhou desta parte. Estava tão cheia de dúvidas. Sempre estragava tudo. Depois do que havia descoberto, por que não podia simplesmente tentar acreditar nele? O fato de que estava tendo aquele tipo de conversa só podia significar que era Daniel. Quem mais saberia desse tipo de coisa?

— Então, você meio que... pulou nessa pessoa em que você se encontra agora. Havia outra pessoa aí dentro?

— É difícil de compreender, eu sei. Existem tantas coisas sobre nascimento e morte e o que se passa entre uma coisa e outra que as pessoas comuns não sabem. Mas você está começando a captar, não é?

Ela pisou em uma poça. Mal sentiu a água fria encharcar suas meias.

— Acho que sim — respondeu.

Ele parou. Estendeu as mãos e Lucy percebeu que ele as estendia para ela. Sem graça, enfiou as mãos nas dele, que as apertou.

— Lucy.

Ela fez que sim com a cabeça. Sentiu a pressão de muitas lágrimas por trás dos olhos, embora não pudesse explicar a natureza delas. Tornava mais difícil olhá-lo.

— Estou feliz em vê-la. Você está feliz em me ver?

As coisas que havia imaginado lhe dizer tantas vezes, ela não podia dizer a menos que soubesse que era ele e ainda não tinha certeza.

— É difícil acreditar que você é o Daniel — disse, com honestidade. Tentou olhar em seus olhos, mas ele estava ocupado tirando as luvas dela. — Você é mesmo o Daniel?

— Eu sou mesmo o Daniel — disse ele.

Ela assentiu de novo. Podia acreditar nele ou não. Se não acreditasse e fosse ele, como devia mesmo ser, ela teria estragado a oportunidade mais uma vez. Não queria fazer isso de novo.

— Lamento o que aconteceu da última vez — disse rapidamente. — Lamento não ter me esforçado mais para compreender. — Uma ou duas lágrimas desceram.

— Não posso culpá-la. Ninguém acredita. E provavelmente, é melhor assim.

— Mas queria ter tentado.

— Certo. Eu sei. — Ele olhava para baixo. — Existem coisas no passado das quais a gente se arrepende.

A expressão era diferente daquela que ela imaginava que seria. Mas como pensava que seria? Por que fingia para si mesma que o conhecia, ou que tinha algum motivo para esperar ou achar alguma coisa? Ela não o conhecia no passado e não o conhecia agora. O único relacionamento, como Marnie havia dito, era o que existia com sua própria imaginação. E agora estava tentando se prender a isso?

— Mas temos uma chance de começar de novo.

Ela o fitou com algum espanto. As palavras conseguiram penetrar nela, mesmo contra sua vontade. O problema não era a diferença entre esse homem e o velho Daniel. O problema era entre Daniel e sua imaginação. É claro, o Daniel verdadeiro seria diferente daquele Daniel com que havia passado tantas horas na intimidade de sua mente. É preciso o contato com a realidade para mostrar o tamanho dos delírios. Fez com que pensasse na ocasião em que a empresa de energia Dominion não conseguiu entrar no porão de sua casa. Mandaram contas aproximadas durante oito meses seguidos, e quando o cara finalmente fez a leitura do medidor, ele disse a seus pais que os cálculos estavam tão errados que eles deviam quatro mil dólares.

— Se você quiser — acrescentou ele.

Poderiam começar tudo de novo? Poderiam fazer isso? Era o que ia acontecer, se ela permitisse?

Era Daniel. Ainda não parecia porque ela era superficial e estava aprisionada às próprias fantasias, mas era sim. Se ia mesmo dar preferência a seus delírios em detrimento da pessoa real, então era melhor arranjar um monte de gatos e se trancar em casa naquele instante.

Ele parecia diferente do que era antes, mas agora que ela parou para pensar um instante, ela também parecia diferente. Na escola, toda vez em que o via estava cheia de caras e bocas. Tinha uma camada permanente de gloss nos lábios, as bochechas encolhidas, o jeans perfeito e o cabelo indo todo em uma direção. Agora estava distraída, absorvida por outros assuntos, esquecendo-se completamente de olhar para o espelho. Esquecia-se de se arrumar para os olhos de outra pessoa. Tinha sorte por ele não ter corrido na direção oposta.

Toda sua vida havia se congelado por causa dele. A sensação de que o mundo ia se abrir por causa dele. Não ia mesmo aproveitar esta chance? Sua covardia lhe afastara dele antes e a deteria novamente, se permitisse. Estava mais velha. Estava mais segura de si. Saberria como lidar com isso.

— Sim — disse ela. Outra lágrima escorreu.

Ele sorriu. Era um sorriso diferente daquele que Lucy esperava. E ela ficou com vontade de se socar. Nada de expectativas.

— Estou em Washington agora, trabalhando em uma empresa de marketing. Preciso voltar para cuidar de negócios hoje à noite. Não sabia que a encontraria na primeira tentativa. Se soubesse, teria deixado a noite livre para você. Mas vou estar de volta no fim de semana, tudo bem? Posso convidá-la para sair no sábado? Qual é seu restaurante favorito por aqui?

Estava um pouco desapontada por ele já estar de partida, mas ao mesmo tempo também sentiu alívio. Poderia se atormentar melhor quando estivesse sozinha.

— Pode. Tudo bem — Ela deu o nome de um lugar que ficava a vinte minutos dali, a leste. — Vou encontrá-lo lá — disse com nervosismo. Percebeu que não queria que ele fosse a seu apartamento. Não saberia como explicar para Marnie.

— Ótimo. — Ele abaixou-se e beijou seu rosto, pegando o cantinho da boca. Ergueu as costas e se afastou, olhando para trás para se despedir.

Ela ficou parada, sentindo o beijo que permanecia não absorvido em seu rosto. Quando ele estava bem longe, pronto para desaparecer na curva de um estacionamento, ela preparou o rosto pensando que ele se voltaria para trás uma última vez, mas isso não aconteceu. *Cale a boca. Você não sabe de nada*, disse ela para sua própria decepção.

Começou a andar. Sem pensar, acabou junto ao muro sinuoso. Escalou-o e sentou-se com os joelhos apertados contra o peito e os braços se segurando. Era um mundo difícil de conhecer.

O que estava errado com ela? Daniel havia vindo. Por que estava se sentindo tão estranha e tão pouco à vontade? Por que não o envolveu com os braços? *Temos a chance de começar de novo*, ele havia dito. Qual era o problema? O que mais queria ouvir?

*Não era assim que eu achei que seria.*

Não podia superar o fato de que ele estava com uma aparência diferente? Seria mesmo tão superficial assim? Não que ele não tivesse uma boa aparência. Ele tinha. Era bem atraente sob todos os aspectos objetivos. Talvez até mais do que antes.

Uma lembrança teimosa, clandestina, daquela noite fatídica com o velho Daniel veio até ela. Deu-lhe um imediato aperto na barriga. Quando ele a puxou para que as duas carteiras ficassem frente a frente. Quando os joelhos se esbarraram. Quando ele a beijou. Uma lembrança gasta com quatro anos tinha mais força do que um beijo novinho em folha, depositado em seu rosto.

*Porque você ainda não conhece essa nova versão.*

*Eu também não conhecia a versão antiga.*

O velho Daniel era aquele que Constance amou. E que Sophia amou. Aquilo tinha feito sentido antes. Por que não fazia sentido agora? Pôs a mão na boca. Viu pedacinhos de renda congelada sobre sua luva escura e ergueu os olhos para fitar flocos grandes e desordenados de neve que voavam à sua volta. Era neve de Virgínia, onde o céu parecia não ter mesmo essa intenção e os flocos caíam por conta própria.

Talvez fosse ela quem tinha mudado. Talvez este fosse o problema verdadeiro. Era muito mais fraca naquela época, muito mais disposta a se apaixonar ou acreditar que estava apaixonada. Tinha se tornado mais fria, mais solitária, de comportamentos mais arraigados. Talvez não fosse mais capaz de manter esse tipo de ligação.

Mas, por que não? Por causa das coisas que havia descoberto com Madame Esme e doutor Rosen e na mansão em ruínas na Inglaterra? Talvez tivesse se enterrado com a descoberta das pessoas antigas que ela havia sido. Talvez tivesse perdido aquela antiga personalidade sob o peso das outras. Sentiu-se triste e pôs as mãos nos olhos. Perguntou-se se seria ela mesma a pessoa a quem ele queria.

Daniel estava diferente e talvez fosse uma coisa boa. Não apenas na aparência, percebeu. Pelo menos, ele a chamou pelo nome. Ele a chamou de Lucy.

## CALCUTÁ, ÍNDIA, 2009

ELE RECEBEU O telefonema da mulher em Calcutá no início de 2009. Não foi muito depois de ter visto Sophia na biblioteca da universidade. A mulher se apresentou como Amita. Tagarelou com ele em bengali por um minuto inteiro antes que ele pudesse convencê-la de que não falava a língua.

— Você não sabe falar bengali? — ela quis saber em um inglês com sotaque.

— Eu... não sei. Como saberia?

— Você não morou por aqui, não foi? Hindustâni? Você fala isso?

— Um pouquinho, não muito. Podemos continuar falando em inglês, por enquanto?

Ela riu e Daniel percebeu que era Ben.

— Ah, é meu velho amigo — disse no dialeto italiano extinto que usavam no barco.

— Agora você quer falar em outras línguas, não é? — ela voltou a perguntar em inglês.

— Temos muitas línguas em comum — respondeu em latim.

— Você pode fazer uma visita? — perguntou-lhe alegremente em inglês.

Ele sabia que devia aparecer quando convocado por Ben.

— Posso. Quando?

— Logo! Assim que você quiser.

Ela lhe deu um endereço e Daniel comprou uma passagem de avião no dia seguinte. Tinha muitos dias de folga para descontar no hospital.

ELE A ENCONTROU em um pequeno apartamento no alto de uma velha casa em um bairro populoso e pobre de Calcutá. Era jovem, com um rosto que não parava de se movimentar. Usava um belo sári azul-pavão e pulseiras de ouro que chacoalhavam em seu pulso. Abraçou-o imediatamente. Conduziu-o a uma pequena cozinha antiquada, onde ela parecia cozinhar em meio a um furacão.

— Você está muito atraente, Daniel — disse ela, erguendo as sobrancelhas de forma sedutora.

— Tive sorte nesta vida — disse ele. — Se beleza é sorte.

— Às vezes sim, às vezes não. — Ela provou no dedo alguma coisa que se encontrava no interior da panela.

— Delicioso — declarou.

— Estou feliz em ver você — ele disse com sinceridade.

— E estou feliz em ver você. — Avançou para ele com uma colher na mão e beijou seu queixo. — Gostaria de beijar você mais — afirmou. Fez um gesto com a colher para o quartinho que aparecia por trás de uma porta entreaberta. — Gostaria de levá-lo para lá, mas sei que você ama outra garota.

Ele riu. Não sabia dizer se ela falava sério ou não e, independente disso, não conseguia se imaginar subindo naquela cama desfeita com Ben. Primeiro, porque era Ben, e também porque ele a havia conhecido rapidamente como Laura e muitos outros. Não conseguia se desprender das vidas antigas. Não conseguia com ninguém, muito menos com Ben. Se Daniel conhecia uma pessoa pela primeira vez como homem, ficava muito complicado para ele se sentir atraído por qualquer versão feminina subsequente. Ele não era bom em mudar de uma coisa para a outra.

— Sou *Amita* — declarou ela de uma forma imperiosa, lendo seus pensamentos como de hábito.

— Você é uma camaleoa — disse ele, de brincadeira.

— Não, isso se chama viver — retrucou ela, energicamente. — E o que *you* faz não é isso. — Os olhos dela permaneceram carinhosos, mas ele não conseguiu deixar de se encolher.

— Conte-me sobre sua garota — disse Amita com doçura. Não queria magoá-lo.

— Sei onde ela está — contou Daniel.

— Por que você não está com ela? — perguntou-lhe.

Sempre se devia esperar que Ben chegasse ao ponto depressa. Daniel estava cansado, encontrava-se em Calcutá e precisava ser sincero.



— Tentei falar com ela há alguns anos e realmente ferrei com tudo. Fui rápido demais. Assustei-a. Acho que ela não vai querer me ver de novo depois daquilo. Estou dando um tempo antes de tentar de novo. — A explicação pareceu fraca para ele mesmo. Quanto tempo ia esperar?

— Talvez ela não queira tempo.

Esfregou as bochechas. Sentia o suor e a sujeira da longa viagem.

— Não sei o que ela quer. — A voz ficou mais baixa. — Mas acho que não é a mim.

Amita ficou parada com a colher, olhando-o pensativa.

— Ah, Daniel — exclamou finalmente. — Você precisa ser amado. É do que você precisa. Está terrivelmente fora de forma.

Ele riu.

— É por isso que você quer que eu vá para o quarto?

— Amor é amor — respondeu.

Daniel balançou a cabeça. O flerte era uma misericórdia que ele não entendia muito bem.

— Não acho que esteja em uma hora boa para eu tentar novamente com a Sophia — disse ele. — Se eu esperar um pouco, talvez tenha outra chance.

Ela pareceu triste.

— E é uma coisa que você pode guardar para sempre. — Ela colocou a colher de volta na panela e se ergueu para sentar no balcão. Pôs o queixo na mão por alguns momentos, pensando. — Se você tivesse se aproximado dela e não de outra pessoa, talvez não a tivesse assustado.

— O que você quer dizer? Não me aproximei dela como se fosse outra pessoa. Eu me aproximei dela mesma. Chamei-a de Sophia, mas ela é Sophia. É errado lembrar isso a ela?

— Sophia não é o nome dela. Sophia é uma lembrança. — Amita saltou do balcão e voltou a mexer na panela. — Acredito que ela se chama Lucy.

— Mesma garota.

— Sim e não.

— O que você quer dizer com isso? — Ele parecia uma criança para si mesmo.

— Você é um acumulador — disse ela. Era uma acusação que Ben já havia feito várias vezes antes. — Ame quem você ama enquanto tiver essas pessoas. É tudo que você pode fazer. Deixe que partam quando precisar. Se souber amar, nunca vai lhe faltar.

Ben parecia tão otimista quanto um livro de autoajuda, mas Daniel se sentiu avassalado e estranhamente frágil. Não sabia como reagir e ela percebeu. Veio para a frente de novo, com a colher.

— Experimente isso — disse delicadamente, estendendo-lhe a colher.

Ele experimentou.

— Meu Deus, isso aí está apimentado.

Ela assentiu e arregalou os olhos.

— Não está? — Consultou o livro de culinária por um momento e depois o fechou. — Desde que meu marido foi para o exército, eu cozinho e leio. Cozinho e leio.

— Marido? — Ele se sentiu culpado por ter olhado de relance para a bela região morena das costelas e da barriga, revelada pelo sári.

— É. E quando ele voltar, vou deixá-lo assombrado com meus pratos — exclamou, gesticulando com a colher como se fosse uma varinha de condão.

A boca de Daniel ardia.

— Vai sim. Com certeza.

Ele a observou por algum tempo. Ela misturava, picava coisas, espalhava os ingredientes com despreocupação. Parecia apreciar o ato de jogar pimentas na panela, em vez de simplesmente colocá-las lá dentro.

— Às vezes é preciso fazer uma bagunça — informou alegremente. Provou um negócio verde em um pratinho de latão. — Aaah — disse com espanto. — Bem, isso aqui é mesmo surpreendente.

— Verdade?

— É! Talvez não de um jeito bom. Cozinhar é sempre surpreendente, você não acha?

Ele não achava que cozinhar era surpreendente havia quatro séculos, desde que passou sete anos na cozinha de uma embarcação que navegava pelo Adriático.

— Não acho — disse ele com sinceridade.

— Ah, mas sempre é. Sempre é. — Voltou para o livro de receitas. — Não tenho uma mãe ou uma irmã que me ensine, por isso preciso aprender sozinha — explicou.

Daniel sentia-se desanimado a essa altura. Era o jet lag e a tendência que Ben tinha de lançá-lo em incertezas.

— Como alguma coisa pode ser nova para você? — perguntou-lhe. — Como você ainda consegue achar que alguma coisa é surpreendente?

Ela parou por apenas um momento e o olhou. Enfiou o dedo no troço verde e estendeu. Ele deu uma lambida e achou que era horrorosamente ruim. Quase venenoso. Cedeu.

— Você tem razão. É surpreendente.

Por alguma razão, ele pensou em uma coisa que ela havia lhe dito uma vez, quando era Ben e os dois contemplavam o céu estrelado durante um plantão longo e tranquilo no Egeu. “Não vejo os padrões com facilidade.”

DANIEL SABIA QUE ela acabaria levantando o assunto da visita e isso aconteceu enquanto estavam sentados no calor do telhado depois do jantar, mastigando sementes perfumadas e vendo uma grande família deitada em espreguiçadeiras no telhado do outro lado da rua estreita.

— Eu não sou uma camaleoa — disse ela, do nada. — Seu irmão mais velho que é. — Examinou uma semente e lançou-a na calçada, lá embaixo. O rosto permaneceu calmo por apenas um momento, mas com toda certeza ela lhe dava uma advertência.

— É verdade?

— É. Agora ele rouba corpos com facilidade. Tem um amigo perigoso.

— O que você quer dizer? Quem? — a mente de Daniel disparou, lembrando-se de diversos personagens a quem havia conhecido ou de quem ouvira falar ao longo dos anos. Havia o homem que o procurou, certa vez, em Ghent, alegando ter sido o arcanjo Azrael. A mulher de Nova Orleans, Evangeline Brasseaux, com um bando de seguidores, que dizia ter visto o apocalipse. Havia todo um submundo dessa gente e, apesar de ter mergulhado nele algumas vezes, em outra época, ele procurou evitá-lo na maior parte do tempo. Ao lado daqueles com lembranças autênticas havia os parasitas, os inventores de mitos, os disseminadores de boatos e os mentirosos descarados. Achava difícil manter o equilíbrio entre eles. Mas agora desejava ter se dado ao trabalho de saber mais.

Ela coçou o braço. Os ossos eram finos e definidos, como os de um pássaro.

— Ele vem juntando poder há muito tempo. Enquanto você não encontra sua garota, ele está procurando por ela.

Daniel sentiu uma dolorosa pontada nos ouvidos e na garganta, mas não conseguiu fazer com que desaparecesse.

— Está procurando por Sophia?

Ela mastigou uma semente ruidosamente e depois a tirou do dente.

— Ao encontrá-la, vai encontrar você.

— O que você quer dizer?

Ela pensou por um momento.

— Talvez já a tenha encontrado.

Daniel se levantou e andou. O jantar terrível, apesar de surpreendente, estava revolvendo-se no interior de seu estômago.

— Como pode ser? Ele não consegue reconhecer almas. Você me disse. Não se lembra?

Ela juntou-se a ele no parapeito e cuspiu outra semente.

— É possível que ele tenha ajuda — disse de novo.

— Como? Quem? O que você quer dizer? — Sentia-se um idiota por repetir a mesma coisa sem parar, sabendo que era o tipo de pergunta que Ben nunca responderia, mas não conseguia tranquilizar sua mente.

Ele andou de um lado para o outro e, pela primeira vez, ela ficou completamente parada.

— Como você sabe disso? — Estava em agonia.

Ela sacudiu a cabeça, mas devia ter percebido seu estado. Por piedade, deu-lhe uma resposta.

— Eu me lembrei.

Ele a observou atentamente.

— Mas ainda não aconteceu, não é?

Ela respondeu sacudindo o pulso estreito, coberto de pulseiras.

— ANDEI LENDO Proust — declarou Amita, enquanto Daniel a ajudava a limpar o desastre que era a cozinha. Ela não queria mais falar sobre Joaquim ou Sophia, e ele teve que aceitar. Sabia como era Ben. Só entregava o que a pessoa conseguia digerir e nada mais.

— Verdade? — disse ele, distraído, desejando ser sociável.

— É. A gente tem uma boa biblioteca no final da rua.

— Você já não leu antes?

— Imagino que sim. — Ela riu de uma forma um bocadinho boba para alguém que vivia eternamente. — Eu adoro.

Ele assentiu, esfregando algum tipo de molho que estava no teto.

— O que aconteceu com ele?

— Você está falando de Proust?

— É. Ele tem lembranças? — Se a pessoa conseguia envolver Ben em um assunto que lhe interessava e que era irrelevante, podia obter informações curiosas.

Ela sacudiu a cabeça de uma forma que os brincos dourados balançaram.

— Nadinha. — Pensou por um momento. — É uma dona de casa no sul de Kentucky. Uma jogadora de bridge muito competitiva.

— Nadinha? — disse ele, surpreso.

— Nadinha. E Joyce, você sabe, ele se foi.

— Se foi?

— Viveu apenas uma vida. Mas viveu-a com intensidade.

— É. Nenhuma lembrança, imagino.

— Não. E Freud também não tinha. Sabia?

— Não podia imaginar — disse ele.

— Mas Jung tinha, com toda certeza — acrescentou Amita, com animação. — E a mãe dele também.

— Mesmo?

— É claro.

Ele manobrou até chegar à pergunta que precisava fazer.

— E esse... amigo perigoso tem lembranças? — perguntou lentamente.

Ela deu de ombros com seu jeito despreocupado, mas os olhos brilhavam com uma complexidade que ele não conseguia entender.

— Não é só a gente, sabe? — disse ela, com alguma tristeza.

AMITA QUERIA QUE ele passasse a noite em sua casa. Ofereceu-lhe metade da cama

com a promessa solene de não lhe botar a mão. A forma com que ergueu as sobrancelhas fez com que ele risse, coisa que ele teria achado impossível naquele momento. Mas ele recusou o convite. Precisava ir para casa.

Ela pareceu triste ao abraçá-lo.

— Você ama sua memória, mas precisa amar sua garota — disse, como despedida. — Você se lembra do que foi perdido e se esquece do que está bem diante de seus olhos.

Daniel sabia o que ela estava tentando dizer, mas não conseguia ser como ela.

— Se eu desapegar, quem mais vai se lembrar? — disse com uma melancolia inevitável. — Vai desaparecer.

Ela suspirou.

— Já desapareceu.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2009

DANIEL ENCONTRAVA-SE DIANTE de Campbell Hall. Olhou para as janelas com luzes acesas e perguntou a si mesmo se ela estaria atrás de alguma delas. Havia visitado Charlottesville três vezes nos últimos dez dias e não havia posto os olhos sobre ela, mas ainda tinha uma sensação de conforto. Lucy havia se formado. Poderia ter escolhido qualquer lugar do mundo como moradia, ainda assim tinha voltado para cá. Ele tinha o endereço do apartamento em Oak Street, mas não havia passado por lá.

Em pequena medida, ele havia chegado mais perto. Tinha feito amizade com o guarda que cuidava da entrada dos ateliês de arquitetura. Falou com uma estudante de pós-graduação chamada Rose, que conhecia Lucy e parecia passar todas as horas do dia no ateliê. Deu a entender que ele e Lucy eram amigos e sentiu-se um pouco culpado por causa disso. Detestava ter um comportamento repulsivo e não queria se intrometer na vida dela, mas suas preocupações haviam se intensificado desde a viagem à Índia. Ele não ia incomodá-la. Só queria ter certeza de que estava bem.

Ficou perto da entrada até ver Rose, que provavelmente voltava do jantar.

— Ei, como vão as coisas? — perguntou.

— Bem. Está esperando pela Lucy?

— Estou, a gente tinha ficado de comer alguma coisa mais tarde — mentiu. — Você não a viu, não é?

— Não — disse Rose, com conhecimento de causa. — Ela costumava aparecer aqui todas as noites e ficar até meia-noite, mas não ficou até tarde nos últimos dias. —

Lançou um olhar conspirador. — O boato que corre no ateliê é de que a Lucy tem um namorado.

Daniel se perguntou se Rose teria uma natureza cruel.

— Ah é? — disse casualmente.

— Estava toda arrumada quando saiu na noite de quarta-feira. Ninguém estava acostumado a vê-la de salto e maquiagem. Causou uma impressão e tanto.

Daniel se pegou odiando Rose.

— Tudo bem. Bom para ela. Não estava sabendo. — Tinha um olhar falso e desconfortável estampado no rosto e seu único desafio era mantê-lo. — Posso ter me esquecido de deixar o recado sobre o jantar — acrescentou, sem jeito. Imaginou Rose como uma informante da Stasi em sua vida anterior.

Então Lucy agora era uma garota com namorado. Que palavra mais boba. Tentou se lembrar quando, na história da linguagem, aquilo havia aparecido. Nunca seria seu namorado. *Você seria qualquer coisa que ela quisesse*, argumentou uma parte mais sincera de si mesmo.

Ao se afastar de Campbell Hall, Daniel se sentiu imaturo e ciumento, mas não ficou alarmado. Era a única coisa boa. Lucy se arrumou. Saiu com o namorado. Não havia sinal de Joaquim em toda essa história. Era deprimente pensar nela com um namorado, mas tinha certeza de que Joaquim não poderia se aproximar dela desse jeito. Se havia uma coisa que Daniel sabia era que Lucy acharia a presença de Joaquim profundamente perturbadora.

Arrastou-se para o carro devagar, com uma vontade que não costumava sentir com frequência, nem se permitia sentir.

Sem pensar, dirigiu para o norte, até Fairfax. Seguiu os caminhos que havia aprendido quando era um adolescente, nos anos 1980. A mãe costumava deixá-lo pegar o Toyota Celica vermelho emprestado e ele atravessava o rio Potomac à noite para ver os monumentos a Lincoln e Jefferson reluzindo em branco contra o céu escuro. O pai desencorajava, mas Molly quase sempre concordava.

Teve uma sensação dolorosa ao passar diante da antiga casa. Não tinha intenção de dirigir até a casa e parar, mas agora estava ali. Não passava por ali havia vinte e dois anos.

Se tivesse deixado as coisas em paz, talvez morasse na outra esquina. Poderia ver Molly, seu pai e os irmãos o tempo todo. Talvez estivesse casado e bem empregado, usando sua imensa experiência para fazer algo de bom. Talvez fosse um professor, como os pais. Poderia oferecer uma perspectiva única em se tratando de história, com toda certeza. Ou talvez apenas aparasse a grama, arrancasse as ervas daninhas e tentasse esquecer de tudo menos do esporte no domingo. Às vezes ele tinha a certeza de que a chave para a felicidade era uma memória ruim.

Seus antigos pais estariam chegando à casa dos 70 anos, caso ainda estivessem vivos. Ainda moravam ali? Ergueu os olhos para a varanda na frente da casa e forçou a

vista para ver as flores. Mesmo no escuro, sabia que eram dalias e isso bastou como resposta.

A luz estava acesa na cozinha e havia outra, azulada, de uma televisão, no segundo andar. Consequia ver a casa como se fosse a dele. Era dele, no passado. Por que não poderia mais pertencer a ele? Por que ele não poderia mais pertencer a ela? Porque desistiu. Preservou a si mesmo e jogou o resto fora.

Pensou nos irmãos, nos três meninos Robinson, arrumados para a igreja. A mãe com as balas verdes, adesivos e livros de colorir para que ficassem quietos. E Daniel nunca precisou de tais recursos. Estava sempre procurando por Sophia. Aquilo teria ferido os sentimentos dela, naquele tempo?

Devia ter percebido que ele nunca foi dela. Era uma tristeza dela, ele sabia. Sentava na sua cama à noite e tentava fazer com que ele conversasse, pensando que podia se aproximar daquela coisa distante que ele escondia dela. Molly o amou tanto que ele permitiu. Mais do que havia permitido. Não é possível controlar tudo.

E aí ele desapareceu sem dar motivos, sem sequer lhe dar um momento de satisfação. Molly não merecia. Ainda havia um vazio ali. Sabia disso, se fosse sincero consigo mesmo. Era dele, tanto quanto dela. Desejou poder se sentir como naquele tempo.

E ali estava ele, sentado no carro, perfeitamente bem e saudável diante de sua casa. Mas o que adiantava para ela? Que bem isso fazia a ele?

*Não quero seguir em frente, quero voltar para trás.* Não queria ir para a frente, mas sempre queria receber mais uma chance. Sempre se preocupava com começos e fins, enquanto gente como Molly vivia no meio, como se fosse tudo o que tinham.

Pegou-se desejando que Molly saísse da casa. Pensou nos dentes frontais tortos, nas sardas, no cabelo grisalho e crespo e sentiu a dor da saudade. Mas ela não saiu. Por que sairia? Ficou sozinho no carro.

Não teria sido muito diferente se estivesse morto. Sua memória o tornava invisível com o passar do tempo até para as pessoas que ele achava que conhecia e que mais amava. Nem mesmo elas o reconheciam ou ainda se importavam com ele. Era possível fingir que se tinha o controle de todos os relacionamentos quando nenhuma pessoa a quem amava era capaz de reconhecê-lo.

Ele era mais parecido com um fantasma do que com uma pessoa, observando os outros, esperando pelos outros. Não para lhes falar, nem para abraçá-los ou construir uma vida juntos, apenas para se lembrar deles.

LUCY FICAVA UM pouquinho bêbada sempre que estava com Daniel. Ele a levava a bons restaurantes, sempre pedia vinho e pagava a conta com toda segurança. Ela bebia ansiosamente o que quer que fosse. A seu lado, vivia em eterno estado de confusão mental.



*Por que faço isso?* Ela se perguntava. Não fazia aquilo em outras ocasiões. Gostava de manter o juízo. Por que ficava tão ansiosa para perdê-lo quando estava em sua companhia?

Estavam nos momentos finais do jantar, com bolo de chocolate derretido compartilhado de uma forma um tanto romântica, na sobremesa, e a conta a caminho. Devia ganhar um bocado de dinheiro nesse emprego, decidiu ela.

Olhou para ele do outro lado da mesa. Mal podia se lembrar do Daniel antigo. Tinha se esforçado tanto para fundir os dois rostos. Sentiu um momento de audácia e deixou que a mente voltasse para uma antiga conversa que tiveram.

— Você costumava me chamar de Sophia — disse ela.

— Quando?

— Na escola. Naquela última festa infeliz. Você não pode ter se esquecido.

Ele passou o indicador na beira da mesa, coberta pela toalha.

— Você já foi Sophia.

— Muito tempo atrás, não é? — Estava altinha, com toda certeza.

— É. Há muito tempo.

— Você se lembra?

— Claro.

— Como?

— Simplesmente me lembro. Algumas pessoas se lembram de coisas muito antigas.

— Queria me lembrar.

— Não é tão bom assim — respondeu ele.

— Você se lembra de Constance?

A bela garçonete atravessou o salão com a conta. Ele respondeu enquanto a examinava.

— Claro.

— Como você consegue reconhecer alguém? De uma vida para a outra? Não entendo como você consegue.

Ele assinou e se levantou.

— Vamos para fora, está bem?

Não esperou que ela aceitasse o convite, por isso Lucy simplesmente o seguiu para pegar os casacos, depois até o estacionamento com manobrista, com todas as gorjetas que ela não sabia ao certo se deveria pagar. Geralmente guardava alguns dólares aqui e ali, só para garantir.

Diante do restaurante, ele se virou para ela e a agarrou em um único movimento. Seus lábios estavam sobre os dela antes que pudesse se esquivar. Sempre queria beijá-la e agarrá-la em lugares públicos, o que era o oposto do que ela desejava.

Tentava corresponder, mas seu corpo tremia, as costelas, os joelhos, os ombros. Os dentes trepidavam demais para permitir o beijo. Ela se afastou, para poupá-lo.

— Você vem comigo para casa? — perguntou ele, colocando alguns dedos por dentro da cintura de sua saia. — Por favor.

Ela ia? Não podia. Queria beber tanto vinho que pudesse aceitar, mas ainda não tinha encontrado uma quantidade tão grande assim.

— Não posso.

Ela se lembrou, com um rubor, como tinha ficado empolgada em sentir seu joelho sob o vestido na escola, em como os dois começaram a se beijar antes de terem trocado dez frases. Começava a se perguntar se a alma tinha mesmo tanta importância assim.

O carro chegou, trazido pelo manobrista sequioso, antes que ele pudesse pôr as mãos em suas coxas. Dirigia um Porsche, o que lhe deu assunto para falar com o manobrista, o que foi um alívio.

— Por que você não pode? — perguntou, colocando-a em seu colo, sob o capô do carro tão cobijado, depois que o manobrista saiu para estacionar um 4x4.

— Tenho aula amanhã. Tenho uma avaliação no ateliê. Devo terminar uma maquete.

Ele acenou com a cabeça, cheio de compreensão. Não parecia saber que três desculpas era a mesma coisa do que desculpa nenhuma. Lançou as mãos sob seu casaco e blusa e trabalhou com elas sob o sutiã. Entendia de algumas coisas. Suas mãos pareciam frias sobre ela. Era por isso que ela ainda tremia.

— Na próxima vez?

— Na próxima vez — respondeu. Era um ritual entre eles. Era sempre na próxima vez.

Ele acendeu um cigarro e acompanhou-a até sua porcaria de carro, que ela havia estacionado nos arredores do estacionamento. Tinha ficado com vergonha de entregá-lo ao manobrista.

— Fale-me de Sophia — perguntou-lhe, a respiração saindo como nuvens. Sua nuvem era branca. A dele, tinha um tom acinzentado. Queria alguma coisa para guardar, para acreditar na próxima vez.

— Falar o quê?

— O que ela significou para você?

Ele afastou as mãos.

— Era minha esposa.

— Era?

— É.

— Você a amou? — Era o vinho falando. Era a próxima vez falando. Ele não estava sequer lhe tocando e ela sentia o tremor, os calafrios, como se estivesse com medo. *Não estou com medo. Por que sentiria medo?*

Ele a olhou.

— Não como eu deveria.

— ELE ESTÁ mesmo muito diferente. — Lucy tentava explicar o jantar com Daniel para Marnie. Esperava que Marnie estivesse adormecida quando ela voltasse, mas Marnie estava no sofá na minúscula sala de estar, alerta, com o computador no colo, quando Lucy abriu a porta.

— Que diferença fazem alguns anos? — perguntou Marnie. Como costumava acontecer, Marnie fazia as perguntas certas e Lucy tirava o corpo fora.

— Bem, nesse caso... muita. — Lucy presumiu que estavam falando baixo porque Leo estava dormindo. Levou muito tempo para tirar o casaco, o chapéu, as botas e as meias.

— O que você quer dizer?

Lucy queria explicar o que realmente queria dizer, mas como poderia? Marnie achava que queria saber, mas seria mesmo verdade? Já tinha causado muita consternação a Marnie. Marnie sentia falta da antiga amizade, dos tempos em que Lucy lhe contava tudo. Não compreendia o que havia acontecido para mudá-la. Lucy também sentia falta da antiga amizade, mas não conseguia voltar atrás. Nem tinha coragem de contar a verdade para Marnie. Porque a verdade não seria reconfortante, nem as reaproximaria.

— É só que... é difícil de explicar. — *Quanto você realmente quer saber?* Era o que desejava lhe perguntar.

— Quando você vai trazê-lo para cá? Está escondendo ele? Quero ver.

Lucy o estava escondendo completamente. Como poderia explicar o fato de que ele não tinha qualquer semelhança física com o Daniel que ela conhecia? Já tinha sido suficientemente doloroso dismantelar o universo para abrir espaço para ele. Não podia obrigar Marnie a passar por tudo aquilo.

— Não. Não. Ele vai aparecer em algum momento. Trabalha em Washington. Tem um emprego de verdade e é ocupado.

Lentamente, Lucy retirou o cachecol e pendurou-o com cuidado em um gancho do armário, em vez de apenas enrolá-lo e jogá-lo sobre a mesa da entrada, como teria feito em circunstâncias normais. Levou tempo procurando o telefone dentro da bolsa.

— Acho que também estou diferente — disse ela para o silêncio faminto. — Com certeza, estou diferente de como eu era na escola.

Marnie estendeu as pernas na frente dela.

— Você não gosta dele tanto quanto gostava, é o que você está dizendo.

— Não, não é isso — protestou por reflexo. — Eu era tão estúpida naquele tempo, como você me disse. — Lucy ficou mexendo no carregador do celular. Não queria se sentar na cadeira diante de Marnie, porque teria de ser sincera.

Marnie pareceu triste.

— Pois é, eu gostava de você quando era estúpida. Além do mais, eu nunca disse isso.

— Você sabe o que eu quero dizer. Eu ficava... babando por causa dele. Acho que não sou mais assim.

Marnie pareceu particularmente séria. Girou a tomada do computador em volta do pé.

— Por que você está dizendo isso?

Precisava dar crédito a Marnie por continuar a fazer perguntas, por mais que temesse o que sairia dali. Olhou a amiga nos olhos por um minuto, depois os baixou. Lucy era a covarde da casa.

— Estou um pouco mais velha, eu acho.

— Beijou ele dessa vez?

— Um pouquinho.

— Quantas vezes vocês saíram juntos?

— Não sei. Sete ou oito, talvez. Alguma coisa assim.

— Você beijou ele *um pouquinho*? Você tem doze anos de idade?

— Tenho uma avaliação amanhã.

Marnie sacudiu a cabeça.

— É mesmo o Daniel?

Lucy engoliu em seco e fez que sim com a cabeça.

— Você não gosta mais dele.

## ARLINGTON, VIRGÍNIA, 2009

DANIEL DIRIGIA DO hospital para Charlottesville no início da noite, depois de um plantão longo e cansativo. Quando viu o trânsito no anel viário, decidiu pegar outro caminho.

Pegou-se pensando no avô Joseph, pai de Molly. Pensou em Joseph, nem tanto como era quando estava velho e doente, no hospital para doentes terminais de Fairfax, mas sim no tempo em que moravam no Alabama, perto do lago. Havia gansos no lago durante o inverno e eles os alimentavam com pedacinhos de pão duro quase todas as manhãs. Não era fácil fazer com que um ganso confiasse em um par de seres humanos, mas eles conseguiam. Não tinham planejado, na verdade. Os dois acordavam cedo e apareciam ali. Ainda se lembrava da expressão maravilhada de Joseph no meio de um torvelinho de cabeças negras com manchas brancas e asas cinzentas, com bicos escuros e grasnadores. Os gansos formavam casais, como os humanos, segundo explicou Joseph. Melhores do que os humanos, porque os gansos permaneciam fiéis.

Daniel também se lembrou dos dias da primavera, quando os primeiros bandos seguiam rumo ao Norte, para o Canadá, ou para o lugar de onde vinham. Ele e Joseph olhavam o V sobre suas cabeças, uma única retumbante alma de ave, contemplavam as aves com empolgação pela viagem e com a tristeza de serem deixados para trás. Daniel se lembrou de invejar sua determinação e união, o fato de que simplesmente podiam voar para longe. Juntou plumas como forma de guardá-las junto a si. A avó disse que eram sujas, mas a mãe, secretamente, deixou que ele as guardasse.

Joseph sonhava em ser piloto e teria sido, se não tivesse sofrido poliomielite na adolescência, o que o deixou com uma perna ruim. Daniel disse a Joseph que era o que pretendia fazer também, e ele tinha toda a intenção na época. Depois que se mudaram, Joseph costumava enviar fotos dos aviões que ele achava que Daniel deveria pilotar. Daniel lamentou ter chegado ao fim da vida sem ter feito isso.

ENCONTRAVA-SE A UNS três quilômetros da cidade em uma estradinha, dirigindo-se para o Sul, quando percebeu que ela lhe era familiar e que explicava por que não parava de pensar em Joseph. Prosseguiu por mais alguns quilômetros, procurando o cemitério à esquerda, onde Joseph e sua avó Margaret estavam enterrados. Em vez de ir em frente, ele se surpreendeu ao virar à esquerda e dirigir sob os carvalhos.

Ficou meio surpreso porque quase nunca pensava em cemitérios. Significavam bem menos do que a maioria das pessoas pensava. Lembrou-se de uma mulher de seu antigo bairro em Saint Louis que dirigia mais de vinte quilômetros até o cemitério, todos os dias, para chorar o marido morto havia muito, em uma sepultura fria de pedra cinzenta. Enquanto isso, o marido estava ocupado, vendendo leite em uma loja 7-Eleven, a menos de um quilômetro da casa dela.

Daniel não havia visto o avô desde que ele morrera, embora estivesse de olho. A essa altura, os dois deviam ter a mesma idade. Achava que os dois se encontrariam, por terem sido tão chegados. Mas aquilo não havia acontecido, o que lhe fez perguntar-se se Joseph teria vivido sua última vida. Parecia possível, quando pensava no assunto, e aquilo lhe fez sentir tristeza. Algumas oportunidades realmente se perdiam.

Estacionou o carro e subiu uma colina. Era bom sair e caminhar um pouco. Estava sonolento, tão concentrado na própria introversão que quase esperava que seu corpo parasse de respirar.

A lápide do avô estava do jeito que ele imaginava. Só não tinha as dalias que havia visualizado. Olhou em volta e viu as flores tão familiares um pouco adiante, na mesma fileira, um monte delas, frescas e de um rosa intenso. Ficou confuso e ligeiramente alarmado. Teria havido alguma morte na família? Tinha visto o pai com vida, recentemente. Esperava que os irmãos estivessem bem. A curiosidade fez com que ele seguisse em direção à sepultura decorada. Leu o nome duas vezes antes que fizesse algum sentido para si mesmo. “Daniel Joseph Robinson, amado filho de Molly e Joshua.”

Era mesmo possível que tivesse parado de respirar, pois a respiração veio rápida e dolorosa. Gravaram em segundo lugar o nome que tinham escolhido para ele, deixando na primeira posição o nome que ele mesmo havia escolhido. Não havia apenas flores, mas duas velas e uma fotografia emoldurada. Não queria olhar para a foto, mas pegou-a de qualquer maneira.

Era ele, naturalmente. Era ele no uniforme de corrida rústica, de pé, ao lado de Molly. Estava suado, com o cabelo grudado no pescoço em mechas molhadas. Foi

depois de uma corrida, e Molly segurava o troféu. Não estava segurando para exibi-lo para a câmara, apenas segurando em sua mão. Ele ganhava a maioria das corridas e ela sabia que ele não ligava para o troféu.

Devia estar com uns 14 anos. Ainda não era tão alto quanto ela. Apoiava a cabeça em seu ombro. Os olhos estavam fechados e ele ria de alguma coisa, sem fazer pose, realmente dando gargalhadas. Sabia por que ela guardava a foto. Talvez tivesse vivido um ou dois momentos de satisfação.

Nunca olhava para suas sepulturas. Nunca quis ver uma antiga foto de si mesmo. Tinha evitado essas coisas, sem saber exatamente o motivo, e agora ele entendia. Sentou-se. Percebeu que segurava a chave do carro na mão e que ela tremia. Guardou-a no bolso. Lembrou-se das corridas. Lembrou-se de ser veloz sem fazer qualquer esforço para isso, naquele corpo. Lembrou-se dos dias de outono e de sua trilha favorita, que atravessava um bosque em uma área de preservação. Nunca tinha sido tão bom em corridas. Não importava toda diligência e estratégia empregadas na pista, aquelas pernas eram simplesmente mais velozes do que as outras.

Pensou em Molly cuidando da sepultura, trazendo flores, acendendo as velas. Seu impulso era sair e procurá-la. “Estou bem”, queria dizer-lhe. “Ainda amo você e penso em você o tempo todo. Não estou lá. Estou bem aqui.”

Olhou mais uma vez para a fotografia. Olhou para as mãos e lembrou-se das antigas — a unha do dedo médio da mão esquerda, que ficou engraçada, as articulações ossudas, a pele sardenta. Aquelas mãos não estavam ali. Estavam lá embaixo. Ou o que havia sobrado delas. As pernas velozes não estavam ali. Também tinham sido enterradas. Era ele, o filho de Molly, que estava lá embaixo. Não estava ali. *Eu fui aquele.*

Sentia falta daquele corpo. Ouvia música tão bem naquele corpo. Os dedos eram graciosos e rápidos no teclado do piano. Era um corpo talentoso e foi uma vergonha desperdiçá-lo.

Ao olhar para o rosto de Molly na foto, ele sabia que não havia amado aquele corpo por ele ser veloz e ouvir música tão bem. Gostaria de pensar assim, mas sabia que não era verdade. Ele o amava porque tinha sido amado. Porque Molly o amou.

No corpo atual, ele não tinha sido amado e praticamente não encontrava nada em si que merecesse ser amado. Não queria dar a uma mãe esse tipo de poder, mas Molly o detinha, de qualquer maneira.

Era espantoso como ele pensava que podia recolher tudo de si a cada nova vida, sem lembrar que quando se deixava alguém como Molly, se deixava também um pedaço de si para trás, eternamente. Às vezes, perguntava a si mesmo se sua memória em relação às coisas importantes era mesmo tão boa assim.

Olhou para a foto pela última vez, antes de se levantar com pernas trêmulas. Não tinha sido capaz de perceber ou de aceitar aquilo na época, mas lhe pareceu muito óbvio naquele momento. Ele era a cara dela.

CHARLOTTESVILLE,  
VIRGÍNIA, 2009

NA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA das férias de primavera, depois que Lucy entregou uma pesquisa sobre as “árvores de estimação” de Jefferson no bosque de Monticello e feito duas provas em três dias, Daniel apareceu no saguão de seu prédio e interfonou, pouco depois do meio-dia. Ela ficou tão surpresa e ansiosa ao pensar que ele estava ali, que saiu correndo do apartamento e desceu três lances de escada sem pensar em trocar o moleton e a camiseta ou mesmo em vestir um sutiã.

Ele abriu os braços e ela, com relutância, entrou neles. Por não ter erguido a cabeça, ele beijou o alto de sua cabeça não lavada.

— Tenho uma enorme surpresa para você — disse ele. Estava obviamente empolgado.

O fato de se encontrar ali, no centro de sua vida, já parecia ser uma surpresa enorme. Não sabia se tinha condições de encarar outra. Arrastou-o rumo ao compartimento onde ficava o agora defunto telefone público. Não ousou levá-lo para cima, pois Marnie e Leo estavam dormindo em casa.

— O que é?

Ele retirou alguns papéis do bolso do casaco comprido e segurou para que ela visse, sem pegá-los.

— Passagens de avião? — perguntou.

— É. Bem, não são as passagens de verdade, mas é nosso itinerário.

— “Nosso itinerário?”



— Você está de férias, não está? Disse que não tinha planos. Vou levar você para passar uma semana no México.

Ela não sabia o que dizer. Não sabia que o relacionamento deles podia incluir tal coisa. Se alguém lhe dissesse, alguns meses antes, que Daniel voltaria para sua vida e que, além disso, ele a levaria para passar uma semana no México, teria ficado extasiada. Mas agora se sentia irrequieta e desanimada.

— Eu ia passar uns dias com meus pais. Tinha avisado a eles que...

— Você tem duas semanas de folga. Vai ter tempo.

As pessoas entravam e saíam do saguão. Gente que ela reconhecia. E se a Marnie descesse naquele momento? Lucy não queria prolongar a discussão.

— A gente viaja amanhã de tarde — disse ele, com animação. Não dava demonstrações de ter percebido sua hesitação, e aquilo, como tantas coisas, parecia estranho para Lucy. — Vá fazer as malas. Quer que eu pegue você aqui, amanhã, ou a gente se encontra no aeroporto?

— A gente se encontra no aeroporto — balbuciou em resposta. — Fico totalmente fora do seu caminho.

— Ótimo. — Ele a beijou. — Vamos nos encontrar ao meio-dia. Vou ligar para te dizer o número do portão de embarque.

Ela observou sua partida com uma sensação intensa de alívio. Perguntou a si mesma se estaria partindo para uma semana no México com ele só para tirá-lo dali.

DANIEL FEZ UMA coisa que ele havia prometido a si mesmo não fazer. No final da manhã de sábado, foi de carro até o prédio onde Lucy morava. Não lhe bastava mais espioná-la. Precisava aproximar-se e realmente falar com ela. Precisava encontrar um jeito de adverti-la. Vivia em um estado de alerta ansioso desde que havia voltado da Índia, mas as últimas vinte e quatro horas foram assombradas — sonhando com ela na única hora em que havia dormido e tomado de pânico no resto do tempo. Não sabia ao certo se a experiência no cemitério o havia despertado ou se tinha sido alguma estranha premonição no sonho, mas a ideia de esperar mais um momento para vê-la parecia insuportável. Achou seu nome no apartamento 4D e apertou o botão do interfone. Uma voz familiar atendeu, mas não era a dela.

— A Lucy está aí? — perguntou.

— Não. Quem é? — a voz perguntou.

— É... ah... — Sentiu-se desesperado. — É a Marnie?

— É. Quem está falando? — perguntou de novo.

— É Daniel. Grey. De Hopewood. — Sentia-se estúpido ao gritar no interfone.

— Você provavelmente não se lembra de mim, mas...

— Ah, eu me lembro bem de você. Você está no saguão? O que está fazendo aí?

— A voz parecia menos do que amistosa.

— Esperava ver a Lucy.

— Do que você está falando? — Marnie soava estridente, impaciente, mesmo através do interfone. — Vocês dois não vão passear no México juntos? Lucy saiu para o aeroporto há uma hora, para encontrá-lo.

— Como? — Sua mente congelou. O máximo que conseguia era ser educado.

— Achei que você ia levá-la para o México.

— México? Eu ia levá-la? O que você quer dizer?

— Ela foi se encontrar com você! Foi o que ela disse. Não entendo o que você está fazendo aqui. Você é mesmo Daniel Grey ou isso é alguma brincadeira idiota?

Um aperto de terror se fez sentir em algum lugar de seu estômago.

— Posso subir e conversar com você? Ou você prefere descer?

— Vou descer — respondeu ela.

Ele viu o elevador subir até o quarto andar para pegá-la e descer de novo. Não queria um mistério. Não queria que Lucy estivesse distante, em algum lugar onde não pudesse encontrá-la.

— É você mesmo — disse Marnie quando a porta do elevador se abriu. Estava obviamente surpresa. — Por aqui — ela o conduziu a um sofá com aparência de muito usado, no fundo do saguão. Examinou-o por um momento, antes de se sentar. — Você não parece tão diferente — disse ela. — Diria que você parece exatamente o mesmo.

— O que você quer dizer?

— Lucy não para de dizer como você está diferente agora, como ela mal conseguiu te reconhecer.

O aperto espalhou-se para cima e para baixo. Lucy o teria visto quando ele achava que estava invisível? Ou havia mais alguma coisa.

— Quando foi que ela disse que me viu?

Marnie o fitou como se achasse que ele era um imbecil e sacudiu a cabeça lentamente.

— O tempo todo. No fim de semana passado. No fim de semana anterior. Ontem. Vocês saem o tempo inteiro.

— E ela disse que eu ia levá-la para o México?

— Disse.

Ele percebeu que, debaixo daquela arrogância, Marnie também estava assustada.

— E ela viajou?

— Viajou.

— Você tem certeza?

— Sei que ela fez as malas e foi para algum lugar. — O rosto de Marnie permanecia duro, mas ela queria confiar nele. — Pode ter mentido sobre com quem ia viajar. Pode ter mentido para mim sobre toda a história. — Sob as sobrancelhas arqueadas, os olhos lembraram do tempo em que ela havia sido mãe de Sophia.

— Mas ela disse que era comigo, Daniel Grey, da escola?

— É. Você é o gêmeo perverso ou coisa parecida? Porque não sei se isso é uma surpresa para você. Segundo a Lucy, ela tem frequentado todos os restaurantes caros do estado de Virgínia com Daniel Grey, da escola.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sou um gêmeo. Se existe perversidade nessa história, acho que não é de minha parte. — Ele precisava pensar. — Ela falou para onde ia exatamente no México?

— Um lugar no Pacífico. Ixtapa? Isso existe? Acho que ela falou que ia viajar para Ixtapa. — Tinha intuição suficiente para sentir a profundidade da preocupação dele. — Você está indo para o México? Neste momento?

— O mais rápido possível.

— Se ela não está com você, com quem ela está?

— É o que preciso descobrir. Você não tem mais nenhuma informação? Nome do hotel, qualquer coisa?

— Sinto muito, não tenho. Ela levou dois biquínis. Vai para a praia. Foi só o que ela disse.

— Pode me dar o número do celular dela?

— Posso, mas não acho que isso vai ajudar. Ela disse que não haveria serviço por lá. — Ela deu o número e ele registrou no seu telefone, de qualquer maneira.

— Tudo bem. Obrigado, Marnie — disse, sentindo carinho por ela, por um momento.

— Você sabe, Daniel.

— O quê? — Ele já estava praticamente saindo do saguão.

— Na escola, eu nunca entendi. Por que você não a amou naquela época? Ele voltou até Marnie e olhou direto em seus olhos.

— Eu a amei. Eu a amei desde a primeira vez que a vi.

DANIEL PEGOU UM voo com saída de Dulles rumo à Cidade do México, naquela noite, com um voo de conexão para Ixtapa-Zihuatanejo que chegaria ao meio-dia de domingo. Não conseguiu nem sequer ler o jornal durante o voo. Os dedos não paravam, os joelhos se batiam e sua mente girava enquanto ele tentava entender como aquilo havia acontecido. Suspeitava que provavelmente estava entrando em uma armadilha. Nesse caso, presumia que a pessoa que ele mais odiava ficaria mais feliz em vê-lo do que a pessoa que ele amava. Era difícil de engolir, mas precisava ir em frente. Não havia outra coisa a fazer.

Sentia como se estivesse tentando resolver um problema com variáveis demais. Como Joaquim havia encontrado Sophia? Se alguém estava ajudando, como Ben sugerira, então quem era essa pessoa e por que fazia aquilo? E que tipo de memória essa pessoa tinha? Ou Joaquim teria, de alguma forma, desenvolvido sozinho a habilidade de reconhecer as pessoas?

Não importavam os meios que Joaquim tinha usado para encontrá-la. Provavelmente também tinha descoberto que Daniel estava próximo e, ao mesmo tempo, distante, e pensar nisso fez com que ele se sentisse estúpido. Por que tinha ficado distante por tanto tempo? Qual era exatamente o motivo, além da covardia? Estava cedendo ao medo dela ou ao seu? Ao se manter distante, mesmo sabendo o que sabia, ele deixou Sophia vulnerável a essas estranhas tramoias.

E esse pensamento perturbador abriu caminho para a segunda categoria de variáveis. Como Joaquim tinha conseguido se fazer passar por Daniel? Que poderes de

persuasão havia usado para fazê-la acreditar naquilo? E mais, como podia ter levado tudo isso adiante? Daniel, que a amara toda a vida, tinha feito com que ela saísse correndo, procurando a porta, e Joaquim, que só a tratara com brutalidade, conseguiu de algum jeito levá-la em viagem de férias para o México. Daniel não tinha sido capaz de convencê-la de nada e, de alguma forma, Joaquim havia lhe convencido de... Só Deus sabia do quê. Talvez estivessem fazendo uma linda e romântica viagem juntos. Talvez Daniel não conhecesse nada sobre a natureza humana. “Foda-se”, balbuciou sozinho.

Joaquim não a machucaria. Pelo menos, por enquanto. Era o único benefício daquela fantasia. Enquanto fosse Daniel, ele não a machucaria. Porém, quando o Daniel verdadeiro aparecesse, tudo poderia ir pelos ares.

O calor do sol enquanto ele se afastava do avião em Ixtapa pressionava suas costas como se fosse um peso. Ficou em uma fila serpenteante cheia de estudantes em férias, já rosados e bebendo tequila em copos de papel. Ele estava com uma aparência medonha, desde o rosto abaixado até as roupas escuras de inverno que ele não tinha tido tempo de trocar. Estava tentando pensar em alguma coisa para dizer ao funcionário da alfândega, em castelhano do século XVIII, para conseguir furar a fila.

Era impossível fazer qualquer coisa em uma cidade cheia de turistas semialcoolizados. Ninguém estava com pressa. Levou uma hora e meia para alugar um carro. Estava a ponto de desistir, mas sabia que precisaria dele mais tarde. *Deuagar*, não parava de repetir para si mesmo. *Ele não vai machucá-la. Por enquanto.*

Na cidade, não demorou muito para encontrá-la. Não era um lugar enorme e havia apenas um punhado de hotéis de luxo. Se tinha qualquer dúvida se aquilo era uma armação, se Joaquim desejava ser descoberto, não precisou ir além do nome que ele usou para se registrar no hotel Ixtapa Grand Imperial: Senhor e senhora Daniel Grey. Era verdade que Daniel era um tanto sensível em relação a seu nome. Mesmo assim, ele ficou furioso.

O Daniel original, genuíno e autêntico esperou no saguão. Usou o tempo para estudar o prédio, até que finalmente viu um rosto conhecido. Não era o que ele queria ver, mas era esclarecedor. E apesar de já saber quem seria o impostor, ele ficou abalado. O homem do jogo do Lakers, nos assentos na lateral da quadra, com o corte de cabelo caprichado e a alma podre era mais perturbador ao vivo. Havia algo tão profundamente corrupto em relação à sua alma que dificultava ao que Daniel o reconhecesse da forma habitual, mas Daniel sabia que era ele e a passagem do tempo não diminuiu a sensação de repugnância. Aquilo era o que ele esperava nunca acontecer, era o que temia, mas lá estava.

— Vocês vendem cigarro por aqui? — ele ouviu Joaquim perguntar ao concierge. Joaquim não se deu ao trabalho de falar em espanhol.

O homem indicou-lhe a loja da esquina.

— Não vendem aqui? Está brincando?

— Não, sinto muito, senhor. Só lá fora.

Joaquim saiu pela porta e Daniel aproximou-se da recepção.

— O quarto do senhor Grey, por favor — pediu em espanhol.

— Não posso lhe dizer o número do quarto, senhor — respondeu o rapaz, educadamente. — Mas posso ligar.

— Está bem. — Ele esperou para ver o jovem discar o número do quarto.

O recepcionista disse algumas palavras no telefone, e pôs a chamada em espera.

— A senhora Grey está, senhor, mas o senhor Grey não se encontra.

Ele sacudiu a cabeça com desdém.

— Volto depois.

Assim que o recepcionista se virou, Daniel foi para a escada. Subiu correndo seis lances. Estava quente naquele lugar. Se havia ar-condicionado, era limitado aos quartos. Encontrou o quarto 632 e bateu.

— Sim? — Ele ouviu uma voz vacilante no interior do quarto, uma voz conhecida.

— Ahn, serviço de quarto — disse. Se fosse um dia diferente, ele não teria sido capaz de dizer aquilo.

Sentiu-se miserável enquanto esperava que ela fosse até a porta. *Por favor, abra*, pensou. Não havia muito tempo.

O que ela ia pensar quando o visse? Pela primeira vez em muito tempo, tinha a sensação de que estava entrando em sua própria vida, sem ficar parado na porta da frente, apenas olhando. Quer dizer, se ela o deixasse entrar. Esperava que seu rosto não fosse completamente mal recebido.

ELA ESTAVA SENTADA na cama de roupão, com os braços em volta dos joelhos. Daniel queria que mantivessem as janelas fechadas e o ar-condicionado no máximo, mas ele havia saído, ainda bem, e por isso ela havia tomado uma chuveirada rápida, aberto as grandes e antiquadas janelas e deixado entrar a brisa do mar.

Tinha suportado uma noite dessas, mas não tinha certeza de que aguentaria outras seis. Não podia dormir com ele. Seus nervos se horrorizavam diante da ideia de fazer sexo com ele, e Lucy, literalmente, não conseguiu adormecer ao lado dele. Tinham chegado tarde, na noite anterior, e ela ficou agitada demais para dormir. Cochilou, finalmente, lendo em uma poltrona e acordou assustada muito antes do nascer do sol. Por mais que se condenasse, não conseguia mudar seus sentimentos. Tinha dado desculpas estúpidas — estava menstruada, sangrava muito, sentia cólicas, e assim por diante —, coisas que se diz para deixar um homem em estado de alerta, muito provavelmente de uma forma irreversível. Estava cozinhando essa história em fogo baixo até agora, mas não podia evitar. Não conseguiria dormir com ele.

E ele estava frustrado, é claro. Ninguém levava uma garota para o México para que ela dormisse em uma poltrona com um livro. Não fez nada para magoá-la, mas ela se sentia estranhamente alerta quando ele estava por perto. Sentia uma instabilidade não

muito oculta, algo que nunca havia captado na escola. Ele saiu para comprar cigarros e ela ficou aliviada por ganhar alguns minutos sozinha. Tinha a fantasia de sair de fininho e voltar para casa. Meu Deus, qual era o problema dela? O que diria Constance? Como isso tinha acontecido?

*Sinto muito, Constance. Tentei manter minha mente aberta para ele, tentei de verdade. Mas não acho que ele pode me fazer feliz.*

Talvez houvesse uma espécie de clemência nessa história, se ela examinasse direito. Antes dele aparecer, sua vida tinha chegado a um impasse. Não conseguia ir adiante sem ele. Achava que nunca conseguiria superar. Mas agora que estava com ele, sabia que conseguiria. Agora que estava com ele, suas antigas ideias românticas pareciam-lhe ridículas. Tinha mais do que superado a antiga história, apesar do fato de estar presa em um quarto de hotel no México, em sua companhia, durante os próximos seis dias. Podia imaginar, de forma entusiasmada e com grande alívio, a vida sem ele. Pedia desculpas a Constance e a Sophia por não levar adiante suas histórias, mas não conseguiria. Por mais promissor que este ousado novo mundo tivesse parecido, a princípio, ele havia se tornado uma decepção. E talvez fosse melhor assim. Poderia finalmente se voltar novamente para o antigo, sem olhar para trás.

Quando ouviu passos do lado de fora do quarto, sentiu um aperto no coração. Não queria que ele voltasse tão depressa. Ficou surpresa por ele ter batido na porta.

— Sim?

— Serviço de quarto.

Não havia pedido nada. Ele tinha pedido alguma coisa? Ficou honestamente aliviada, ao encaminhar-se para a porta. Não abriria a porta para Daniel, vestida apenas com o roupão, mas não tinha medo do serviço de quarto.

Esperava um desconhecido com uma bandeja e não conseguiu aceitar o que estava realmente vendo. Olhou, desviou o olhar e olhou de novo.

— Ai, meu Deus.

— Ei — disse ele, nervoso, olhando para trás, pelo corredor, e novamente para ela.

— Daniel — sussurrou. Era uma aparição, mas estava suando, se mexendo, deixando marcas empoeiradas no tapete escuro.

— Você se lembra de mim?

— Ai, meu Deus. — A mente dela captou coisas diferentes. Ele teria novamente se transformado? Entrado em outro corpo? Retornado seu antigo corpo? Como isso funcionava? Seria possível? Mas ela viu os olhos, o queixo, os ombros, os sapatos, o pescoço, as clavículas, as mãos e sabia que ele não era, de modo algum, a mesma pessoa que havia saído para comprar cigarros. *Ai, meu Deus.* Era ele.

— Lamento aparecer assim e interromper suas férias, mas você pode vir comigo?

— Para onde?

— Para fora daqui.

Parecia que ele estava muito agitado. Compreendeu que tinha que se apressar.

— Desse... jeito? — Ela olhou para o roupão.

— Tudo bem.

— Agora mesmo? — O coração estava a ponto de explodir, o mesmo velho e romântico coração.

O som de uma campainha indicou que o elevador havia chegado naquele andar.

— Agora mesmo.

Ela saiu depressa do quarto e ele fechou a porta, silenciosamente. O elevador ficava do outro lado do corredor, mas dava para ouvir que as portas se abriam. Pegou sua mão e ela o seguiu, descalça. Fizeram duas curvas. Ela ouviu passos não muito distantes e um cartão destrancando uma porta, provavelmente de seu quarto. Ele parou em uma porta logo antes da escada. Abriu-a e a empurrou para dentro. Fechou atrás de si. Era uma espécie de armário. Ele conseguiu trancá-lo por dentro.

Ficaram no escuro e ela tentou recuperar o fôlego. Percebeu que ainda estavam de mãos dadas.

— Estamos fugindo do cara com quem eu vim para cá? — cochichou.

— Estamos. Você se importa?

— Não.

— Que bom. — Ele estava próximo e ela ouvia a respiração intensa dos dois. — Lamento ser tão surpreendente. — murmurou.

Ela riu. Era um som estranho a seus ouvidos, como se ela nunca tivesse rido na vida.

— Você não faz ideia.

Ele sorriu ao ver aquela demonstração, mas arregalou os olhos como se para dizer que era melhor que ela ficasse quieta.

O pulsar do coração ia até a garganta e descia até a bacia. A ideia de que aquela pessoa com quem viera até ali fosse Daniel era tão absurda que ela sentiu pena de si por tentar acreditar.

— Não consigo acreditar que você está aqui — sussurrou. — Você está mesmo aqui? Ainda está vivo? Estou imaginando você? — Tinha parado de rir e lágrimas saíam de seus olhos.

— Acho que estou mesmo aqui.

ELE QUIS PÔR as mãos nela, mas se conteve. Tinha perdido a fé em si mesmo. Da última vez em que seguira seus impulsos, havia posto tudo a perder. Não queria cometer o mesmo erro. Era velho como uma rocha e, como uma rocha, não conseguia entender as lágrimas dela nem sabia mais nada sobre amor.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou. Estou feliz por ver você. — Ele observou o rosto dela, sincero e corajoso, e aquilo fez seu peito doer. Talvez ele soubesse um pouquinho sobre o amor.



— Mesmo depois do que aconteceu da última vez?

— Não foi culpa sua. A culpa foi minha.

— Não, não foi. — Sua expressão era veemente.

Dois pessoas caminhavam do outro lado da porta. A voz de Joaquim gritava para um homem que respondia baixo, em espanhol.

— Sinto muito, senhor, mas não podemos ajudá-lo — dizia a voz mais baixa. — O senhor vai precisar entrar em contato com a polícia, se achar que alguma coisa está errada.

Daniel sentiu que Sophia apertava sua mão. Os sons se afastaram e desapareceram.

— Ele disse que era você. Eu sabia que não era você. Por que ele me disse isso? O que ele quer de mim?

— É uma história bem comprida — sussurrou ele. — E provavelmente difícil de acreditar. Mas vou contar, se você quiser.

— Aqui mesmo? No armário?

— Não. Acho que a melhor coisa a fazer é esperar aqui por mais alguns minutos e depois descer, passar pela cozinha e sair pela porta de metal. Estacionei no beco. Tem um lugar para onde podemos ir, na costa, até que eu possa providenciar um voo que nos leve para longe daqui.

Ela assentiu, ao mesmo tempo ansiosa e confusa, encarando-o da cabeça aos pés da melhor maneira que podia, na escuridão.

— Você ainda tem esses sapatos — cochichou.

Ele olhou para eles e depois para ela, com ar questionador.

— Esses sapatos. Da escola. Eu me lembro deles.

— Lembra? — Ele sentiu uma felicidade absurda.

Esperou até que tudo estivesse em silêncio para tatear nos cabides no fundo do minúsculo cômodo e lhe entregou um uniforme parecido com um vestido, fechado por um zíper, como o que usavam as camareiras.

— Talvez você chame menos atenção vestida assim — disse ele. Encontrou um lenço de cabeça que fazia parte da roupa. — Mantenha sua cabeça baixa, está bem? Não devemos caminhar juntos. Você vai na frente e eu vou em seguida. Mas não se preocupe comigo, apenas siga em frente. Desça as escadas à direita e depois entre na cozinha. Vá direto até a porta de metal sob a placa de saída, que a levará para fora. O carro é o Ford Focus vermelho, com placas mexicanas, estacionado no beco, bem na frente, e vai estar aberto quando você chegar lá. Não pare e não fale com ninguém, se puder. Tudo bem?

— Tudo bem.

— Tudo bem. — Ele queria abraçá-la. Queria tocá-la de alguma forma. Era difícil manter as mãos longe dela, mas também era impossível pousá-las sobre ela. O que pensava dele agora?

— Ele é perigoso?

— É — respondeu. — Mas não vou tirar meus olhos de você.

Ela levantou o uniforme.

Ele sorriu, mesmo contra sua vontade. — A não ser agora. Enquanto você se veste. Vou me virar.

Ela também sorriu e ele não queria se virar, mas se virou. Ouviu-a mexendo na roupa.

— Acabei — disse.

Ele se voltou. O roupão estava no chão e o uniforme estava com o zíper fechado, na frente. Ela estava arrumando o cabelo sob o lenço. Ele pôs as mãos nos bolsos.

— E os sapatos?

— Certo. — Havia uns compartimentos rasos junto à parede, onde ele encontrou um par de sandálias de dedo cor-de-rosa, de borracha. Entregou-os para ela.

— Acho que vão funcionar. — Ela as calçou.

Ele encontrou uma prateleira com roupas de cama brancas e entregou-lhe uma pilha alta.

— Aqui.

Ela pegou.

Ele foi para a porta e pôs a mão na maçaneta. Prestou atenção por um momento.

— Está pronta?

— Estou.

Ele abriu a porta.

— Vá. Mantenha a cabeça baixa.

Ela saiu pelo corredor. Virou-se para ele, por um momento, e sorriu. Seu coração derreteu mais um pouco. Ela ficava linda como camareira.

NINGUÉM REPAROU NOS dois até entrarem no carro. Um homem com uniforme de porteiro abriu a porta da cozinha e começou a gritar, mas Daniel já manobrava para sair do beco.

— Ele está anotando a placa — disse Daniel, olhando pelo retrovisor.

— O que fazemos? — perguntou Lucy.

— Vamos pensar em alguma coisa.

Ela chutou as sandálias e pôs os pés despidos sobre o painel.

— É divertido. — Deveria estar assustada e estava mesmo, mas era difícil prestar muita atenção no mundo real quando ele estava tão perto.

— Se sairmos daqui, vai ser divertido.

Daniel se concentrou por alguns momentos para encontrar a estrada que os levaria para o Norte. Ficou olhando pelo retrovisor, e Lucy presumiu que ele verificava se não estavam sendo seguidos.

— Ele tem um carro?

— Não que eu saiba. A gente não alugou. Pegamos um táxi no aeroporto.

— Ótimo. Isso vai atrasá-lo um pouco.

— Você tem certeza de que ele vem?

— Não. Mas acho que vai acabar nos encontrando. Não vai desistir agora. Só podemos esperar que demore um pouco.

Ela tirou o lenço e examinou seu perfil. Era bom estar com ele, de qualquer maneira.

— É uma boa hora para a história, não acha? — perguntou.

Ele assentiu, mas seu olhar era cauteloso e ela compreendia a razão.

— É longa e estranha, e você não precisa acreditar em nada, se não quiser — disse ele. — Vou lhe dizer uma coisa. Vou contar minha versão e depois podemos tentar encontrar uma explicação que realmente faça sentido.

A voz era alegre, mas ela sentiu uma profunda compaixão por ele. Tinha ficado sozinho com sua versão do mundo durante muito tempo. Queria que soubesse que ela entendia. Eram tantas coisas que tinha para dizer, mas parecia que ela não conseguia botar nada para fora. Os pensamentos giravam descontrolados em sua cabeça e ela não conseguia fazer com que andassem mais devagar, nem organizá-los de uma forma lógica.

— Está tudo bem, Daniel — conseguiu dizer. — Eu entendo mais do que você imagina.

Ele tirou os olhos da estrada para olhá-la por um instante. Ficou em silêncio por alguns segundos.

— O que você quer dizer?

Lucy tentou acalmar seus pensamentos. Respirou algumas vezes, lentamente.

— Quer dizer, eu... eu não entendo exatamente, mas acredito... acho que acredito que nós... nossas almas continuam a viver de alguma forma e que você consegue reconhecer pessoas e se lembrar de coisas de mais de uma vida.

Ele olhou para ela e para a estrada várias vezes. Era mais difícil ter essa conversa quando não podiam se olhar. Ela desejava se comunicar com ele de alguma forma — não agarrá-lo e beijá-lo, embora ela não eliminasse essa possibilidade — para compreender melhor como ele se sentia em relação a ela, interpretar melhor sua falta de jeito, começar a demolir cinco estonteantes anos de incerteza.

— O que levou você... a pensar assim? — perguntou ele, com cautela.

— Bem. Uma vidente, um hipnotizador e algumas coisas em que não acredito. É outra história comprida.

A postura dele era rígida. As duas mãos se agarravam ao volante.

— Você sabe de mim? — Perguntou-lhe como se estivesse com medo de confiar nela.

— Sei só um pouquinho. Sei que você me conheceu antes. Pelo menos, eu acho.

— Ela deu um puxão no cinto de segurança. — Posso perguntar uma coisa que eu não compreendo?

— Claro.

— Como é que você continua sempre sendo Daniel, enquanto o resto da gente volta como pessoas diferentes? Você está vivo há muito tempo?

Viu alívio no rosto dele.

— Você pensou isso? Que eu tinha centenas de anos? — Olhou-a e sorriu. — Acho que você baixou seus padrões do que é aceitável em um companheiro.

Ela riu.

— Os últimos anos foram bem esquisitos.

Ele soltou o ar. Recostou-se no assento.

— Tenho 24 anos. De certa forma, estou vivo há muito tempo, mas morri muitas vezes também, assim como você.

— Então como é que você continua o mesmo de uma vida para a outra?

— Não continuo. É minha mente que permanece a mesma. Porque eu me lembro.

Ela assentiu.

— É a única coisa diferente em mim. Mas é bem diferente.

— Ahn. — Ela levou um momento. — E você se lembra de tudo? De todas as nossas vidas? De todas as pessoas que conheceu?

Ele continuava olhando para ela, como se quisesse ser capaz de dizer como as informações estavam sendo processadas.

— Minha memória não é perfeita, mas, é verdade, eu me lembro de quase tudo. A não ser o dia do meu aniversário. Tendo a me esquecer disso.

Ela percebeu o humor na voz dele e sentiu a mesma coisa.

— Não é possível.

— Eu me esqueço. Parece que metade dos dias do ano é meu aniversário. Acaba perdendo a graça.

— Posso entender.

— E isso acaba com minha fé na astrologia.

— Que coisa triste.

— Triste e feliz. — Ele parecia feliz naquele momento.

— Então... feliz aniversário.

— Ei, obrigado. — Ele mexeu no rádio e sintonizou em uma estação que tocava salsa. Os dois sorriam de uma forma tola.

Ela bateu com os dedos nos joelhos.

— Tem mais alguém como você?

— Um punhado de pessoas.

— Vocês todos se conhecem? É como um clube?

Ele riu.

— Não. Não exatamente. Não há camisetas nem apertos de mão secretos. Mas sei de duas pessoas assim e já me encontrei ou ouvi falar de algumas outras.

— Como quem?

Daniel olhou para o retrovisor.

— Como o homem que vai estar atrás de nós daqui a pouco.

— JÁ RAPTEI você antes, sabe — disse Daniel, enquanto o sol lançava seus raios rosados na janela do carro e os banhava com uma espécie de fulgor.

— Mesmo? — disse ela. — E eu que achava que era minha primeira vez.

Ele riu. Sentia-se estranhamente descontraído, quase bêbado com um coquetel de empolgação, alívio e medo. O alívio era porque ela sabia sobre ele, acreditava nele, não fugiu dele nem o encarava com apreensão. Era notável mesmo. Como havia compreendido essas coisas? O que significava? O que ele significava para ela? E aí, pensamentos mais sombrios o aborreceram, pedindo para entrar. Como ela podia ter pensado que Joaquim era ele? Como ela podia ter vindo até o México com Joaquim?

— E quando foi isso? — perguntou ela.

— Muito tempo atrás.

— Qual era meu nome?

Ele a olhou com surpresa.

— Era Sophia.

— Sophia? Foi o nome que você me chamou na escola.

— Foi o primeiro nome seu de que tomei conhecimento. Da última vez, fugimos sobre um belo cavalo árabe, o que era mais romântico do que o Ford Focus.

— Estou feliz com o Ford Focus — disse ela, e ele riu.

Não importava como havia acabado naquele lugar, havia uma surpreendente doçura em estar fugindo de Joaquim, em estar aliado a ela em uma causa comum e sentir que poderia protegê-la. Era a única boa ação não intencional que Joaquim já havia feito por ele ou, provavelmente, por qualquer outra pessoa.

Ela enfiou os pés debaixo de si e o olhou com mais seriedade.

— Por que você me raptou naquela vez?

— Pela mesma razão, para escapar do mesmo homem. Eu estava tentando ajudá-la.

— Eu precisava de ajuda?

— Precisava. Embora não fosse culpa sua.

— O que ele quer de mim?

Daniel entrou em uma estrada rumo a Los Cuches e aumentou a velocidade.

— Agora ou naquele tempo?

— Vamos começar naquele tempo.

Ele assentiu.

— Vou começar pelo princípio, se você quiser.

— Eu quero.

— Não pelo comecinho de tudo, mas pelo começo da história de mim, de você e do homem com quem você veio para cá. Ele costumava se chamar Joaquim. Não sei

como se chama agora. Sabemos que não é Daniel, por isso vou chamá-lo de Joaquim. Sou um tanto apegado aos nomes antigos, como você já deve ter percebido.

Ela assentiu.

— Tudo começou a mais ou menos mil e duzentos anos, na região que agora se chama Turquia.

DEIXARAM O CARRO no estacionamento de um supermercado bem iluminado, a alguns quilômetros da estrada costeira. Daniel pagou um monte de pesos a um rapaz para que ele os levasse de carro até o oceano, depois de mais meia hora de viagem. Tinha providenciado um bangalô para se hospedarem, em uma parte remota da praia, ele explicou, em uma baía deserta entre dois cabos rochosos.

O sol pousou silenciosamente sobre a água quando pararam o carro, como se estivesse esperando por eles. Daniel agradeceu ao motorista e anotou o número do celular.

— Posso precisar chamar você para vir para cá depressa — explicou, em um espanhol esquisito. Tinha dado tanto dinheiro para o rapaz, que parecia saber que o jovem faria o que pudesse.

— A qualquer hora — respondeu o outro.

Daniel encontrou a chave debaixo do vaso de flores, como havia combinado com o escritório de locações.

— Como você planejou tudo isso? — perguntou ela. — Como sabia o que ia acontecer?

— Não sabia. Esperava que chegássemos até aqui. Queria ter certeza de que tínhamos um lugar para ir, se isso acontecesse. Vou alugar um avião para sair de Colima, provavelmente, mas só vamos poder sair daqui amanhã de manhã.

Era uma casa branca, de estuque, coberta com telhas sob uma coroa de buganvílias cor de laranja. Ele destrancou a porta e empurrou-a para que se abrisse. Ela sentiu que o vento do oceano enchia a casa. Tinha um cômodo central grande, com pé-direito alto que se abria para um terraço e para a praia, logo além, com dois ventiladores girando no teto. A cozinha ficava nos fundos, aberta para o cômodo grande. Dos dois lados, havia um quarto, ambos simples e bonitos.

Enquanto vagavam pela casinha, os dois ficaram se olhando e ela se perguntou se a sensação de descrença que ele manifestava podia ser tão grande quanto a dela. Que tipo de aventura era essa? Ele estava apenas tomando conta dela? Ia depositá-la em casa, em segurança, e simplesmente continuar com sua vida, só isso? Uma parte de sua mente não parava de pensar com ansiedade na história que ouviu no carro, sobre ele e Sophia. Deixou-a em uma remota aldeia, partiu e foi morto.

Um muro baixo cercava o terraço e, sem prestar realmente muito atenção no que faziam, os dois foram para lá e se sentaram, lado a lado, para observar os últimos raios de sol. Ela ainda usava aquele ridículo uniforme de camareira cor de pêssego. Ele ainda estava vestido para o inverno de Washington. Os dois ficaram em silêncio.

Ela sentiu que sua coxa tocava a dele. Não conseguiu esquecer que não usava nada por baixo do uniforme. Tinha fugido do quarto do hotel de roupão. Não tinha uma roupa para trocar nem tinha capacidade de pensar no que aconteceria nos próximos minutos.

Atordoadada, fitou a doca flutuante a uns cinquenta metros de distância. Achou que seria divertido nadar até lá. Era o tipo de coisa que fariam, se estivesse passando férias juntos, pensou com tristeza. Mas não estavam. Ela queria pensar que estavam, mas não era verdade. Era uma missão para salvá-la de um velho inimigo. Daniel estava apenas tentando ajudá-la. Talvez sentisse pena. Talvez fosse em nome dos velhos tempos. *Espero que não seja só isso*, pensou ela.

Não importava o que ela sentia ao lado dele. Precisava manter o coração esperançoso sob controle. Ele a teria encontrado muito antes, se quisesse. Pensou em todos aqueles anos esperando por ele. Se ele sentia o mesmo que ela, por que não tinha aparecido antes?

Quando o sol mergulhou sob o oceano Pacífico, ele foi até a geladeira e olhou o que tinha.

— Você gostaria de beber alguma coisa? — perguntou.

— Obrigada. Qualquer coisa — disse ela. — Menos bourbon.

HAVIA UMA COISA que Daniel precisava dizer, mas não conseguiu fazê-lo antes de consumirem duas ginger ales, uma manga madura, dois sanduíches e um saco de batatas fritas.



— Como ele conseguiu chegar tão perto de você? — finalmente perguntou, como se fosse a próxima pergunta lógica em uma conversa longa e um tanto frustrante.

— Você está falando de Joaquim?

— Eu realmente não achava que ele pudesse chegar tão perto, depois de tudo que ele fez quando você era sua esposa. Sei que foi há muito tempo, mas geralmente esse tipo de sentimento permanece muito forte. Achei que você correria na direção oposta. Mas acho que estava errado. Talvez os sentimentos enfraqueçam depois de um tempo. Ou talvez eu apenas não compreenda o conjunto.

Ela baixou o copo. Sentiu sua frustração e respondeu de imediato.

— Eu quis correr na direção oposta, Daniel. E teria corrido. Lutei para me obrigar a ficar sentada do lado dele. Não sei como consegui. Sentia vontade de vomitar quando ele me beijava. Sentia culpa o tempo todo, mas agora, quando penso nisso, além de me sentir estúpida, tenho mais vontade de vomitar.

— Você...? — Daniel tinha uma pergunta premente e não conseguia fazê-la. Ela sabia o que era e não tinha vontade de ajudá-lo.

— Eu o quê?

— Você... passou muito tempo beijando ele?

— Não. Não muito.

Ficou constrangido, mas insitiu.

— Houve mais alguma coisa além dos beijos?

— Isso é da sua conta?

— Não.

— Daniel. — Ela se levantou. Teve vontade de sacudi-lo. — Não transei com ele. Não deixava que ele me tocasse. Não conseguia aguentar. Na noite passada, dormi em uma poltrona. É isso o que você está tentando me perguntar?

Ele assentiu, com um olhar de constrangimento.

— Mas por que você saía com ele, se era assim que se sentia?

— Você sabe. Porque ele me disse que era você.

Ele sacudiu a cabeça. Ficou em silêncio por um momento.

— E isso parecia bom para você?

Os olhos dela se arregalaram subitamente.

— Como você pode me fazer uma pergunta dessas?

Ele juntou coragem para pôr um dedo sobre o dedo dela, um polegar contra o pulso dela.

— Na última vez em que vi você, naquela festa da formatura, você fugiu de mim. Entendo o motivo. Foi culpa minha, eu sei. Mas a última coisa que me disse foi para ficar longe de você. Venho tentando ficar longe, porque era o que você queria. Não queria lhe causar mais sofrimento. E não sabia como tentar de novo e consertar tudo. Não queria arruinar qualquer possibilidade que eu pudesse vir a ter com você.

Ela esfregou os olhos antes que qualquer lágrima pudesse sair.

— Tudo mudou desde então. Fiquei assustada com as coisas que você disse, mas fiquei mais assustada com o que eu sentia. Comecei a ter essas... visões do nada, e achei que estava ficando maluca. Ficava pensando sobre elas e nas coisas que você me disse. Queria encontrá-lo, mas achei que estava morto. Alguém viu você pular no rio Appomattox.

Ele assentiu preguiçosamente.

— Pulei, mas não morri.

— Percebi. Mas não sabia disso. Procurei por você em toda parte. Você não imagina quanto eu quis encontrá-lo e quanto pensei em você nos últimos cinco anos.

A surpresa dele não era do tipo que podia ser falsificada.

— Não tinha a mínima ideia. — Ele sacudia a cabeça lentamente. — Gostaria de ter sabido.

— Bem, você talvez não soubesse, mas ele, de alguma forma, devia saber como eu estava desesperada para vê-lo novamente. Quando apareceu na escola dizendo que era você, a princípio não acreditei. Mas ele sabia de coisas que não podia saber de outro jeito. Foi o que pensei. Aprendi tantas coisas inesperadas sobre o mundo, nos últimos anos, não sei mais o que é possível e o que não é possível. O mesmo tipo de coisas misteriosas que você me disse na festa, ele parecia saber. Disse que você tinha morrido, o que eu já sabia, e que tinha voltado em um corpo novo. Chegou a me explicar uma coisa complicada sobre sair de um corpo velho e ir para um novo.

O rosto de Daniel mostrou uma expressão de dor.

— Do que ele te contou, era a única parte verdadeira — disse.

— Era?

— É.

— Ele disse que não machucava ninguém.

— Ele machuca — disse Daniel.

Ela fechou os olhos.

— Não sabia. Não sabia de nada. Fico assustada com as coisas que disse para mim mesma. Mas teria dito qualquer coisa para mim mesma porque queria acreditar nele.

— Por quê?

— Porque queria estar com você.

ELES DESCERAM ATÉ a areia e puseram os pés na água. Estava escuro, mas havia uma lua cheia e brilhante. A água estava calma e praticamente os convidava. Daniel queria mesmo dar um mergulho. Sentiu que ela também queria, mas ficou sem jeito de sugerir. Podia ficar de cueca, mas ela tinha apenas a roupa de camareira e possivelmente nada embaixo.

Ao pensar nisso, ele também pensou em como seu corpo parecia dentro do uniforme, e em como seu corpo parecia debaixo do uniforme. E aí, imaginou-a abrindo o zíper e entrando na água. Percebeu então que não seria mais uma boa ideia ficar apenas de cueca. Ficou ali embaraçado com sua falta de jeito, e o máximo que conseguiu fazer foi estender o braço e segurar sua mão.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela, olhando para o braço dele na altura onde a manga da camisa estava dobrada.

— O que você quer dizer?

— Essas cicatrizes.

— Não é nada. — Ele voltou a baixar a manga.

Ela ergueu.

— Não parece que não foi nada.

Para seu espanto, ela abaixou a cabeça e beijou as marcas de queimaduras, todas três, de uma forma lenta e deliberada. Ele a fitou. Por mais que quisesse seus lábios sobre ele, preferia que deixasse em paz aquela parte do seu corpo.

— Meus pais adotivos eram difíceis — disse ele, depressa. — A mãe era uma fumante com mau gênio.

Ela pareceu horrorizada.

— Sua mãe fez isso?

— Não era minha mãe. Era apenas a mulher com quem eu morava quando era pequeno. — Havia tanto desdém em sua voz que ela pareceu rude, mas ele não conseguiu evitar.

— Então quem era sua mãe?

— A mulher que me trouxe ao mundo era viciada em heroína. Nunca mais a vi, desde que era pequeno. Era jovem demais para me lembrar dela. — Parecia impassivo e estava mesmo.

Ela voltou a beijar seu braço. Sentia mais tristeza do que ele em relação à história, e ele queria que ela percebesse aquilo.

— Não importa — disse ele. — Já passei por coisa pior. Eu não ligava para ela. Talvez achasse que podia me machucar, mas não podia.

Ela ergueu a cabeça e o olhou.

— Como você pode dizer isso? Como pode dizer que não faz diferença? Você era uma criança e ela machucou você. Queimou sua pele e deixou cicatrizes. É claro que importa. É por isso que você as esconde.

Ele balançou a cabeça, subitamente irritado.

— Eu não escondo.

— Esconde! Não me importo com quantas vezes você viveu ou com o que você se lembra. Ainda dói. Importa sim.

— Não do jeito que você pensa. — Estava zangado com ela. Não queria falar sobre aquilo e desejava que ela parasse. — Sou diferente de você, Sophia. Esse é o problema. Sou diferente de todo mundo. Você não entende.

— Ah, eu entendo sim. — As sobrancelhas desceram. — E aliás, meu nome é Lucy. Estou bem aqui e sou Lucy. Você é você e não é tão diferente quanto imagina. Você é *esse* homem bem aqui. — Segurou o braço dele com as duas mãos. — Com essa pele, as cicatrizes no braço e a mãe pirada. Essas são as pessoas que somos.

— Você está errada. — Lançou-lhe um olhar furioso. — Somos mais do que isso.

Ela parecia furiosa, mas estava ótimo, pensou ele assim mesmo. Preferia que ficasse furiosa a se mostrar compassiva. Ela o provocou e ele a odiou naquele momento, mas odiava principalmente a si mesmo. Meu Deus, talvez ela fugisse de novo. Talvez ele tivesse arruinado tudo novamente. Talvez por uma vida inteira. Talvez por todas as vidas. Não estava escrito que ficariam juntos, não era? Ele não sabia se podia continuar tentando.

Ela o fitou por muito tempo. Era dura quando queria ser. Pôs as mãos sobre seus ombros e ele praticamente esperava que começasse a sacudi-lo, mas não foi isso o que fez. Inclinou-se até ficar bem próxima, até que ele pudesse sentir seu calor. Ele ficou abalado e não conseguia respirar direito.

— Sabe de uma coisa, Daniel?

Ele prendeu a respiração.

— O quê?

Era a hora de ela dizer adeus e ir embora. Não sabia para onde ela poderia ir, mas tinha certeza de que era o que aconteceria. Esperava, pelo menos, que deixasse que ele a ajudasse a ir até algum lugar seguro.

— Se não se importa, então isso não importa. — Ela virou a cabeça para o lado e pôs a boca da curva da base do pescoço dele e o beijou lentamente. Ele sentiu a umidade. Sentiu sua língua.

Ficou chocado demais para reagir. Paralisado. Não sabia o que fazer. Seu corpo, subitamente, era uma massa de nervos pulsantes e o cérebro nem funcionava.

Ela se afastou e olhou-o bem nos olhos ao começar a desabotoar sua camisa. Atônito, Daniel assistiu à cena como se estivesse acontecendo com outra pessoa. Lucy tirou a camisa de seus ombros e deixou que caísse como um montinho na areia, atrás dele. Ele respirava com dificuldade, mas não ousava se mexer.

— Se não se importa, então isso não importa — ela inclinou-se até seu peito e o beijou.

As mãos estavam presas. Ele respirou fundo.

— E se isso não importa. — Ela deslizou as mãos em suas costas e subiu, para beijá-lo nos lábios. Beijou-o com força, e com a turbulência de uma maré ele retribuiu. Não pensou em nada. Beijou-a com tudo o que tinha, pois não conseguia se conter. Não conseguiria parar por mais que tentasse. As mãos percorriam os quadris dela, famintas, quando ela se afastou.

Manteve-o afastado, olhou-o e seu corpo grande e estúpido simplesmente doeu. Não conseguia mais se afastar dela. Uma vez que aquilo havia começado, havia coisas

demais a sentir. Também não conseguia impedir aquilo. Afogava-se.

Os olhos dela estavam sobre ele, sem pestanejar, mas cheios de lágrimas.

— Não importa?

Ja chorar, ele percebeu. Ja chorar por causa dele e ele não queria aquilo.

Fechou os olhos.

— Daniel, me diga. Não importa? Porque se não importa, vou parar.

Ele não queria abrir os olhos. Sentiu uma lágrima escapar sob a pálpebra. Não podia mentir para ela. Nunca tinha feito isso e não poderia fazê-lo naquele momento.

— Não pare. — A voz mal passava de um sussurro.

— Por que não?

Sentiu que morreria, se não pudesse tocá-la.

— Porque importa.

Quando ela o beijou de novo, ele também chorava pelo bem e pelo mal. Estavam deitados na areia, uma mancha úmida de beijos e lágrimas. Ele não tentou entender mais nada. Não tentou organizar os fatos nem registrá-los para o longo futuro. Era o que tinha. Não apenas importava, como era o que mais importava. Beijou-a com todas as forças, pois amar era tudo o que se podia fazer.

ELE NÃO SABIA quanto tempo ficaram se beijando na areia escura, nem as coisas que disse a ela. Nada mais os separava. Em determinado momento, sem realmente pensar, ele ergueu-a da areia, em seus braços. Não pensava, deixava apenas que o corpo agisse. Há muito não resistia. Era um corpo forte e a ergueu com facilidade, levou-a para casa, até o quarto. Abriu o mosquitoireiro e a depositou sobre a cama.

O tempo perdeu o significado. As sequências regulares que ele registrava com tanto cuidado desapareceram. Era como se o círculo de sua longa existência voltasse ao começo e o tornasse novo, mais uma vez.

Ele abriu o zíper do uniforme de camareira com um carinho doloroso e descobriu que ela estava nua ali embaixo, com uma explosão de inesperada surpresa, apesar de saber que estaria mesmo. Sentiu como se nunca houvesse visto o corpo de uma mulher antes e, ao pôr as mãos sobre ela, sentiu como se nunca houvesse tocado ninguém. Descobriu cada parte dela com os dedos e a boca, como se fosse uma novidade. Subia com frequência para beijar seu rosto úmido e olhar em seus olhos, para ter certeza de que permanecia consigo. Ela se entregou de uma forma generosa.

— Amo você — sussurrou ele, e se já havia dito aquilo antes, ele não se lembrava.

Depois de ter descoberto todas as partes dela, ela o envolveu com as pernas e o empurrou para dentro. Agarrou-se a ele. Segurou seu pescoço e lhe deu beijos úmidos e ferozes.

Ele poderia se perder nela para sempre, pensou. Talvez nunca saísse dali. Ela estava bem ali e era Lucy. Ele era esse homem, nessa pele, e era tudo. Lucy tinha razão. Era só o que eram.

Finalmente ele gozou, gozou e gozou dentro dela. Apenas os sentidos brutos. Foi um momento suficientemente importante para dispersar todas as lembranças do antes e do depois. Talvez ele não conseguisse guardá-lo e era o que mais o assustava. Mas sentiu uma alegria delirante em livrar sua mente daquele peso. Tinha que permitir que tudo se fosse. O resto do mundo e todos os registros de tudo que havia acontecido a ele. Apertou o corpo suado junto à pele doce e bela. Enroscou-se nela como se ele fosse novo, inexperiente e tivesse acabado de nascer.

UM SOM A despertou. Não foi a respiração dele ou os suspiros que ela incorporou a seu sono de uma forma agradável, mas um som que Lucy não conseguiu identificar muito bem. Lamentando fazê-lo, com cuidado, ela se desembaraçou, a perna dele de volta para ele, o braço dela para ela. Ele tinha levantado para urinar um pouco antes e tinha vestido a cueca samba-canção.

A luz pálida do amanhecer adentrava o quarto. Ela se arrastou silenciosamente para fora da cama. Encontrou o uniforme de camareira em uma bola no chão e o vestiu, fechando o zíper lentamente, para não acordá-lo. Voltou-se para a janela. Mal conseguia distinguir as folhas de uma mangueira. Ficou parada, alerta.

Ouviu algo de novo, vindo da mesma direção. Provavelmente era um pássaro ou algum pequeno animal. A paisagem era tropical e movimentada. Caminhou pela beirada do quarto rumo à janela, tentando ajustar os olhos à luz fraca.

— Daniel! — Berrou seu nome antes de ter tempo para pensar. Havia alguma coisa ali. Não conseguia distinguir um rosto, mas tinha quase certeza de que via a forma de alguma coisa na janela semiaberta. Tentou entender o que era. Uma arma?

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo, sem uma ordem perceptível. Ele se sentou quando ouviu sua voz. Ela correu para ele o mais depressa que pôde, com força, para afastá-lo do caminho. A arma disparou, ela berrou e Daniel, de repente, estava de pé, gritando.

Ela não sabia o que estava acontecendo. Ele a segurava, berrando como louco. Viu sangue e teve medo de que ele tivesse levado um tiro. Daniel a tirou da cama, saiu do quarto e foi para o grande cômodo. Ela ouviu outro tiro atrás dele. Chorava.

— Você está ferido? Está bem? Atingiu você? — Não tinha certeza do que estava dizendo e do que estava pensando.

Ele atravessou a casa correndo, saiu e foi para a praia. Corria pela areia, quando ela ouviu um terceiro tiro. Iam morrer. Para onde poderiam ir? Não poderiam voltar para a casa. Eram alvos fáceis na vastidão da praia. Diante deles, havia apenas água.

Havia sangue no peito dele. Ai, meu Deus, ele estava ferido?

Daniel correu com ela até a água e a arrastou para dentro do mar. Só quando tentou nadar, ela percebeu que mal conseguia mexer o braço. Na distância, ouviu mais um tiro.

— Respire fundo — ele ordenou. Foram juntos para debaixo d'água e ele a ajudou a nadar o melhor que pôde. Lucy finalmente percebeu que seu ombro doía. Teria se machucado de alguma forma? Ele nadava com energia, pelos dois, e aquilo fez com que ela pensasse que ele não podia estar tão ferido. Levou-a até a superfície para tomar fôlego e então desceu mais uma vez.

Quando vieram à tona para respirar mais uma vez, ela percebeu que a doca flutuante estava bem diante deles. *Era o que a gente faria, se estivesse de férias*, lembrou-se, de uma forma disparatada. Ele a levou para o outro lado, acomodou-a lá em cima e colocou-se por trás dela.

Lucy lutava para respirar. Pôs a mão no ombro. Viu a silhueta na praia, com a arma. Joaquim. Era assim que Daniel o chamava.

Sentiu o braço de Daniel a apoiá-la, a outra mão abriu o zíper do uniforme. Ele a enfiou desajeitadamente sobre o ombro e doeu. Estava tirando seu vestido, os dois iam morrer a qualquer momento e ela sentia uma estranha calma em relação a tudo.

— Vai ser fácil matar a gente aqui — disse ela, tentando recuperar o fôlego.

— Se quisesse nos matar, já teria feito. — Ele examinava o ombro e, pela primeira vez, ela percebeu que quem sangrava era ela.

O revólver estava apontado para os dois.

— Você acha que ele não quer?

— Já teria feito, se estivesse mesmo com pressa.

— Eu levei um tiro? — perguntou, incrédula.

— Seu ombro foi atingido de raspão por uma bala que não era para você. Você pulou bem na frente dela, minha garota, e me fez morrer de medo. — Não podia acreditar que ele estivesse sorrindo para ela, mas estava. — Há um arranhão profundo, mas não há uma bala. Tivemos sorte nesse ponto.

— Era para quem? — Lançou um olhar temeroso para Joaquim e sua pistola, na praia.

— A intenção era nos intimidar e nos controlar, mas não era feri-la. Joaquim talvez não se importasse se me atingisse, mas seria um anticlímax. Quer me deixar à sua



mercê. É o tipo de pessoa que ele é. Quer fazer com você o que fez a ele — tirar você de mim e fazer com que eu saiba que você está no mundo, mas que não posso tê-la. Provavelmente, ainda pensa que você lhe pertence. Não estou dizendo que ele não vai atirar em mim ou em nós dois, como último recurso, mas não é o que deseja fazer.

— Por que não?

— Porque ele nos perderia de novo. Ele sabe de nós nessa vida, mas não na próxima. Pode se lembrar, mas não consegue reconhecer as almas.

— Não consegue?

— Não. Pelo menos, não conseguia, no passado.

— Você consegue?

— Não com perfeição, mas consigo.

— Então o que vai acontecer agora?

— Não sei e ele também não sabe. Quando a trouxe para cá, acho que esperava provavelmente que eu fosse aparecer, mas não esperava que eu tivesse sucesso em fugir com você. Tenho quase certeza de que não fazia parte de seus planos. Sabe que não temos opção no momento, mas ele também não tem. Além de atirar e nos matar, tudo o que pode fazer é ficar ali e esperar para ver o que a gente vai fazer. Não pode nos deixar e arranjar um barco. A gente já teria desaparecido quando ele voltasse. Não pode nadar atrás de nós.

— E aí, o que vamos fazer?

— Por enquanto, é um impasse. Todos nós vamos ter que esperar.

— Vamos?

— A menos que você tenha uma ideia diferente.

— Vou pensar no assunto — disse ela. Percebeu que Daniel puxava a parte debaixo do uniforme e ela se sentou. — Você acha mesmo que é hora de fazer isso?

Ele riu.

— Eu bem que queria. — Estava examinando a bainha. — Escute, sei que você não tem muito pano em cima de você, em se tratando de roupas, mas você se importaria que eu rasgasse alguns centímetros? Quero amarrar em volta de seu ombro. — Gesticulou para a cueca encharcada. — Ainda tenho menos que você.

— Acho que a gente deveria usar o seu — disse ela.

— Tudo bem. — Ele se levantou e começou a se despir. Lucy não pôde deixar de admirar seu belo corpo de cima a baixo.

Não estava em seu juízo perfeito. Tinha ficado bêbada demais de felicidade para voltar à sobriedade de uma forma adequada. Suspeitava que ele sentisse o mesmo. O mundo não era suficientemente grande para conter a magnitude do que havia acontecido entre eles na noite anterior. Não havia como ser suficientemente grande para conter aquilo também. Ela não queria voltar à sobriedade.

— Pare. Estou brincando. Pode rasgar meu vestido. Não vamos querer ficar completamente nus por aqui.

— Não queremos?

— Não com a nossa plateia.

Com habilidade, ele rasgou alguns centímetros em torno da bainha. Deu uma olhada sob a roupa.

— Você está me deixando louco com esse troço.

Ela riu.

— Não é a roupa que eu teria escolhido para nosso reencontro, mas devo admitir que é fácil de vestir e de tirar. — Não podia acreditar que ainda estivessem se cobiçando daquela forma.

Com cuidado e habilidade, ele envolveu o ombro para estancar o sangramento.

— Você parece saber o que está fazendo.

— Sou médico. Mencionei isso?

— Não, você não é.

— Sou, sim. Várias vezes.

— Você é jovem demais.

— Já tinha passado pela escola de medicina. Me adiantei um pouquinho.

— Um pouquinho? Um bocado.

— Tudo bem. Um bocado.

— Você trabalha em um hospital?

— Trabalho. — Ele amarrou o curativo, beijou o seio dela, colocou o uniforme no lugar e fechou o zíper. — Você vai ficar ótima, senhora.

— Mais uma cicatriz para minha coleção.

— Você tem muitos ferimentos de bala?

— Estou me referindo àquelas que a gente junta com o passar das vidas, aquelas que ficam com a gente depois da morte. Como essa aqui, não é? — Ela apontou para a parte superior de seu braço.

Ele inclinou a cabeça.

— Como você sabe disso?

— Graças a Constance.

— Como você sabe de Constance?

— Eu era Constance.

— Eu sei, mas como você sabe disso?

— Li uma carta que ela escreveu para mim.

Ele olhou Joaquim de relance, na praia, e voltou para ela.

— E como você fez isso?

— Fui até Hastonbury Hall, na Inglaterra, e a encontrei no seu antigo quarto.

Ele sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Você está brincando. Não sei o que dizer.

Era divertido contar para ele.

— Lembra-se do hipnotizador de que lhe falei? Fiz uma regressão sob hipnose e fui direto até Constance. Estava desesperada para que eu encontrasse a mensagem. E não para de me atormentar desde então, me fazendo lembrar de coisas.

- Inacreditável.  
— Ela é mesmo.  
— Eu me enganei, sabe.  
— Sobre o quê?  
— Quando você era Constance, eu lhe disse que sua memória era apenas mediana. Agora vejo que a subestimei.  
— Aquela garota não me deixou em paz. Não ficaria feliz até que eu encontrasse você.  
Daniel riu.  
— Ela está feliz agora?  
Lucy riu e também sentiu que estava a ponto de chorar.  
— Está muito feliz agora.

DANIEL OLHOU PARA o céu. Sentia como se pudesse ver o sol desenhando um arco e queria que ele andasse mais devagar. Ouviu a batida da água contra a boia. Sentiu uma mecha sedosa do cabelo dela fazendo cócegas na sua axila. Sentia-se como se tivesse fumado muita maconha. Sabia que não tinha o direito de ser feliz com um revólver apontado para os dois. Sabia que deveria sentir raiva e indignação, mas não conseguia evitar muito bem. O medo quase sempre venceu a alegria, mas hoje não ia ser assim.

— Eu deveria estar pensando em um plano — disse ele, torcendo uma mecha de cabelos dela com a ponta dos dedos. — Mas tudo o que consigo pensar é no seu corpo debaixo desse vestido. — Ele rolou sobre o cotovelo. — Não aguento.

— Talvez fosse melhor a gente partir para a ação, aqui e agora — disse ela. — Vamos mostrar para ele.

— Provavelmente, ele ficaria com tanta raiva que mataria nós dois a tiros.

— Mas a gente voltaria junto, não voltaria?

Ele se sentou ereto e olhou-a com seriedade.

— Se você sente por mim uma minúscula fração do que sinto por você, então, a resposta é sim. Tenho quase certeza de que voltaríamos juntos.

— Então voltaríamos — disse com simplicidade. — Porque eu sinto. — Ela pensou em uma possibilidade mais sombria. — Talvez ele não queira exatamente que a gente fique junto.

— Suspeito que ele não queira.

— Talvez a gente não deixe ele ter escolha — disse ela. Sentou-se entre as pernas dele e apertou as costas contra seu peito. — Não há como ele chegar até você sem passar por mim. Não tem uma mira tão boa assim.

— Não sei o que penso disso — disse ele.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim. — Talvez parecesse estar brincando, mas estava falando sério. — Onde quer que a gente vá, vamos juntos.

Ele franziu a testa.

— Sério, Daniel.

Segurou as mãos dela e pousou o queixo no ombro que não estava machucado.

— Além de levarmos tiros, quais são as outras opções?

— Poderíamos nadar até a praia e tentar nossa sorte.

— E quais seriam nossas possibilidades?

Ele apertou os lábios.

— Não sei. Provavelmente, acabaríamos à mercê de Joaquim. Seria sua opção preferida.

— E o que acontece então? Ele me leva como refém? Me machuca de alguma forma e faz você olhar? Obriga você a algum tipo de humilhação e depois te mata? É o tipo de ajuste de contas que ele está procurando, não é?

— Tenho quase certeza que sim.

— Ele não se importa de cometer assassinato, não é? Pode saltar para outro corpo, se for pego.

Daniel assentiu.

— É o pior dos mundos. Essas são as possibilidades que estamos contemplando?

Daniel fechou os olhos por um momento. Não queria listar o que aconteceria, mas não podia impedi-la.

— Há algum lugar para onde a gente possa ir nadando? Podemos tentar nadar em volta do cabo e sair por ali?

— Ele chegaria antes.

— Você acha que nunca passa ninguém por aqui?

— Não é impossível, mas acho que esse lugar é bem deserto.

Ela pensou no assunto.

— Daniel?

— Sim?

— Se por algum milagre que nos escape agora, a gente conseguir sair dessa, o que vai acontecer? Existe algum lugar para onde a gente possa ir ou alguma coisa para fazer, para evitar que ele nos encontre?

— Provavelmente não por muito tempo.

Pareceu desencorajada, e quem poderia culpá-la?

— Daniel?

— Sim?

— Você já pensou que talvez *não* seja para a gente ficar junto?

O rosto dela ficou sério, mas ele não conseguiu deixar de sorrir.

— Não. Fomos feitos uma para o outro. Fomos feitos para querer muito que isso aconteça.

Ela não resistiu e retribuiu o sorriso.

— Estou ficando sem ideias. Você está escondendo alguma coisa? Tem alguma ideia?

Ele jogou a cabeça para trás e olhou o céu.

— Minha ideia é ficar com você um pouco mais.

— VOCÊ TEM MEDO de morrer? — ela perguntou.

O sol estava chegando rapidamente ao ponto mais alto do céu. Ele deitou em suas costas e ela estava enroscada do seu lado, com a cabeça no seu peito. Sentia-se incrivelmente descontraído.

— Não. Já morri muitas vezes. Mas só fiz amor com você uma vez, e é nesse milagre que estou me concentrando. Joaquim não pode roubar isso de nós de forma alguma.

— Você acha que a gente vai morrer?

Ele inspirou e soltou o ar, inspirou e soltou o ar. Nunca tinha sentido o calor do sol com tanta pureza.

— Lucy, não quero pensar nisso. Quero apenas pensar em você. Mas se você faz questão, acho provável que a gente sofra ou morra. Prefiro morrer e, sinceramente, acho que posso morrer feliz agora.

— Pode?

— Posso.

Ela deitou-se do seu lado.

— Você já me chamou de Lucy antes?

Ele virou a cabeça para olhá-la e protegeu os olhos da luz do sol, para vê-la bem.

— É engraçado. Vejo você agora e você é tudo que consigo ver.

Ela sacudiu a cabeça.

— Estamos numa boia, no meio do mar. Sou tudo o que existe.

Ele riu e puxou-a para cima dela, abraçou-a. Beijou-lhe o pescoço e os lábios.

— Lucy — disse ele. — Lucy. — Deu de ombros. — Não sei. Acho que é um nome muito bom. — Beijou seu queixo. — Lucy. É você.

QUANDO O SOL estava a pino, a pele de Lucy começou a ficar rosada e ela sentiu sede. Percebia que ele estava do mesmo jeito, mas nenhum dos dois queria dizer nada.

— Estou vendo um problema com a espera — disse ela.

— Diga-me. — Ele a pôs no colo.

— Vou me torrar, nós dois vamos ficar com muita sede e não vai ser legal. Vou tentar ser corajosa e você vai começar a se preocupar comigo. Aí você vai fazer alguma coisa da qual vai se arrepender.

— Você está certa. — Beijou-lhe o lado do rosto. — Talvez seja melhor a gente tirar a roupa e aproveitar o que nos sobra.

— Não quero que ele nos mate.

— Nem eu.

— Não vamos conseguir esperar para sempre.

Ele assentiu. Não queria mencionar que não achava que Joaquim fosse suportar aquele impasse depois do anoitecer. Nunca tinha sido um homem paciente.

Ela ficou em silêncio por algum tempo. Ele colocou a mão em volta dos pés dela.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Lucy.

— Qualquer coisa.

— Como é morrer por afogamento?

Ele a olhou, surpreso.

— O que você quer dizer?

— Quer dizer, como é? Dói? Leva muito tempo? É pior do que morrer levando tiros?

— Pois bem. — Ele examinou o assunto. — Já me afoguei duas vezes. Foi há muito tempo. Morri de tiros duas vezes, mais recentemente. Diria que, de uma forma geral, o afogamento é melhor.

Ela esfregou as mãos. Molhou os lábios rachados e ressecados.

— É o pior que pode acontecer, não é? E admito que é bem ruim, mas melhor do que dar a ele o prazer de tirar nossas vidas. O que você diz? Vamos cair na água e começar a nadar. — Gesticulou para o mar aberto. — Das duas uma: ou a gente chega na China ou não chega.

Ele forçou a vista na direção da China.

— O que você diz?

— Digo que o tempo vai mudar.

— O que você quer dizer?

— Uma tempestade está lá fora e parece que vem nessa direção. Não sei se isso é bom ou ruim para nós.

— Como poderia ser bom?

Ele pensou.

— Menos queimaduras de sol. Menos sede, se conseguirmos pegar um pouco de chuva.

Um tiro ecoou e sobressaltou os dois.

— Acho que ele está ficando cansado de esperar — disse Daniel.

Ela se enroscou mais apertada em volta dele e ele sabia o motivo.

— Acho que está na hora de agir — disse Lucy. — Vamos lá. Sei que você não quer lhe dar a satisfação.

Ficou atordoado. Queria tocá-la, falar com ela, sentir seu cheiro, vê-la rir. Não queria morrer. Não queria que isso chegasse ao fim. Mas tinha de se desvencilhar dessas

ideias. Não se importava com o que aconteceria com ele, mas se importava com o que aconteceria com ela.

— É isso mesmo o que você quer fazer? — perguntou.

— É. — Ela pôs os pés na beirada e ele a seguiu. Reparou que ela ficava muito perto dele, tocando alguma parte de seu corpo o tempo todo.

— Você está disposta a escolher essa alternativa? Você acredita tanto nas coisas que eu disse a ponto de querer nadar até a China?

Ela o olhou nos olhos e respondeu.

— Estou.

Não estava de brincadeira. Ele precisava lidar com esse fato, o que o obrigou a também ficar sério.

— Pare por um minuto, Lucy. Pense no assunto. Vou deixá-lo atirar em mim e você então segue com ele, em paz. Talvez seja o bastante para saciar sua sede de sangue por algum tempo. Talvez ele não a machuque. Você pode voltar para os Estados Unidos e ter alguma espécie de vida normal. Seria a coisa mais sensata a fazer.

— Como você tem coragem de dizer isso? — Ela torceu o dedão do pé dele com força. — Não poderia deixar que isso acontecesse. De qualquer maneira, você acha mesmo que ele me deixaria em paz? Acha que ele me deixaria voltar a ter uma vida normal?

Ele não ia mentir.

— Não. Não acho. Mas há uma chance.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Gosto disso quase tanto quanto gosto de nossas outras possibilidades. De qualquer maneira, não vou a lugar nenhum sem você. Vamos nadar juntos para a China. E se o pior acontecer, é melhor morrer com você do que viver sem você.

— Você disse alguma coisa parecida quando era Constance, mas eu consegui convencê-la do contrário.

Ela olhou para ele com ar ameaçador.

— Você só pode me enrolar uma vez, Daniel. — Ele ouviu o sotaque de Virginia na voz dela.

Ela estendeu a mão para ele.

— Pronto?

— Não quero que isso termine — disse ele.

— É o começo — afirmou ela, com uma certeza que Daniel invejou.

Posicionaram-se na direção do oeste. Ele abaixou-se e a beijou.

— Para a China — disse.

Ela assentiu. O queixo tremia, e ele percebeu que Lucy estava com medo de abrir a boca e chorar.

— Amo você — ele disse.

Lucy lançou-lhe um último olhar, um sorriso choroso. Segurou a mão dele com tanta força que os dedos ficaram dormentes, e quando pulou na água, ele pulou junto.

OUTRO TIRO ECOOU quando mergulharam. Ele queria segurar sua mão, mas sabia que, desse jeito, ela teria mais dificuldades para nadar. Pensou no ombro dela. Nadavam com determinação, mas ele sabia que não iam durar muito.

O sol ainda reluzia sobre a água, mas ele viu o brilho de um relâmpago na distância e presumiu que aquilo seria o fim, se o fim não chegasse antes. Observou as pernas rosadas dela na água, o uniforme amassado. Ainda evitava fazer o reconhecimento da situação, mas tudo começava a ficar mais claro de uma forma cruel.

Uma parte de sua mente estava junto de Joaquim. As ondas ficavam maiores e com mais espuma, o que dificultava a mira para quem estava na praia. Mais algumas centenas de metros e ficariam fora de sua visão e fora de seu alcance. Estava raciocinando da mesma forma que Joaquim.

Joaquim poderia tentar arranjar um barco, mas o tempo dificultaria as coisas. Nenhum proprietário sensato concordaria em alugar uma embarcação durante uma tempestade. Talvez Joaquim já tivesse um barco. Talvez roubasse um barco, mas se deixasse a praia por alguns minutos, estaria abrindo mão de seu comando da costa. Devia acreditar que sairiam em algum momento. Sabia que não tinham escolha. A única coisa que não podia controlar era a capacidade que eles tinham de morrer. Não poderia persegui-los para onde iam.

Tinham percorrido outros quatrocentos metros, mais ou menos, quando Daniel percebeu que Lucy estava sem fôlego. Temia que estivesse sentindo dores. Diminuiu o ritmo e ficou à deriva por um minuto. Dava trabalho não levar uma lambada das ondas.

— Podemos ir mais devagar — falou ele. — A China não vai sair do lugar.

— Ele não pode atirar na gente aqui, não é?

— Improvável. Nem consigo mais vê-lo.

— Então somos só nós dois. — ela tremia.

— Só nós dois. — Ele pôs os braços em volta dela. — Como está o ombro?

— Diria que é o menor de nossos problemas.

Ele assentiu. Queria que pudessem pular a próxima parte, porque não seria divertido. A água estava ficando mais fria e isso diminuiria a velocidade de todos os processos, inclusive da morte.

— O que acontece se não sairmos daqui? — ela indagou sem fôlego. — Como se morre? — Parecia mais determinada do que amedrontada.

— Você não se entrega — disse ele. — Espera que ela a leve. Você vai em frente até que ela a leve.

— Demora muito?

Ele não queria se aprofundar na parte científica de se afogar. Só a deixaria assustada.

— Alguns minutinhos. Você é forte e seu corpo vai aguentar, mas eu te prometo uma coisa.

— O quê?



— No pior momento possível, no momento mais doloroso, mais sombrio, quando você não consegue mais aguentar e fica com medo, é aí que uma sensação de paz e harmonia toma conta de você. Você nunca sentiu nada parecido.

Ela pareceu esperançosa.

— Acontece com todo mundo?

— Vai acontecer com você.

UMA ESTRANHA CALMA tomou conta deles no trecho seguinte. Nadaram debaixo d'água, subindo algumas vezes para tomar fôlego. Daniel ficou perto dela e a observou. Sentia-se quase hipnotizado pela lenta beleza de seu corpo sob a água. Lutou consigo mesmo, pensando se devia tentar apoiá-la e lhe dar um descanso, ou não. Não queria que aquilo se arrastasse. Terrível como era, havia algo de belo na forma com que as ondas se erguiam em volta deles, enquanto o sol continuava a brilhar. Pensou na primeira vida, em Antioquia, aos cinco anos, deitando-se no rio durante um terremoto. Achou que tinha visto a eternidade naquele instante e se perguntou se a veria de novo, com ela.

Ela tinha uma força notável. Seu corpo lhe dava uma grande explosão de energia, que ele via nas pernas e no rosto. Sabia que não estava mais sentindo dor.

E então, lentamente, com o passar do tempo, ela começou a vacilar. Os movimentos ficaram mais lentos. As braçadas, menos precisas. Também acontecia com ele. Não lhe incomodava observar aquilo em si mesmo, mas doía vê-la. Não queria assistir, mas também não ia se poupar. Tinha a arrastado para aquela situação.

E aí chegou o momento, inesperado embora inevitável, quando ela parou de lutar. Sob a água, salpicada pelo sol, Lucy voltou o rosto para olhá-lo. Não era um sorriso, mas parecia um sorriso. Não era um rosto de medo. Era uma expressão de fé, acima de tudo. Tinha fé nele e nas coisas que ele lhe prometera. Confiava nele.

Aquilo era se sentir amado. Em vez de repelir aquele sentimento, como costumava fazer, ele se permitiu aceitá-lo. Tentou abrir-se por completo para aceitá-lo integralmente.

Então, para seu horror, ela ergueu os braços sobre a cabeça e começou a afundar. Ele assistiu àquilo como se estivesse em câmara lenta. Feixes da luz do sol desciam, estremeando à sua volta. O cabelo dela era uma nuvem vagarosa e dourada; as mãos estavam abertas.

Ela afundava. Viu sua nuca, os dedos abertos, descendo abaixo no nível de seu peito. Estava sendo puxada pela escuridão faminta das profundezas. Estava deixando o sol, deixando-o, e ele ficou paralisado diante daquela visão.

*Você precisa deixá-la partir.*

*Por quê?* Uma voz no interior da sua cabeça berrava, despertando-o por completo.

*Porque é assim que vamos nos salvar. É o que escolhemos. É o que esperávamos em todos esses séculos.*

O que eram todos aqueles séculos? Eram dias, anos, meses de lembranças. Não eram nada. Eram pensamentos em sua cabeça e só. Podia ter certeza de qualquer parte daquilo? Tinha algum motivo real e concreto para saber que ele havia voltado da morte ou para achar que voltaria no futuro? Ela acreditava nele. Mas ele acreditava em si mesmo? Estava tão seguro de si a ponto de estar disposto a sacrificá-la?

Talvez ele fosse maluco. Talvez fosse tão simples assim. Deveria estar em um hospício, junto com todas as pessoas que compartilhavam de suas ideias. Por que se achava melhor do que elas? Só porque sabia guardar melhor suas ideias malucas?

Como podia ter certeza de que houve outras vidas antes dessa? Como sabia que haveria outras depois? Não sabia. E se tivesse inventado essa memória como uma forma de lidar com uma vida de abandono e abusos? Pessoas estragadas faziam coisas estranhas. Como ele sabia que não estava maluco? Não sabia. Era bem possível que vivesse um longo delírio e que a tivesse arrastado consigo.

Eram apenas histórias, sabia disso. E se não fossem histórias verdadeiras? Podia correr aquele risco? Podia deixá-la partir por causa disso?

Os pensamentos não eram nada. As lembranças não eram nada. Não podiam ser tocadas. Não ocupavam tempo. Era possível encaixá-las na ponta de um alfinete. Era possível colocar em dúvida o mundo inteiro no decorrer de alguns segundos.

Viu a nuvem de seus cabelos afundarem até a altura de seus joelhos. *Não deixe que isso se estenda. Não deixe que ela sofra uma morte mais lenta.* A laringe ia se selar, o coração, os pulmões e o cérebro logo começariam sua luta involuntária e segurá-la ou interferir não facilitaria as coisas.

Era a garota que ele amava. Era sua garota forte e bela.

Tinham se amado no momento mais extraordinário de sua vida e ele beijara todos os centímetros de seu corpo poucas horas antes. Agora, morria diante de seus olhos.

*Não.* Havia uma palavra em sua cabeça e ela se espalhou dentro dele depressa. Eletrizou todos os músculos e nervos. *Não.* Ela não ia deixá-lo. *Não.* Ele não ia deixar que partisse.

*Não.* Com a palavra, apareceu uma lembrança. Já a vira morrer no passado. Ele a viu morrer porque ele a havia matado. Tinha queimado sua casa e viu sua morte, e pensava nela, sonhava com ela de uma forma dolorosa todos os dias desde então. *Não.* Não a veria morrer desta vez.

*Não temos escolha. Não temos opção.*

*Não!* Se não havia uma escolha, era preciso criá-la. Se não havia opção, você a criava. Não podia apenas deixar que o mundo acontecesse à sua volta. Ele tinha feito aquilo por tempo demais.

Não via a eternidade. Via a garota, o momento e uma chance muito pequena. Seu corpo saiu da estranha paralisia. Sabia o que queria fazer. Ficar afastado dela por mais

tempo era nada além de uma armadilha do cérebro e uma espécie de tortura corporal. Ele mergulhou e a alcançou. Agarrou-a pela cintura e levou-a até a superfície. Aquele era seu corpo, era um corpo bom e forte. E a amava tanto quanto a ele, porque era ele. Nada mais e nada menos.

Segurou-a, debatendo-se na água. A cabeça dela pousou em seu ombro. Braços e pernas não se moviam. Uma onda de adrenalina tomou conta do seu corpo enquanto ele procurava sinais de vida no pescoço e no peito.

Não estava morta. Os pulmões não se encheram de água, mas haviam se fechado e houve um momento torturante de suspense antes que ela abrisse a garganta e voltasse a respirar.

— Você não vai morrer — disse-lhe. Sentiu a emoção na própria voz. — Sei que eu falei que ia deixar, mas não consigo.

DANIEL PÔS O braço em torno do peito dela, sob as axilas, do jeito que havia aprendido em uma aula de salvamento em Fairfax, e a rebocou. Nadou em direção à tempestade, pois não havia outra opção. O sol desapareceu e a chuva caiu. Rezou para que os raios continuassem avançando para a costa e se distanciassem.

Nadou com todas as suas forças. Não sabia para onde ia ou o que encontraria além da água e da chuva. Sentiu que a corrente lhe empurrava para o norte e a princípio resistiu, mas depois se deixou levar. Como ia saber para onde seguir?

Em momentos de tremenda tensão, ele costumava imaginar o mundo da forma com que parecia lá do alto. Mas naquele momento via os dois ali, minúsculos rostos brancos que se sacudiam em meio à amplidão enfurecida do mar.

Os pulmões ardiam, seus membros começavam a doer, mas ele não diminuía o ritmo. Não desistiria. *Você não vai levá-la*, queria dizer tanto para o oceano indiferente quanto para Joaquim. *Estou aqui para mantê-la em segurança*.

Não sabia outra forma de manter sua segurança além de continuar nadando. Precisava lutar. Era tudo o que tinha. Não havia lembranças, nem experiências, nem habilidades. Havia uma vontade. E sua vontade era de lutar até que não conseguisse mais.

A TEMPESTADE HAVIA escondido o sol, que se pôs sem chamar atenção. Daniel soube que a noite havia chegado apenas porque escureceu de repente e ficou difícil enxergar. Havia deixado de sentir seu corpo muito tempo antes. As pernas estavam entorpecidas. Sabia que o braço estava ali porque ainda segurava Lucy e a carregava. Sabia que o corpo tentava conservar oxigênio para o cérebro e os órgãos vitais, mas eles também estavam esgotados. Já deveria ter se afogado. Em sua mente confusa, quase chegou a invejar o tempo em que teria sido capaz de se afogar em paz.

Quando olhou para Lucy, descobriu subitamente que seus olhos estavam

arregalados e desorientados. Os membros não se moviam. Deixava se levar.

O rosto estava tão dormente que ele mal conseguiu obrigar sua boca a se abrir ou mexer a língua.

— Oi, querida — disse com esforço. Queria que sua voz parecesse normal para não assustá-la.

Ela piscou algumas vezes.

— O que a gente está fazendo? — ela perguntou. A voz era quase inaudível.

— Não estamos morrendo — respondeu.

Ela inclinou a cabeça para trás.

— Está chovendo — disse.

— Eu sei.

— Tem certeza de que a gente não morreu?

A boca dele relaxou um pouquinho.

— Eu espero que não, puta que pariu.

OS TROVÕES RONCAVAM, mas os raios permaneceram distantes. As ondas cresceram com o vento e passavam por cima deles. A cada uma, ele a olhava de relance, para vê-la cuspir a água e respirar de novo.

*O que fizemos?*, pensou.

Seu coração estava a ponto de explodir. Para começar, estava inchado de amor e desejo, e a esses sentimentos somavam-se agora a hipotermia e o infarto do miocárdio. Geralmente, perdia-se a consciência antes que o coração explodisse, mas ele se prendia com muita força à consciência. Os pensamentos estavam ficando confusos, desarrumados, mas ele tentava se manter alerta e coerente, por ela. *Não pare ainda*, implorou ele a seu coração.

A cabeça dela estava jogada para trás. De vez em quando, as nuvens deixavam passar um pouco do luar e ela olhava. Os contornos de seu rosto, voltados para o céu, eram lindos sob a luz da lua. Ela confiava nele até a morte e, ao que parecia, também confiava nele o suficiente para nadar desesperadamente, indefinidamente, em um oceano turbulento.

Ele pensou ter ouvido algo além do vento e da tempestade, mas seu cérebro estava lento demais para entender o que era.

Ouviu Lucy dizer alguma coisa, mas não conseguiu entender bem.

Tentou fazer com que seu braço quase inerte a empurrasse mais para perto.

— Chegamos à hora mais sombria? — balbuciou.

Ele percebeu que seus dentes tiritavam de forma incontrolável. O corpo tremia.

— P-por que você pergunta?

— Porque, olha. — Ele seguiu seu olhar até o céu. Viu uma mancha branca em meio à chuva e voltou a ouvir o som. Fitou de uma forma estúpida. Ideias imploravam

para vir à mente, mas ele não conseguia que elas se formassem.

— Você está vendo?

— É... é uma gaivota.

A ave circulou sobre eles algumas vezes, pensando provavelmente em uma forma de devorá-los. Daniel viu a direção que ela seguiu e foi atrás. Não conseguia completar os pensamentos, mas seu corpo parecia saber que as gaivotas não se afastam muito da terra, especialmente em meio a uma tempestade. Não voam para dentro do mar sem disporem de algum lugar onde possam pousar.

Daniel dobrou seus esforços. Sabia que precisava seguir a gaivota. Não podia perdê-la de vista. A ave subiu, sacudiu-se e girou no ar revoltado, e a dor da inveja fez com que Daniel despertasse um pouco. *Não fomos feitos para a água ou para o céu*, pensou ele. *Como podemos seguir você?*

— Ela vai pousar em algum lugar — balbuciou.

— Como você sabe?

— Eu... eu apenas sei.

Ela o fitou e a preocupação rompeu sua calma.

— Como você consegue fazer isso? — Ela gritava com ele, sobre as ondas. — Como você ainda consegue se mexer, Daniel? Eu não entendo.

Ele não sabia. Não tinha certeza de estar se mexendo. Estava feliz que as pernas continuassem a se agitar, embora não pudesse senti-las. *Precisamos viver*, queria dizer a ela, mas não tinha fôlego para pronunciar as palavras.

Estava com dificuldades para enxergar. Mantinha os olhos abertos, mas eles mal conseguiam distinguir formas grandes. Teve sorte por ela estar com os olhos abertos.

— Daniel, estou vendo alguma coisa — ela gritou.

Olhou-a. Tentou ajustar a visão.

— Está ali, na nossa frente. É uma forma escura que sai da água. Parece uma pedra grande. Está vendo?

— Eu... eu não sei.

— Você consegue continuar? Está tão perto! — Ela também tentou mexer as pernas para ajudar.

Estava bem na sua frente. Ele praticamente se chocou contra ela, antes de conseguir enxergá-la. Com o último fôlego de pura exaustão, ele a ergueu sobre a pedra e viu suas pernas se arrastarem sobre a superfície áspera. Tinha apenas energia mental suficiente para sentir uma lenta onda de alívio.

Pôs as mãos na rocha para erguer-se. Fechou os olhos. *Vou só descansar um pouquinho*, pensou. *Só recuperar o fôlego.*

Ela berrava antes que ele percebesse o que tinha acontecido.

— Daniel! Daniel, suba para cá!

Ele tinha se afastado alguns metros. A corrente o levava. *Vou descansar só mais um minuto*, disse para si mesmo, com os olhos turvos, *antes de ir para lá.*

— Daniel! Daniel! Abra os olhos. Olhe para mim. Volte. Vamos ficar bem! Você está me ouvindo?

*Estou cansado*, pensou ele.

— Vou voltar para dentro da água, se você não vier para cá! — ela berrou. — Não estou brincando. Vamos voltar para o afogamento, se é o que você quer.

Ele piscou, abriu e fechou os olhos. Viu suas pernas brancas descerem pela pedra. Por que ela está fazendo isso? *Por que você está fazendo isso?* Tentou perguntar, mas a boca não se abriu. Em seu estado de confusão, achou que era uma ideia ruim. Tentou se aproximar dela. *Não faça isso*. Chegou nela e descobriu sua mão em seu tornozelo.

— V-você vai se afog-gar. — A voz estava pastosa e o cérebro também, a ponto dele mal saber o que estava dizendo.

— Venha para cá, Daniel, ou eu juro por Deus que vou me afogar com você. — A mão dela prendeu o outro pulso dele. Ele sentiu. Ela colocou as duas mãos dele em uma parte achatada da pedra. — Está pronto? Fique comigo! Vou contar até três. Pronto? Um. Dois.

Ele sentiu que os olhos voltavam a se fechar.

— *Daniel!* — Ela apertou o braço dele com tanta força que ele voltou a abrir os olhos. Podia ver os olhos dela com mais clareza, bem diante de seu rosto. — Um, dois, *três!*

Com um empurrão e um gemido retumbante, ele se ergueu sobre a rocha. Como um verme, se arrastou para cima da pedra. Arrastou-se mais uma vez até que só os pés continuavam dentro da água, mas foi o momento em que seu corpo cedeu. Desmoronou, possivelmente morreu e ele não podia pedir mais nada dele.

LUCY ESFREGOU AS costas dele e esperou que a manhã chegasse. De vez em quando, o beliscava ou tateava seu peito para ter certeza de que ele ainda estava vivo. De vez em quando, ele soltava um gemido de satisfação.

Havia luz suficiente para ela enxergar a rocha onde se encontravam. Tinha três picos e diversas cavidades onde a água da chuva se acumulava. Estava louca para bebê-la, mas Daniel desmoronou sobre suas pernas e ela não queria acordá-lo ainda. A pedra era vermelha em alguns lugares e preta em outros. Tinha algumas plantinhas tenazes que cresciam em ângulos esquisitos e muito cocô de pássaro. Um punhado de gaivotas reclamava e conversava do outro lado. O ar estava límpido e a luz chegava cada vez mais rápido, mas ainda não havia sinal de terra. Daniel tinha nadado para bem longe.

Era assustador pensar na noite que haviam passado. Ia examiná-la por partes, decidiu. Uma coisa de cada vez. A primeira sensação que lembrou foi a de afundar na água. Estava disposta a morrer, mas ele não estava.

Não sabia como ele tinha feito aquilo. Durante horas, muitas horas, depois que ela não conseguia mais se mexer, ele continuou a nadar. E não nadava sozinho, nadava pelos dois.

Iam conseguir se salvar. Ela não tinha sido capaz de pensar em uma saída, mas, graças a ele, os dois iam conseguir. Havia água suficiente para mantê-los durante alguns dias. O céu estava límpido e o mar, calmo. Alguém passaria. Acabariam sendo encontrados.

*E aí? O que aconteceria depois?*

Ele se mexeu e deitou de costas. Ela se abaixou e beijou sua boca. A superfície rochosa não era confortável. A parte de trás de suas pernas estava toda arranhada. Era preciso estar semimorto para chegar a dormir sobre ela, o que era verdade em relação a Daniel.

Ela se perguntava se ele tinha sonhos ruins, porque uma expressão de dor atravessou seu rosto, o corpo se sacudiu e depois se enrijeceu. O rosto se comprimiu em uma terrível angústia, antes de voltar a relaxar. Ela esfregou sua barriga e o peito bem de leve. Queria fazer alguma coisa para afastar o pesadelo.

O sol elevou-se o bastante para lançar um raio em seu rosto e fazer com que ele abrisse os olhos. Eles se fecharam e se abriram mais algumas vezes, antes que Daniel conseguisse realmente vê-la.

— É você — disse ele.

— Sou eu. — Ela beijou o meio de sua testa e as têmporas.

— Estou feliz. Onde estamos?

— Seguimos uma gaivota até uma pedra. Você se lembra disso?

Ele pensou por um minuto. Fechou os olhos com força e tornou a abri-los.

— Não.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Você está perdendo seus poderes mágicos, querido.

Ele deu um sorriso fraco.

Lucy alisou seu cabelo, carinhosa.

— Aposto que tudo dói — disse.

Ele fez que sim com a cabeça.

Com delicadeza, ela pôs a cabeça dele em seu colo.

— Sinceramente, Daniel. Não sei como você conseguiu que a gente chegasse até aqui. Achava que a memória era seu poder mágico, mas agora penso que você a perdeu e ganhou outro poder, uma espécie de poder de natação.

— Dói quando eu rio — disse ele.

— Então vamos falar de coisas tristes.

Ele assentiu. Estendeu a mão e tocou no zíper do uniforme dela.

— Eu me lembro desse vestido.

— Do uniforme?

— É. Adoro. Adoro tirá-lo.

— Mas isso não é uma coisa triste.

Ele balançou a cabeça de uma forma dolorosa.

— É a melhor coisa que aconteceu comigo.

Ela abaixou-se e o beijou nos lábios, de cabeça para baixo. Quando se levantou, seus olhos estavam abertos, o rosto sério.

— Preciso contar uma coisa.

— Tudo bem.



— Você sabe o que eu fiz na primeira vez em que te vi?

— Não.

— Eu era um soldado e queimei sua casa.

— Quando isso aconteceu?

— No ano de 541.

— Não lembro.

— Você morreu. Sinto muito. — Ele puxou a cabeça dela para junto de si e escondeu o rosto no seu pescoço. Havia se passado quase mil e quinhentos anos, mas ela percebia a vergonha brutal que ele sentia e não ia ignorá-la. A respiração se acalmou e ele soltou sua cabeça. — É o que eu mais queria dizer. Penso nisso o tempo todo. Faz tanto tempo que quero dizer isso para você.

Ela passou a mão em seu peito carinhosamente.

— Estou feliz por ter me contado.

— Está?

— Estou, porque agora posso dizer que está tudo bem.

— Como pode estar tudo bem?

Ela olhou para as mãos.

— O que Daniel tirou, Daniel devolveu.

— O que você quer dizer?

— Você me deu mais do que tomou, meu amor. Estamos quites. Agora você pode esquecer.

ELE ESTAVA SENTADO ao lado dela, algumas horas depois, quando ouviu o ronco de um motor sobre a água.

— É um barco — disse para ela, antes que pudesse ser visto.

Era um barco de pescadores e vinha na direção deles. Os dois se levantaram e sacudiram os braços. Lucy sabia dar um assobio e tanto. Os ouvidos de Daniel doeram, mas ele não pôde deixar de se admirar.

— Você me ensina isso?

O capitão os viu e manobrou a embarcação para perto deles. Tinha dois tripulantes e uma rede cheia de peixes. Convidou os dois para entrarem no barco na mesma hora. Daniel tinha esquecido como deviam parecer estranhos até que viu as expressões dos desconhecidos.

— Tivemos alguns problemas — disse em seu espanhol afetado.

— Já percebi — disse o capitão. — Vocês estão bem?

— Estamos. O senhor se importaria de nos deixar na costa?

— Claro que não. Podemos deixá-los em Petacalco. Dali, vocês podem ir para Guacamayas ou Lázaro Cárdenas.

— Seria ótimo. Muito obrigado. Queria ter dinheiro para lhe pagar.

O capitão olhou para ele, de cuecas, como se estivesse a ponto de gargalhar.

— Já notei que vocês viajam com pouca bagagem.

Ficaram sentados nos fundos do barco. O capitão emprestou o celular para Daniel, e ao final de uma hora de viagem até Petacalco ele já havia arranjado um carro para levá-los até Guacamayas, um carro alugado em Guacamayas e um voo fretado com saída de Colima rumo a Nova York, com partida naquela noite.

Ela, que não falava espanhol, olhou-o com espanto.

— Você não tem dinheiro, nem cartão de crédito, nem identidade. Como conseguiu isso?

— Só é preciso os números do cartão de crédito e uma linha de celular que funcione razoavelmente.

— Mas como você sabia os números?

Ele apontou a cabeça.

— Eu me lembrava.

**AEROPORTO INTERNACIONAL  
JOHN F. KENNEDY, NOVA YORK, 2009**

ELE FICOU SENTADO durante duas horas em um banco de frente para a parede no terminal da United. Combinou detalhes de viagem em seu celular recém-comprado, enquanto Lucy dormia com a cabeça em seu colo. Depois de terminar, esperou que ela acordasse e a levou para um bar no terminal ao lado, onde puderam se sentar perto da janela e olhar as decolagens. Pediu dois bourbons para eles, em nome dos velhos tempos.

Ela usava jeans, uma camisa florida, suéter, colete, meias, botas e roupas decentes adequadas. Tinha uma mala cheia de roupas que haviam comprado nas últimas horas. Kennedy era como uma minicidade de compras, apesar de não ser tão boa assim. Ele a fez jurar que guardaria o uniforme de camareira para sempre e usá-lo na próxima vez que se encontrassem.

Entregou-lhe um papel dobrado.

— Escrevi tudo, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Não era a primeira vez que ele dizia aquilo.

— Pus todos os números de que você vai precisar no telefone.

— Certo.

— Já pensou no que vai dizer para seus pais e para Marnie?

— Ainda estou pensando — disse ela.

Ele assentiu.

— As passagens, o itinerário, seu passaporte, seus traveler's checks e seu

dinheiro estão no envelope.

— Seu dinheiro — disse ela.

— Bem, eu dei para você, então é seu. — O dinheiro que havia lhe dado não era nada. Havia despendido uma soma extraordinária arranjando dois passaportes no mercado negro, no México, no dia anterior.

— Você é rico? — perguntou-lhe.

— Sou.

— Muito?

— Tive muito tempo para economizar para os momentos difíceis.

— Nunca teria imaginado, na escola.

— Fico feliz. Por que não?

— Porque se você fosse rico, acho que você teria comprado sapatos novos.

Ele riu. Visualizou aqueles sapatos de camurça cor de canela no quarto do bangalô no México, no momento em que ele havia se desvencilhado deles em um frenesi de desejo. — Sabe, fiquei muito chateado por perdê-los. É mais uma coisa na conta daquele meu ex-irmão babaca.

Ela pegou sua mão e a levou até seu rosto.

— Daniel, não quero fazer isto.

— Eu sei. Eu também não. Não quero me afastar de você e faria qualquer coisa para evitá-lo, mas é o único jeito.

— Acho que preferia me afogar junto com você.

Ele pegou as duas mãos dela e beijou-as na frente e atrás. Beijou a parte delicada dos pulsos e cada um dos dedos.

— Você está indo para um lugar lindo. E prometo que você vai ficar em segurança.

— Como você sabe?

— Porque é o único lugar do mundo onde Joaquim nunca ousaria pôr os pés. Eles enxergariam quem ele é na mesma hora.

— Então por que você não vem comigo?

— Eu vou. Depois que fizer o que preciso fazer, eu vou pegá-la. E a gente vai poder morar onde você quiser. Você pode terminar os estudos em Charlottesville, podemos nos mudar para Washington, podemos morar na Califórnia, Chicago, Beijing, Bangladesh. Podemos voltar para Hopewood e morar no quarto ao lado de seus pais.

Ela riu, mesmo contrariada.

— Podemos ir para onde a gente quiser.

— E o que mais?

— Podemos fazer o que quiser. A gente pode se casar. A gente pode não se casar e viver em pecado. Podemos arranjar empregos. Podemos não arranjar empregos. Podemos vagabundear. Podemos morar no alto de um arranha-céu. Podemos morar no meio da água, numa casa flutuante. Podemos fazer amor todos os dias.

— Duas vezes por dia.

— Três vezes por dia.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Três vezes por dia?

— Temos que compensar muito tempo perdido.

Ela assentiu.

— Podemos envelhecer juntos.

— É o que eu quero.

— Talvez ter um ou dois filhos.

Seu rosto estava tão envolvido pela fantasia que ele detestou decepcioná-la. Sabia que era difícil de decifrar sua expressão.

— Não sei se isso está nos meus planos — disse ele.

Ele percebeu que ela queria lhe perguntar por que não estaria, mas o alto-falante começou a trombetear e, de repente, chamou seu voo.

Ele pegou sua bolsa e os dois se dirigiram até o último portão. O embarque da primeira classe já estava avançado.

— É você — disse ele.

— É a primeira classe.

— Seu bilhete é de primeira classe.

— Não, não é. É?

— As grandes férias no México com direito a natação não foram muito confortáveis. Eu queria ficar bem na fita.

— Prefiro ficar desconfortável, se pudermos ficar juntos.

— Eu sei. Logo vamos estar juntos. Vou começar a fazer planos para nossas primeiras férias de verdade. Vou levar você para Budapeste e Atenas, depois quero que você veja a Turquia, mais uma vez. Acho que você não se lembra tão bem quanto eu.

Ela balançou a cabeça.

— Vamos ficar em um palácio em Istambul e depois ir até Pérgamo, e você vai fazer uma visita como nunca imaginou.

Ela fez que sim com a cabeça. Havia lágrimas em seus olhos e ele a abraçou.

— Depois que ele se for, Lucy, vamos poder fazer qualquer coisa que a gente quiser. Mas até lá, vamos viver como prisioneiros. Isso não pode acontecer. Não quero mais ficar esperando que as coisas aconteçam. Passei tempo demais fazendo isso. Sou derrotado ou desanimado, aí eu morro porque imagino que vai haver mais uma vida e que vai ser melhor. Mas nada pode ser melhor do que essa vida, porque tenho você.

Ela o segurou com força. Daniel sentiu que ela fungava junto a seu braço.

— Para onde você vai?

— Vou encontrá-lo. Vou destr -lo antes que ele possa nos destruir.

— Como se destrói alguém como ele? Isso é mesmo possível?

— Acho que sim. Tenho certeza de que sim. Preciso descobrir, mas tenho um amigo que eu acho que pode ajudar.

Ela ergueu a cabeça.

— Fico assustada em ouvir você falar assim. Ele é perverso e você não é. Fico com medo de que você não volte.

— Eu vou voltar.

— Nessa vida.

— Nessa vida.

— Como você pode ter certeza? — Ela chorava sem se reprimir. Estavam terminando o embarque da última fileira do avião.

— Porque tenho uma razão para viver e ele tem apenas a vingança. Porque posso ver e ele não pode.

— É, mas ele tem provavelmente dez revólveres, cinco bombas e um monte de facas.

— Então também vou arranjar isso. Sou mais esperto que ele, Lucy. Se tiver tempo de pensar bem, vai ser minha vantagem. Sou maior do que ele e não vou mais ser a vítima. Não vou fugir dele.

— E se você não voltar? Me sinto como Constance e Sophia e todas as outras que ficaram para trás com corações partidos.

— Era eu quem tinha o coração partido, Lucy. Fiquei assim mais do que qualquer pessoa.

Ela o olhou, pensativa.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— A gente... você sabe... já fez... essas coisas antes?

Ele adorou o rubor em seu rosto.

— Você quer dizer, namorar? — perguntou ele, de forma provocante.

Ela sorriu.

— É. A gente já namorou antes?

— Não. Nunca.

— Nunca? — Ela enxugou os olhos com a parte de trás da mão.

— Acho que eu lembraria.

— Nenhuma vez nesses mil anos?

— Nenhuma.

— Não estou falando só de fazer sexo. — Ela precisou parar porque estava rindo. — Sabe como é. — Nem a mão naquilo?

— Não. Nunca. Nem isso, sabe. Praticamente não houve mão em lugar nenhum.

— Muito bem. Então temos alguma coisa de que nos orgulhar, não é?

Ele riu e ergueu-a do chão.

— Se isso não for o bastante para me manter vivo e voltar para você, Lucy, então não existe nada no mundo mais forte.

A PAISAGEM ERA mais bela do que ele havia prometido. O mosteiro ficava em uma remota colina sobre o vale do rio Paro, no Himalaia Oriental. Todas as manhãs, ela olhava para além do vale, onde se via uma linha distante de picos tão estupidamente altos, tão facetados e tão brancos, que ela os considerava mais como parte do céu do que como parte da terra.

Lucy foi tratada pelos monges como uma convidada muito honrada e compreendeu que era porque as providências para sua estadia foram tomadas por uma mulher indiana, muito amiga de Daniel, cujo nome, por mais incrível que parecesse, era Ben.

Entendeu por que Daniel quis que ela fosse para lá. A devoção ao espírito era mais profunda do que ela jamais havia experimentado, e a crença na reencarnação era fundamental. Escolhiam o lama mais elevado não por uma linhagem hereditária, e sim procurando um garoto que fosse sua reencarnação. Ela compreendia por que Joaquim não apareceria por lá.

Passou por algumas pequenas aventuras. Com Kinzang, seu guia prestativo do alto de seus doze anos, ela visitou a capital de Thimphu, assistiu a uma competição de arco e flecha e visitou a feira do final de semana. Tinha feito caminhadas pelo vale e visto coisas que nunca havia imaginado ver na vida. Terraços com plantações de arroz, pomares na encosta de uma montanha, um mosteiro chamado de Ninho do Tigre empoeirado em um penhasco. Trabalhou com os monges no jardim do mosteiro e

aprendeu os nomes de dúzias de plantas desconhecidas na língua dzongkha. Começou a aprender a tecer com as mulheres da aldeia e logo se apegou à atividade, animadamente. Começou a usar o tradicional *kira*.

Mas na maior parte do tempo, ela permanecia nos confins do mosteiro, lendo, escrevendo cartas, limpando o jardim e aprendendo a meditar. Os monges eram gentis e pacientes com ela, mas falavam muito pouco e ela não conseguia entender as poucas palavras que diziam. Estava isolada e solitária. Sentia saudades dos pais e de Marnie. Contou a eles que tinha recebido uma bolsa inesperada — uma oportunidade que não pôde recusar — para estudar os jardins da região do Himalaia e só podia se comunicar através de cartas.

Acima de tudo, ela sentia saudade de Daniel. A dor de sua ausência pairava sobre ela como uma nuvem e a seguia em todos os lugares. Penetrava em seus olhos, em seu nariz, em sua boca, em suas orelhas e modificava o ar em volta dela.

Ela leu cada uma de suas cartas centenas de vezes, tentando extrair todos os sentimentos, qualquer fiapo de informação, qualquer cheiro ou molécula dele que pudessem ter permanecido nelas. Ficava horas olhando para a lista que ele escreveu para ela no aeroporto. Era apenas uma lista tola, mas ele havia derramado uma gota de bebida sobre ela, quando estavam juntos no bar, e agora ela botava o dedo na mancha marrom e sentia que ele era real.

Tinha começado a sentir enjoos depois do primeiro mês. Pensou que fosse a carne de iaque, o chá com manteiga ou o imenso número de pimentas que aparecia em cada prato. A comida, geralmente, era deliciosa, mas não lhe caía bem. Era o que pensava. Tentou eliminar diversos ingredientes da dieta até praticamente não comer mais nada e aquilo fez com que ela ainda sentisse mais enjoos. No segundo mês, ela percebeu que não ficava menstruada desde antes da viagem ao México e juntou os indícios.

Aí começou a ficar com medo. Um filho era exatamente aquilo que Daniel não havia sonhado para a vida deles. Era o que ele não queria. Não sabia o motivo e não sabia o que fazer. Não podia contar para ele. Tentou, mas não conseguiu. Tinha 23 anos, solteira, sozinha em um mundo estranho. Não podia ter um filho, mas não tinha a menor ideia de como não ter. Escreveu-lhe cartas e mais cartas, pretendendo lhe contar, mas não contou. No começo de seu terceiro mês em Paro, as cartas pararam de chegar. Ela continuou a escrever todos os dias, mas com cada vez menos esperança de que as cartas fossem lidas. Pensava nele com uma angústia crescente.

O tempo se estendia de uma forma terrível, mas ela recebeu consolo de três fontes inesperadas. Primeiro vieram as cartas de Marnie, cheias de perguntas e dúvidas que Lucy não podia responder, mas transbordantes de um amor descomplicado e irrestrito. Era quase um milagre a forma com que Marnie podia amá-la mesmo quando não a compreendia. Era um milagre e uma lição.

Depois, vieram as cartas de seu pai. Ele descrevia as mais recentes reconstituições da Guerra Civil com humor e mencionava sua preocupação com seu bem-estar com muito afeto. Em uma era de telefones celulares e e-mails, ela nunca havia percebido que



aquela era a verdadeira vocação dele. Por mais rígido que parecesse, em pessoa, era estranhamente expansivo com uma caneta esferográfica. Pegou-se pensando se ele teria escrito alguma carta para Dana.

Em terceiro lugar, à medida que passavam as semanas, o consolo veio do peso no fundo de seu ventre. Azedava todos os sabores e cheiros, mas lhe dava uma estranha sensação de estar acompanhada. Não estava exatamente sozinha. Ela e ele estavam juntos, mesmo se ele não quisesse um filho. Ela rezou para que não fosse a única coisa que ela obtivesse dele.

*Você me prometeu, dizia em pensamentos, todas as manhãs e noites, e mais mil vezes entre um momento e o outro. Amo você. Não vou desistir de você.*

NOVA ORLEANS,  
LOUISIANA, 2009

*Querida Lucy,*

*Talvez eu não consiga mandar esta carta hoje, nem amanhã, mas você está na minha cabeça e no meu coração em cada minuto. Não vou tentar descrever exatamente onde estou. Mas estou em segurança e vou lhe contar tudo assim que estiver acabado. Tem muita coisa que não pode ser escrita, nem mesmo pensada, nesse momento.*

*Comecei a ver do que o nosso adversário é capaz e vai além do que havia imaginado. O que estou tentando fazer precisa ser feito. Sei disso de uma forma ainda mais premente. Não basta matá-lo. Aprendi a observar o plano geral, no mínimo. Sei o que preciso fazer e como fazê-lo.*

*Então o que faço para me divertir, você pergunta?*

*Penso em você. Penso em você usando um kira e cavando a terra do jardim com as próprias mãos. Penso em você tirando os sapatos e as meias, afundando os pés no tanque de peixes. Penso em você colocando o cabelo atrás da orelha. Penso em você bebendo chá. Penso em você dormindo. (Sério, eu penso. É minha ideia de diversão, não importa o que você disser.) Penso em todas as diferentes partes de seu corpo — não, não apenas naquelas que você acha que eu penso. Vejo a cicatriz no seu ombro e imagino-me beijando-a como se fosse ajudar a curá-la. Vejo nós dois juntos. Vejo a gente fazendo amor três vezes ao dia. (Você prometeu.) Vejo*

*você deitada em meus braços durante horas e horas, depois que tudo acabar, e eu lhe contando tudo o que aconteceu. É uma história e tanto, e até lá vai ser uma história melhor ainda, porque sei como vai ser o final.*

*Não quero dizer mais nada agora. Você está comigo, minha Lucy, em todos os pensamentos, todos os cálculos, todos os desejos, todos os tropeções, todos os triunfos e todas as dores. O que vejo, vejo com seus olhos também e com você, sou mais determinado e melhor do que poderia ser sem você.*

*Sei que essa carta é desprovida de qualquer informação concreta e lhe peço desculpas. Mais tarde, você pode me socar. Mas percebo que a escrevo como uma espécie de oração. Peço que, mesmo sem recebê-la (ou sem receber a carta que escrevi ontem à noite ou aquela que vou escrever amanhã e depois e depois), você saiba o que está aqui: que estou em segurança e que, acima de tudo, estou com você, que não há força na terra ou tempo suficiente para me afastar de você. Vou voltar. Meu amor por você é mais verdadeiro do que qualquer coisa que já conheci nessa vida longa, muito longa.*

*O amor exige tudo, pelo que dizem. Mas meu amor exige apenas uma coisa: que, não importa o que aconteça ou o quanto demore, você continue a acreditar em mim, que você se lembre de quem somos e que você nunca se desespere.*

*Eternamente seu,  
 Daniel*

## AGRADECIMENTOS

Com amor e gratidão, agradeço a Jennifer Rudolph Walsh, minha musa para esta história. Agradeço à minha editora, Sarah McGrath, de todo coração, por seu imenso talento. Agradeço às minhas mais entusiasmadas leitoras e conselheiras, Margaret Riley e Britton Schey. Tenho uma gratidão profunda por Tracy Fisher e Alicia Gordon, ambas grandes defensoras deste livro. E com maior carinho, agradeço a toda a notável equipe da Riverhead e Penguin, incluindo Sarah Stein, Stephanie Sorensen, Geoff Kloske e Susan Petersen Kennedy.

Agradeço a meus pais maravilhosos e inspiradores, Jane Easton Brashares e Bill Brashares. Finalmente e acima de tudo, agradeço à minha amada família, Sam, Nate, Susannah e Jacob. Somos cinco bons construtores de trampolins.